

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

**A EXPERIÊNCIA DE SER EX-ESPOSA:
UMA OFICINA SOCIOPSIODRAMÁTICA COMO
INTERVENÇÃO PARA PROBLEMATIZAR A AÇÃO CLÍNICA.**

SUELY EMILIA DE BARROS SANTOS

RECIFE/2005

SUELY EMILIA DE BARROS SANTOS

**A EXPERIÊNCIA DE SER EX-ESPOSA:
UMA OFICINA SOCIOPSIODRAMÁTICA COMO
INTERVENÇÃO PARA PROBLEMATIZAR A AÇÃO CLÍNICA.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador (a): Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato.

Recife/2005

S237c

Santos, Suely Emilia de Barros

A experiência de ser ex-esposa : uma oficina sociopsicodramática como intervenção para problematizar a ação clínica / Suely Emilia de Barros Santos ; orientadora Henriette Tognetti Penha Morato, 2005.
344 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2005.

1. Psicologia clínica. 2. Sociologia clínica. 3. Psicologia fenomenológica. I. Título.

CDU 159.9

SUELY EMILIA DE BARROS SANTOS

**A EXPERIÊNCIA DE SER EX-ESPOSA:
UMA OFICINA SOCIOPSIKODRAMÁTICA COMO
INTERVENÇÃO PARA PROBLEMATIZAR A AÇÃO CLÍNICA.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Data de aprovação: 15/04/2005.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. VALÉRIA CRISTINA DE ALBUQUERQUE BRITO (UCB)

Profa. Dra. ANA LÚCIA FRANCISCO (UNICAP)

Profa. Dra. HENRIETTE TOGNETTI PENHA MORATO (Orientadora)

DEDICATÓRIA

Para

Del, companheiro nesta viagem,

Eneida e Paulo, que continuam navegando.

EM CENA, OS AGRADECIMENTOS

A Deus, pela criação.

A própria vida, o maior dos teatros.

A meus pais, Samuel e Edla, irmãs, Sandla e Eneida, cunhado, Paulo, sobrinhas Camilla, Luisa e Marina, pelo palco de afetos.

A Del, pelo cenário de acolhimento.

A Henriette, pelos papéis complementares de orientadora, professora, amiga.

A Socorro e Claudine, pela unidade funcional – egos-auxiliares indispensáveis.

Aos meus colegas e companheiros(as) do mestrado, em especial a Celina, Fred, Gustavo, Lindair e Patrícia, pela co-participação como atores/atrizes.

A Ana Lúcia, André e Valéria, pela leitura artesanal do texto.

A Rosa, pela iluminação em focos muitas vezes, tão obscuros.

A Carmem, por colocar em cena aspectos não vistos.

A Sandra e Luciana, pelos bastidores do “encontrar-se” tradutoras.

A Clayton e Débora, por mostrarem-se contra-regras criativos.

A Inês, por abrir as cortinas, apesar das faltas.

A Márcio e Margarida, por me receberem em seu camarim.

A Heloísa, pelos toques no ensaio.

Aos meus amigos, pelos sons ditos, não-ditos e escutados.

A Brisa, Clara, Cristal, Flora, Luara e Mel, por serem protagonistas de uma experiência vivida.

Aos(Às) clientes, por serem autores(as) do drama na clínica psicológica.

Ao grupo de estudos em psicodrama, por permanecerem um público assíduo – vamos continuar psicodramatizando a rua.

Ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial (LACLIFE), pela abertura de escuta, quando acionei o chamado da sirene.

EPIGRAFE

“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

(GUIMARÃES ROSA)

“Tudo, então, se transformou e tudo se tornou desconhecido ao redor. Mas, curiosamente, foi então que emergiu, em segredo, do mais profundo do ser, a possibilidade de reverenciar. E começou a crescer a árvore em cuja sombra me recolho, a árvore do que ainda está por vir”.

(NIETZSCHE)

RESUMO

Esta pesquisa enfoca como fenômeno subjetivo, expresso na realidade atual do ser humano, a experiência de ser ex-esposa, relevante mas ainda carente de estudos compreensivos pertinentes quanto à sua significação no mundo contemporâneo. A escolha em realizar uma pesquisa em Psicologia Clínica, recorrendo à metodologia fenomenológica existencial via a narrativa, aconteceu, por entender que esse modo de pesquisar pode apresentar-se como um caminho de grande fertilidade teórica e mordência analítica para a compreensão do sentido vivido pela mulher contemporânea na experiência de ser ex-esposa. A oficina sociopsicodramática foi a modalidade de intervenção/investigação clínica escolhida para acolher a narrativa. As sujeitos/narradoras foram seis mulheres que, após uma relação conjugal interrompida, apresentavam variadas situações e expressões da experiência de ser ex-esposa. A própria metodologia revelou-se capaz de promover as condições de elaboração dessa experiência, à medida que possibilitou a presença do cuidar do escutar/dizer da experiência de ser ex-esposa na contemporaneidade, bem como a articulação considerativa com o desvelar do próprio ser-no-mundo do humano. Nesse sentido, destaca-se o caráter interventivo e interpretativo desta pesquisa clínica psicológica. A compreensão das formas falada e dramática de narrativa colhida apontou para um possível significado sentido para a experiência de ser ex-esposa: encarnar o seu projeto de existir como cuidado de ser-si-mesma-com-os-outros.

Palavras-Chave: experiência, narrativa, ex-esposa, contemporaneidade, cuidado, Psicologia Clínica, pesquisa fenomenológica existencial, oficina sociopsicodramática.

ABSTRACT

The present research deals with the experience of being ex wife as a relevant subjective phenomenon, expressed in the actual reality of human being, although, yet, careless by appropriate comprehensive studies about its meaning in the contemporaneous world. The existential phenomenological methodology by the way of the narrative was chosen to conduct a Clinical Psychology research, taking into account that such mode of research may present a fertile theoretical and analytical path to guide toward the comprehensive sense of the experience of being ex wife for the contemporaneous women. A sociopsychodramatical workshop was taken as the clinical interventive modality to facilitate the narrative as expression. The subjects/narrators were six women that, after lived an interrupted conjugal relationship, presented various situations and expressions of the experience of being ex wife. The methodology reveals itself capable of promoting the conditions of the elaboration of experience, possibilited by the expressed care of listening/saying toward the experience of being ex wife, such as the considerative articulation of the opening it as the proper being-in-the world of the human being. In this way, this psychological clinical research emphasizes its interventive and interpretative character. The comprehension of the spoken and dramatical forms of the obtained narrative pointed to a possible felt meaning for the experience of being ex wife: to embody her own project for existing as a care of being-herself-with-others.

Key-words: experience, narrative, ex wife, contemporaneity, care, Clinical Psychology, existential phenomenological research, sociopsychodramatical workshop.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO: DA EXPERIÊNCIA À QUESTÃO.....	11
2 OLHARES SOCIOCULTURAIS: A SUBJETIVIDADE DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE.....	26
2.1 Contemporaneidade e crise: mudanças nos processo de subjetivação.....	26
2.2 Família: território simbólico de velhas e novas configurações inter-relacionais....	34
2.3 Desterritorialização: ser ex-esposa e processo de singularização.....	50
3 COMPREENDENDO ORIGENS DA AÇÃO CLÍNICA: BUSCANDO MODOS PARA CUIDAR DA EX-ESPOSA.....	54
3.1 Psicodrama e Papel.....	54
3.2 Condição Humana e Clínica.....	75
4 TECENDO A EXPERIÊNCIA DE SER EX-ESPOSA NA CONTEMPORANEIDADE: UMA COLCHA DE RETALHOS NUMA OFICINA EM AÇÃO.....	91
4.1 O construir de uma pesquisa com a narrativa em cena.....	91
4.1.1 Cartografia para uma incursão na oficina sociopsicodramática.....	96

4.2 No abrir das cortinas: a Oficina Sociopsicodramática.....	107
4.2.1 O tecer da experiência de ser ex-esposa: a oficina ela mesma.....	112
4.3 Ao fechar das cortinas: um exercício de interpretação/compreensão.....	248
5 CENAS HUMANAS NO PALCO DA VIDA: UMA REDE (IN)ACABADA COMO CENÁRIO PARA TECER SENTIDO.....	281
6 REFERÊNCIAS.....	335

1 APRESENTAÇÃO: DA EXPERIÊNCIA À QUESTÃO

No dia em que fui receber minha certidão de divórcio, levei um susto (mesmo já sabendo o que significa averbação), pois nela continuava o nome do mesmo homem com quem fui casada. Inicialmente, desconcertada, falei para a atendente que havia um erro, pois aquela era a minha certidão de casamento e eu tinha ido buscar a de divórcio. Ela me confirmou que era aquele documento mesmo (a diferença entre a certidão de casamento e a de divórcio é apenas a presença de um carimbo oficial que confirma a separação legal). E eu, logicamente, não fiquei convencida.

Na verdade, eu não aceitava aquele fato. O que eu desejava, com toda certeza, era um documento contendo apenas o meu nome, ou mais especificamente, uma certidão que confirmasse o meu novo estado civil de mulher divorciada. Não teve jeito, a atendente me disse que, novamente, segundo a lei, se impõe aquela regulação jurídica e que, em outras palavras, na prática, eu deveria voltar para casa com o desconforto de ver, bem presente, em um documento que só me diz respeito, o nome de alguém que eu desejava que estivesse ausente.

Confesso que essa situação me trouxe um sentimento de desalojamento existencial, de desrespeito a minha condição de escolha livre, de discriminação com minha identidade de mulher, e, tanto mais, de impotência frente a essa realidade. De fato é duro constatar que, legalmente, a sociedade ainda me impõe a “presença” de alguém que foi meu esposo.

Comecei, então, a pensar: a lei marca você? E me pergunto agora: se eu já disse adeus convictamente, por que tenho que carregar essa identidade legalmente constituída? Do ponto

de vista psicológico – neste caso mais relevante – teimo em me perguntar: se eu me encontro no lugar de *ex*, – e então não joga mais o papel social de esposa - por que o nome *dele* continua como esposo no documento que tenho em mãos? Se *ex* é sinal de ausência, por que a sociedade me impõe a contragosto a sua presença?

Em termos biográficos, eu diria que esse foi o momento em que me vi conscientemente como *ex-esposa* – eis um paradoxo. Na força desse processo de dar-me conta é que eu fiz uma “nova” experiência desse *lugar sociocultural*, como o lugar de um **modo-de-ser-não-escolhido**.

Vale dizer, vi-me vivendo esse lugar, a partir do *modo* como me exigiam ser no trâmite da legalidade social, a despeito de minha reivindicação (inclusive legal) de nova identidade, quando, na verdade, para mim, já vivia essa mesma experiência (agora nomeada à luz de uma referência simbólica, desvinculada do lugar do *outro-esposo*), a partir de um **lugar-de-fora** da antiga relação.

A segunda motivação para escolha do tema em foco – aliada a essa minha experiência pessoal - nasceu da necessidade de melhor compreender o trabalho que desenvolvo como psicodramatista, atuando como psicoterapeuta individual e grupal e socioterapeuta familiar e de casal.

Nos últimos anos, crescentemente, me chama a atenção o fato de as clientes chegarem ao consultório com demandas típicas de uma *ex-esposa*. Algumas, perdidas de si mesmas, vivem a solidão de não jogar mais o papel de esposa; outras lutam para continuarem esposas e serem referidas e identificadas pela família e amigos a partir desse papel; e outras mais se olham e se redescobrem, construindo e re-significando diferentes papéis sociais, fora dos antigos quadros societários ainda vigentes. No fundo dessas demandas, um traço curiosamente comum: o *outro* com quem se relacionaram aparece, umas vezes, no papel de esposo; outras, de amigo, ou até de inimigo; e, ainda outras, de pai dos filhos etc.

No circuito dessa prática clínica, aos poucos – e sem uma firme matização conceitual - comecei a compor um viés de questionamento clínico: qual o sentido que cada cliente dá à experiência de ser *ex-esposa*? Ou em outro contorno psicológico: ser *ex-esposa* é um lugar de desalojamento? Ou seria de outra sorte, simplesmente a experiência de viver um papel “ainda não colocado sob rasura”?

Pensando em melhor compreender esse fenômeno, – e com isso, ao menos em tese, melhor atender essas clientes - resolvi aprofundar meus estudos psicológicos da dinâmica familiar. Matriculei-me nessa mesma época no curso de especialização em Psicologia Social e da Personalidade da FAFIRE. Meu projeto de pesquisa, obviamente, centrou-se no interesse desses temas sociais: *ex-esposa* e *ex-esposo*.

Paralelamente a esse curso, minha atenção teórica foi-se voltando, mais e mais, para uma abordagem de meu trabalho como psicóloga, na perspectiva da teoria dos papéis. Vi-me totalmente envolvida com o assunto: o papel social da *ex-esposa* e do *ex-marido*. Passei a realizar uma pesquisa bibliográfica e pessoal com amigos(as) e professores(as). Não encontrei material teórico específico, nos(as) amigos(as) encontrei muitos sujeitos para a pesquisa e dos(as) professores(as), desconhecimento sobre o tema. Na internet, encontrei, em sua maioria, piadas com conteúdos preconceituosos, predominantemente, em relação à *ex-esposa*.

Na continuidade do curso, iniciei a disciplina “Representação Social”. Conversei com a Prof^a Dra. Fátima Santos sobre o meu interesse pelo tema acima e pela teoria da Representação Social (RS), assim como minha insistência em encontrar material teórico. Ela então me fez a seguinte sugestão: “por que não pesquisar a representação social do papel da *ex-esposa*, através do humor?” Àquela altura, sua idéia me pareceu perfeita: eu trabalharia com a teoria dos papéis da abordagem psicodramática e, numa fase posterior, afunilaria para a *ex-esposa*. Para tanto, tinha uma coleta de piadas sobre a *ex-esposa* e estava “namorando” teoricamente a teoria da RS.

Infelizmente, contudo, essa fase de namoro com a teoria da RS não demorou muito. Tão logo terminei algumas etapas de meu estudo da metodologia, surgiu meu primeiro incômodo. Percebi, com aguda clareza intelectual, que uma pesquisa documentária (piadas), não me daria o suporte de tematização psicológica que eu buscava. Destarte, perseguindo esse caminho investigativo, poderia identificar, contrariamente, o que não buscava saber, isto é, o que pensam sobre a ex-esposa, ou a imagem que têm dela, especialmente o universo masculino, quando, na verdade, se tratava de querer investigar, justamente, como a mulher experiencia ser *ex-esposa*.

Com essa reviravolta metodológica para investigação, nada mais estava “perfeito”. Voltei, à estaca zero e não tinha sequer material bibliográfico para o tema.

Nesse ínterim, vem a disciplina “Condicionantes Socioculturais do Comportamento”, ministrada pelo Profº MS Eduardo Fonseca, e, como proposta de avaliação, uma resenha sobre os textos discutidos em sala de aula ou um trabalho que fizesse uma ponte entre esses textos e o tema da monografia. Não queria fazer resenha, mas também não tinha tema.

Ao fazer uma releitura de todo o material teórico da disciplina, voltei-me para o texto: “O ‘moderno’ e o ‘arcaico’ na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social”, de Sérvulo Figueira (1987). À medida que ia lendo o conteúdo, passei a fazer relações temáticas com o ser *ex-esposa*. Novamente – e não sei bem a razão plausível – voltei, também, ao material teórico da disciplina: Representação Social.

Fiz o trabalho em uma madrugada. Surpreendi-me com a rapidez com que as idéias brotaram da mente na redação do mesmo. Com certa satisfação, descubri-me envolvida com o tema que permanecia instigante, talvez por conter, em seu bojo, os mesmos elementos nucleares que a primeira pesquisa me trouxera, a saber, o papel social, a experiência de ser *ex-esposa*, a representação social. Mas, diferentemente dele, a minha pesquisa tinha um nítido

foco na ex-esposa como sujeito da pesquisa. Foi aí que se esboçou o meu projeto de pesquisa: “o arcaico e o moderno na representação social da ex-esposa”.

Ao final da Especialização, estava com o projeto pronto. No entanto, nem por isso, satisfeita com o nível de aprofundamento teórico de minha pesquisa acadêmica. Posso, ademais, falar que me instigou a escolha pelo enfoque metodológico: o método da fenomenologia.

Decidi fazer a seleção para o mestrado na UNICAP. Procurei a coordenação do mestrado em Psicologia Clínica. Expus o meu interesse em estudar a abordagem fenomenológica existencial. Àquela ocasião, em meio a muitas reviravoltas mentais, depois de cair em mim – visto que eu não posso esquecer minha âncora de enraizamento na psicologia do encontro de J. L. Moreno – a abordagem fenomenológica existencial me pareceu a melhor alternativa de trabalho científico. (Não é descuidado lembrar que o psicodrama moreniano deita suas raízes filosóficas na fenomenologia e no existencialismo).

No entanto, em meio a esse clima de curiosidade analítica crescente, decidi fazer seleção para o núcleo de família. À luz dos estudos bibliográficos que continuo realizando sobre o antigo projeto, a ex-esposa surge com nova força de inflexão temática, desta feita no recorte epocal das novas ordenações familiares. Esses estudos ampliam a massa crítica que se lança sobre o meu trabalho clínico e vão me estimulando, fortemente, na busca de um ponto de articulação entre a área clínica e a área social.

Com a seleção para o mestrado em Psicologia Clínica se abriu um novo momento em minha trajetória intelectual. Mas esse passo significou um novo tempo de tempestade mental. Em termos metafóricos, diria que me vi dentro de um redemoinho. De modo algum isso quer dizer que não tinha clareza quanto ao meu tema de estudo: continuava sendo a experiência de ser *ex-esposa*. Todavia, seguia confusa e questionando-me se ainda queria continuar trabalhando com a teoria e o método da RS. Já havia relido várias vezes meu projeto.

Confesso que, no processo de amadurecimento acadêmico em que me encontrava, parte dessa confusão mental tem uma explicação plausível: ainda me percebia com a impressão de “contaminada” pelo curso de especialização (talvez por isso ficava insistindo na teoria e metodologia da RS). Mas vislumbrei, com igual força de alumbramento, um outro tempo, no qual essa confusão mental, lentamente, se foi dissipando. Certamente porque, cada vez mais, foi ficando mais nítido no meu quadro de análise que *é o sentido que a mulher contemporânea dá à experiência de ser ex-esposa que me mobiliza*.

De maneira mais decantada, esses assuntos apareceram no momento em que estava questionando se realmente queria trabalhar com a teoria e o método da Representação Social. Na verdade, esse questionamento me vinha quando começava a divisar o que me inquieta nesse método: a proximidade indisfarçável que tenho visto entre ele e uma base de sustentação discursiva no positivismo. Evidentemente, não quero trabalhar em uma pesquisa que tenha um método com raízes de articulação no positivismo.

Nesse sentido, mesmo quando leio que posso utilizar o método da hermenêutica dialógica, os autores, mais adiante, em uma das etapas da análise, geralmente, remetem à etapa da categorização – que é, sabidamente, o que eu não quero ver constituir-se na arquitetura do orbital de análise metodológica de minha dissertação de mestrado. Esse ponto, taxativamente, é o que me afasta desta metodologia. Esse aspecto é um limite estrutural do método que eu não quero ver mapeando meu trabalho.

Nesse processo de descoberta intelectual da fenomenologia, não posso deixar de ressaltar a importância que teve, para mim, a disciplina Clínica Fenomenológica I, ministrada pela Prof^a Dra. Henriette Morato. As aulas contribuíram sobremaneira para uma melhor compreensão da abordagem fenomenológica existencial – que, sem nenhuma dúvida, tem criado condições para uma mais amadurecida tematização de minha pesquisa. Não foi por outro motivo, aliás, que eu, a cada encontro, me dei conta do meu fascínio, interesse,

identificação/aproximação com os assuntos discutidos na construção do conteúdo programático desenvolvido.

Na verdade, dei-me conta de como estou afetada por este olhar fenomenológico do ser humano e, mais ainda, envolvida na leitura de suas reverberações na compreensão do ser/fazer da clínica psicológica. O vivido nesse processo de reorientação discursiva – que perpassa, por outros canais de comunicação mais sutis, também, pela minha dimensão existencial – tem sido decisivo na mudança de orientação teórico-metodológica em meu projeto de pesquisa.

Não obstante devo insistir que, ainda no final de minha especialização, é bem certo, o meu projeto estava construído com base na teoria da Representação Social, contudo o marco de articulação metodológica se ordenava na linha de pesquisa da Fenomenologia.

Em definitivo, quero fazer uma leitura fenomenológica do material que emergiu do e no estudo das fontes até aqui compulsadas. Estou plenamente convencida, agora, de que o método da fenomenologia deve ser minha *escolha original* e posso, compreensivelmente, resgatá-lo, haja vista a fertilidade de seus marcadores operativos no meu universo de análise. Quero crer que, aqui, no meu papel de estudante/pesquisadora, tenho a possibilidade de realizar uma escolha madura e assumi-la com integridade intelectual.

No entanto devo reconhecer que, depois de tudo, o balanço final desse percurso de discernimento na escolha de minha linha de pesquisa foi positivo. Todo esse tempo de parto intelectual me possibilitou algumas decisões amadurecidas. A mais firme delas, decerto, assenta-se na perspectiva de abordagem teórico-metodológica com a qual pretendo abraçar meu tema de pesquisa. Dito às claras: naquele momento, compreendi que queria fazer uma leitura fenomenológica no meu trabalho de pesquisa clínica. Dois motivos me levaram a isso. Primeiro, porque já acreditava nesse olhar e, depois, porque – como, aliás, assinalei anteriormente - a abordagem do psicodrama guarda profundos marcos de sintonia com as correntes filosóficas da fenomenologia e do existencialismo.

Nessa perspectiva de abordagem, então, creio estar claro o meu interesse em investigar – logicamente no recorte de uma pesquisa clínica, a partir do arcabouço metodológico da fenomenologia – o sentido dessa experiência de ser *ex-esposa*. Em sendo assim, o limite metodológico que o meu interesse deve impor, como viés de tematização, não são, de modo algum, as representações teóricas que discorrem sobre essas *ex-esposas* – ou mesmo até através dessas representações, a partir das quais essas mesmas *ex-esposas* criaram ou criam um regime identitário consciente ou inconscientemente – mas sim, o que envolve um grau mais acertado de pertinência clínica - uma aproximação crítica de *ser ex-esposa*.

Entretanto não pude parar nesta constatação. O modo como estava afetada por toda esse processo de gestação intelectual, possibilitou-me assumir mais um desejo: transferi-me do Laboratório de Interação Social e Familiar para o Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial. Este foi mais um aspecto motivacional para a permanência no meu tema de pesquisa, uma vez que, com essa decisão, encontro-me novamente como “*ex*”, isto é, *ex-pertencente/ex-aluna/ex-pesquisadora/ex-orientanda* do Laboratório de Família.

Ao me situar no lugar-de-fora, novas escolhas são realizadas: orientadora/ disciplinas; novas relações afetivas/teóricas/metodológicas são construídas; novos olhares são dirigidos para um mundo de descobertas/transformações.

Início, então, mudanças no meu projeto de pesquisa, que são apresentadas ao colegiado e aos meus colegas de mestrado. Ao término da minha apresentação, um silêncio toma conta de toda a sala de aula: nenhuma pergunta, nenhum pronunciamento, nenhum questionamento... Enquanto que, em mim, iam processando-se muitos questionamentos: não entenderam o que falei? É a proposta metodológica? O que isto tem a ver com o silêncio bibliográfico?

Até que, escuto uma primeira fala: “o silêncio permanece”. E depois de mais um período silenciado, mas nada silencioso, uma segunda fala: “não sei bem o que falar”. Surgem

então algumas perguntas: “existe ex-esposa?”, “alguém se apresenta assim?” Despontam algumas lembranças: “eu escuto muito na academia de ginástica: ‘eu não queria nunca ser ex-esposa’. Então alguma coisa tem aí” e, “na vida a gente é ex alguma coisa”. Brotam alguns esclarecimentos: “a complexidade do trabalho dificulta até o título que por hora está vago”, e ainda, “é importante distinguir os registros da discussão – registro da experiência, do jurídico, do religioso, do cultural... Misturar os registros causa confusão”. Um sentido é apontado: “pode ser que você chegue a encontrar um não-lugar”. Mas alguns olhares desviados: “acho interessante trabalhar a relação da ex-esposa com o ex-esposo”. E aparece por fim uma constatação: “a sua dissertação é um desafio”.

Saí atordoada dessa apresentação. Era a primeira vez que eu apresentava o meu projeto de pesquisa para ser discutido publicamente e todas as observações feitas não foram além do título, que, na época, era “A experiência de ser ex-esposa”. Constató mais uma vez que esse tema é impactante. Observo que, desde o primeiro momento que comuniquei o meu interesse em trabalhar a experiência de ser ex-esposa, aparecem reações interessantes: sorrisos, curiosidade, testas franzidas, silêncio, dentre outras.

Sem dúvida, a minha experiência pessoal e profissional tem sido o foco de gestação e desenvolvimento dessa pesquisa. Ela tem revelado possibilidades e obstáculos, apontando sentidos por onde esse trabalho de pesquisa pode caminhar.

Essa pesquisa centra criticamente uma questão: como a mulher contemporânea experiencia ser *ex-esposa*. Indubitavelmente, uma pesquisa dessa envergadura temática carrega consigo uma carga de relevância plurifacética.

Decerto, numa reflexão dessa natureza, no primeiro momento, revesti-se-á de notória importância a marcação de um aspecto fundamental na delimitação operativa de minha pesquisa: a leitura do modo de ser de nossa presente condição humana. E nessa, por sua relevância na composição discursiva de um novo modelamento de intersubjetividade, – e,

com ela, o lugar de emergência do ser *ex-esposa* - o acelerado processo de mudanças por que passa o nosso sistema-mundo – mudanças, aliás, muito próprias da modernidade.

Ao mesmo tempo - e mais detidamente -, importará compreender as influências (nos circuitos da mundividência, da mentalidade, da ideologia etc.) que essas mudanças provocaram/provocam nos processos de subjetivação em curso, assim como, também, num âmbito de inflexão psicológica, na relação de interdependência existente (em termos de economia simbólica) entre o campo escritural da subjetividade e o campo de estruturação da cultura.

À luz do caminho exposto nas páginas anteriores, explicitarei o percurso de aproximação temática desenvolvido em direção à questão medular que levanto na problematização de minha pesquisa. Em seu nascedouro estimular, de um lado, reconheço que foi uma perspectiva existencial – o fato de viver a experiência de ser *ex-esposa* - que me instigou a refletir sobre a experiência mesma de ser *ex* na realidade das redes vinculares de nossa contemporaneidade, bem como, de outro, a questionar, no sentido de minha prática profissional clínica, sobre os desdobramentos ontológico-existenciais e socioculturais dessa mesma condição na corporificação de minha pesquisa.

Em grande parte, essa pesquisa vem nutrida de curiosidade intelectual, devido ao fato de que um número crescente de mulheres que chegavam ao meu consultório, com uma demanda de sofrimento psíquico e relacional por se encontrarem com um sentimento de desalojamento na vivência desse novo lugar, não se sentem ainda preparadas para protagonizar, quer no fórum pessoal, quer no terreno das inter-relações.

Desse modo, o tema dessa pesquisa provê-se de uma relevância pessoal, a saber, o fato de eu mesma, mulher, estar situada nesse lugar de *ex-esposa* e, ao mesmo tempo, sentir-me instigada a compreender o sentido dessa minha experiência de ser *ex*, agora sabidamente em outra realidade existencial, visto que, desde há um tempo, eu já me dei conta que vivo essa

experiência, desde-de-dentro – o que me coloca, já agora, em um outro patamar de consciência: aquele que possibilita ver-me no lugar desde-de-fora.

De igual sorte, além da relevância pessoal, posso referir-me a uma relevância científica e social, pela contribuição teórica que minha pesquisa pode aportar ao trabalho no campo da Psicologia Clínica.

Por conseguinte, não será só o fato de compreender, através da experiência de ser *ex-esposa*, que me mobiliza nessa pesquisa. De fato, me fascina poder pensar, também, nas pesadas implicações sócio-político-histórico-culturais que, de *per si*, o estudo da experiência de ser *ex-esposa* pode acarretar, notoriamente, no âmbito de uma re-configuração das relações humanas no mundo contemporâneo. Não é possível intuir se esse lugar de *ex* não implica a construção de um novo *ethos* social e pessoal? E, por conseqüência, não caberia perguntar, também, pelo lugar da *ex-esposa* nas atuais configurações familiares/sociais?

Essas questões, bem se vêem, têm uma penetrante pertinência sociocultural, visto que, agora, como é notório, a família passa a ter um lugar de interesse, mas a partir da presença de uma mulher que se encontra no lugar de *ex-esposa*. Por isso enfatizo, aqui, o *âmbito sociocultural*, tracejado pelo circuito civilizatório promovido pela modernidade, e que carrega consigo um peso de influência considerável na cartografia da experiência de ser *ex-esposa*, assim como para as reverberações desse lugar de *ex-esposa* na dinâmica interativa social – sem esquecer, logicamente, o caudal de influências de múltiplas faces conexas que se articularam no perfilamento dessa presença nas novas redes relacionais da sociedade.

Entretanto, de igual modo, vale salientar que não é simplesmente porque esses novos modos relacionais estão evidenciados na sociedade contemporânea, nem tampouco pela pura emergência presencial da *ex-esposa* em si mesma que, na verdade, me remeto à questão da minha pesquisa. Mas, isto sim, pelo fato de que todas essas situações e vivências chegam à clínica psicológica onde ecoam e afetam-na. É desse lugar – o da clínica – que me sinto

mobilizada/instigada a olhar esse modo sofrente de ser *ex-esposa*. Independentemente do meu desalojamento existencial (eu sou mulher, *ex-esposa*), essa demanda da *ex-esposa* (a cliente *ex-esposa*) começou a me incomodar em minha prática clínica: como esse *modo sofrente*, a experiência dessa mulher *ex-esposa* aparece no campo da clínica?

Paradoxalmente, porém, constatei o descompasso entre o emergir de uma mudança significativa na forma de presença da *ex-esposa* no campo das relações interpessoais e intrafamiliares, e a produção quase inexistente de uma cobertura analítica crítica desse fenômeno instalado.

Debaixo desse prisma, no que concerne à relevância científica, importa ainda destacar que, desde o início da minha investigação científica, me deparei, no levantamento bibliográfico, com uma surpreendente escassez de reflexão teórica referente à experiência de ser *ex-esposa*.

No entanto, curiosamente, vi-me diante de uma farta literatura que, até muito bem, se dirigia para muitos temas transversais, - tais como, por exemplo, “família e grupos domésticos”, “relação conjugal no contexto da tradição”, “dinâmica familiar e movimentos sociais”, “relação pais e filhos”, “dissolução do casamento e recasamentos”, “a dialética familiar na crise da modernidade” etc -, porém silenciando completamente sobre a dimensão existencial de ser *ex-esposa*.

De fato, na linha de minha pretensão analítica compreensiva, encontrei apenas a materialização do imaginário humorístico masculino/feminino sobre a vivência da *ex-esposa* e do *ex-esposo* – e isso, ainda devo frisar, num conjunto discursivo eivado de preconceitos de toda natureza. Foi nesse contexto que percebi, nesse viés de mostraçã, o modo como essa *ex-esposa* é representada no imaginário do modelo machista.

Assim, pois, tomada pela consciência desse silêncio ressoante e/ou pior, desse “algo” silenciado na Psicologia (que é já uma fala inapropriada desse lugar de ser *ex-esposa*, porque

não diz, *clanicamente*, desse lugar, o sentido desse ser, desde essa experiência) me encontrei, como psicóloga, provocada. Foi justamente essa provocação que me animou todo o tempo na redação dessa investigação científica. Daí, portanto, deriva a contribuição desse trabalho: lançar um olhar sobre a *dimensão existencial* de ser *ex-esposa* para o campo da Psicologia Clínica e em focar como essa *dimensão existencial* pelo *âmbito sociocultural* ressoa na clínica. E sendo a clínica, acolhimento, o cuidado desse sofrimento faz todo o sentido pesquisar como a mulher contemporânea experiencia ser *ex-esposa*.

Entretanto, na tematização de ordem clínica dessa dimensão existencial de ser *ex-esposa*, impõe-se uma pergunta que a remete, necessariamente, para uma questão de âmbito social. Pergunto então: ser *ex-esposa* pressupõe, inicialmente, a existência de um ser (des)instalado socialmente?

Isso, por certo, chama a atenção e, por essa razão, me inclino a reiterar a pontuação demarcatória dessa pesquisa: como pode um tema tão relevante na ordem da realidade social, em flagrante rota de ruptura com os antigos modelamentos interativos relacionais – que, infelizmente, sempre remetem os sujeitos envolvidos a um circuito de sofrimento psíquico e fratura de vínculos afetivos simbólicos – se encontrar tão ausente dos estudos científicos em Psicologia Clínica? Ou mais simplesmente: por que a ausência de pesquisa dirigida para uma análise compreensiva da presença dessa *ex-esposa* nas configurações familiares, na dinâmica da vida social/familiar e, principalmente, para a experiência de ser *ex-esposa*?

Sem dúvida alguma esse silêncio de um discurso científico da Psicologia Clínica sobre o ser *ex-esposa*, teve em mim uma ressonância de curiosidade intelectual; acendeu meu desejo de falar sobre o que não se fala, ainda que não queira mais calar: há *ex-esposa*; há uma outra ordenação social que está provocando uma reviravolta nas antigas redes de estruturação sociofamiliar. Sobre isso, não se pode calar; creio que se deve falar apropriadamente.

Debaixo desse prisma, outrossim, pensar na experiência de ser *ex-esposa* implica falar da relação *dessa mulher* com outros sujeitos (ela e um outro na família; ela e um outro na sociedade; ela e um outro na intimidade etc.); e, mais, falar também da topografia do ético e do moral vertebrados nos diferentes modos de implicação e obediência aos padrões sócio-culturais aos quais *essa mulher* esta referida por força de seus vínculos de exteriorização. E, com isso, ao nomear a presença do ser *ex-esposa*, necessariamente, estou-me referindo não só a costumes e a hábitos do ordenamento social que, em maior ou menor grau, balizam o agir tipificado dessa mulher.

Por essa via de leitura, importa, sobretudo, remeter-me, em maior profundidade, à morada (ethos, no sentido heideggeriano), ao modo dessas mulheres habitarem o mundo da vida.

De outra sorte, por seu turno, quando falava, anteriormente, da relevância social do meu trabalho, já acenava, de um lado, para o fenômeno das atuais ordenações de vínculo familiar na contemporaneidade.

O aparecimento desse lugar da mulher (ser *ex-esposa*) na configuração social/familiar carregará consigo a exigência de uma outra mediação social para compor, a uma só vez, outros arranjos relacionais familiares e outras caracterizações vinculares. O grau e alcance dessa outra realidade que se desenha no mundo das relações humanas intra/extra-familiares são de tal profundidade que não mais podem circunscrever-se ao âmbito de um sentimento individual de desconforto, ou de mera inconformidade com expectativas isoladas de uma dada experiência privada.

Tampouco será um caminho clínico responsável a busca de uma intervenção terapêutica focada num olhar psicológico que desconsidere essa outra realidade social, a partir do modo de ser *ex-esposa* na contemporaneidade. Isso porque, desde minha perspectiva de análise, a mudança que se instaura na ordem social vigente se dá, mal ou bem, independente

do desejo (da ordem da subjetividade) de alguns integrantes (de uma dada família concreta, de um dado grupo social) e, menos ainda, tem seu curso de progressão provocada pelos desejos de alguns outros em particular (pouco importando, aqui, inclusive, o nível de consciência pessoal que os agentes concretos envolvidos nessa realidade detenham dos processos de mudança que, por agora, assinalo).

Em qualquer caso, deve-se partir do pressuposto de que o modo de ser *ex-esposa* não se restringe às relações pessoais e familiares, mas se estende, em termos de implicações operativas, às relações sociais, reverberando, quer como queixa, quer como demanda de sofrimento, no trabalho clínico. E é justamente porque todas essas mudanças refletem na clínica que, para mim, tem todo o sentido olhar como pesquisadora para a experiência de ser *ex-esposa*.

Quero crer, inclusive, que a própria experiência de ser *ex-esposa* já solicita, dessa mulher, de antemão, uma competência pessoal/relacional para lidar com as novas situações/configurações recém-instaladas nesse mundo. Tem, por isso, que atentar para o enfrentamento de diferentes níveis de significação no trâmite das relações sociais, em flagrante movimento de reformulação, pois ser *ex-esposa* é encontrar-se, muitas vezes, na encruzilhada entre o velho e o novo; vale dizer: ser *ex-esposa* é estar experienciando o sentido de deslocamento existencial/social que afeta, precisamente, o núcleo de sua condição identitária de mulher, de ser-em-relação-com-o-mundo-da-vida. Isso porque seu universo social, anteriormente conhecido, já não lhe dá mais o suporte instaurador de segurança para suas novas relações interpessoais e intrafamiliares.

Nessa direção, portanto, acredito que o fenômeno existencial/inter-relacional presente na realidade social vigente, a saber, a experiência de ser *ex-esposa*, merece destaque, justificando uma perspectiva de tematização.

2 OLHARES SOCIOCULTURAIS: A SUBJETIVIDADE DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

2.1 Contemporaneidade e crise: mudanças nos processos de subjetivação.

A contemporaneidade se caracteriza pela presença constante de crises. Toda essa situação se instala pela vertiginosa velocidade/volatilidade com que as mudanças ocorrem. Dentre elas, destacam-se: a liquidificação das configurações inter-relacionais ou a fragilização dos laços humanos (BAUMAN, 2004); a banalização do mal em suas diversas modulações (BILBENY, 1993); o fraturamento da socialização disciplinar e o conseqüente desalojamento existencial do indivíduo e dos seus modos de experienciação do viver (LIPOVETSKY, 1993); a universalização da cultura narcísica, conduzindo ao recrudescimento da ideologia individualista como modo de operação societário; o modelamento unidimensional pela via de alinhamento espetacular; a precarização do trabalho (ANTUNES, 2000); a efervescência de *transitoriedades* nos modos de valorização dos estatutos sociais e seus marcos de ordenação política (MAFFESOLI, 2004).

De fato, no quadro de nossa presente condição humana, vislumbra-se, sentidamente, a presença de uma crise de sentido da vida (OLIVEIRA, 1993b). Trata-se, na verdade, de uma crise do modelo civilizatório vigente no ocidente (BOFF, 1999). É o próprio ser e o fazer do homem, em sua raiz autoconstituente, que está em processo autofágico. O sistema capitalista – agora em sua fase globalizante - pôs em marcha um processo de desenvolvimento na

economia e na tecnologia, dificilmente reversível, apesar da ameaça de levar ao desaparecimento da espécie (BERIAIN, 1996).

Na base desse desdobramento cultural, se faz notar uma contradição de base profunda. Nossa época fez rugir os tambores do progresso tecnológico - de braços dados com um considerável crescimento econômico - como remédio mágico infalível para todas as mazelas sociais, descuidando dos valores éticos (MARQUES, 2001). Por esse novo *ethos*, os efetivos vetores de orientação comportamental são aqueles que levam ao sucesso e à superação do próximo. O ponto de estruturação moral do indivíduo não é mais o ser, mas o ter: o ter como expectativa e promessa de realização, o ter como símbolo de felicidade e supremo ideal de vida (FROMM, 1987).

Obviamente, o saldo de tudo isso não é animador. Além das motivações, que incitam o homem à competição e à luta feroz por um *status* social elevado - muito provavelmente sinais claros da falência do regime de convivência social – observa-se, por esse modo de convívio, seguramente, o predomínio de um modelo de sociedade-máquina.

Não é à toa, portanto, que nossa época se sinta penetrada por uma “mescla perniciososa” de inquietação e indiferença – ainda não formulada de modo a permitir que, sobre as mesmas, se exerçam a razão e a sensibilidade. Daí que, em vez de problemas (definidos em termos de valores e ameaças) há, com frequência, o que se pode classificar de miséria de inquietação vaga (MAY, 2002); vale dizer: ao invés das questões explícitas, há, em definitivo, o sentimento desanimador de que algo não está certo. E o pior é perceber que nem mesmo os valores ameaçados pelo império do efêmero, nem aquilo que os ameaça, foram sequer formulados na raiz desse sentimento de crise – um dos sintomas de nossa crise civilizacional (OLIVEIRA, 1993a).

Da mesma sorte, devo sublinhar outro aspecto relevante na caracterização de nossa situação histórica atual (TOURAINE, 1994). Nossa civilização, no patamar das comunicações

de massa, fez erodir boa parte da confiança que alimentava os homens pela certeza de poderem permanecer idênticos em meio às mudanças exteriores e ameaças de aniquilação. O resultado direto dessa operação padronizante não é óbvio – porque ingenuamente se crê no discurso da liberdade do indivíduo para ser o que quiser no universo das representações da moda e do consumo (LIPOVETSKY, 1990). Contudo está deploravelmente comprovada: a adesão ao ideário de uma roupa só, uma só identidade, uma só crença. É isso ou anomia, ou esquizofrenia social. Frente a isso, cristaliza-se, então, o novo cânone das regras de convívio: esse jogo pervertido da cumplicidade do autismo social com meticulosa manipulação da vontade na teatralidade escancarada (COSTA, 1994).

O mais grave é que, numa civilização urbana demasiadamente fabricada, o sentido intuitivo de **real natural** caducou, carregando boa parte da confiante crença que o indivíduo tinha na cristalização de um sujeito pensante. Enjaulado nos artefatos frios de sua segunda natureza artificial, impõe-se o desenho pesado de um novo circuito de interação que vai, aos poucos, mas sem retorno, enchendo a paisagem urbanóide de nossas megalópoles, feita de ritmos maquínicos e espíritos embrutecidos (SANTOS, 1989).

Nesse novo cenário histórico caótico, o ser humano, na construção de seu inventário afetivo e de seus mecanismos de adaptação institucional, segue, de forma mais ou menos rígida, os ditames de funcionalidade dos complexos intermaquínicos, que tendem à fragilização de vínculos enraizadores; banalizam-se valores transcendentais (RODRIGUES, 2003) e, mais modernamente, volatiza-se o capital afetivo. Entre os indivíduos e os seus atos e manobras deseccionais se interpõe uma, cada vez mais diretiva e pontual, instantaneidade midiática - que substitui as formalizações e interioridades tradicionais, forjando nos indivíduos uma pragmatização automática dos seus sinais de referências.

O ponto de incursão dessa nova mentalidade legitima-se pela ampliação da capacidade de prospecção do tempo objetivo e de suas mediações objetivas. O tempo organizacional de

percepção do indivíduo, seguindo o perfil dos mega-complexos de monitoração mercadológica (Bolsas de valores, Bancos de investimentos, organismos internacionais de financiamento), sofre uma paulatina fragmentação, visto que tira dele a capacidade de ordenar novos universos informacionais e seus níveis de decisionabilidade, ao mesmo tempo em que, por exigência crescente de grupabilização, tende a aumentar o hábito de ver longe, ou de prever além das circunstâncias que o rodeiam. Mas não só. Isso também estilhaça o seu domínio dos aparatos técnicos de equalização mediativa em todas as fronteiras de sua presença carencial; vale dizer: o homem se envolve, agora, com uma complexidade de funções, muitas das quais não compreende bem nem domina.

De outro modo, uma vez alterado o padrão de comportamento e de atitudes agenciados, muda também a maneira de considerar os outros. O fenômeno imediatamente palpável dessa mudança é, sem dúvida nenhuma, a racionalização. A fonte dessa brusca modificação dos mecanismos de individuação encontra-se nas novas exigências de previsibilidade que deverão ser incorporadas pelo indivíduo-átomo (ALVES, 1984), para que possa dar uma resposta, mais ou menos integrativa, aos patamares funcionais que serão edificados pela nova ordem capitalística¹.

Constata-se, portanto nas últimas décadas, um processo acelerado de transformação, de mudanças, de modernização. A revolução tecnológica e a filosofia, de ordem “evolucionista”, exigem métodos, técnicas, máquinas, pensamentos, ações... “modernas” da noite para o dia. No entanto trocar de equipamentos e suportes componentes de computador, por exemplo, é algo que podemos rapidamente fazer. Contudo, mesmo que isso nos tenha forçado a processos de adaptação, ainda em curso e, sobretudo, não avaliados em seus desdobramentos técnicos (o que dizer dos éticos?), já, agora, seguramente, a revolução

¹ Ao dizer mais ou menos integrativas, obviamente, remeto-me aos mais variados fenômenos da marginalização social moderna. Cf. (DUPAS, G. **Economia e exclusão social**: pobreza, estado e o futuro do capitalismo. São Paulo: Paz e Terra, 1999).

tecnológica é portadora de um extraordinário poder de redefinição do ser/fazer humanos no atual sistema-mundo maquínico.

O homem, então, está num mundo mergulhado numa avassaladora miríade de métodos e de recursos tecnológicos, disponibilizados em crescente sofisticação, para a manutenção/recriação do suporte sobrevivencial do ser humano. Na marcha de recriação tecnicizada, mundanizada por força da revolução cientificista moderna, ao mesmo tempo, se percebe, por um lado, a glamurização da vida espetacular e do paraíso maquínico. Nessa encenação, a privatização da riqueza, do conhecimento e da informação, em benefício dos novos “donos do poder”, senhores do paraíso maquínico, contribui para embalar a lógica do simulacro e o caudal de seus efeitos “efervescentes” consubstanciados na “cultura narcísica” (a estética da indiferença, do presentismo, da superexposição imagética, do artificialismo da intimidade) (LASCH, 1999).

Por outro, ocorre o estilhaçamento do ser humano e dos antigos sistemas de crenças, até então estatuídos, em paisagens sociais carregadas de “zonas cinzentas” de (des)orientação axiológica (MELMAN, 2003). Nesse contexto, a única marca de continuidade é o esvaziamento existencial do sujeito histórico, o colapso das redes relacionais de solidariedade, a fratura do ordenamento social das políticas públicas, a fragilização da vida afetiva, a banalização do sagrado, a segregação dos miseráveis.

Tudo isso retrata um triste descompasso entre os fantásticos avanços técnicos, conquistados pela modernidade, e os níveis aceitáveis de proteção ao ecossistema e de respeito à dignidade inviolável da pessoa humana. Talvez porque, na pressa do progresso rumo ao admirável mundo novo, patrocinado pelo tecnicismo triunfalista, nosso sistema civilizatório tenha “atrofiado, na consciência comum, a ‘problemática ética’” (OLIVEIRA, 1993b, p. 11, aspas do ator).

Não foi por outro motivo que, em contrapartida, J. L. Moreno (1978, p. 94) falava de uma “*revolução criadora*”. Por isso, nesse momento, divisando um cenário de profunda crise de sentido, pensava que “a maior, mais longa, mais difícil e mais singular das guerras, empreendidas pelo homem durante sua trajetória” ainda seja aquela que ele trava consigo mesmo. De fato, o que todas essas guerras fazem, apenas, é ecoar o seu chamado primordial – o chamado à renovação de si mesmo. Evidentemente, essa guerra, para Moreno (1978, p. 94) “não tem precedente nem paralelo na história do universo”. Não se trata, continua ele, por certo de “uma guerra contra a natureza, nem uma guerra contra outros animais, nem de uma raça humana, estado ou nação contra qualquer outra raça, estado ou nação” (MORENO, 1978, p. 94). E conclui:

Tampouco é uma guerra de uma classe social contra uma outra classe social. É uma guerra do homem contra fantasmas, os fantasmas a que, não sem razão, se chamou os maiores construtores de conforto e civilização. São eles a máquina, a conserva cultural, o robô (MORENO, 1978, p. 94).

É assim que esses estranhos “animais técnicos²” (MORENO, 1994, p. 168) podem ocupar um espaço, mais ou menos privilegiado, na vida do ser humano moderno, outorgando-lhe, por meios dos processos crescentes de tecnificação da vida cotidiana, a sensação artificial de bem-estar e de poder “ilimitado” na programação/participação da ordem social – poder que, infelizmente, tem consagrado ou legitimado, de forma ingênua, uma perigosa libertação dos vínculos que nutrem as relações que estabelecem com os seus semelhantes. Desse modo, constata-se uma presença recorrente, largamente apontada nos estudos recentes da Psicologia contemporânea, de fenômenos típicos de nossa sociogênese, como, o “afastamento de si mesmo”, por força de uma subjugação do sujeito a apatificação da vontade, e o “alheamento social” em relação àqueles que compõem a nucleação de sua rede de vínculos afetivos.

² Termo utilizado pelo autor ao referir-se às conservas culturais, às máquinas, aos robôs.

Deste modo, passando das estruturas de sedimentação tecnológica, que constantemente estão redesenhando a paisagem do mundo contemporâneo, e concentrando-se na teia de relações humanas que desse mundo emergem, interessa-me perguntar, no interior desses arranjos institucionais – em flagrante crise de identidade e de sentido funcional – pelos atuais modos de agenciamento das subjetividades nessa sociedade. Nesse sentido, acredito que as redes de relações humanas, que se têm construído no mundo contemporâneo, reforçam, em sua contundente mecânica de operação, essa relação característica, descrita acima, do ser humano com as máquinas, com as conservas culturais e com os outros humanos, o que favorece, naturalmente, a composição de outros arranjos institucionais, de outros modos de vinculação, de diferentes modalidades de co-existência.

Mas, pergunto: que configurações sociais e familiares expressam o projeto civilizacional da contemporaneidade? E, ainda, como esses modelos e ideais de família, que também estão em processo de transição, compõem/afetam a nossa própria subjetividade? E mais, naquilo que importa ao âmago de tematização de minha pesquisa, quais os modos de ser ex-esposa que se expressam nessas teias relacionais?

Para esquadrihar um possível caminho em direção às respostas a essas perguntas, faz-se necessário considerar os modos de construção da subjetividade. Evidentemente, na construção da subjetividade, não é possível pensar o sujeito, sem interrogar a dimensão da cultura em que ele está inserido. Isso porque há uma interdependência entre cultura e subjetividade, pois, de um lado, não existe cultura sem uma maneira particular de configuração dos processos de subjetivação, nem há, de outro, subjetividade sem uma “cartografia cultural” que a modele. Posso então afirmar que a subjetividade é produzida no entrecruzamento com o contexto social-histórico.

Nesse sentido, entendo que subjetividade, no dizer de Guattari e Rolnik (1986)³, pode ser vista como um conjunto de condições que favorece que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em condições de se mostrar como territórios existenciais. Conseqüentemente, na leitura desses autores, essa visão tende a ultrapassar a oposição tradicional entre sujeito individual e sociedade. Em determinados contextos sociais e semiológicos, a subjetividade se individualiza. Já em outras situações, faz-se coletiva, o que não significa dizer exclusivamente social, pois coletivo remete para multiplicidades que se apresentam e produzem para além do indivíduo. A subjetividade encontra-se, assim, nas articulações entre o individual e o grupal.

A subjetividade, entendida nesses termos, é intrinsecamente processual, uma vez que os universos referenciais não têm fixidez ultimizante. Por conseguinte, nessa heterogeneidade de componentes que participam para a produção da subjetividade, é possível encontrar componentes semiológicos significantes que se expressam através da família, da educação, da religião etc, e, por extensão, nos componentes de produção maquínico-sociais, como o cinema, a informática, a mídia etc. Desse modo, no pensamento de Guattari e Rolnik (1986, p. 25), emerge “uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida”.

Ao fundo dessa tela de juízo, na verdade, é preciso identificar, passo a passo, como esse pensamento traça uma cartografia das sociedades “capitalísticas” – modo pelo qual ele nomeava não apenas as sociedades designadas como capitalistas, mas também, setores do “Terceiro Mundo” ou do capitalismo “periférico”, assim como as economias ditas socialistas dos países do Leste europeu que, invariavelmente, vivem numa espécie de dependência e contra-dependência do capitalismo. Na modelação dessa leitura, em última instância, para Guattari (*apud* GUATTARI e ROLNIK, 1986), a relação capitalística não se dá tão somente

³ A partir deste trecho, é apresentada uma produção como compreensão do conteúdo da disciplina do mestrado “Cultura e subjetividade”, ministrada pela Profª Drª Ana Lúcia Francisco, durante o primeiro semestre de 2003.

pela transmissão de idéias, registro de ideologias ou de enunciados significantes, tampouco se esgota na relação de consumo ou na esfera psíquica. Ela vai mais além, porque tem um sentido para o sujeito. Daí a sua compreensão de que a subjetividade “é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 33).

2.2 Família: território simbólico de velhas e novas configurações inter-relacionais.

À luz da perspectiva teórica traçada acima, posso melhor captar o sentido das mudanças que se estão perfilando no tecido das relações humanas modernas. Refiro-me especialmente àquelas relativas ao modelamento familiar – justamente o âmbito de realidade que mais de perto interessa identificar no marco de registro analítico de minha pesquisa.

Em nossa sociedade, os processos de industrialização e urbanização assim como as aceleradas mudanças que se processam na vida social, interferem na organização familiar. Contudo parece que a adaptação ao convívio com objetos acontece mais rapidamente do que a adaptação a novos modelos de estrutura familiar. Com acertado grau de razoabilidade, é possível encontrar uma explicação plausível para tal fenômeno num fato já constatado pela mesma leitura de Guattari e Rolnik (1986): a subjetividade não muda tão rapidamente como o perfil cultural, muito embora, quando se pensa em cultura, deva-se pensar em um perfil cultural, como resíduos de épocas anteriores. Isto indica, mais uma vez, que, quando falamos de subjetividade, também, falamos em mudança, pois, como sublinhei em linhas anteriores, não há subjetividade estática.

Por suposto, a partir desse quadro de juízo explicitado, o fenômeno da ordenação familiar ganha uma pauta de configuração histórica mais nítida. Nesse sentido, então, torna-se forçoso falar de diversos olhares sobre a família.

Numa perspectiva metafísica, ao se perguntar sobre o ser da família, mostrar-se-á o ser do objeto e, obviamente, esse olhar circunscreverá modos diferenciais de caracterização desse grupo social: um conjunto de pessoas que se unem por laços sanguíneos; uma relação de parentesco; um matrimônio; ou mesmo uma ligação de afinidade. O que se busca apreender, portanto, é uma descrição daquilo que é aparente na sua disposição, pois o ser do ente pede categorização, ou seja, aparência como possibilidade de verdade e de conceito.

Contudo se, diferentemente, neste olhar procura-se encontrar o que se evidencia nas configurações familiares, se notar-se-á o aparecer da existência de uma noção sentida de tempo/espço, de uma certa elaboração convivencial que, no desenvolver de sua história em comum, se vai construindo e estabelecendo a condição de suas relações. Por esse prisma, o olhar penetra, fenomenologicamente, no que se mostra no fenômeno do ser-na-convivencialidade-entre (no ser-da-relação-familiar) e, então, através desse olhar, torna-se pertinente perguntar sobre como é ser-no-familiar e, por conseqüência, ganha *locus* de propriedade o falar do seu modo de aparecer como família.

Assim, pois, a família deve sempre ser vista numa perspectiva sociocultural, sem a qual, diga-se de passagem, qualquer análise de sua dinâmica constituinte poderá incorrer em graves erros de marcação interpretativa ou avalizar conclusões errôneas ou, quando menos, incompletas. Para olhar a família dentro de um contexto histórico, é necessário que se volte para o entrelaçamento vincular próprio de cada família, bem como se atenha aos múltiplos “*nós*”⁴ que aí aparecem, já que se convive, cada vez mais, com uma multiplicidade de constelações e modos de “ser família”.

⁴ Refere-se a laços.

Não obstante, no fulcro dessa análise, não quero fazer crer que, algum dia, houve um acordo, monoliticamente idílico num único sentido, para nomear socialmente o ser família. Penso, bem ao contrário, à luz de minha investigação teórico-clínica, que esse acordo jamais existiu, pelo fato de a família só poder ser vista dentro de um contexto histórico-evolutivo do processo civilizatório – sempre cifrado numa gramática de sentido cultural, rico em plasticidade experiencial.

Confirmando uma tal leitura, Osório (2002, p. 13, aspas do autor) afirma que:

‘Família’ não é um conceito unívoco. [...] a família não é uma expressão passível de conceituação, mas tão-somente de descrições; ou seja, é possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não defini-la ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que se apresenta este agrupamento humano.

Posso dizer, então, que as descrições da família estão intimamente ligadas à sociedade humana em que a mesma está inserida, expressando modos diferentes de vinculação entre pessoas. Conseqüentemente, torna-se uma tarefa de extrema dificuldade conceituá-la, visto que, por força lógica, um conceito de família *sofreria mudanças constantes* a partir de variações sociais, políticas e econômicas, previamente compostas.

Pensar em família, portanto, é ver o ser humano sempre em relação e em uma situação. Talvez por ser um homem questionador, inquieto, inconformado às exigências sociais e aos conceitos e valores vigentes no meio científico, inclusive no plano filosófico - e talvez ainda por ser considerado “um homem à frente do seu tempo⁵”, Moreno apresenta, como um dos pontos fundamentais da sua teoria sociopsicológica, o conceito *de matriz de identidade* – “A matriz de identidade é a placenta social da criança, o lócus em que mergulha suas raízes!” (MORENO, 1978, p. 114). Cabe ressaltar que esse conceito de matriz de identidade não se restringe ao nascimento de um bebê, mas expande-se para o nascimento de qualquer grupo,

⁵ Título do livro de COSTA, R. P. (org.), 2001 (Referência completa ao final da Dissertação).

qualquer fenômeno social. Com isso, quer-se dizer que, dentro dessa perspectiva, só é possível também olhar para a família em seu *locus* (contexto cultural). A razão para a introdução desse novo conceito é perfeitamente cabível: ao que tudo indica, Moreno, já antevia outras configurações relacionais, chamadas, em sua época, - e até hoje - de família.

Nesse contexto, aliás, faço a leitura de que o conceito moreniano de matriz de identidade inclui não só a noção de parentesco ou da família nuclear. Pois, como placenta social, pode se apresentar como “família sociométrica”, isto é, “um lugar de convivência afetiva baseado nas próprias escolhas” (KAUFMANN, 1993, p. 46).

O que, na verdade, ocupa o centro de minha perspectiva de leitura do fenômeno da família é, na verdade, o fato inusitado, da formidável explosão polissêmica nos marcos de operação das escalas de agenciamentos familiares socialmente reconhecidos – ou em vias de reconhecimento, pelo menos do ponto de vista da literatura psicológica - na contemporaneidade. De fato, hoje, num crescente sem precedentes na história ocidental, mais e mais, o homem encontra-se numa dinâmica de aproximação irreversível com o fenômeno da pluralização dos modos de pertencimento familiar. Nesse curso, ao mesmo tempo, convocado a uma forçosa redefinição, no horizonte da prática clínica, dos mapas de sentidos que se mostram a partir de diferentes modos de vinculação entre as pessoas, o homem permite que se realizem, por força lógica, múltiplas descrições dos parâmetros de ordenação familiar. Cada um desses modos gozam de *status* variável de aceitação pública, ou, quando menos, intra-familiar, ainda que submetidos a tratamentos de legitimação social, em transição de perfilamento institucional, representacional, moral, legal, religioso.

A formulação desse novo quadro de realidade na ordem do modelamento familiar contemporâneo, de passo, levou-me a perceber com maior agudeza analítica, a importância

capital do estudo dos vínculos, tão ressaltado por Moreno⁶, para o desenvolvimento da Psicologia Clínica. De modo mais específico, tal percepção me possibilitou revisar minhas concepções teóricas e, sobretudo, ampliar o meu olhar para apreender, com mais propriedade, o fenômeno das interações humanas, principalmente no que diz respeito à família e à esposa.

Não obstante entendo a família dentro de uma perspectiva de rede, de rizomas, de interconexão, ao invés de compreendê-la como uma instituição, consolidada em torno de um eixo⁷ ou um marco, através do qual seus integrantes formam um assentamento, aglutinando seu conjunto de crenças, valores e suas configurações. Dessa forma, creio que se tem mais condições de apreender outras ordenações familiares, como também os processos de subjetivação presentes em suas mecânicas de agenciamento. Isso porque, através do “pensamento rizomático”, pode-se partir de qualquer ponto, pois, diferentemente do “pensamento arborizante”, nele não se tem uma base, mas um conjunto de conexões que não partem de um ponto fixo. Em sendo assim, utilizá-lo é não sair de ponto nenhum; é trabalhar com diferentes patamares de complexidade organizacional que possibilitam que novas conexões se formem.

Essa perspectiva de rede⁸, portanto, pode favorecer uma linha de observação analítica capaz de captar, na multiplicidade das configurações familiares, a variedade de possibilidades

⁶ Aliás, ousou afirmar que uma grande descoberta de Moreno (1978), foi dar-se conta de que o complexo mundo das relações humanas se inicia com uma escolha. A dinâmica existencial se mostra num cenário relacional, mediante um jogo de papéis, no qual todos os modos de vinculações podem ser possíveis. E nesse desenrolar vincular, o que se torna foco é ir encontrando-se e desencontrando-se ao sabor das escolhas sociométricas (escolhas afetivas).

⁷ Visão que aponta para um modelo estruturalista, tendo como viés um “pensamento arborizante” (isto é, tudo parte de um tronco que dá base para todo o resto e que é, ademais, necessário retornar a este tronco constantemente) (GUATTARI e ROLNIK, 1986).

⁸ Ademais, ao utilizar uma perspectiva de compreensão que permite ver a complexidade dos fenômenos inter-relacionais – mais particularmente daqueles relativos à organização intrafamiliar -, sou forçada a enfrentar o desconforto intelectual de cruzar com o desconhecido e, em meio a esse desarraigamento do olhar/sentir o estranho na realidade, ganhar o direito ao espanto (surpresa), ao estranhamento - qualidades fenomenológicas essenciais para a descoberta das novas demandas relacionais em foco.

que elas propõem. Com isso, pode-se abrir uma diversidade de formas, de viveres e até de alternativas, para lidar com as situações cotidianas, novas e conflitivas.

Com efeito, o ser humano, ao longo de sua evolução, construiu várias configurações relacionais, que caracterizam a vida familiar e sua inserção sociocultural. Nesse sentido, assiste razão àqueles que, como Guattari e Rolnik (1986)⁹, por exemplo, sustentam que as culturas se modificam ao longo do tempo.

Mesmo que as culturas se modifiquem, há que se ter uma herança¹⁰ (transmissão de determinados valores), um estrato de sedimentação simbólica, algo que se mantém nas metamorfoses culturais, algo que deve manter-se em seus cursos de complexificação operativa, até para se ter, em contrapartida, a noção da mudança com algum peso interpretativo elucidativo.

Vale refletir, portanto, sobre o lugar de importância do conceito de *tradição* na demarcação do fenômeno cultural e, por extensão, dos modos de subjetivação que perfazem o ser humano enquanto tal. No tratamento dessa questão, penso, uma contribuição intelectual relevante foi produzida por Giddens (2000). Seu livro “Mundo em descontrole” me fez refletir sobre a idéia de *tradição*. Em sua visão, a *tradição* não se evidencia *simplesmente* pela persistência ao longo do tempo, mas pelo fato de suas características distintivas, a saber, o ritual, a repetição e a verdade possuída, *permanecerem*, em grande parte, *sem ser questionadas*.

⁹ É interessante, além do mais, acompanhar o pensamento de Guattari na sua forma original de vincular o estudo da cultura à crítica do Capitalismo. Segundo ele, há um funcionamento complementar entre o capital e a cultura, uma vez que “o capital ocupa-se da sujeição econômica, e a cultura, da sujeição subjetiva” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 16). A cultura, então, pode ser vista como algo que aliena, ligada ao capitalismo e ao poder. Assim, no dizer desse autor, o que importa não é saber quem produz cultura, mas sim “como agenciar outros modos de produção semiótica, de maneira a possibilitar a construção de uma sociedade que simplesmente consiga manter-se de pé. [...] como proclamar um direito a singularidade no campo de todos esses níveis de produção, dita ‘cultural’, sem que essa singularidade seja confinada num novo tipo de etnia? [...] Como produzir novos agenciamentos de singularização que trabalhem por uma sensibilidade estética, pela mudança da vida num plano mais cotidiano e, ao mesmo tempo, pelas transformações sociais ao nível dos grandes conjuntos econômicos e sociais?” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 22).

¹⁰Entretanto, quando essa herança começa a falhar, existe a perda de determinados valores culturais. O conservadorismo não é manter a tradição, mas impedir que ela se modifique.

Consoante com esse raciocínio, compreendo, perfeitamente, uma das razões pela qual o sujeito contemporâneo esteja modulando outras formas alternativas de pertença familiar. Ao não aceitar a tradição¹¹ sem atrito esse sujeito, efetivamente, está pondo em xeque os antigos aparatos de influência sub-reptícia até então vigentes sobre ele. Apresenta-se, desse modo, como capaz de questionar a ordem do fazer pessoal/social de seus regimes de interação, ao mesmo tempo em que, também, por essa via, constrói outras unidades familiares, mesmo que muitas delas sejam ainda sustentadas pela fragilidade de seu núcleo valorativo-ideológico em relação aos modelos anteriormente dados, e muitas outras, paradoxalmente, ainda nutridas pelo imaginário arcaico.

Nas palavras de Guattari e Rolnik (1986, p. 43) percebo uma ressonância desse modo de compreender a tradição:

Tudo que é do domínio da ruptura, da surpresa, da angústia, mas também do desejo, da vontade de amar e de criar deve se encaixar de algum jeito nos registros de referência dominantes. [...] . Tudo o que surpreende, ainda que levemente, deve ser classificável em alguma zona de enquadramento, de referencialização.

Ao seu passo, percorrendo a mesma vereda analítica, segundo Moreno, a repetição de idéias, de “verdades” possuídas, de rituais, é o caldo de cultura das cristalizações e rotinas comportamentais - o estofado de produção do que ele chamava, com originalidade, de conserva cultural. A palavra conserva deriva do latim *con+servare* que significa guardar. Para ele,

A conserva cultural presta ao indivíduo um serviço semelhante ao que, como categoria histórica, presta a cultura em geral - continuidade e herança – assegurando para ele a preservação e continuidade do seu ego (MORENO, 1978, p. 157).

¹¹ Devo lembrar, entretanto, que, para Giddens (2000), a tradição não está acabando. Apenas está sendo vivida de *outras formas*, isto é, sendo recriada. Ele ainda nos chama a atenção para o risco da polarização entre modernidade e tradição, afirmando que “é tão errôneo dizer que toda forma de família é tão boa como qualquer outra quanto sustentar que o declínio da família tradicional é um desastre” (GIDDENS, 2000, p. 74).

Não obstante isso, todas essas invenções e/ou reinvenções, que aparecem como outras configurações familiares¹² parecem ser um movimento que o ser humano realiza constantemente, com o intuito de construir uma morada (um *ethos* pessoal e social) que sirva de rede vincular ou de pertença e o auxilie na tarefa de encontrar a significação de sua existência. Nesse contexto discursivo, segundo Giddens (2000, p. 66), o que se chama de família tradicional nos países ocidentais “é de fato uma fase tardia, transicional, que teve lugar no desenvolvimento da família na década de 1950”. Dois aspectos ressaltam-se nesta época: o número de mulheres que saía para trabalhar ainda era, relativamente, baixo, além de ser muito difícil obter o divórcio sem estigma. Para isso, contribuía duas fortes representações sociais: a família deixava de ser vista como uma entidade econômica, enquanto o casamento, por seu turno, passava de um contrato econômico para ser fundamentado no amor romântico.

Isso me remete a um questionamento quanto aos perigos que podem ameaçar a compreensão e o reconhecimento da especificidade desses dois modos de contrato. Destaco, em primeiro lugar, o risco da não percepção da sua diferença valorativa ideológica, por força das semelhanças externas, que os atravessam – o modo de apresentação se aproxima, mas o que os sustenta não, ou seja, nesse período o que se revela é a continuação da mulher convivendo em relações regidas pelos ideais hierárquicos, embasados numa relação de poder. No entanto o conteúdo que o mantém nesse lugar, se revela de modo diferente – o amor romântico no lugar do fator econômico.

Um segundo perigo está em, ao reconhecer a diferença e a especificidade, atribuí-la a um efeito de mera *sobrevivência* das formas tradicionais de organização familiar, pois a ideologia do amor romântico aparece como uma forma ambígua acerca das relações/situações

¹² Forma como os integrantes de uma mesma família se dispõem e se inter-relacionam.

conjugais. Se, por um lado, recusa aceitar que as situações conjugais possam ser socialmente determinadas, por outro, reafirma uma relação de poder.

Segundo vários historiadores, a presença ou valorização do amor romântico, nas situações conjugais, é algo novo na história. Amor romântico, amor exigente em relação à fidelidade, à dedicação, a ser absoluto, verdadeiro, eterno, que “naturalmente” se dirige à procriação, a renúncias, “um amor do eu pelo outro-eu”, em que é alimentada a perpetuação de uma relação de propriedade e de preservação do poder, agora sob a máscara do amor “indissolúvel”. Nessa perspectiva Jurandir Freire Costa (2003, p. 01) diz que a gênese do amor romântico “é indissociável do enorme enriquecimento da esfera da vida íntima, da repressão à sexualidade e, por fim da valorização moral da família nuclear e conjugal”.

Tal compreensão realça mais um viés a ser analisado, ou seja, diante de um contexto social onde a perpetuação da família é valorizada e até idealizada, em que a vivência da sexualidade é restrita à situação conjugal, o amor apresenta-se como um ideal de auto-realização afetiva e responsável pela felicidade e estabilidade do indivíduo. Segundo Beth Muller (2004, p. 03-04),

[...] posto no lugar de verdade absoluta, por ser suposto eterno, exclusivo, excludente, seria um ideal naufragado junto com outros ideais da modernidade o que, contudo não quer dizer que o amor naufragou, pois outras formas de amar com outros parâmetros, que não os da modernidade, são possíveis de ser pensados [...]. Um amor, não como outro-eu, mas como outro-outro [...] amor que se manifesta na dimensão da solidariedade e na inclusão do Bem como terceiro termo para além dos dois em questão.

Tomando como base a metamorfose na estabilidade dos laços afetivo-conjugais, que se instala a partir da modernidade, posso inferir que os antigos modelos de relação de poder desapareceram aparentemente, pois o “antigo” coexiste com o “novo”. Nas palavras de Figueira (1987, p. 29):

Não há propriamente, uma nova família brasileira. Ainda estamos longe de uma família realmente nova. No momento, o moderno convive com o arcaico na família brasileira de modos sutis e complexos.

Para melhor compreensão desse processo de modernização que se inscrevia no quadro das modificações, especificamente da realidade brasileira, o ideal da família, presente em nossa sociedade até a década de cinquenta, ainda era aquele “hierárquico”, caracteristicamente baseado numa identidade “posicional”, ou seja, de indivíduos definidos a partir da sua posição, sexo, idade; pela desigualdade entre homens e mulheres, pais e filhos, adultos e crianças; pelo ideal da reprodução dominando o exercício da sexualidade.

Assim, nesse modelo de família, enfatiza-se a diferença entre: a) homens e mulheres quanto ao comportamento, forma de se vestir, de falar, destacando-se até a existência de sentimentos considerados como próprios de cada sexo. O poder do homem sobre a mulher se apresenta em sua relação privilegiada com o trabalho fora de casa – o que lhe confere o papel de provedor, assim como a liberdade de viver a sua sexualidade fora do entorno familiar, sendo inclusive a expectativa da monogamia sustentável um privilégio do homem em relação à mulher; b) pais e filhos e/ou adultos e crianças – os adultos aparecem como pessoas que sabem e podem mais e, por isso, utilizando as disciplinas morais e religiosas tradicionais para exercitar esse poder, além de vestir-se, comportar-se diferente dos mais jovens.

Por outro lado, o processo de modernização vem caracterizado pelo ideal de uma família “igualitária”, sendo a identidade idiossincrática, na qual homens e mulheres, crianças e adultos são iguais por serem indivíduos, mas diferentes por terem sua própria maneira de ver, sentir, reagir etc. Assim, as diferenças estereotipadas e baseadas nas diferenças sexuais, posicionais e etárias, presentes na “família hierárquica”, tendem a desaparecer, aparecendo, ao mesmo passo, como pontuadores das diferenças entre os indivíduos, a manifestação de “gosto pessoal”, de “escolhas pessoais” que dizem respeito à individualidade de cada um.

No arco desse novo complexo inter-relacional, faz-se importante ressaltar que, segundo Figueira (1987, p. 17), todo esse processo de modernização da família se dá no “plano do novo ideal igualitário”, uma vez que, os estudos realizados acerca da realidade da família contemporânea, no Brasil, apontam para uma *convivência de ideais hierárquicos e ideais igualitários nas organizações familiares*, em que o processo de modernização, muitas vezes, se apresenta ambíguo e instável. Como exemplo disso que foi dito, posso citar a presença da divisão sexual do trabalho que ainda toma, como referencial instituinte, a tendência de separação da vida social entre espaço público e espaço privado, que, no modelo “hierárquico”, equivale ao espaço masculino e feminino.

Hannah Arendt (2001), aponta a grande confusão que o mundo moderno acentuou, no entendimento das esferas política e social, como fator dificultador para a distinção entre uma esfera de vida privada e uma esfera de vida pública, ou seja, a esfera da família - onde reinavam a necessidade, a carência e a desigualdade - e a esfera da *polis* - considerada a esfera da liberdade, da igualdade. Deste modo, segundo Arendt (2001, p. 40), um aspecto de convergência, entre os filósofos gregos, “é que a liberdade situa-se exclusivamente na esfera política; que a necessidade é primordialmente um fenômeno pré-político, característico da organização do lar privado” e a autora continua reafirmando a distinção entre as relações estabelecidas nas esferas pública e privada:

o conceito de domínio e de submissão, de governo e de poder no sentido que o concebemos, bem como a ordem regulamentada que os acompanha, eram tidos como pré-políticos, pertencentes à esfera privada, e não à esfera pública. [...] A igualdade, portanto, longe de ser relacionada com a justiça, como nos tempos modernos, era a própria essência da liberdade; ser livre significava ser isento de desigualdade presente no ato de comandar, e mover-se numa esfera onde não existiam governo nem governados (ARENDR, 2001, p. 41-42).

Na era moderna, é difícil distinguir, tão claramente, as esferas social e política. A interpenetração dessas duas esferas, possibilitando o desaparecimento do abismo entre as mesmas,

não se trata de uma questão de teoria ou de ideologia, pois com a ascendência da sociedade, isto é, a elevação do lar doméstico (*oikia*) ou das atividades econômicas ao nível público, a administração doméstica e todas as questões antes pertinentes à esfera privada da família transformaram-se em interesse ‘coletivo’ (ARENDR, 2001, p. 42, grifo e aspas da autora).

Um aspecto importante a ser ressaltado é que, para os antigos, embora o chefe da família exercesse o domínio sobre a esposa e os escravos, a convivência no lar decorria da necessidade de manutenção individual e de sobrevivência da vida. Assim, deixavam clara a função do homem de suprir a necessidade de alimentos, e a função da mulher na sobrevivência da espécie. Já o terreno da *polis*, era domínio de convivência apenas dos homens.

A modernidade, entretanto, sempre se mostrou contraditória com relação às mulheres. Se, de um lado, reforçava a sua permanência no lar, a fim de garantir a tarefa reprodutiva, de outro, convocava-a, como exército industrial de reserva¹³, visando lançar mão de seu trabalho sempre que necessário aos interesses políticos de organização. É nesse cenário que a mulher começa a transitar pelo espaço público.

Nesse processo de conhecimento/reconhecimento de territórios – esfera pública e esfera privada – a mulher vive a exigência de dar conta de sua “função doméstica”, ao mesmo tempo em que se sente impelida a implicar-se em novos papéis sociais, em atuações profissionais, em novas relações afetivo-sexuais dentre outros.

Desse modo, embora a mulher conquiste cada vez mais o espaço público, os estudos apontam, paradoxalmente, para a convivência/exigência, ainda constante, dos papéis de dona de casa, de mantenedora da unidade familiar, de educadora dos filhos, de esposa, como também para a expectativa de que o homem continue a assumir os papéis de provedor, de autoridade moral modelatória da família perante o mundo externo, apesar de ele se fazer mais presente, notoriamente, no espaço privado.

¹³ Exército que surge da guerra e da revolução industrial.

Assentado nessa base de perspectiva, Rocha-Coutinho (1994, p. 119, aspas da autora) parece compartilhar dessa idéia quando afirma que:

[...] a questão a respeito do papel e da posição da mulher na sociedade brasileira está longe de ser resolvida. [...] a “nova” identidade atribuída à mulher apenas se ampliou para incluir, também, seus novos interesses com a carreira e a profissão.

No mesmo crivo de leitura, Figueira (1987) traz a idéia de que, devido à rapidez do processo de mudança social, o mesmo acontece na superfície, havendo uma convivência constante entre o novo e o arcaico, já que, muitas vezes, há uma modernização do conteúdo, mas o funcionamento continua arcaico.

Apresenta então, três tipos de regras que fundamentam os ideais das famílias:

- A visão “*conservadora*”, enfatizando mais o “código” que o “sujeito”, funcionamento característico do ideal hierárquico. Nessa forma de funcionamento, o externo é internalizado e controla o sujeito, definindo seu comportamento que se apresenta relativamente fixo – Regra do 1º grau.
- Numa “*modernização verdadeira*”, a ênfase é o “sujeito” e não o “código”. Assim, aqui não se exige do sujeito um comportamento fixo, mas apresenta um mecanismo em que ele tem direito à opção, possibilitando o aparecimento de comportamentos diversos – Regra do 2º grau.
- No entanto, pela velocidade das mudanças, surge um terceiro tipo de regra, característica de uma “*modernização reativa*”, cujo conteúdo é moderno, mas, como o mecanismo não foi modernizado, o sujeito funciona sem direito a fazer opção, uma vez que o que ele vai fazer, vem determinado pelo exterior.

Devido ao processo de substituição de ideais, extremamente acelerado, a “*modernização reativa*”, segundo Figueira (1987, p. 29), “[...] não dá ao sujeito a

oportunidade de se modernizar realmente no seu funcionamento, profundamente, nos seus conteúdos e na sua identidade”.

Na esteira desse contexto de problematização, no que pertine a essa pesquisa, vale a pena refletir sobre um ponto de concentrada relevância. Pergunto: a ex-esposa está, de fato, ancorada numa “verdadeira” modernização, na qual a mulher ex-esposa tem a opção de ser livre, moderna, independente, liberada, transgressora; ou, em realidade, está tão somente ligada a uma modernização “reativa”, na qual, apesar de ser ex-esposa, ela funciona de forma preconceituosa, dependente, tradicional etc? Ou, a partir da ótica de Figueira, poder-se-ia indagar, também: há, na ex-esposa, uma “mulher moderna”, ou apenas a convivência sutil de um conteúdo moderno – a situação de ser “ex” - e de um mecanismo arcaico de uma mulher que funciona tradicionalmente, dependente do “ex”, referencializada num quadro de pura “modernização reativa?”

Da mesma sorte, percorrendo um caminho de análise das transformações culturais que atingem o marco de modelação familiar, Bucher (1999, p. 83) conclui que “[...] a família não é um fato natural, trata-se de uma conquista cultural, inserida em uma dimensão histórica de construção ao longo dos séculos e em conseqüência atravessando mudanças”. Destarte, encontra-se na sociedade contemporânea uma crescente transformação das estruturas familiares tradicionais, surgindo uma diversidade de configurações familiares, constituídas por casais divorciados, casais não legalmente casados, homossexuais, monoparentais, assim como famílias chefiadas por mulheres, com opção de não ter filhos, dentre outras.

Essas mudanças na estrutura e dinâmica familiar conduzem a transformações na legislação, legitimando o que ocorre nas famílias, que buscam outras alternativas de vida em margens diferentes daquelas pautadas pelos modelos tradicionais.

Em comunhão intelectual com os autores que me possibilitaram ler, na contemporaneidade, um signo de crise estrutural, posso, igualmente, afirmar que a família

também passa por um momento de tensão na articulação de seu papel de agenciadora do processo de subjetivação.

No entanto isso não significa que a família esteja ameaçada de destruição, ou ainda que seu papel no processo de humanização e civilização deva ser questionado, sem mais, uma vez que o vocábulo crise (do grego *krisis*, derivado de *krino*) significa, justamente, eu “decido”, “separo”, “distingo”, “julgo”, diferentemente do sentido que o termo é utilizado no senso comum: “ruptura”, “fim”. As crises, portanto, podem ser vistas como um ponto de transição para mudança necessária à destinação dos indivíduos, das instituições e da sociedade.

No que tange ao foco de tematização desse trabalho, o que deve ganhar uma ênfase nuclear são os modos de pertença¹⁴ da *ex-esposa*, tanto no que perfaz a construção dos seus processos de subjetivação, como também no que respeita a marcação de seu protagonismo nas organizações sociais às quais se encontra ligada. A esse título pergunto, então: de que modo o *ser-ex-esposa-no-mundo* repercute nas esferas pessoais, familiares, sociais dessa mulher? Essa questão se torna tanto mais aguda porque me estimula a pensar o *movimento* relacional desse ser *ex-esposa* nos diversos arranjos familiares e sociais na contemporaneidade¹⁵.

Nesse sentido, vários estudos apontam para o aumento de separações conjugais e divórcios, crescendo cada vez mais o número de famílias recasadas, mudando, significativamente, a estrutura e dinâmica dos vínculos entre os seus membros.

Notoriamente, a vida de todas as pessoas envolve separações, transformações, perdas e ganhos a cada passagem, no campo experiencial, do conhecido para o desconhecido; vale dizer, na elaboração de uma vivência de algo novo ou inusitado.

¹⁴ Utilizo o termo pertença no sentido de referência (origem).

¹⁵ Levando em conta que o homem só existe por relações, posso afirmar que ser no mundo é encontrar-se, e encontrar-se em *relação*. Nesse caso, não é apropriado, ao pensar o ser *ex-esposa* fenomenologicamente, partir de uma análise, e menos ainda de uma caracterização classificatória de seu modo de ser. O que se quer ter em vista é o *seu saber-se participante de uma rede vincular* – a sociedade humana.

O processo de separação conjugal caracteriza-se por uma quebra do vínculo conjugal e esse “ataque” ao vínculo é capaz de pôr o sujeito em crise. Assim, o fim do pacto representa uma dupla quebra: da declaração do compromisso (pacto externo) e do pacto secreto (as necessidades, os desejos, os medos recíprocos do casal).

Segundo Cigoli (2002), alguns casais conseguem dissolver o pacto do compromisso, mas não o pacto secreto, surgindo assim, o “*vínculo desesperador*” que se caracteriza pela presença de esperança em resgatar a ligação por parte de um dos cônjuges. Este tipo de vínculo revela uma defesa contra a dor do fim e não indica, necessariamente, alianças desfeitas, uma vez que desfaz, apenas, aspectos de ordem formal e prática e continua a manutenção do elo através da criação de constantes dificuldades, impossibilitando, com isso, a condução autônoma de suas próprias vidas, bem como a vivência de uma nova oportunidade de crescimento e de desenvolvimento pessoal.

Desse modo, enquanto houver vigência do contrato secreto entre os parceiros, mesmo ocorrendo alterações formais e funcionais na relação, não haverá separação um do outro, porque não estarão livres das amarras de si mesmos.

Talvez a sensação de vazio, de estar diante de um imenso “nada”, de dizer adeus a alguém que parte, mas segue vivo, de não estar mais no campo afetivo do outro, constitua-se em um novo fundo para algumas pessoas que vivenciam a separação. Ter com quem brigar, do que se queixar – e todas as atitudes possivelmente dolorosas daí decorrentes - é mais confortável do que se ver livre, responsável por si mesmo; e menos assustador do que ter que encontrar, novamente, sua própria figura-solidão, a medida de o próprio ser si mesmo.

É isso ou experimentar o medo de estar diante do vazio, pois reconhecer e aceitar a ausência do outro representa “deixar morrer”, “não ser”, “não significar”, “liberar o ex-parceiro para viver longe da gente” – ser “ex-esposa”; isto é, não existir (ex), ou pior, existir a

partir de um papel social não mais desempenhado (esposa) ou, mais, perder o significado e o valor do antigo vínculo e existir em um outro modo de ser.

Certamente que o fim do pacto não acontece repentinamente, de uma só vez. A separação concreta pode ser rápida, mas o processo de desvinculação exige um tempo de elaboração da perda e isso é feito progressivamente. Nessa caminhada o vínculo pode desaparecer ou ser transformado, assumindo outras formas e significados.

Com a separação, uma família se desfaz e uma outra família se organiza. Ambas sofrem mudanças que trazem o aparecimento de outros papéis sociais e, conseqüentemente, de outras relações, como também outros horizontes de possibilidades existenciais.

Com efeito, nesses arranjos familiares, posso constatar a presença de vários desafios, os quais, o mais das vezes, nem os sujeitos nem a sociedade estão preparados para enfrentar, pois não há experiências anteriores que possam servir de referência para o processo de assentamento dessas outras formas de convívio familiar, como, por exemplo, a questão de nomear certos papéis sociais emergentes nas dinâmicas relacionais da sociedade contemporânea.

2.3 Desterritorialização: ser ex-esposa e processo de singularização.

Nessa configuração histórica em curso, vemos então a família contemporânea se tornando palco de outras estruturas modelares e de outros vínculos nutricionais e, ao mesmo tempo, recortando outros processos de subjetivação e, conseqüentemente, estabelecendo diferentes matizes de objetivação social. É precisamente nesse cenário que surge a ex-esposa.

No marco dessa pesquisa clínica, importa considerar a experiência de ser ex-esposa, buscando formas de aproximação hermenêutica mais adequadas para captar o sentido e a dinâmica desses processos de configuração relacional presentemente vigentes.

Nesse sentido, alguns questionamentos foram-se esboçando: ser ex-esposa aponta para a produção simbólica de um processo de singularização? Para ser ex-esposa é necessário produzir um processo de singularização (ressignificando papéis, compondo outros códigos etc), isto é, desterritorializar os antigos ordenamentos identitários, a partir dos quais se dava a regulação heteronômica de sua afetividade/subjetividade? Romper com esse quadro (situação conjugal/esposa), significa promover processos de singularização, em vez de modelização? E/ou possibilidade de realização de desejos, sonhos, projetando-se para o futuro, em vez de culpabilização? É resistir contra o processo de serialização da subjetividade, inclusive porque a resistência aos processos de serialização é um modo possível de singularizar-se, uma vez que resistir é uma das formas de criar ruptura nos modos de subjetivação vigente? É experimentar produzir outros modos de subjetivação singulares e originais¹⁶?

A partir desses questionamentos, perfilados dentro de um contexto de flagrante reordenação matricial, tem relevância teórica uma retomada sistemática dos estudos sociológicos de A. Giddens (2000). Por intermédio de sua lúcida percepção da tradição cultural, posso dizer que a ex-esposa, mesmo às custas de sofrimento psíquico que, o mais das vezes, desestabiliza emocional e socialmente, pode aparecer com uma face desafiadora, nas composições familiares/sociais em voga, à medida que questiona a indestrutibilidade do laço conjugal.

Com esse questionamento quero assinalar que, no quadro de composição das relações familiares/sociais contemporâneas, um dado de realidade chega à superfície das nervuras da consciência social: agora, é possível questionar valores, desejos, sentimentos, pactos e, sob

¹⁶ Para Guattari (*apud* GUATTARI e ROLNIK, 1986, *passim*), esses movimentos podem ser denominados de “revoluções moleculares”.

essa circularidade discursiva, abre-se uma brecha de crise de significação nos modos de articulação compreensiva do ser/fazer da condição da mulher e, por seu intermédio, se anuncia uma possibilidade de ruptura dos balizadores de agenciamento inter-relacional da tradição.

Retomando a idéia de conserva cultural (MORENO, 1978), esta pode apresentar-se como obstáculo resistente, como elemento paralisador, quando a ex-esposa estiver vivenciando mudanças internas e/ou externas, o que é cada vez mais característico do mundo em que participamos nossas vidas hoje; mas pode ajudar quando esta mesma mulher estiver vivendo situações estáveis.

Assim, pois, *ser* ex-esposa pressupõe estar inserida em um contexto de mudanças no caudal de complexificação cultural que isso significa, nos termos da nossa contemporaneidade. Mais ainda, no âmbito da psicologia do encontro de Moreno, sabe-se que a conserva cultural pode servir como possibilidade de assegurar uma relação afetiva que se encontra ameaçada e, tanto mais, dificultar a criação de uma *resposta nova e oportuna* a esta situação de vida (o que em sua terminologia corresponde à espontaneidade).

Finalizando, um aspecto de concentrada importância a ser demarcado, diz respeito ao signo bi-fronte das mudanças estruturais por que passa nosso sistema mundo: de um lado, uma intensificação de vivências de rupturas¹⁷ e de diversidade; de outro lado, a procura por uma estabilidade. Isso, sem dúvida, se deve ao peso emoldurante dos processos de agenciamento social – particularmente na estruturação de um outro *ethos* pessoal/social.

Na busca por uma tal estabilidade des-encantada, os humanos encontram-se num mundo com uma multiplicidade de formas, vozes, sentidos, contextos, possibilidades etc, remetendo-os, cada vez mais, ao incômodo pelo estranho, até mesmo o estranho em si.

¹⁷ Cabe assinalar que o que está em jogo, entretanto, não são essas vivências, mas a compreensão dos modos como essas transformações o afetam.

Paradoxalmente, entretanto, vive-se a ilusão de um sujeito igual, um medo de desorientação/desintegração. Numa palavra: medo da ruptura de sentido. Ora, bem se sabe que é no contato com o estranho que o ser humano construirá sua subjetividade.

Do ponto de vista filosófico diria que é, neste estado de estranhamento, que se dá o encontro do ser humano com a alteridade. Ao pensar, portanto, o estranho¹⁸ em mim como positividade, como diferenciação que tem possibilidades de separações/superações, como o caótico que contém a presença de singularidades múltiplas, poderei, de igual modo, considerar o nascimento de uma subjetivação constituída com base na abertura para o outro. Posso, então, afirmar que subjetividade não impõe igualdades, pois é feita de diferenças e que, ademais, o contato com nossos estranhos poderá permitir a objetivação das nossas singularidades dispersas - e, conseqüentemente, uma consciência mais apurada desse processo de subjetivação.

¹⁸ Do ponto de vista clínico, o estranho me é incorporado à subjetividade, porque pode ser escutado. Com isso incorporo o diferente presente no outro e incorporo meu próprio diferente. Posso levantar então a possibilidade a clínica funcionando a favor do estranho que me habita, da quebra da busca da estabilidade do homem moderno, centrada na fantasia de um eu único, do investimento de dispositivos intercessores que favoreçam a incorporação do estranho em mim, enquanto fonte do processo de subjetivação (modo de integrar a realidade) (FIGUEIREDO, 1996).

3 COMPREENDENDO AS ORIGENS DA AÇÃO CLÍNICA: BUSCANDO MODOS PARA CUIDAR DA EX-ESPOSA

3.1 Psicodrama e Papel.

A melhor forma de me aproximar do psicodrama moreniano sem perder o horizonte de sintonia fina com o meu tema de estudo é fazendo-me uma contadora de história. Dessa forma, creio, mais ainda, que estarei em linha de fidelidade dinâmica às origens do psicodrama – o seu fundador tinha um particular talento para contar histórias. Convido então o leitor(a) a viajar comigo, no trânsito entre a origem do psicodrama e a história do seu criador, Jacob Levy Moreno¹⁹.

Essa história tem início, sabe-se, com a conhecida cena na qual Moreno brinca de Deus aos quatro anos de idade. Naquela época, seu protagonista vivia em Viena com sua família. Tudo acontece num dia em que seus pais saíram e o deixaram em casa com seus amigos. Moreno os convidou para brincar de Deus. No porão da casa, eles começaram a construir, sobre uma grande mesa, o “céu”, colocando várias cadeiras amontoadas, até chegar ao teto. Seus amigos o ajudaram a chegar ao alto do “céu” enquanto cada um, por sua vez, ocupava um lugar nas cadeiras que improvisavam a base para torre erguida. Num dado momento, “os anjos” – os amigos que estavam lá embaixo - lhe perguntaram: “Por que não voas?” Moreno, imediatamente, abriu os braços e, ao tentar voar, despencou lá de cima e caiu no chão, fraturando um braço.

Esta brincadeira ocupou um lugar simbólico na memória corpórea e afetiva de Moreno, de tal sorte que ficou tatuada em sua alma. Tanto é verdade que, mais tarde, ele vai re-significá-la, tomando-a como fonte inspiracional para a criação do psicodrama, em muitos dos seus fundamentos, tais como: a idéia da formatação do palco em vários níveis; a descoberta de que outras crianças gostam também de brincar de Deus; a construção do “céu”, como aquecimento, para os “papéis” de deus e de anjos; a queda como um despertar para a noção de co-participação.

Desta história, destaco um lugar-reverberador para Moreno: o grande parque público de Augarten, em Viena. Sem dúvida, havia uma ligação afetiva com esse parque em que ele tanto gostava de passear e brincar com sua família. Quando adulto, por volta de 1908 a 1911, ele voltou a freqüentar o jardim, para se encontrar com as crianças que ali passeavam, brincando e contando-lhes histórias. Ao chegar, ficava ao “pé da árvore”; as crianças iam-se aproximando e, depois, vinham os adultos. Formado esse grupo, espontaneamente, ele, então, subia num galho mais alto para contar-lhes histórias. O público ficava como que encantado, mas não era pelo conteúdo que ele lhes contava e, sim, pela atmosfera que ia criando-se ao redor e entre os integrantes do grupo.

É interessante destacar, aqui, a presença do “palco”, do público e do ator. Moreno, porém, não apenas contava histórias. Ele também brincava com as crianças com jogos que convidavam à criatividade, à espontaneidade e ao questionamento de valores familiares/sociais.

Um certo dia, as crianças de uma determinada escola não quiseram assistir a um filme proposto pela professora, alegando que jogar no parque era mais educativo. Certamente Moreno estava por detrás dessa manifestação de atitude e pensamento das crianças. De tal

¹⁹ Esta história foi narrada a partir de uma pesquisa nos livros de Blatner A. (1996); livro de Gonçalves, C.S.; Wolff, J.R.; Almeida, W.C. (1988); livro de Marineau, R.F. (1992); e dos livros de Moreno, J.L. (1997) (1978).

modo que esse fato repercutiu socialmente, levando os pais e professores a impedirem, abruptamente, novos encontros de Moreno com as crianças no parque.

Na visão de Moreno, a proximidade com o “reino” das crianças foi, a um só tempo, a tentativa de “plantar as sementes de uma pequena revolução criativa” e a possibilidade de desenvolver uma aprendizagem sobre ser espontâneo, criativo.

Por volta de 1913, andando pelas ruas, Moreno encontra uma garota e começa a conversar com ela. No entanto, um policial se interpõe entre os dois e leva a garota até um posto policial. De longe, Moreno os segue. Quando ela sai, voltam a conversar. Ela lhe diz que foi levada porque, àquela hora do dia, não é permitido andar com roupas chamativas para atrair fregueses. Só após o crepúsculo.

Caracteristicamente, a garota fazia parte de um grupo de pessoas segregadas pela sociedade vienense pelo tipo de ocupação que desenvolviam. Morava, por isso, no “bairro da luz vermelha”, famoso distrito, chamado Am Spittelberg. Segundo relatos de Moreno, a discriminação com esse grupo era maior do que aquela endereçada aos grupos de criminosos, pois esses, depois de terem cumprido suas penas, podiam ter liberdade de volta, enquanto que aquelas mulheres não tinham nenhum amparo legal para defendê-las, sendo estigmatizadas como pecadoras, desprezíveis, indignas.

Moreno convida um médico, Wilhelm Gruen, especialista em doenças venéreas e Carl Colbert, um editor de jornal vienense, para trabalharem com ele. Sua proposta não tinha interesse em “reformatar” ou “analisar” essas mulheres, mas sim, fazê-las redescobrir a dignidade e o respeito por si mesmas e ao mesmo tempo, organizá-las em grupos para lutarem pela melhoria da condição de classe.

Este trabalho era feito em grupos de oito a dez garotas, com frequência semanal, em suas casas. Inicialmente falavam sobre incidentes cotidianos: ter contraído alguma doença venérea; ter sido pega por policial devido ao uso de roupas inadequadas; ter engravidado,

dentre outros. Pouco a pouco, este trabalho foi alcançando várias frentes de ação: a assistência de profissionais que cuidavam da saúde – por exemplo, um médico que as atendessem e as encaminhasse aos hospitais -, o amparo legal – como, por exemplo, o serviço de um advogado para representá-las nos tribunais. Para Moreno, porém, nesse trabalho o que teve maior relevância foi quando as participantes começaram a se dar conta de que poderiam ajudar-se mutuamente. Na visão de Moreno, começa-se a esboçar um princípio da Psicoterapia de Grupo²⁰, qual seja, um membro de um grupo pode ser um “agente terapêutico” para o outro.

Em 1915, Moreno continua o seu trabalho, voltado para o drama coletivo. Desta feita, foi trabalhar num campo de refugiados tirolezes. Na realidade, ele trabalhou em dois campos, um na Áustria e outro na Hungria.

O campo austríaco de Mittendorf era para refugiados que tiveram que abandonar o Tirol do Sul. Devido à invasão, pelos italianos, de seu território, essas pessoas, aos milhares, tiveram que ser alojadas em barracas, sob condições das mais degradantes. E o pior é que, dia após dia, ficavam superlotadas. Nesse quadro de miséria humana, o olhar de Moreno se dirige para interações psicológicas entre os membros do grupo em cada barraca, para as interações entre os membros de uma barraca e outra, também entre os trabalhadores das fábricas surgidas dentro do campo e, particularmente, procurava, nesse olhar, captar a significação dos processos de associação entre as pessoas em grupos religiosos e políticos ali estabelecidos. Com isso, começa a considerar as escolhas afetivas/valorativas intra e intergrupos. Foi justamente nesse marco de intervenção clínica que Moreno lançou as bases do que, mais tarde, viria a ser o seu método da sociometria. Aqui, também, pela primeira vez, se desenvolvem, pela sua capacidade de observar grandes grupos e levantar possibilidade de

²⁰ A Psicoterapia de Grupo é um dos métodos de intervenção da Sociatria. Foi em 1931, que Moreno expôs suas idéias sobre Psicoterapia de Grupo na “American Psychiatric Association”. Neste evento foi introduzido oficialmente, pela primeira vez, o termo Psicoterapia de Grupo.

ação clínica para micro-grupos, os rudimentos do que, mais tarde, ele chamaria de *socionomia*²¹.

Por sua vez, no campo de Znojnok, na Hungria, trabalhou diretamente como médico.

Do ponto de vista da história da construção do projeto *socionômico*, deve-se ter em conta que, para Moreno, os dois trabalhos, acima relacionados, serviram de aquecimento para a sua ação clínica, tanto como médico de família, quanto como *sociodramatista*.

Já a partir do ano de 1917, freqüentava, juntamente com um grupo de poetas, escritores, filósofos e sociólogos, o “Café Herrenhof”. Neste, esse grupo, desanimado com as conseqüências da guerra, se reunia para discutir alternativas para lidar com uma sociedade que se desintegrava. Foi nesses fóruns para expressões de suas visões de mundo, que surgiu a idéia de lançarem uma revista/jornal literária *Daimon*²², principal periódico existencialista e expressionista daquela época. O mesmo foi publicado durante cinco anos, embora tenha mudado de nome várias vezes. Moreno passa a desenvolver uma expressiva produção literária, filosófica, sociológica, tendo como companheiros colaboradores Franz Kafka, Martin Buber e Max Scheler.

Neste mesmo cenário situacional, Moreno vai, igualmente, ampliando o raio de alcance de suas apresentações públicas para grupos, ao mesmo tempo em que vai lançando as sementes do método e teoria *psicodramáticos*. Importa destacar o pioneirismo de sua ação clínica que toma, agora, os contextos de enraizamento cotidiano - nos quais esses grupos

²¹ **Socionomia** é a ciência das leis sociais, que tem como ramificações:

- A **Sociodinâmica**: estuda o funcionamento ou a dinâmica das relações interpessoais, cujo método de intervenção é a “Interpretação de Papéis” (Role-playing).
- A **Sociometria**: estuda as configurações das escolhas afetivas nas relações humanas, cujo método é o Teste Sociométrico.
- A **Sociatria**: terapêutica das relações sociais, cujos métodos são a Psicoterapia de Grupo, o Psicodrama e o Sociodrama (SANTOS, 2003)

²² “A palavra *daimon* pode significar tanto um bom como um mau espírito. [...] é o ‘duplo interior’ de cada indivíduo, sua inspiração e conselheiro secreto. O *daimon* associado à força criadora do indivíduo, permite à pessoa transcender normas, habitando-a a alcançar maior conhecimento e instituir uma nova ordem no mundo” (MARINEAU, 1992, p. 66, aspas do autor).

interagem naturalmente²³ (jardins, ruas, teatros, penitenciárias, campo de refugiados, unidades militares, hospitais etc.) - como *setting* de intervenções socioterapêuticas.

Moreno dirige a primeira dramatização pública no dia 1º de abril de 1921. Ele mesmo considera essa data como marco da fundação do Teatro Espontâneo e da primeira sessão psicodramática oficial. Quando as cortinas do palco foram abertas, o público não se deparou nem com um elenco de atores, nem tampouco com um texto elaborado. Havia apenas uma poltrona vermelha em forma de trono real e uma coroa dourada sob o seu assento.

No entorno epocal desse acontecimento, não se deve esquecer, o mundo se despedaçava em todas as direções. A Viena de Moreno submergia no caótico pós-guerra e fervia em revolta por todos os poros. Nela a ossatura do poder se encontrava fraturada, sem um governo estável e sem lideranças políticas confiáveis.

Tudo isso, aos olhos de Moreno, oferecia o caldo de cultura necessário para dar luz a uma audaciosa proposta de intervenção clínica. No coração dessa proposta, como via seu próprio criador, o enredo do teatro espontâneo se constituía a partir do próprio contexto sócio-político-econômico, dos acontecimentos históricos, compartilhados pelo público presente, desde agora transformado de espectador em ator – ou nos termos de Moreno (1978, p. 50): os presentes são “os atores do seu próprio drama coletivo”.

Nessa sessão, Moreno, buscando oportunizar um espaço onde as pessoas pudessem expressar seus descontentamentos com o caos social instalado, convidou cada participante a subir no palco e sentar no trono, jogando, cada um, o papel de rei. O júri era constituído pelo próprio público. O mais interessante é que, ao término do espetáculo, ninguém havia se considerado digno de tornar-se rei e “o mundo continuou sem líderes”.

²³ O termo “natural” foi utilizado no sentido que o toma o próprio Moreno (1993), ou seja, nos grupos naturais a sessão acontece onde as pessoas vivem e/ou atuam (*in situ*). Já nos grupos “sintéticos”, como por exemplo, os formados em um consultório, os integrantes são desconhecidos e o relacionamento entre os mesmos é novo (*in status nascendi*).

Por essa via de contextualização histórica, tal como vejo, a passagem biográfica supracitada se reveste de um profundo significado para a fundação do psicodrama. Situado o ângulo de visão apropriado para pensar que o psicodrama

nasce numa paisagem de aguda crise da cultura ocidental na Europa, mergulhada num contexto sócio-político extremamente conflitivo, uma vez que respirava as perplexidades de um pós-guerra que, nem de longe, conseguiu representar garantias de uma possibilidade de paz duradoura. Por suposto, não é de estranhar que num quadro epocal dessa natureza, ecloda um pensamento inquieto com a situação dramática do existir humano (SANTOS, 2003, p. 66-67).

Outrossim, vale ressaltar que esta proposta de Moreno despertou interesse do público e da crítica (jornalistas, teatrólogos, atores profissionais), ao mesmo tempo que, na mesma proporção, levantou desconfianças e divergências públicas. No entanto, mesmo tomando conhecimento dessas reações adversas, ele deu continuidade às sessões de Teatro Espontâneo.

No conjunto de seu projeto socionômico, o Teatro Espontâneo tem como objetivo provocar uma revolução no teatro tradicional²⁴. Em sua estrutura articular encontram-se os seguintes aspectos de inovação: a exclusão do dramaturgo e do texto escrito (roteiro); os atores e a platéia como os únicos criadores; a transformação do antigo palco em “espaço aberto” ou “espaço da vida”. Nessa nova moldura de composição do teatro, Moreno tinha em vista trabalhar a espontaneidade e a criatividade do ser humano.

Sem embargo, enquanto dava continuidade às sessões de teatro, dia após dia, aumentava o número de críticos e descontentes. De um lado, quando a dramatização tocava o público vivamente, pela excelência da qualidade dramática dos atores espontâneos em cena, acusavam-no de ter ensaiado seus atores às escondidas; de outro, quando, pelo contrário, a desenvoltura cênica desses atores espontâneos deixava a desejar, argumentavam que a sua proposta de teatro era contraproducente.

²⁴ “Entendendo-se, aqui, por teatro tradicional, todas as formas de teatro não-espontâneo” (NAFFAH NETO, 1997, p. 89).

Em resposta a essas dificuldades, entre os anos 1921 e 1923, Moreno cria a técnica do *Jornal Vivo*, depois chamado também de *Jornal Dramatizado*. Através dessa técnica, os acontecimentos sociais, culturais, políticos, econômicos etc eram levados para o teatro espontâneo e dramatizados. Graças a este modo peculiar de abordar os conteúdos do jornal, o teatro espontâneo conquistou uma maior credibilidade, visto que o público não apenas repetia ou recitava as notícias, mas as dramatizava no palco, escolhendo, em cada sessão, a “manchete” que seria vivida.

É importante ressaltar que, sem saber, esse momento, Moreno estava lançando as raízes do Sociodrama. Devo aclarar que a palavra sociodrama provém de *socius* = o sócio, a outra pessoa, e *drama* = ação. Portanto, significa “ação em benefício de outra pessoa” (MORENO, 1978, p. 411). A sua utilização se faz efetiva quando a problemática apresentada aponta para o trabalho socioterapêutico dos conflitos vinculares entre os membros de um grupo, dos problemas sociais e das ideologias compartilhadas.

No ano de 1923, um acontecimento imprevisto – nomeado “caso Bárbara e George” - colocou Moreno diante do Teatro Terapêutico.

Bárbara era uma atriz espontânea que participava das sessões abertas, jogando papéis de romântica, ingênua e heroína, por excelência. Havia, na platéia, um jovem poeta, chamado George, com quem Bárbara havia namorado e depois casado. Um dia, ele procurou Moreno e lhe contou as dificuldades que enfrentava na relação com Bárbara, na intimidade do lar. Disse: “aquela criatura doce e angelical admirada por todos”, comporta-se de forma excessivamente agressiva. Moreno, então, conversa com Bárbara e a convida para jogar papéis que retratem a estupidez, a vulgaridade e a realidade cínica do ser humano. Bárbara aceitou com entusiasmo e passou a desempenhar os referidos papéis em sessões de teatro espontâneo. George, por sua vez, continuava em seu lugar na platéia. Até que um dia ele se dirigiu a Moreno e disse: “algo está acontecendo... Bárbara está mudando!” Relatou, então,

que Bárbara diminuía seus ataques de ira e agressividade e que, muitas vezes, quando tem seus acessos de mau humor, eles lembram de alguma cena vivida no teatro e logo param de brigar para conversar sobre o assunto.

Foi justamente aí que Moreno, ouvindo esses relatos de George, pela primeira vez, se deu conta deste fato: o que ele fazia, no palco, não era apenas um trabalho de desenvolvimento da criatividade e espontaneidade, mas também uma ação clínica que falava de uma possibilidade de mudança interna dos participantes do grupo.

Depois de um tempo, George confessou-lhe, ainda, o efeito daquelas sessões de teatro espontâneo para ele: passou a ser mais tolerante com Bárbara e menos impaciente. Moreno, então, com o consentimento de Bárbara e George, convida-os ao palco, realizando o que se pode chamar de primeira terapia de casal que acontece no mundo. Com esse episódio, surge, embrionariamente, o sociodrama de casal e família.

Surpreendentemente, depois de cada dramatização das experiências de vida conjugal, alguns participantes que ficavam na platéia procuravam Moreno, comentando a afetação produzidas pelas cenas do casal (terapêutica do público). A partir desses testemunhos provenientes do público, Moreno percebeu que a terapêutica do teatro espontâneo, não se estende apenas aos que estão no palco, mas também aos que estão na platéia. Desde sua leitura socionômica, havia apenas um elemento diferencial, a saber, as cenas dramatizadas por George e Bárbara, eram reais. No entanto, observou posteriormente, o que tocava o público não era tão-somente a efetiva história daquelas vidas, dramatizada no palco e, sim, o potencial “encontro com a própria realidade” que a encenação propiciava. Na verdade, era a possibilidade de “observar-se observando” (BOAL, 1996) que levava o público a ver e viver mudanças em suas constelações vinculares.

Assim, nasceu o teatro terapêutico, que é o psicodrama. Ele é fruto da experiência de sua ação clínica sociopsicodramática. Esta, por sua vez, foi-se configurando no acontecer das sessões de teatro espontâneo, num corpo articular de intervenção sociopsicoterapêutica.

Por conseguinte, a partir desse raio de apreensão gnosiológica, o Psicodrama é uma modalidade de intervenção/investigação clínico-sócio-educacional que privilegia os trabalhos com grupos. Representa, historicamente, o ponto decisivo da passagem do tratamento do *indivíduo isolado* para o tratamento do *indivíduo no grupo* e *dos grupos*; do tratamento do indivíduo por métodos verbais, para o tratamento com métodos de ação.

Nesse sentido, Medard Boss ([?], *apud* MORENO, 1983, p. 233), comentando o trabalho de Moreno, numa réplica à palestra sobre “Existencialismo, Daseinsanálise (Análise Existencial) e Psicodrama com ênfase especial sobre a ‘validação existencial’”, afirma que,

Seu trabalho é particularmente importante na medida em que é não só uma proclamação necessária como também entusiasmada dirigida a todos, para que entrem em cada situação da vida humana, a cada momento, com toda a espontaneidade, de corpo e alma, não apenas com palavras e idéias psicanalíticas, mas também de outras matizes. Em especial nos dias de hoje, este apelo é da máxima importância e merece a mais ampla e irrestrita atenção.

Vale dizer ao seu lugar, que, no arcabouço teórico da socionomia, a noção de “papel” ocupa um lugar de capital importância. Tanta que, para Moreno, ganha não apenas *status* de teoria, passando mesmo a delimitar o coração da própria condição humana. Em definitivo, ser humano é ser um jogador de papéis. Entretanto não se pense que Moreno se limita ao papel social. Vejamos, então, o que nos “apresenta” o seu autor.

Diferentemente das teorias sociológicas, a Teoria dos Papéis de Moreno foi criada num contexto clínico. Na sua articulação operativa, Moreno buscava estabelecer uma ligação entre a psiquiatria e as ciências sociais, procurando transcender as limitações da psicanálise e do comportamentalismo, através da investigação dos fenômenos sociais (FOX, 2002).

No eixo de sua irradiação discursiva, a noção de papel social não está relacionada a um autor em particular, nem apenas a um determinado ramo das ciências sociais, muito embora seja um conceito que oferece inúmeras possibilidades de investigação sobre a relação sujeito-sociedade (NAFFAH NETO, 1997). Como, neste trabalho, não tenho a intenção de abordar todas as contribuições a respeito da noção de papel social, restringindo-me tão-somente à teoria dos papéis na socionomia, saliento que não entrarei na polêmica, criada por Moreno, sobre quem seria o primeiro a introduzir, no campo das ciências sociais, o conceito de papel. Segundo Moreno, o conceito de papel entra no vocabulário científico através do teatro.

Explorando os sentidos do termo *papel* e a sua origem no teatro, vejo que, etimologicamente, o termo *role*, de onde papel se origina, vem do latim medieval *rotulus*

que significa de um lado, ‘uma folha enrolada contendo um escrito’ e, de outro lado, ‘aquilo que deve recitar um ator numa peça de teatro’. Desde o séc. XI, o termo foi empregado também no sentido de ‘função social, profissão’. Se já encontramos aqui, simultaneamente, o sentido de modelo e de interpretação de um modelo, de conduta individual e de função social, a linguagem corrente apresenta, ao lado desses primeiros sentidos (*rôle dramatique* e *rôle* como função), outras significações derivadas entre elas; *rôle* como atitude [...], *rôle* como máscara [...] e *rôle* enquanto importância social do indivíduo num dado contexto [...]. O parentesco entre a vida humana e o teatro foi, efetivamente, evidenciado bem antes do aparecimento da psicologia social. Já os Estóicos consideravam o mundo como um teatro onde cada homem *joue um rôle* que lhe foi destinado pelos deuses. [...]. Assim como o ator, cada indivíduo se apreende, no curso de sua vida assumindo condutas determinadas e prefiguradas, que ele atualiza mais ou menos fielmente (ROCHEBLAVE-SPENLÉ²⁵, 1969-1970 *apud* NAFFAH NETO, 1997, p. 180-181, grifo e aspas do autor).

O termo francês *rôle*, o inglês *role* e o castelhano *rol* tem, por seu turno, a origem na mesma etimologia latina *rotulus*. Entretanto, na língua portuguesa, a palavra **papel**, etimologicamente, vem “do grego pápyros, pelo latim papyru e pelo catalão paper”. (FERREIRA, 1986, p. 1261). *Papyru* designava uma grande erva, de cujas hastes se

²⁵ Rocheblave-Spenlé, A.M. Rôle et psychodrame. In: **Le psychodrame, bulletin de psychologie** t.XXIII. Paris: [?], 1969-1970, n.285, p.816-817.

conseguia o material para a escrita. Naffah Neto (1997, p. 181, grifo do autor), a esse respeito, comenta como,

é curioso, pois, que enquanto o significado etimológico de *rôle* seja o de 'uma folha enrolada *contendo um escrito*' a etimologia de *papel* designe algo menos particular que isto, qual seja, *o material usado na confecção da folha*.

No entanto, além de indicar o material utilizado na escrita (papiro), papel pode ter outros significados, como a "parte que cada ator desempenha no teatro, no cinema, na televisão etc. [...] a personagem representada por um ator", e, ainda, a "atribuição de natureza moral, jurídica, técnica etc." (FERREIRA, 1986, p. 1261), constato que, na língua portuguesa, a palavra papel incorporou os significados originais de *rotulus* e, assim, as palavras *rôle*, *role* ou *rol*, são traduzidas por *papel*.

Em relação ao teatro, o traço característico de sua constituição é o de ser uma arte que não se faz na solidão, já que sempre estarão presentes ator/atores e público. Por conseguinte, o teatro pode prescindir de um texto escrito, da palavra, do figurino, do diretor, do cenário, no entanto ele não sobrevive sem ator/atores e sem público.

Do ponto de vista histórico, a figura do protagonista surge na tragédia grega do século V a.C, através de Têrpis que, sendo o primeiro autor trágico, representou o primeiro papel no teatro. Antes dele, porém, já existiam os rituais religiosos, a epopéia e a poesia lírica, que expressavam as representações míticas do povo helênico. Mas é com o homem trágico que as relações sociais e emoções psicológicas da vida humana começam a ser representadas no palco. A figura de Têrpis é marcante nesse contexto, por carregar um traço de inovação decisiva para a história do teatro grego: ele retira do coro um participante que, ainda usando máscaras, como caracterização, vai encarnar a figura do herói da narrativa, ou seja, o protagonista (exemplariedade da dor do homem).

Entretanto, embora o teatro grego passe a ser uma assembléia popular, na qual se questionam os valores tradicionais, o herói trágico se apresenta sempre em dois planos: o da causalidade divina e o da causalidade humana. O deslocamento do enfoque dos poderes divinos para aqueles surgidos dos sentimentos do ser humano, ocorre (a partir) de Ésquilo a Eurípedes. Desse modo, “A personagem central da tragédia grega vai passando de simples encenação da narrativa a questionadora de sua própria ação” (ALVES, 1999, p. 95).

Com o passar do tempo, ainda na Grécia e Roma Antiga, as diversas partes da representação teatral eram escritas em "rolos" e lidas pelos atores, que procuravam decorar seus respectivos "papéis" (o que estava escrito nos rolos). Já nos séculos XVI e XVII, com o teatro moderno, as partes dos personagens teatrais eram lidas em "rolos" ou em fascículos de papel. Desse modo, passou-se a designar cada parte cênica como papel ou "role".

Tendo sido o teatro a fonte inspiradora da teoria dos papéis de Moreno, esse modo de expressão humana torna-se uma das pedras angulares do projeto moreniano. Começando pela própria história do psicodrama, ainda que numa forma incipiente de teatro improvisado, Moreno vai esboçando o seu projeto nos jardins de Viena (1910) e nas praças públicas, chegando à criação do Teatro Espontâneo. Segundo Naffah Neto (1997, p. 188, grifo nosso),

A proposta de Moreno foi, portanto, da sociedade à sociedade, via cultura. Se o teatro representa a perpetuação de um movimento por meio de uma instituição, se ele dramatizava para conservar, que dramatizasse para liberar e transformar. Dentro desta perspectiva, a transformação das improvisações dramáticas de praça pública em teatro espontâneo representou uma primeira tentativa do projeto moreniano de instalar um ninho no interior da sociedade, sem se marginalizar e sem se tornar estranho à própria realidade que tentava questionar.

Ao se inserir no espaço do teatro, Moreno se depara com um conflito constantemente presente em todas as formas de representação do teatro tradicional: o conflito entre o *papel dramático e a pessoa privada* do ator, pois os atores não eram autores do drama, personificando papéis e tramas criados por outro. Com o *Teatro Espontâneo*, produziu-se uma

nova revolução no teatro, abandonando os clichês de papel, possibilitando aos participantes (atores e público) que tivessem ampla liberdade para criar e desenvolver papéis *in status nascendi* (MORENO, 1978). Com ele, também, se efetua a exclusão do dramaturgo e do texto escrito, a criação da cena e do texto, pelos atores e pela platéia, e a desconstrução do antigo palco, para o aparecimento do palco-espaco, do palco-aberto, do palco-espaco-da-vida. Tudo é improvisado: a cena, a ação, os textos, as palavras etc. Desse modo, o teatro espontâneo torna-se o berço da “*Revolução Criadora*”. Para Moreno (1993, p. 28, grifo do autor), a partir dos seus trabalhos, é possível falar-se de três revoluções psiquiátricas:

A liberação dos enfermos mentais de suas cadeias (Pinel) simboliza a *primeira* revolução psiquiátrica. O desenvolvimento da psicanálise (Freud) e a criação da psicoterapia como parte integral da medicina simbolizam a *segunda* revolução psiquiátrica. A *terceira* está simbolizada pelo desenvolvimento da psicoterapia de grupo, do psicodrama, da sociometria e da sociatria.

Com essa revolução criadora, dá-se uma visível mudança no modo de pensar a arte dramática, vista, agora, sob uma perspectiva clínica: o olhar desloca-se do *produto da criação* para o *processo de criação* e seu *agente criador*.

O teatro espontâneo contribuiu para que Moreno fosse percebendo as implicações do seu trabalho em saúde mental no âmbito da intervenção clínica. Nessa direção o que ele chama de revolução criadora pode ser tomada como uma metáfora em ação, uma metáfora viva para a criação do psicodrama como intervenção/ação clínica.

Pelas mãos de Moreno, surge um novo tipo de teatro e ele encontra, no Jornal Vivo, um meio de dar à vida cotidiana um espaço de expressão teatral. No entanto, mais longe, como diz Naffah Neto (1997), é só através do *Teatro Terapêutico* (Psicodrama, Sociodrama) que se consegue unir, num mesmo espaço dramático, os temas sociais e as vivências específicas e particulares dos atores, ou seja, o *público* e o *privado*, o *socius* e a *psyché*. Referindo-se ao Teatro Terapêutico, ele afirma:

os atores agora representam suas próprias vidas: seus conflitos, ideologias, suas brigas, seus amores, suas desesperanças. É a realidade social que entra pelas portas do palco e encarna em seus atores reais; é a vida coletiva, que, por fim, pode concretizar-se e explicitar-se pelas marcas que deixa em cada um. Sem mais dissimulações, sem mais deslocamentos: o ator e o drama ocupam o mesmo eixo, o foco é um só. É a primeira pessoa que emerge, por intermédio dos atores e da platéia, pois todos se reconhecem no drama, todos se situam e se identificam na verdade que é comum. O privado reencontra, por fim, seu locus coletivo, e, o imaginário, rompendo seu espaço solipsista para revelar os labirintos antes vividos como pessoais, pode agora buscar na massa anônima do público, ressonâncias a seu próprio grito. São as máscaras que caem para revelar o ator: é o teatro que se faz veículo para uma consciência prática e coletiva: é a vitória da espontaneidade, do ato criador: o nascimento do sócio-psico-drama (NAFFAH NETO, 1997, p. 191-192).

A sessão de Teatro Terapêutico se fundamenta em três contextos. O drama vivido no *contexto social* (o primeiro) e, portanto, fora da situação grupal, é trazido para o interior do grupo. A situação e os papéis que aparecem no grupo, o caracterizam e se transformam a partir da própria história do grupo, compondo assim, o *contexto grupal* (o segundo). É nesse contexto que o drama se evidencia. No entanto, como ele é proveniente do contexto social, não consegue se explicitar nele. Desse modo, surge o *contexto dramático* (o terceiro) como uma possibilidade de mostraçã do drama vivido nos dois contextos anteriores. Entretanto, do contexto dramático o drama deve retornar ao contexto grupal e, processualmente, ultrapassá-lo, para chegar ao contexto social. É nesse trânsito que ele se transforma. Para Naffah Neto (1997, p. 194): “É o trabalho da dramatização que, condensando num mesmo espaço simbólico a sociedade, o grupo e o indivíduo, produz a transformação dos papéis sociais em papéis psicodramáticos”.

A trajetória feita até aqui nos deve aclarar sobre as modificações sofridas pelo conceito de papel a partir do teatro espontâneo e do teatro terapêutico. Em seu curso, o papel dramático conservado, representante de um drama exterior ao ator, deu lugar ao papel psicodramático, que rompeu a oposição ator e drama, possibilitando que os participantes sejam “os atores do seu próprio drama coletivo” (MORENO, 1978, p. 50). É nessa passagem do *papel dramático* ao *papel psicodramático* que se mostra a dimensão cultural da teoria dos papéis.

Em consonância com a mesma, Moreno afirma que, ao nascermos, somos inseridos numa Placenta Social (Matiz de Identidade). É nessa placenta social que os seres humanos podem ser acolhidos e/ou rechaçados e, por serem inscritos culturalmente, aprendem e desenvolvem seus papéis, imantados por uma dependência retroalimentar. Moreno, no entanto, vai mais além da noção de papel social – que representam os nós cristalizados de uma rede social, na qual se camufla o drama coletivo, contribuindo para compor o que chamamos de sociedade. Ele inclui, em sua teoria dos papéis, a presença do *papel psicodramático* - que diz do modo de ser de cada sujeito, sendo nele que se funde ator e drama -, e do *papel psicossomático* – que define, basicamente, as funções biológicas. No entanto, na teoria psicodramática, até os atos mais instintivos, como o ato de mamar (que constitui o *papel de ingeridor*), não podem ser descritos como meros automatismos fisiológicos, pois não são totalmente estruturados por modelos biológicos, uma vez que requerem uma certa dose de improvisação ou de espontaneidade. Segundo Naffah Neto (1997, p. 213) “os papéis psicossomáticos definem o rotulus escrito pela ordem vital e constituem os primeiros papéis a exigir do ser humano uma colocação perante sua própria existência”.

Por este caminho, pode-se adiantar que, na teoria psicodramática, a própria noção de papel já surge como uma experiência interpessoal, na qual diversos atores estão implicados. Com isso, quero dizer que a noção de papel está, necessariamente, relacionada ao contrapapel com o qual mantém uma relação de função complementar. Portanto a forma como age e interage o sujeito é através dos papéis. É, por extensão, nessa inter-relação que os vínculos se constroem. Nesse sentido, posso aceitar a afirmação de Moreno (1978, p. 29), segundo a qual, “Consideramos os papéis e as relações entre eles o desenvolvimento de maior significado em qualquer cultura específica”, desde que, como bem lembra Naffah Neto (1997, p. 210) não se esqueça de que “estas formas relacionais estão circunscritas a um processo histórico e a uma

estrutura social, política e econômica, de que são manifestações necessárias, consolidação do instituído”.

Nessa esteira, Moreno (1992b) destaca que o papel é a expressão de uma combinação de elementos privados e coletivos. Em sua concepção, cada sujeito, ao mostrar-se em seu leque de papéis – e o ser humano é um “jogador” de papéis por excelência – expressa a distinção que determinada cultura atingiu dentro dele e a sua compreensão dessa cultura.

Desse modo, noto que existe uma relação intrínseca entre o conceito de Placenta Social e o de papel, posto que a interação que se dá, segundo Moreno, na matriz de identidade é realizada através do jogo de papéis. Portanto, como ressalta Landini (1998, p. 159), “É na matriz de identidade que se formam os papéis que dão as pessoas às formas peculiares de ser no mundo”, ou seja, cada um dá existência e identidade ao outro, pois no interjogo, cada papel necessita, para se realizar, do seu contrapapel.

Daí a justificada centralidade da teoria dos papéis na composição do pensamento de Moreno. Vale lembrar também que, nesse domínio, a força articular de sua contribuição representa, sem dúvida alguma, uma faceta de originalidade e pioneirismo na História da Psicologia. A desconstrução das concepções psicológicas, reinantes até então, desce ao núcleo do surgimento do eu. No que importa saber, para essas psicologias de corte determinista/individualista - fortemente comprometidas com correntes teológicas e filosóficas essencialistas – a realidade do eu antecede à emergência dos papéis, o que implica o engolfamento dos mesmos – como se fossem implantes previamente modelados na constituição de um mundo perigosamente fechado e, por extensão, na prefiguração de um eu dado em si mesmo. Na visão de Moreno, dá-se justamente o oposto: os papéis como precursores do eu. Numa passagem célebre do livro “Quem sobreviverá?” ele esclarece: “O surgimento do papel é anterior ao surgimento do eu. Papéis não surgem do eu; este pode, porém, surgir de papéis” (MORENO, 1992b, p. 178).

Retomando em perspectiva este conhecimento, posso melhor explicitar o que entendo por papel: um modo de funcionamento inter-relacional, vincular, dinâmico, um sistema que nasce, cresce, transforma-se e pode morrer, dando nascimento a um novo papel. No corpo conceitual desta pesquisa, então, o termo papel se refere à “forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (MORENO, 1978, p. 27).

Por sua parte, como logo se depreenderá, não se poderá falar socionomicamente de papéis sem remeter-se a noção de identidade, visto que a mesmo contém, na teoria moreniana, a idéia de papéis. A peculiaridade desse olhar da psicologia de Moreno não escapou ao psicodramatista Reñones (2002, p. 54). Tomando-o como referência, aclaro em que sentido empregarei o termo identidade: “o conjunto de papéis dos quais participamos ao longo da história da nossa vida”. Em outras palavras, a identidade é uma combinação de papéis que cada sujeito desempenha em sua história de vida, em seu existir.

Creio que esse entendimento me leva a dizer que a identidade, como um conjunto de papéis, se constrói no vínculo. Ela é sempre relacional. Nela está implícita a noção de interdependência, assim como a idéia de que a identidade é marcada pela diferença e pela mutabilidade. Por ser relacional, ela pressupõe sempre a existência de um outro - de um outro que joga um papel complementar - ao mesmo tempo em que, pelo reconhecimento desse outro, ela se mostra na diferença.

Por conseguinte, pensar a identidade fora de um horizonte relacional é, por certo, tornar-se vítima da falácia individualista, segundo a qual, naturalmente, o que cada um “é” depende exclusivamente de si mesmo; é, por força da mesma lógica caolha, deixar de assumir que cada um só pode dar (-se) conta de si mesmo, reconhecendo a existência do outro; vale dizer que o ser humano só existe em relação, e esta, por sua vez, se constrói no jogo de papéis.

Para falar de “jogo de papéis”, propriamente, não posso deixar de me referir à sociodinâmica e, com ela, ao seu método de intervenção que Moreno chamou de *role-playing* ou interpretação de papéis²⁶. Nele é possível distinguir entre

role-taking (recebimento de um papel) – com o que nos referimos à adoção de um papel acabado, plenamente estabelecido, que não permite ao indivíduo nenhuma variação, qualquer grau de liberdade – *role-playing* (interpretação de papéis) – o que permite ao indivíduo um certo grau de liberdade – e *role-creating* (criação de papéis) – o que permite a indivíduo um alto grau de liberdade, como, por exemplo, o ator espontâneo (MORENO, 1978, p. 413-414, grifo do autor).

Nesta direção, vejo que o Psicodrama possibilita ao sujeito retomar papéis sociais instituídos, cristalizados e conservados, para recriá-los, modificá-los e/ou invertê-los, mas, de qualquer sorte, reinventando-os na experiência das relações em que se encontra envolvido/implicado. Compreende-se, pois, a essa altura, o que diz Naffah Neto (1997, p. 219, grifo do autor):

Um psicodrama que se limita a desenvolver *papéis* só pode resultar numa técnica adaptativa e acrítica das relações sociais (desconhecendo que a proposta original de Moreno é a de *recriar*, e não simplesmente desenvolver, as relações sociais).

Tendo isso em vista, posso pensar na função das mudanças profundas por que passam os complexos relacionais contemporâneos – e, mais precisamente, como eles estão influenciando na formação de campos inter-relacionais e suas reverberações nas antigas estruturas de sentido em crise -, especialmente no que diz respeito ao meu trabalho de pesquisa clínica.

Nesse cenário, estou convencida da urgência científica de perguntar - até pela lastimável escassez das fontes bibliográficas referidas pela literatura produzida nesse domínio, - o que acontece quando uma mulher vive a experiência de ser *ex-esposa*? Mais ainda, com

²⁶ Registro aqui que utilizo o termo como Moreno propunha, ou seja, interpretação de papéis, e não como “treinamento de papéis”.

toda pertinência existencial e social que isso carrega, devo perguntar: essas mudanças, de outra sorte, podem levá-la a se arriscar na criação de outra(s) realidade(s), ou podem contribuir para que o que deveria ser uma libertação se torne um aprisionamento existencial, relacional, social?

Assim, pois, a possibilidade de vir a ser ex-esposa implica uma forçosidade: estar situada em um universo aberto pela presença constante de encontros/desencontros com o inusitado. Isso para não esquecer que sua condição de “ex” a radica num *encontrar-se transitando nas margens de situações velhas e novas do cotidiano*. No vivo enfrentamento dos modos de subjetivação vigentes, de um lado, se filiam as incertezas de caráter existencial, frente às representações sociais que dela se fazem no universo de suas inter-relações; mas, por outro, também se descortinam outras possibilidades de ação renovadora, sintonizadas com uma exigência ética, concomitantemente, dirigida à fundação de uma racionalidade deslegitimadora das “tábuas operatório-atitudinais” que nutrem as convenções assentadas pela conserva cultural dominante, bem como endereçada a um compromisso automeativo de desalienação da consciência imantada pelas antigas cristalizações de seu mundo próprio e humano.

Cabe dizer, no entanto, que a dinâmica de re-criação de um outro modo de existir como ex-esposa, na e para além da “conserva cultural”, pressupõe a presença da espontaneidade. De outro modo, em sua travessia, não poderá ir além de uma mera adoção de papéis; quando se trata, pelo contrário, de criar(-se) no jogo de papéis.

É dessa maneira que os papéis sociais, caracterizados em uma cultura - e tatuados pelos aspectos singulares de cada ser humano -, mostram-se voláteis, transformáveis, “assegurando” a idéia de Moreno de algo itinerário: adotar, jogar, criar, perder, re-criar.

Nesse sentido, pode-se compreender que o lidar com o inusitado da situação – ex-esposa - coloca essa mulher como estranha a si mesma. Essa situação de desalojamento em

face de um mundo que lhe era peculiar solicita, da parte da ex-esposa, uma ação espontâneo-criativa, pois, nesse caráter mutante do ser humano, segundo Moreno, se dão as condições de possibilidade tanto de uma contínua transformação dos papéis, quanto de um constante convite à criação de novos papéis.

Na composição desse universo de problematização, notoriamente, algumas questões já começam a ganhar contornos fenomenológicos mais nítidos. O primeiro deles diz respeito ao lugar de mobilização existencial da *ex-esposa*. Nesse sentido, penso que ser *ex-esposa* é estar fora do papel social de esposa. Mas é, também, colocar-se - e este é o segundo aspecto - na condição de um envio auto-nomeativo, um abrir-se ao lançamento como eu/outro em trânsito de constituições vinculares, quer no plano auto-referente, quer no plano inter-facial.

Na mesma perspectiva de análise, devo ainda me perguntar se, do lugar discursivo da teoria psicodramática, a *ex-esposa* é chamada a criar/viver esse novo papel social? Ou de outra, se o dizer do jogar o papel é, em toda medida, o dizer de *um modo de ser dessa mulher?*

Entretanto, no quadro exposto anteriormente, algo ainda me interpela fortemente, como se morasse nele um vazio de sentido. Por isso se faz necessário esclarecer se, com a separação, surge o papel de *ex-esposa* e se este, ainda, por ser um novo papel ou um papel em desenvolvimento, é desempenhado de forma inadequada, sobressaindo, assim, através deste, uma relação desde outros papéis já conhecidos e desenvolvidos, tais como o de sócia, inimiga, conselheira, amiga etc. Ou se, na verdade, se trata de, após a separação, os antigos parceiros desempenharem aqueles papéis sociais já citados, visto que inexistem, de fato, o papel social de *ex-esposa?*

Por seu turno, qualquer que seja o desdobramento hermenêutico de minha pesquisa, chama a atenção a própria evidência vivencial do ser “*ex-algo*”. Pois o fato de encontrar-se “*ex-algo*”, no plano da vida inter-relacional, sem o suporte das antigas relações de sentido (tradição/conserva cultural), é já, por si só, uma condição existencial que exige o dispêndio de

uma forte dose de coragem, quer no âmbito da personalidade, quer no entorno da sociabilidade - antes mesmo, inclusive, de se querer ser alguma coisa nova; vale dizer o reconhecimento de ter sido, em um dado momento, algo que já não é, e, no mesmo movimento, o fato de estar em alguma nova situação, em outro momento, supõe na própria base de sua exteriorização subjetiva e social a revelação de um conflito identitário (no que pertine a essa condição de **ex**).

É isto: de um lado, para se deixar de ser é imprescindível ter sido; de outro o fato de ter sido já não oferece, de *per si*, as condições simbólicas para elaboração dessa experiência no novo arranjo sociocultural que cobra, agora, uma outra construção da subjetividade feminina e das novas configurações inter-relacionais. E é, justamente, dentro dessas transformações nos agenciamentos sociais e subjetivos que emerge a **ex-esposa**. Ao mesmo tempo, compreendendo o contexto desse modo de subjetivação, abre-se a possibilidade de um modo de cuidá-la: ser-ex-esposa-no social.

3.2 Condição Humana e Clínica.

Hannah Arendt (2001), desde o início, chama a atenção para a necessária distinção entre condição humana e natureza humana. Sobre a condição humana, afirma que,

Compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. [...] O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. [...] Tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana (ARENDR, 2001, p. 17).

No tocante à natureza humana, Arendt (2001, p. 18) afirma ser

altamente improvável que nós, que podemos conhecer, determinar e definir a essência natural de todas as coisas que nos rodeiam e que não somos, venhamos a ser capazes de fazer o mesmo a nosso próprio respeito: seria como pular sobre nossa própria sombra. Além disto, nada nos autoriza a presumir que o homem tenha uma natureza ou essência no mesmo sentido em que as outras coisas.

No decorrer do seu livro, continua afirmando que as mais avançadas formas de cognição humana perdem suas possibilidades de esclarecimento, quando é lançada a pergunta: “*quem somos?*” Dessa forma, as tentativas de respostas que buscam definir a natureza humana, na sua opinião, conduzem a uma idéia “sobre-humana” e, portanto, invariavelmente, à construção de uma divindade, ou de uma resposta divinamente revelada.

Não obstante, nesse particular, a originalidade da autora se centra na sua sugestiva análise das três atividades que constituem a *vita activa*²⁷ (condição do viver do homem na terra) e que são, normalmente, confundidas: **o labor, o trabalho e a ação**. Convém, pois, esclarecê-las.

O labor se refere à atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano e assegura tanto a sobrevivência do sujeito, como a vida da espécie. Desse modo, a própria vida é a condição humana do labor, ou como ela mesma sustenta, assim,

a produtividade do labor só ocasionalmente produz objetos; sua preocupação fundamental são os meios da própria reprodução; e, como a sua força não se extingue quando a própria reprodução já está assegurada, pode ser utilizada para a reprodução de mais de um processo vital, mas nunca ‘produz’ outra coisa senão ‘vida’ (ARENDR, 2001, p. 99, aspas da autora).

O trabalho, de outra parte, diz da atividade que corresponde ao artificialismo da existência humana, por via do qual é produzido um mundo “artificial” de coisas, visivelmente diferentes de qualquer ambiente natural. O seu produto, o artefato humano, dá uma certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal, assim como, também, uma

²⁷ Designa o conjunto de atividades do labor, do trabalho e da ação.

efemeridade ao tempo humano. Em termos filosóficos, essa dimensão própria da realidade humana é a mundanidade – que, pelos olhos de Arendt (2001), recorta a condição humana do trabalho. Refere-se à fabricação de utensílios para dar conta de suas necessidades não diretamente ligadas à sobrevivência. Diz respeito à possibilidade de a eles recorrer como “entes à mão” para expressar dimensões do viver cotidiano.

Na avaliação de Arendt (2001), a era moderna impôs à condição humana do trabalho um deslocamento de sentido considerável. Ela se refere a esse fenômeno ao detectar uma inversão dentro do que nomeia “*vita activa*”: “O trabalho de nossas mãos, em contraposição ao labor do nosso corpo” (ARENDR, 2001, p.149). Nesta direção, a atividade do *homo faber*, que “trabalha sobre os materiais”, fabricando os objetos, a obra - construindo um mundo de coisas para serem utilizadas -, ao contrário do *homo laborans*, que “se mistura com os materiais”, e mecaniza a sua atividade com os instrumentos fabricados - produzindo bens de consumo -, conferem à vida humana uma certa estabilidade e objetividade, à medida que o humano percebe a sua identidade no contato com os objetos que são fixos e, portanto, não varia em detrimento de sua própria mutabilidade. Segundo Correia (2001, p. 235) “o homo faber inventou os instrumentos para construir o mundo e não para servir ao processo vital”, uma vez que a cientifização ou atitudes políticas perpassam a importância do ser humano como construtor e fabricante, privilégios típicos do *homo faber*.

Por conta disso, Arendt (2001, p. 99, aspas da autora) sustenta que,

Essa produtividade não reside em qualquer um dos produtos do labor, mas na ‘força’ humana, cuja intensidade não se esgota depois que ela produz os meios de sua subsistência e sobrevivência, mas é capaz de produzir um ‘excedente’ isto é, mas que o necessário à sua ‘reprodução’.

A esse título, por sua vez, a ação é a única atividade da condição humana que só pode ser exercida com a participação de outros homens, correspondendo à condição humana da pluralidade encerrada no “duplo aspecto de igualdade e diferença”. O que ela pretende

precisar aqui, propriamente, é a realidade sutil do humano que somos. De um lado, todos somos penetrados pela humanidade comum da qual emergimos – sem a qual não seríamos capazes de nos compreender ou de projetar um futuro tanto para nós mesmos, como para nossa e para outras gerações. De outro, porém, não existe ninguém que seja totalmente igual ao outro; vale dizer: cada um carrega consigo uma singularidade radical – se não fosse essa diferença, o discurso e a ação seriam desnecessários para o exercício da comunicação humana. Para a filósofa, essa pluralidade se reveste de uma relevância antropológica tão concentrante que se torna a condição de possibilidade de toda vida política. Segundo Arendt (2001, p. 17), “A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história”.

Sem dúvida alguma, nesse olhar filosófico que H. Arendt (2001) lança sobre a condição humana se pode sentir o pulso do pensamento de M. Heidegger. Sabe-se que, no ocidente, a originalíssima “Filosofia do Ser” de Heidegger produziu uma nova gramática antropológico-filosófica na tematização da condição humana. Recordo que, para Heidegger (2002), o ser-no-mundo é a estrutura fundamental ontológica do *Dasein* (ser-aí, existir); é o modo de ser (poder-ser) do *Dasein*. Todos os entes são, mas só o homem existe, só ele sabe que é.

Segundo Jesus Vázquez (2003)²⁸, quando estamos perguntando o **que é?**, estamos pedindo a essência, o que indica, sobretudo, a vertente de um pensamento metafísico. No entanto, se perguntamos o que **é?**, esse **é** enfatiza o Ser (interesse medular da Filosofia de Heidegger). Perguntar, portanto, pelo modo de ser do homem, implica dizer que, na verdade, se há algum sentido em falar de essência, então a *essência do homem é não ter essência*. Em outras palavras, a essência do homem consiste na sua ex-sistencialidade. A existência para Heidegger é *ek-sistência*, deixando ver o modo de ser fora, assim revelando-se como

possibilidade: compreensão do ser. Nessa compreensão, em última instância, é o Ser que está sempre em questão.

Não obstante, o *Dasein* é um ser que *está-sendo*, que está atualizando suas possibilidades de ser. Em certo sentido, ele não tem possibilidades, mas sim *é* possibilidade. E, por ser feito de possibilidade, não é determinável e, conseqüentemente, também *não tem uma natureza*, uma essência e, sim, uma existência enquanto possibilidade. Nesse sentido, Vattimo (1996, p. 24), ao refletir sobre a analítica existencial heideggeriana, sustenta que “o ser do homem se caracteriza por se encontrar perante um complexo de possibilidades, não se realizando necessariamente todas”.

Ao dizer que o humano *é poder ser* (pura abertura), perde todo o sentido referir-se a uma essência ou natureza humana, uma vez que, não sendo algo “dado”, se refere ao próprio ser como a própria possibilidade. Não é por outro motivo que o discurso filosófico de Heidegger se endereça para o sentido originário da palavra existência. Nesse esforço de rememoração, encontra-se o sentido etimológico de *ex-sistere*, que é “estar fora, ultrapassar a realidade simplesmente presente na direção da possibilidade” (VATTIMO, 1996, p. 25).

Ao estar-aí, no sentido de existência situada, a característica do existir é estar no mundo. Segundo Heidegger (2002), não existe homem e mundo. Propriamente, o que se revela é que eu sou-no-mundo; eu sou o meu mundo. Há um pacto mediativo entre o eu e o mundo – sendo o mundo, aqui, um modo de ser do *Dasein*. O *Dasein* “é uma característica do próprio ‘estar-aí’, isto é, o mundo é um ‘existencial²⁹’” (HEIDEGGER, 2002, p. 25, aspas do autor).

²⁸ Reflexões obtidas através de anotações em aula, na disciplina Fundamentos Filosóficos da Clínica Fenomenológica Existencial, ministrado pelo professor no Mestrado, em Psicologia Clínica da UNICAP, durante o período do segundo semestre de 2003.

²⁹ “Os modos (possíveis) de ser do homem, que se manifestarão por meio da análise da existência (que Heidegger chama ‘analítica existencial’), denominar-se-ão, por sua vez, ‘existenciais’” (VATTIMO, 1996, p. 25-26, grifo e aspas do autor).

Por essa ótica, não podemos ser sem o mundo. No mundo existimos e estamos em constante contato com os outros na radicalidade da co-existência. Desde o prisma de Boss (1963 *apud* FORGHIERI, 2002, p. 28, aspas do autor),

O primordial ser-no-mundo do homem não é uma abstração, mas uma ocorrência concreta; acontece e se realiza, apenas, nas múltiplas formas peculiares do comportamento humano e nas diferentes maneiras dele relacionar-se às coisas e às pessoas. ‘Ser’ não é uma estrutura ontológica existindo em algum ‘supermundo’ que se manifesta uma vez, ou outra na existência humana. Ser-no-mundo consiste na maneira única e exclusiva do homem existir, se comportar e se relacionar às coisas e às pessoas que encontra [...]

A relação do humano com outros seres humanos é, pois, imprescindível à sua existência. O existir é ser-com o outro. Como diz Heidegger (2002, p. 170), “O mundo da presença é mundo compartilhado. O ser-em é ser-com os outros, O ser-em-si intramundano destes outros é co-presença”. Ele, assim, nos apresenta a questão de ser-no-mundo-com-os-outros, como condição humana.

Entretanto, como diz Vattimo (1996, p. 30), “ser não significa, pois, em primeiro lugar, estar simplesmente-presentes, mas pertencer a essa totalidade instrumental que é o mundo”. Não esquecer, no entanto, que os entes no meu mundo *são úteis para mim* - o que quer dizer que há uma relação entre a noção de significado e a de instrumentalidade, pois os significados das coisas, em definitiva, são os seus possíveis usos *para os nossos fins*. Ser-no-mundo, portanto, revela o modo como as coisas são percebidas e compreendidas pelo humano na sua cotidianidade.

No entanto, o *Dasein* está no mundo na forma de projeto. Para Heidegger (2002), somos projeto situado histórica e culturalmente. Nós estamos lançados no mundo e, nesse estar jogado-aí, nos encontramos num modo de sentir, ver, interpretar. A facticidade diz que ser *Dasein* é ser-no-mundo, é ser jogado-aí - e a esse título é ser ontologicamente constituído

num modo de ser que radica um encontrar-se e um compreender o mundo e a si mesmo em sua realidade própria.

Por outro lado, o encontro do *Dasein* com as coisas, no plano da sensibilidade, só é possível porque o *Dasein* está sempre numa situação afetiva. (Esse ponto tem uma relevância capital no pensamento de Heidegger.) Por isso, o *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, enquanto projeto, não é uma abertura da razão, mas abertura ao mundo, garantida pela “tonalidade afetiva”. Vale salientar que, desde essa totalidade, não pode haver neutralidade afetiva na compreensão do *Dasein*.

Nessa consideração, o existir possui dois modos de estar no mundo: a existência autêntica e a existência inautêntica. Na primeira, o *Dasein* assume seus projetos de maneira própria, isto é, apropria-se das coisas ao relacionar-se diretamente com elas e incluindo-as no próprio projeto de existência. Ela se dá, então, no instante em que o *Dasein* se descobre a si mesmo, através da angústia. Como diz Jesus Vázquez Torres (1999, p. 151),

a angústia faz com que, na decadência ou impropriedade, não seja mais possível para a pre-sença entender-se a partir do ‘mundo’ e no modo do impessoal, da publicidade. Ela remete o homem à sua singularidade, ao seu próprio poder-ser-no-mundo.

Todo o movimento empreendido pelo ser humano de ser-no-mundo tranqüilizado, de estar imerso na impessoalidade, é revelador de um humano fugitivo de si mesmo, de seu poder-ser propriamente. A angústia é, pois, um modo preocupado de existir; nela reside um sentimento de estranheza, cabível à metáfora: “sentir-se fora de casa”. A esse respeito, Heidegger (2002, p. 254), sustenta que “O não se sentir em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário”.

Caberia perguntar, porém, a essa altura, acerca das fontes originárias da angústia humana. Na linha de Jesus Vázquez (2003)³⁰, essa pergunta nos remete para uma espécie de beco-sem-saída, visto que, deste ponto de inflexão filosófica, não há como identificar de que se angustia, pois a angústia se apresenta como medo de nada. Em verdade, minha angústia implica-se com o meu próprio ser-no-mundo. Ou, nos termos da analítica existencial heideggeriana, a angústia é disposição afetiva existencial, originária do próprio *Dasein*, dada pela captação da própria finitude, em que todas as possibilidades desembocam num nada: a própria morte.

Por outro lado, já na segunda, aquela da existência cotidiana (inautenticidade), o *Dasein* é incapaz de se abrir verdadeiramente às coisas e, por isso, não assume nem atualiza um modo próprio de ser, repetindo o repertório do costume e da verbosidade que os outros alimentam, perdendo-se assim no anonimato. Nesse anonimato, não posso assumir o projeto existencial, como meu, como próprio. Nas palavras de Vattimo (1996, p. 45, grifo e aspas do autor):

a inautenticidade parece caracterizar-se essencialmente pela incapacidade de alcançar uma verdadeira abertura em direção das coisas, uma verdadeira compreensão, já que em vez de encontrar a própria coisa nos mantemos nas opiniões comuns. A autenticidade (*Eigentlichkeit*) é tomada por Heidegger no sentido etimológico literal, em conexão com o adjetivo 'próprio' (*eigen*). Autêntico é o estar-aí que se apropria de si, isto é, que se projecta na base da sua possibilidade mais sua.

Cabe, entretanto, pontuar que essa distinção entre autêntico e inautêntico, para Heidegger, exclui um significado moral, pois não há privilégio, em grau de relevância, entre um ou outro modo de ser. Daí a ponderação de limitar-se, na analítica existencial, propondo-se

³⁰ Reflexões obtidas através de anotações em aula, na disciplina Fundamentos Filosóficos da Clínica Fenomenológica Existencial, ministrado pelo professor no Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP, durante o período do segundo semestre de 2003.

a assinalar que as coisas se apresentam verdadeiramente na sua natureza de possibilidades abertas apenas, no âmbito de um projecto decidido; no mundo do *se* as coisas dão-se apenas de uma maneira decaída e 'dejcta', isto é, de um modo que não é diferente daquele em que elas são na existência autêntica, mas de um modo que é apenas uma derivação empobrecida daquele (VATTIMO, 1996, p. 48-49, aspas do autor).

De qualquer forma, entretanto, ao falar sobre esses modos de estar no mundo, é inevitável não remontar a duas outras questões fundamentais das quais emerge a condição humana enquanto tal: a espacialidade e a temporalidade. Na ordem da primeira questão, é pertinente dizer que consiste no modo como o ser humano vivencia o espaço em sua existência. Entretanto, é importante salientar, que a espacialidade não se limita a uma localização fixa, objetiva, uma vez que o humano, embora se encontre concretamente em determinado lugar, ele compreende o seu próprio existir no mundo.

Por outro, é dado que o ser humano pode compreender sua própria existência, ele pode apreender o que, ao longo da história, foi realizado por outros homens, mais ainda, pode modificá-lo e, por isso então, pode ser visto como um ser temporal e histórico. Nesta perspectiva, é possível dizer que a existência humana se encontra enraizada nas pautas constituintes da historicidade e, por conseguinte, da temporalidade.

Segundo Nunes (2002, p. 31) “A compreensão do ser desemboca no tempo, que é o sentido do *Dasein*”. Posso entender, então, que a temporalidade é o sentido do *Dasein*. Com originalidade, Heidegger mudou completamente a compreensão que se tinha sobre o tempo na filosofia. Até Heidegger, quase todos os filósofos se fixavam no presente e, a esse título, passado e futuro escapavam de qualquer apreciação da substância temporalizante do ser/fazer histórico humano – o primeiro porque já tinha sido devorado pelo tempo e o segundo pelo fato de que ainda não nos pertence. Desde Heidegger, articula-se uma nova apreciação do presente, justamente por ver que o mesmo só tem sentido se estiver intrinsecamente relacionado com o passado e o futuro.

Entretanto, por isso mesmo, não se legitima qualquer confusão do presente com o agora, pois um não se restringe ao outro. Essa fluidez apresenta-se em abrir-se para o que vem (o futuro), sem que o passado seja obstáculo. O passado, de outra sorte, não é visto apenas como o que não é mais presente, já que continua, além de presente, prenhe de inúmeras possibilidades. Daí reunir, em sua consistência de durabilidade, o fato de nada se poder assegurar, efetivamente, sobre ele – posto que segue sendo o que é, um trânsito de possíveis – nem muito menos se garantir que essas possibilidades não estejam atuando na própria forçosidade do que o faz emergir enquanto tal. O que fui, continua tatuado no que sou, mesmo que existindo de uma forma diferente do que foi. Já o futuro é possibilidade, o vir a ser e, como tal, caracteriza o *Dasein*.

Desse modo, apresenta-se uma nova compreensão do ser humano, da sua história, do seu ser no tempo. Posso, agora, também dizer, a partir de Heidegger, que o *Dasein é a sua história no próprio sendo de si mesmo*. É isto que, em última instância, implica temporalidade: apresenta-se como horizonte possível para o *Dasein*. Quando, nesse contexto, me refiro à história, é no sentido de uma história vivida biograficamente, ou seja, não apenas o que se vive, mas o que viver carrega de necessário como um marco exigencial para sua própria realização: ser-na-para-possibilidade. Ou, dito nos termos de Heidegger, existir como possibilidade é algo que constitui o *Dasein*.

A possibilidade mais firme, como um destino, das possibilidades é a da morte. Ser *Dasein* é, na verdade, experienciar o ser-para na acabada inacababilidade da morte. Ou mesmo: ser o ser mais próprio é o ser para morte. Conseqüentemente, sendo um ser temporal, o homem depara-se com a sua própria finitude e, portanto, com um acontecimento fadado a acontecer – a morte. É a angústia que conduz o *Dasein* a se deparar com essa possibilidade irrevogável da sua existência. Como diz Bruns e Trindade (2001, p. 74),

Em sua vida diária, o Dasein vive de tal forma mergulhado no mundo que pouco pensa acerca de sua existência, do modo como a vive. A morte é vista, fugazmente, como o final de sua vida, o que o amedronta, pois é vista como um impedimento para tudo o que ele almeja fazer. Assim, o homem não pensa na morte, e se, por alguns momentos se lembra dela, muda sua atenção para outra coisa, de modo a não pensar nessa possibilidade.

No entanto, por mais que fuja desse pensamento, ele é um ser-para-a-morte, essa é a possibilidade mais extrema em sua existência.

Para Heidegger (2002), o que ilumina a totalidade da existência do *Dasein* é a sua morte, isto é, o ser-para-a-morte e não a morte simplesmente como fato. Assumir o ser-para-a-morte é decorrência da temporalidade, da finitude; é viver efetivamente como mortal a própria mortalidade e, com ela, a verdade descarnante do acabamento da inacababilidade do seu projeto de responsabilização no mundo (MAY, 1988).

O assumir-se, assim, implica necessariamente, compreender-se como raiz da própria finitude, da própria nulidade; e, por ser essa própria fragilidade, *existir é cuidar de ser; é viver no cuidado*. A palavra *cuidado* vem do latim *cura* (*coera*) e *cogitare-cogitatus* (o mesmo que cura). Assim, possui duas significações: de um lado refere-se tanto a uma atitude de solicitude, de desvelo, de atenção, e de outro, de preocupação, de inquietação, de assumir responsabilidade. Nas palavras de Vattimo (1996, p. 49, grifo do autor),

O cuidado é diante-de-si-estar-já-em (um mundo) enquanto ser-junto (ao que se encontra dentro do mundo). A *Sorge* na maneira como se apresenta na quotidianidade média leva, todavia, à descoberta das estruturas autênticas da existência.

Heidegger, partindo da fábula que Higino escreveu sobre “Cura”, utiliza a palavra *Sorge* (cuidado) e não *Angst* (angústia) para referir-se à cura. Partindo dessa acepção, o cuidado será visto por ele como constituinte do ser-aí, ou mais simplesmente como ser-no-mundo: “Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha a priori, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato” (HEIDEGGER, 1989 *apud* BOFF, 1999, p. 34).

Olhar o ser-aí como cuidado é assumi-lo não como algo que podemos ou não ter, em certos momentos de nossas vidas, mas como algo *constituente* da dimensão ontológica do humano. Em uma palavra, o ser humano não tem cuidado, ele *é* cuidado.

A partir da fenomenologia existencial de Heidegger, o cuidado é visto como um modo-de-ser-no-mundo. Vale dizer que, como nos aclara Jesus Vázquez (2003)³¹, “existir é viver no cuidado”, ou como prefere dizer Almeida (1999, p. 59),

O cuidar é ao mesmo tempo origem, condição de ser através da qual o homem é lançado no mundo e agir, obrar; ou seja, o cuidado constitui-se em projeção lançada. O cuidar enquanto agir perfaz a possibilidade do cuidar enquanto origem.

Evidentemente, a essa altura, cabe perguntar pela gama riquíssima de interfaces (e seus desdobramentos temático ou discursivos) que a articulação filosófica do sentido da palavra cuidado faz reverberar na atividade clínica. Destarte, por sua transcendência, não poderia, outrossim, desvincular-me dessa preocupação que enraíza o trabalho clínico no eixo de uma efetividade originária e historicamente endereçada, enquanto saber e prática, a uma pró-cura (escuta/olhar/testemunho) do cuidado.

No entanto, ainda hoje, malgrado sua relevância psicoterapêutica, o olhar sobre o lugar e o sentido da clínica psicológica sobrevive turvado numa atmosfera de mal entendidos. Segundo Figueiredo (1996), existem equívocos a respeito tanto do que vem a ser clínica psicológica como o psicólogo clínico. Ele aponta alguns deles: a clínica sendo vista como um lugar concreto (consultório), uma mera área de atuação; o psicólogo clínico sendo o profissional liberal, dentre outros. Em contraponto, ele apresenta a clínica como um *ethos*, comprometido com a escuta do interdito, do excluído, enquanto o clínico é a própria “escuta

³¹ Reflexões obtidas através de anotações em aula, na disciplina Fundamentos Filosóficos da Clínica Fenomenológica Existencial, ministrado pelo professor no Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP, durante o período do segundo semestre de 2003.

de que o nosso tempo necessita para ouvir a si mesmo naquilo em que lhe faltam as palavras” (FIGUEIREDO, 1996, p. 40).

Diante destas confusões, para pensar uma clínica psicológica, sinto a necessidade de recorrer, inicialmente, à etimologia do termo *terapia*. Em sua derivação grega *therapéia*, significa cuidado, solicitude. A terapia, então, pode ser compreendida como um cuidado do des-envolvimento do ser.

Sob esse aceno, a clínica pode ser vista como atitude, como uma ação com-o-outro. Para Pompeia (2004, p. 156, aspas do autor), “‘Terapia é pró-cura’, isto é, ‘terapia é para cuidar’”. A palavra cura, por sua vez, vem do latim e significa *cuidar*. Com isso, a atitude clínica como pró-cura é, por extensão, possibilidade de ações tanto para o cuidado, quanto para o modo como se experiencia esse processo de pró-cura.

No desenrolar dessa perspectiva de pensamento, Pompeia (2004, p. 162) afirma que “terapia é procura, via *poiésis*, da verdade que liberta”. Assim sendo, a terapia tem uma linguagem que não caminha pela via da razão, mas sim, pela *poiésis*, ou seja, pela criação, na qual o seu interlocutor tem um espaço de liberdade para revelação das coisas em que é possível pôr novamente o coração.

Enquanto *locus* de desocultação norteado pela *aletheia*, o exercício da *poiésis* tem um sentido estético. É, pois, a forma como as coisas nos tocam. E, a esse título, a *poiésis* (a linguagem) é compreendida na clínica como um modo para comunicar sentido e não conteúdo.

Veio-me à lembrança, agora, a discussão lançada por Morato (1989), sobre o *fazer saber*. Penso que a clínica psicológica acontece no cuidado atencioso entre cliente e terapeuta. É no cuidado do fazer saber que o *como ser* encontra espaço em lugar do *como fazer* modelatório. Olhar para a clínica como um fazer saber é assumir-se na implicação do que é próprio no processo do acontecer clínico.

Pensando nessa trama de significações que se assenta no ser/fazer do trabalho clínico do psicólogo, recordo-me, nesse instante, de uma música de Gonzaguinha – “*Sangrando*”. Sempre me impressionou os traços de aproximação que se mostram entre essa música e o modo como, geralmente, o cliente chega ao meu consultório. Na arquitetônica do movimento de sua demanda, desenho vivo de uma biografia, eu escuto a sua entrega, a sua abertura e o seu saber – um saber que ele conta/canta e que pertence à dor do ser-humano. Por isso eu posso encontrar e entender o poeta Gonzaguinha (1984, disco sonoro), quando canta:

Quando eu soltar a minha voz / por favor entenda / Que palavra por palavra eis aqui
 uma pessoa / se entregando / Coração na boca peito aberto / vou sangrando / são as
 lutas dessa nossa vida / que eu estou cantando [...].

Essa música também me remete ao que Boss (1981, p. 42-43) ressalta quando diz que,

não é a cabeça, e o intelecto dos nossos pacientes, mas seu coração que está trancado e estrangulado pela angústia. [...] na psicoterapia trata-se de deixar que os pacientes recuperem inicialmente a experiência que lhes faltou, mas que no fundo é indispensável, da dedicação protetora e inabalável, do cuidado e amor na medida correspondente à essência singular dos pacientes.

Por isso, falar de fazer saber é falar, pela mesma via, de aprendizagem significativa que, no entendimento de Morato (1999, p. 36-37),

é uma ação compreensivamente articulada, permitindo ao indivíduo aberturas ou mudanças pela experiência de encontro consigo mesmo, com o mundo e com os outros homens. Uma tal compreensão possibilita que se aprenda nas situações experienciadas, nas quais, podendo trazer-se de volta (atualizar o passado) para, lançando-se adiante (projetando-se no futuro) transformar-se. Nesta perspectiva, compreender algo na própria ação propicia, ao mesmo tempo, uma compreensão de si e de seu modo de ser humano em meio a outros. Dessa forma, aprendizagem significativa é criação de sentido no qual afeto e cognição articulam-se abrindo espaço para aproximações entre pedagógico e psicológico.

Decerto, pensar a clínica psicológica por esse prisma é perceber que não é a maneira de ler o fenômeno que diz que uma clínica é fenomenológica existencial, mas sim o modo

(atitude) como me coloco na situação em relação. Essa escuta então não se prende ao conteúdo, nem ao quê ou por quê. Sua diferença efetiva está na ação de voltar-se para a forma e o como.

Pode-se entender, em toda sua propriedade, a razão pela qual a fala fenomenológica existencial é um modo de ver e compreender e não de saber um conteúdo, porquanto, quando me volto para entender o conteúdo, não cuido do dizer e, conseqüentemente, me afasto da clínica, já que a clínica psicológica é criação de sentido. Em toda medida, ao falar desse modo de compreender, também digo da possibilidade de dar sentido, desde o meu lugar, ao encontro de mim mesmo.

Daí o peso de transcendência das noções de espacialidade e temporalidade, no recorte da presentificação do ser humano no mundo. Na ordenação praxiológica deste ser, nenhuma leitura de sua experiência pode substancializar-se sem que, ao mesmo tempo, se saiba de onde ele fala (autor).

De outra parte, no contexto da clínica psicológica, a discussão sobre a temporalidade humana encontra-se em face da nervura do tempo subjetivo. Aqui, o que importa é o tempo vivido, biografado nas dobras do vivido (o *kairós*) e não o tempo físico, controlado medido, previsto (o *chronós*).

O *kairós*, sendo da ordem do subjetivo, não tem linearidade; não pode ser medido; tampouco pré-determinado. É o tempo da intencionalidade da experiência. À medida que vou, então, transitando no viver, essa abertura, que é o *kairós*, vai também se deslocando, modificando-se pelas experiências, pelos sentidos (MORATO, 2003)³². Por essa visão, o *trânsito* é a realidade da clínica. Assim, será sempre o modo como o cliente transita que dirá se ele se deu conta de si mesmo, ou se percebeu como é, e não tanto o quando ele se sente alojado em algum lugar, ou mudando de um lugar para outro. Recorro à literatura de

Guimarães Rosa (1985, p. 08, grifo e aspas do autor) que, numa “estorieta”, expressa esse dar-se conta em contraponto ao chegar a um local:

Siga-se para vê, o conhecidíssimo figurante, que anda pela rua, empurrando sua carrocinha de pão, quando alguém grita: - ‘Manuel, corre a Niterói, tua mulher está feito louca, tua casa está pegando fogo! [...]’ larga o herói a carrocinha, corre, voa, vai, toma a barca, atravessa a Baía quase [...] e exclama: - ‘Que diabo! Eu não me chamo Manuel, não moro em Niterói, não sou casado e não tenho casa [...]’.

Essa história revela que, na clínica, importa o modo de ser, ou melhor, os modos através dos quais o ser se mostra. Contudo, se esse modo de mostração acontece pela contextualidade de que o humano é no mundo com outros, a atitude clínica demanda um inclinar-se à escuta (atenção) e compreensão (acolhimento) do cuidar de ser ao qual o outro se entrega. Implica atentar aos singulares/plurais diferentes modos de ser entre os homens e de cada um consigo mesmo. Afinal, a existência cotidiana revela a ambigüidade constituinte do modo de ser humano de poder abrir-se às coisas, assumindo o projeto existencial como próprio. Vivendo situações em contextos, deixa-se conduzir, repetindo o repertório do costume e da verborragia que os outros alimentam, perdendo-se, assim, no anonimato, mas garantindo seu pertencimento entre outros pela não-exclusão. A angústia da solidão pela diferença assumida assoma-se como mais insuportável ao ser humano do que o não poder ser si mesmo. É desta perspectiva que a questão da alteridade se impõe como um sofrimento ao cuidar de ser que se destina à clínica, salientando-se que o desalojamento instaurado pela alteridade não implica apenas o ser no mundo com outros. A questão de ser também um *alter*, mesmo sendo um eu, imbrica-se na própria condição humana de ser em trânsito, fazendo do homem sempre um estranho/estrangeiro em si mesmo, ou seja, na sua própria subjetividade e não apenas na intersubjetividade situacional (MORATO e SANTOS, 2005)³³.

³² Reflexões obtidas através de anotações em aula, na disciplina Clínica Fenomenológica Existencial I, ministrado pela professora no Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP, durante o período do primeiro semestre de 2003.

³³ Construção conjunta em orientação da dissertação, em 31/01/2005

4 TECENDO A EXPERIÊNCIA DE SER EX-ESPOSA NA CONTEMPORANEIDADE: UMA COLCHA DE RETALHOS NUMA OFICINA EM AÇÃO

4.1 O construir de uma pesquisa com a narrativa em cena.

Nesta pesquisa clínica, foi utilizada uma metodologia fenomenológica centrada na narrativa de Walter Benjamin (1985). Quero crer que, ao empreender uma pesquisa científica no campo da clínica, cujo foco são as vivências e a experiência de vida de seres humanos, os *depoimentos dos próprios sujeitos*, que experienciam os fenômenos em questão, são as fontes apropriadas. Nessa perspectiva para a composição de uma gramática de sentido desse mesmo experienciar específico, o uso do referencial fenomenológico legitima-se como alternativa de ferramenta metodológica na realização da pesquisa. Assim, busquei compreender a experiência de ser *ex-esposa*, via narrativa, que foi colhida por meio de histórias contadas tanto oralmente, quanto dramaticamente.

A esse título, então, a pesquisa e a clínica se articularam numa ação interventiva que, por seu turno, reflete um modo de expressão, a saber, a narrativa. Neste caminho metodológico, a narrativa foi vista como “um dizer no fazer situado” do ser humano. Por isso mesmo, a narrativa remete a uma compreensão desse modo de ser humano, que é perpassado pelo “dizer” como linguagem.

Desse ponto de vista, então, teve toda pertinência recorrer a esse referencial metodológico para a compreensão do *vivido* pelo sujeito (no caso particular a *ex-esposa*) que

narrou, para ver/ler a experiência do outro através da narrativa. Dito de outra forma, a partir do olhar fenomenológico, busquei a *compreensão do sentido atribuído pelas mulheres à sua experiência de ser ex-esposa*.

Lançando mão da narrativa, quero, em definitivo, captar/compreender o vivido, o existir, o deslocamento do ser que se lança, que é projeto, que é possibilidade; vale dizer: o ser que se dá na leitura das cifras do movimento de ser *ex-esposa*, ou como ela se dá conta desse ser-no-mundo.

Na construção do meu arcabouço de leitura científica, a fundamentação metodológica está lastreada na “Analítica do Sentido” de Dulce Critelli (1996). No coração desse modo de pesquisar, encontrei cinco etapas de “movimento de realização”:

- a) *Desvelamento* – modo como sou afetada, enquanto pesquisadora, pelos depoimentos das sujeitos/narradoras (o momento da afetabilidade, ou do sentido sentido).
- b) *Revelação* – vem do impacto que o desvelamento do fenômeno provoca. No entanto, aqui, a questão já está no nível de revelação porque já estou, como pesquisadora, na busca de um sentido (o momento da compreensibilidade, pelo qual o sentido sentido se transforma em significado sentido).
- c) *Testemunho* – é a literalização (dizer a partir das palavras das sujeitos/narradoras). Neste momento, dou à mostra o que me foi revelado; isto é, a partir do depoimento, estou dando o testemunho do que se revelou (o momento da comunicabilidade, pelo qual ocorre a expressão do significado sentido).
- d) *Veracização* – é o início da minha dissertação. Nesse momento, dou o meu *depoimento* acerca desses passos anteriores, articulando-o com os conhecimentos prévios encontrados durante essa produção. Propriamente posso dizer que é o

momento da mostração da minha compreensão (mostração argumentativa na minha pesquisa) ou, simplesmente, o início da mostração do sentido.

- e) *Autenticação* –   o momento que, por fim, levarei a minha pesquisa a público, autenticando-a.

  luz dessa perspectiva metodológica, então, se pode perceber que o sentido da pesquisa através da narrativa é, em toda medida, sempre um sentido implicado, para o qual pesquisador(a) e sujeitos são co-autores, uma vez que não   só o(a) sujeito/narrador(a) que se mostra em seus depoimentos, mas também o(a) pesquisador(a) precisará mostrar-se enquanto tal. Mas não só: necessitará saber ler/ver esses depoimentos na qualidade e do lugar de pesquisador(a).

Com efeito, esse estar implicado na pesquisa me faz lembrar do que Heidegger fala, quando se refere à disposição afetiva (um dos modos de ser do *Dasein*): não há neutralidade afetiva na compreensão do *Dasein*, pois o modo como me encontro disposta afetivamente me faz presentificar a minha existência.

O aspecto supracitado também me fez refletir sobre o modo próprio de Merleau-Ponty (1971) considerar a realidade do mundo. Falo, em particular, de sua ontologia do sentir. De acordo com essa ontologia, o estado originário da percepção é a experiência reflexiva, o mundo vivido. A experiência perceptiva é aquilo que eu vivencio. Trata-se, numa palavra, de tudo que descansa no âmbito da afetabilidade, que circula no tocar e ser tocado, como algo promotor de sentido. Desta forma, Merleau-Ponty (1971) apresenta uma compreensão do homem como ser em situação, umbilicalmente ligado ao mundo (COELHO JÚNIOR, 1991).

Na composição desse arco de preocupações filosóficas (Heidegger e Merleau-Ponty), percebo uma aproximação familiar do arcabouço teórico-metodológico que vertebra a minha pesquisa. Há um traço de sintonia entre esses olhares fenomenológicos existenciais e o marco

discursivo a partir do qual eu compreendo a pesquisa, particularmente a pesquisa clínica. Neste marco, sustento que pesquisar é *estar a todo instante num movimento de afetação e reflexão*.

No enfrentamento crítico da questão medular dessa pesquisa, sem dúvida, a compreensão da pesquisa nos termos propostos tem uma pesada pertinência. Mas não só. Pela força de sua centralidade articular, ela ganha o *status* de *norte* da pesquisa clínica fenomenológica existencial que desenvolvi. De tal sorte isso é verdade que, por meio das suas malhas de inflexão, de um lado, mostro a *carne* de minha angústia existencial que, pelo desenho desconcertado de minhas inquietações intelectuais, se transformou em questão. Durante a pesquisa, de outro, fui construindo, a partir dos depoimentos das sujeitos/narradoras, os vetores de tematização que me mobilizaram na reflexão e criação de uma narrativa, como um modo de apresentar uma experiência, um modo de comunicar o desenrolar da experiência de ser *ex-esposa*.

Na estruturação das linhas de força teórica desta pesquisa clínica, desde o início, está atuando uma ordem de compreensão de pesquisa muito particular, talvez até ousada, ou mesmo desafiadora. Segundo seus pressupostos, a pesquisa não é apenas “coleta de dados, de informações”, mas algo vivido, que traz uma história própria, uma experiência.

É importante assinalar, nesse ponto, o traço de familiaridade que une essa compreensão da pesquisa assinalada e a que esboçou Moreno (1992b) em seu livro “Quem sobreviverá?”. Neste livro, sustenta que o pesquisador não é aquele que se coloca acima do seu tema de estudo, observando-o “de fora”, mas movimenta-se ativamente sendo co-ator. A “co-ação” do pesquisador é fundamental para a pesquisa.

Em certo sentido, isso implica aceitar, na contrapartida, a inevitabilidade da *condição humana* de investigador e, necessariamente, em tomar como ponto de partida “*esse ser em*

relação” quer na produção do conhecimento, quer na transformação da realidade problematizada.

Com toda certeza, o que propõe Moreno é que o pesquisador seja um “investigador participante”, alguém que estará dentro do grupo, não como um “agente secreto”, mas no duplo papel/lugar de investigador social e participante grupal. Em qualquer caso, isso supõe o fato óbvio de que cada membro do grupo, reconhecidamente, ganha o lugar de pesquisador participante, não sendo, portanto, um mero expectador do processo de investigação.

Por outro lado, ao me colocar neste lugar de pesquisadora, devo dizer de um testemunho de pertencimento memorial ao psicodrama. E a esse título, entendo que o sociopsicodrama se desenha como um modo possível para a expressão narrativa da experiência; vale dizer: ele pode ser visto como expressão narrativa da experiência, porque é capaz de contemplar *essa* experiência do ser-com e ser-si-mesmo no mundo situado (HEIDEGGER, 2002). Daí a razão de, nesta perspectiva, poder dizer que o sociopsicodrama é uma *modalidade clínica investigativa* da experiência.

Tendo isso em vista, passo agora a dar as razões que me levaram a escolher essa modalidade clínica interventiva para a colheita dos dados. Em primeiro lugar, pela larga experiência que tenho acumulado nos últimos 13 anos de estudo e de prática profissional no campo do psicodrama. Em segundo lugar, pela natureza mesma de sua composição interventiva que, decerto, guarda uma considerável propriedade operativa com a temática que desenvolvi. Segundo penso, o psicodrama explora os conteúdos (como eles se revelam) do protagonista, através de uma forma (o que se revela) criada por ele e que apresenta, por extensão, no palco psicodramático, a experiência como uma trama de significados e historicidade. E em terceiro lugar, há aproximações expressivas entre a fenomenologia e o psicodrama, remetendo a articulações possíveis.

4.1.1 Cartografia para uma incursão na oficina sociopsicodramática.

O desejo em realizar essa pesquisa, como já se sabe, veio da minha experiência pessoal. À medida que essa experiência se ia fazendo em questão, também se constituía como um móvel que guiava a minha escuta para as histórias narradas, por ex-esposas, nos contextos sociais e/ou grupais em que me encontrava. Foi então que, com a questão aflorada, passei a “recolher” histórias contadas e a pensar em como elas poderiam ser utensílios para que eu pudesse fazer mais descobertas sobre a experiência de ser ex-esposa.

Em face da curiosidade aguçada, cada vez mais, prestava atenção às tramas relacionais/conjugais que se apresentavam no “palco da vida”, e, assim, cheguei às ex-esposas (sujeitos/narradoras). A narração de suas histórias me mostrava um cenário com distintas situações da experiência de ser ex-esposa, ou seja, suas histórias orais revelavam diferentes situações em que estava implicada a sua experiência.

Partindo da minha questão: **como a mulher contemporânea experienciar ser ex-esposa?**, de histórias contadas por ex-esposas e por pessoas vinculadas a ex-esposas, assim como, de leituras referentes à subjetividade da mulher na contemporaneidade, fui-me dando conta de que precisava levar em consideração as situações dessas mulheres, como ex-esposas, e, nessas situações, como é a sua experiência de ser ex-esposa, para compor o grupo de mulheres, com o qual trabalhei. Afinal, enfoco, nessa pesquisa, um fenômeno subjetivo, presente na realidade social vigente, a saber, a experiência de ser ex-esposa.

Entendendo que a experiência está intimamente atravessada pelos pontos de vista social e do sujeito, bem como pelos valores e pelas complexidades desse imbricamento, contemplei - na escolha das sujeitos/narradoras - não apenas o ser ex-esposa, como também, a diversidade de situações. Isso porque a experiência de ser ex-esposa pode-se manifestar de

diversos modos e em diferentes situações, contemplando-se como experiência por ser única e plural.

Sabendo que todo trabalho sociopsicodramático prioriza a intervenção grupal, ao compor uma proposta de investigação para colheita de depoimentos - assentada no sociopsicodrama como modalidade clínica interventiva - já assumo a minha escolha por um trabalho grupal.

Mas, o que é, afinal, um grupo? Os estudos acerca dos trabalhos com grupos consideram que, devido ao amplo leque de sentido em que se emprega o termo grupo, a sua definição é vaga e imprecisa. Assim, a diversidade de olhares científicos - da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia Cultural etc - pode designar conceituações tão amplas sobre o que vem a ser grupo que acaba comprometendo sua propriedade. Mas não é só essa multiplicidade que dá uma (in)definição ao termo grupo; há uma imponderabilidade misteriosa no ser humano e, conseqüentemente, no trabalho de grupo, que inviabiliza uma definição única de grupo.

Entretanto, no que concerne a essa pesquisa, vejo a necessidade de expressar o sentido pelo qual me refiro ao termo grupo. Compartilhando das visões de Moreno (1993), de Osório (2003), de Zimerman (2000) e de Jorge (1983), acentuo a questão de grupo no tocante ao reconhecimento da singularidade por parte de seus participantes e no movimento de ações interativas na busca de objetivos compartilhados.

Moreno (1993), por exemplo, quando prioriza o trabalho de grupo, retrata a sua visão de ser humano, como ser relacional, ou seja, um ser que não pode reduzir-se a ser um indivíduo, tampouco a ser coletivo. O grupo surge como lugar onde se encontram e não se confundem: social e individual; nós, tu e eu; nosso, seu e meu; junto e sozinho... público e privado.

Uma vez situada a minha compreensão de grupo, vou apresentar a modalidade de grupo à qual recorri como instrumento de pesquisa:

- Micro-grupo – é aquele em que o número de participantes não é superior a quinze - “face-to-face-groups³⁴” -, isto é, grupos nos quais os participantes podem se reconhecer em sua singularidade durante a vivência/experiência em que estão envolvidos (OSÓRIO, 2003).

No entanto, se sob esse aspecto de favorecer o estabelecimento de uma rede de interação e de percepção uns dos outros como seres distintos, é importante o número de sujeitos integrantes do grupo – micro-grupo ou macro-grupo – é fundamental assinalar que, “Não há um número ‘astrológico’ ideal para o tamanho do grupo. [...] É importante para a determinação do tamanho do grupo à capacidade de contato emocional que um indivíduo pode atingir terapeuticamente” (MORENO, 1993, p. 77); ou, como afirma Simões (1983, p. 24), “nenhum grupo se especifica pelo número de indivíduos que o compõe”, ou ainda, nas palavras de Zimmerman (1997, p. 28), “O tamanho de um grupo não pode exceder o limite que ponha em risco a indispensável preservação da comunicação, tanto a visual como a auditiva e a conceitual”, e mais, segundo Rojas-Bermúdez (1997, p. 219), para definir o número de participantes na composição de um grupo, “o terapeuta tem de respeitar suas características e limites para poder oferecer ao cliente o melhor de seus conhecimentos e capacidades”.

- Grupo fechado – uma vez composto o grupo, não podem ser admitidos novos participantes.

³⁴ Nome dado por Kurt Lewin aos micro-grupos (MAILHIOT, 1985, p. 23).

- Grupo homogêneo – todas as participantes são ex-esposas; e heterogêneo – comporta variações quanto a diferentes situações da experiência de ser ex-esposa.

Tomando como referencial os autores citados acima, ao escolher trabalhar com o micro-grupo, posso compô-lo por até quinze participantes, uma vez que o foco da configuração grupal não está voltado para a quantidade de participantes, mas sim, para as **variadas situações** da experiência de ser ex-esposa – critério escolhido para expressar a heterogeneidade do grupo. Posso considerar, por um lado, que este critério é exemplar para que eu possa lidar com a experiência, dada a pluralidade e a singularidade de situações que estiveram presentes nesse grupo e, por outro, que ele também pode ser considerado exemplar para uma leitura e uma compreensão cuidadosa da experiência de ser ex-esposa.

Nessa perspectiva, busquei um modo para **a-colher** os depoimentos das sujeitos/narradoras. Nesse momento da pesquisa, meu objetivo foi **cuidar do escutar/dizer da experiência de ser ex-esposa**, através do sociopsicodrama.

No cerne do pensamento de Heidegger, pode-se ler que a tarefa de ser do homem é o cuidado. Existir então é viver no cuidado; é existir autenticamente; é encontrar-se como cuidado para existir com sentido. O cuidado é, por essa via, próprio do homem (ser-no-mundo).

Nesse sentido, na direção orgânica de minha pesquisa, dirigi uma oficina sociopsicodramática que foi gravada em áudio, vídeo e fotografia.

Diante da importância que tem o termo oficina para a pesquisa, esclareço que tomei como referência, os sentidos que Marina P. Jordão apresenta em seu trabalho com Oficina de Criatividade, no SAP (Serviço de Aconselhamento Psicológico no IPUSP). Segundo a autora, a palavra “oficina” nos conduz tanto à “arte de aprender”, quanto às “atividades de conserto”. Pela primeira, entende ser um ofício que é ensinado de pai para filho. Já pela segunda,

compreende como atividades de repor, ajeitar, trocar, recolocar algo que precisa ser endireitado. Nessa linha de compreensão, segue dizendo que “tanto numa como na outra perspectiva, a arte do fazer está presente. É fazendo, é aprendendo que eu me torno pertinente a um grupo, é refazendo que eu posso retomar o ritmo da vida” (JORDÃO, 1999, p. 331).

Cabe registrar como foi vertebrada a utilização do sociopsicodrama como modalidade clínica interventiva para colheita de depoimentos. Para tal, lancei mão dos componentes característicos de uma intervenção sociopsicodramática. Referem-se aos três contextos de encadeamento de vivências privadas e coletivas dos sujeitos numa demarcação espaço-temporal (social, grupal e dramático), às três etapas de funcionamento da sessão sociopsicodramática (aquecimento, ação dramática e compartilhamento/comentários) e aos cinco instrumentos fundamentais, utilizados na execução do sociopsicodrama (diretor, ego-auxiliar, protagonista, auditório e cenário).

Num trabalho sociopsicodramático, não há um planejamento prévio dos recursos a serem utilizados, uma vez que é o movimento, a mostraçõa do fenômeno e o clima afetivo do grupo, que vão sinalizar os caminhos e as estratégias a serem seguidas. Reafirmo, então, aqui, a minha opção em trabalhar acompanhando o movimentar do grupo e, assim sendo, todos os recursos sociopsicodramáticos utilizados foram escolhidos no acontecer da oficina.

Desse modo, na utilização de *recursos sociopsicodramáticos* (que permitem o afloramento de expressões de linguagem, além da verbal simplesmente), as imagens psicodramáticas criadas permitiram aclarar, para as participantes, o(s) sentido(s) expresso(s) nas formas brotadas na oficina. Por conseguinte, o que há de peculiar, nessa modalidade de intervenção clínica, é seu modo de lidar com a ação comunicacional. No coração de seu procedimento, segundo Reis (1992, p. 43-44), é

a ação, em vez de simplesmente a palavra, que dá ao psicodrama a sua forma, recolocando o corpo no contexto psicodramático. Não se trata de dar vida ao corpo através da ação, substituindo a palavra, como parece ser a pretensão de algumas

terapias corporais, mas de resgatar a unidade palavra/ação, ou seja a unidade do discurso humano.

Por esta via de entendimento – em concordância com o que pensa Merleau-Ponty (1971) – o corpo é mais que um instrumento. Eu não apenas tenho um corpo; eu sou o corpo. Com o meu corpo, eu me mostro como um ser situado no mundo.

Recordo que, na vertente da psicologia do encontro de J. L. Moreno, essa compreensão do lugar do corpo na ação comunicacional do ser humano tem um acento igualmente firmado³⁵.

O corpo é visto, no Psicodrama, como aquele que coloca o ser humano em inter-relação. No entanto essa relação não se limita à simples relação física, mas sim, à relação intencional, ou seja, àquela que procura um sentido. Por apresentar uma proposta terapêutica de trabalhar uma dimensão a mais do sujeito (a ação) e sua interpessoalidade, o Psicodrama se preocupa com o corpo no sentido de vê-lo como o “aqui” situacional, como a vivência da consciência do ser. Desse modo, as elaborações expressivas realizadas pelo grupo, na oficina sociopsicodramática, vão além de um mero exercício cognitivo, visto que se tornam “*vividas pelo meu corpo*” na ação dramática.

Nesse aspecto, cabe, além do mais, estabelecer um traço de conexão entre as visões moreniana e merleau-pontyana da corporeidade. Em ambas, a corporeidade ocupa um lugar central – no caso do primeiro, na ação dramática; no caso do segundo, na ordenação do campo perceptivo - na compreensão do ser humano no mundo. No ponto de cruzamento dessas visões, forma-se um núcleo de teorização à luz da qual o corpo emerge como a simbólica da existência humana – em Merleau-Ponty, por exemplo, o corpo simboliza a existência porque a realiza; em Moreno, da mesma sorte, uma forma de entrar em contato consigo e com o outro é através do corpo. Assim, pois, em qualquer dos casos, o corpo expressa percepções,

³⁵ O que, no fundo, comprova uma curva de sintonia entre a sua psicologia e as contribuições fenomenológicas deixadas por Merleau-Ponty.

sensações, afetações, ajudando a elaborar a vivência que expressa o pré-reflexivo, na busca de compreensão e sentido, a construção da experiência.

Abre-se, com isso, um panorama de diálogo fértil entre essas perspectivas teóricas. Na órbita comum das mesmas, o corpo me ancora no mundo e possibilita a comunhão com os outros. Vista, porém, cada qual em seu horizonte de inteligibilidade própria, deve-se dizer que, para Merleau-Ponty (1971), a percepção do mundo é feita através do corpo³⁶. Não esquecer que o corpo de que fala Merleau-Ponty (1971), não é um corpo físico, biológico. Trata-se do corpo que me exterioriza, que me situa no mundo. Através do meu corpo, eu sou co-existente. Passo a conviver com as coisas e com o mundo. Tudo que experiencio é através do meu corpo.

Já no campo de apropriação da psicologia moreniana, é através da ação que as experiências puderam mostrar-se no cenário³⁷ (palco psicodramático), como *forma*, ou seja, um material interno próprio do protagonista, tal como é percebido por ele (conteúdo). Isto porque qualquer fato, idéia, sensação, sentimento, emoção, situação, relação ou coisa pode ser mostrado pela via do modo de expressão plástica, suscitado/revelado³⁸ por esta modalidade de intervenção clínica.

Na compreensão da experiência de ser ex-esposa, o sociopsicodrama foi utilizado como uma modalidade de intervenção/investigação clínica para a-colher depoimentos, uma vez que, por meio de seus recursos sociopsicodramáticos, pude captar as expressões plásticas da sujeito-narradora, o que favoreceu a expressão da linguagem ou fala falante (fala criativa, inovadora, que produz algo pela primeira vez e não só reproduz os pensamentos) – no sentido

³⁶ Merleau-Ponty critica o conceito de cógito, pois desvaloriza a presença do outro. Assim, para ele, o verdadeiro cógito vai dizer que eu sou um ser no mundo. Define então o eu não como pensamento, mas a descoberta como ser no mundo.

³⁷ Chamo a atenção para um ponto importante da visão moreniana sobre o lugar do teatro na clínica. O teatro é vida; e, por isso mesmo, dramatizar no palco psicodramático é experimentar a vida em suas múltiplas possibilidades. Compreendo então, que é no cenário psicodramático que o conhecimento tácito (experiência vivida mas não comunicada) do protagonista se manifesta e pode ser elaborado terapeuticamente.

³⁸ Revelar, isto é, velar em dois sentidos: ocultamento e desocultamento – formas de mostraçõ do fenômeno.

que opera Merleau-Ponty (1971), em contraponto a linguagem ou fala falada (a que não é primordial, a que é a manifestação de um pensamento, a que reproduz os pensamentos).

Outrossim, vale ainda ressaltar, por sua importância, o que significa uma *imagem psicodramática*, visto ter sido ela (seja através do corpo, de tecidos, de desenhos, de argila, de papel etc) um dos recursos expressivos que permitiu que a expressão das experiências protagonizadas pudessem conduzir à criação de sentido. Rojas-Bermúdez (1999³⁹ apud MACHADO, 2002, p. 12), assim a define:

é uma forma construída pelo paciente sobre o cenário que expressa em sua configuração a maneira como o indivíduo está organizando seus conteúdos internos em relação a um tema determinado, sintoma, sensação, sentimento, relação, situação, o sentido e significação que certos fatos e experiência têm para ele, os elementos que enfatiza e omite, e a relação mútua entre estes elementos.

Nessa perspectiva, considero que o sociopsicodrama, como um modo para a-colher depoimentos, pôde levar a uma compreensão da experiência de ser *ex-esposa*, pois as tramas relacionais dessa experiência, existentes na sociedade contemporânea (contexto social) foram o fator mobilizador para a escolha das sujeitos/narradoras e sua expressão da experiência no contexto grupal. Decorrente de que foi a própria questão o fator aglutinador das pessoas (pluralidade), esta oficina foi nomeada como sociodrama. Entretanto, ao focar a experiência de ser *ex-esposa* em diferentes situações (singularidade), ela também foi vista como psicodrama. Eis a razão para a denominação Oficina Sociopsicodramática. Parafraçando Naffah Neto (1997, apud KAUFMANN, 1992, p. 72),

a diferença entre o psicodrama e o sociodrama não se apóia tanto no fato de se trabalhar dramaticamente com o indivíduo ou com o grupo, mas na perspectiva (coletiva, anônima ou pessoal, privada) com que **a questão** é vivida pelo grupo.

³⁹ ROJAS-BERMÚDEZ, J. e MOYANO, G. **Construcción de imágenes em sicoterapia sicodramática**. Fichas. Sevilha: Centro de Sicodrama, 1999.

Para composição do contexto da pesquisa, a oficina foi realizada, com as sujeitos/narradoras (ex-esposas), em dia e horário convenientes, e em local previamente determinado – meu consultório particular.

No que concerne ao procedimento técnico de colheita, no trato com as sujeitos/narradoras, segui os seguintes passos:

A) Fiz um **contato com cada sujeito/narradora**, tendo em vista expor o objetivo da pesquisa, sua anuência para participar da pesquisa, e levantar horários possíveis para a realização da Oficina Sociopsicodramática.

B) Dirigi uma **Oficina Sociopsicodramática**, contando com a participação das ex-esposas e de dois egos-auxiliares (psicólogas). Importa assinalar que a participação na pesquisa bem como o uso do material recolhido foram condicionados à autorização prévia, através da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido. Tomei como referência tanto a sessão aberta, ou ato terapêutico⁴⁰, quanto as sessões prolongadas, realizadas na prática sociopsicodramática. Geralmente uma sessão psicodramática de grupo tem a duração de duas horas. No entanto, esporadicamente, pode ser feito um acordo com o grupo, de realização de sessão prolongada com quatro, cinco, seis horas de duração etc., dependendo da necessidade do grupo e/ou diretor.

C) Propus **recursos sociopsicodramáticos** como promotores de situações para expressão da experiência de ser ex-esposa. A oficina foi desenvolvida, considerando as três etapas, já citadas anteriormente:

a - Aquecimento – visto aqui, em duas etapas: 1) Aquecimento Inespecífico: o momento de apresentação do objetivo da oficina, da Unidade Funcional (UF)⁴¹, das ex-esposas e da modalidade de investigação clínica a ser utilizada. 2) Aquecimento Específico: o momento em

⁴⁰ “[...]uma intervenção destinada a investigar e buscar trabalhar o conflito proposto em uma sessão” (GOFFI JÚNIOR, 2004, p. 120)

⁴¹ Termo incorporado a linguagem psicodramática em 1967 por Rojas-Bermúdez. A UF é a equipe composta pelo diretor e o ego-auxiliar.

que chamei as sujeitos/narradoras para a questão, com a pergunta provocadora – como é, para cada uma de vocês, ser ex-esposa, hoje?

b - Ação dramática – momento em que lancei mão dos recursos sociopsicodramáticos, visando à mostraçã da pergunta provocadora por meio da ação (expressão plástica), no contexto dramático (palco).

c - Compartilhar – reflexão sobre a vivência na ação dramática, ou seja, apropriar-se do dizer da experiência.

Sabemos, entretanto, da impossibilidade de repetir em uma linguagem (não verbal/imagética), literalmente, o conteúdo presente em uma outra (verbal/oral/escrita). Desse modo, transformar recortes das narrações e histórias em imagens, não significa, nessa oficina, de nenhum modo, fazer “versões para o palco” do que antes estava sendo contado oralmente, mas sim, criar um outro espaço narrativo para uma multiplicação/ampliação de sentidos.

Por consequência, a utilização da ação cênica e da imagem cênica não tem, de forma alguma, a pretensão de ser uma tradução da narrativa oral que foi relatada diante da pergunta provocadora. Em certo sentido, aqui, buscava apropriar-me, operativamente, de um termo criado pelos poetas Haroldo e Augusto de Campos, para fazer uma “transcrição⁴²”. Acredito que a transcrição traz consigo a desconstrução, a conjunção de possibilidades maduras, em seu contrário. No contexto dramático da sessão psicodramática, criar uma imagem, uma cena, uma fotografia, uma expressão corporal etc. sobre a história narrada, no contexto grupal, é uma possibilidade de desconstruí-la e articulá-la em outros sentidos.

Entretanto pode acontecer que, nessa transcrição, a história contada, quando recriada no palco, aponte em outras direções e se apresente permeada de diversos olhares, entre eles, aquele de quem dirige o sociopsicodrama, por ser ele quem irá recortar, como produtor de

⁴² “Termo cunhado pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, mas adequado à tarefa do tradutor que, em vez de simplesmente repetir uma expressão em outra linguagem, cria condições para que ela possa ter valor aproximativo com a língua original, ao mesmo tempo em que adiciona novos sentidos” (REÑONES, 2000, p. 201).

cena, falas, idéias, sentimentos etc. pronunciados nas narrativas, para serem mostrados atualizadamente, no palco psicodramático.

A imagem, na oficina, foi utilizada no sentido que utiliza Reñones (2004), isto é, como uma alegoria, porque se mostra como uma abertura para além de si mesma, posto que nunca está completa e sempre é referida a um contexto, um tempo e uma perspectiva; e não como símbolo, que aponta para uma completude, para uma imagem fechada ao sentido que se quer dar a entender.

Portanto a imagem como alegoria entrou, nesta oficina, como um modo de olhar para a experiência de ser ex-esposa, no sentido daquilo que é vivido e merece ser compartilhado. Ou seja, a imagem como modo de expressão da experiência e que, por ser uma imagem alegórica, retrata a qualidade de abertura e incompletude dessa experiência.

Considero que a pesquisa qualitativa me tem oferecido subsídios procedimentais apropriados para o enfrentamento analítico-crítico de minha grande interrogação: **como a mulher contemporânea vive a experiência de ser ex-esposa?**

A razão que sustenta essa consideração tem uma justificativa plausível. Segundo penso, o olhar fenomenológico me oferece o instrumental de análise e o suporte metodológico apropriados para desenvolver minha pesquisa, pelo fato de desafiar-me, intelectual e existencialmente, a articular, de modo crítico, uma reflexão sobre a *experiência de ser ex-esposa* (dimensão particular) e, ao mesmo tempo, sobre sua relação com os outros e com o mundo (dimensão universal), vale dizer, sobre o sentido de sua experiência de ser-em-situação (*existir nessa condição de co-existência*).

Nesse sentido, já me atendo, neste momento, aos procedimentos de articulação interpretativa, em primeiro lugar, as narrativas colhidas foram transcritas, eliminando os indícios identificadores, para assegurar o anonimato.

Em seguida, realizei uma leitura dessa transcrição, procurando apreender o sentido dessa realidade ali revelado. Posteriormente, cada narrativa, já textualizada, foi entregue às sujeitos/narradoras, para que pudessem identificar o seu reconhecimento. Poderiam fazer, no texto, as modificações necessárias para torná-lo mais fidedigno/representativo do que, efetivamente, explicitaram/expressaram de sua experiência enquanto tal e, com isso, autenticaram-no e concederam-me o direito de incluí-lo no corpo da pesquisa, como narrativas legitimadas na qualidade de depoimentos. A leitura das narrativas textualizadas foi feita individualmente e, depois, marquei um encontro com cada uma delas, em horários e locais escolhidos por elas, para recolher os textos.

Por fim, a partir desse momento, realizei um diálogo com os depoimentos, procurando refletir o que eles puderam me revelar/dizer sobre a experiência de ser ex-esposa e articulando-os com os conhecimentos prévios encontrados, buscando um sentido para a dimensão existencial e sua repercussão na clínica.

4.2 No abrir das cortinas: a Oficina Sociopsicodramática.

Inicialmente esclareço que fiz a opção de deixar na íntegra o texto literalizado da oficina, mesmo considerando que a narrativa poderia tornar-se extensa e cansativa. Isso porque por ele apresento o desenrolar de todo o caminho da oficina, ou seja, as interlocuções entre os depoimentos das sujeitos/narradoras, algumas de suas expressões afetivas mostradas durante esse trabalho, entremeadas com as minhas falas, além de interpor afetações e compreensões que a mim ocorriam tanto no momento da oficina propriamente dita quanto durante a literalização mesma. Creio que esse modo de apresentar as narrativas pode causar

surpresa/estranheza, bem como dar a impressão de estar percorrendo um caminho longo, cansativo, sobrecarregado de informações, ou até mesmo confuso, provavelmente pela novidade/originalidade no modo de comunicar matéria-prima de pesquisa (“os dados”) por uma formatação gráfica particular e pertinente ao modo e conteúdo do material colhido. Como disse André Monteiro⁴³, em seu parecer na banca prévia,

Achei muito original a idéia de decompor o papel de pesquisadora em diversos papéis que permitiram a avaliação do processo interativo sob diferentes ópticas. O recurso das cores diferentes e das fontes particularizadas para cada participante permitiu dar uma idéia bem aproximada do que deve ter acontecido nesse encontro tão rico em revelações (descobertas) e reflexões. No meu papel de leitor, contudo, senti-me em certos momentos afogado por tantas informações.

A opção de manutenção por essa forma de apresentação, aparentemente “sufocante”, se deve, de um lado, à nova metodologia clínica proposta para pesquisas de prática psicológica, e ainda em fase de fundamentação, por estar sendo construída passo a passo, em cada projeto de mestrado dos alunos do LACLIFE⁴⁴/UNICAP, e em cada projeto de mestrado e doutorado dos alunos do LEFE⁴⁵/USP; e de outro, pela oportunidade de levar ao leitor(a) vários olhares sobre o mesmo fenômeno (os diversos lugares que ocupo). Acredito que, ainda, partindo do contato com todo o desenrolar da oficina, seja possível ao leitor fazer também sua própria compreensão à luz de sua afetação, construindo outro sentido possível. Por fim, pelo fato de o psicodrama estar sendo estudado pela primeira vez no Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP, na linha de pesquisa “Intervenções Clínicas na Abordagem Fenomenológica Existencial”, seria apropriado apresentar uma descrição detalhada de sua forma de atuação, possibilitando que algumas compreensões, deturpadas ou restritas quanto à sua ação, como modalidade de prática clínica, possam, talvez, ser dirimidas.

⁴³ Professor Doutor da Universidade Católica de Brasília, integrante da comissão de avaliação deste trabalho, membro suplente.

⁴⁴ Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial.

Ademais, comunico que fiz também a opção de não descrever, neste momento inicial, tanto os passos propostos durante a oficina quanto os recursos sociopsicodramáticos recorridos, pois compreendo que, se assim o fizesse, permaneceria aberta a possibilidade de compreensão dessa modalidade de prática psicológica como estritamente procedimentos decorrentes de uma técnica. Manter o modo de lançar mão de recursos no próprio acontecer da oficina, descrevendo-os, portanto na sua ocorrência situacionalizada, poderia ser um modo de comunicar sua pertinência como *techné*, ou seja, como recurso acontecimental para permitir o surgimento da criação, ela mesma no momento em que se manifesta.

Desse modo, embora essa forma de apresentação das narrativas possa suscitar vários questionamentos, opto por conservá-la, esperando contribuir para possíveis revisões metodológicas sobre pesquisa em Psicologia Clínica. Contudo ela não poderá ser desconsiderada como um modo possível para mostrar/ocultar fenômenos revelados durante a colheita da matéria-prima de uma investigação, neste caso, a oficina. Ressalto, entretanto, que esta mostra é apenas o espaço de apresentação do material colhido a ser investigado. Os elementos significativos que dela brotaram serão discutidos, considerados e criticados na comunicação a ser apresentada no capítulo seguinte, como “costura” significativa de retalhos que se apresentaram como indicadores de sentido à questão sob interrogação neste trabalho.

Objetivando uma melhor clareza na leitura do texto, utilizo, para diferenciar as falas (depoimentos vividos) das sujeitos/narradoras, da unidade funcional e do grupo durante a oficina, letras com fontes variadas em cor automática (preta). Abaixo ilustro as fontes escolhidas e apresento o “elenco” da oficina:

Brisa – Eu sou Brisa

Clara – Eu sou Clara

Cristal - Eu sou Cristal

⁴⁵ Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial.

Luara – Eu sou Luara

Mel – Eu sou Mel

Flora – Eu sou Flora

D – Diretora

E-A – Ego-auxiliar

GR – Grupo

Para destacar as narrativas, ocorridas durante a oficina, dos meus pensamentos e compreensão, ocorridos na literalização, apresentarei as primeiras dentro de um quadro (caixa de texto), como que para emoldurar a oficina ela mesma. Com esse recurso, espero mostrá-la como aconteceu, facilitando a leitura e o acompanhamento do leitor.

Enquanto narradora, falo de quatro lugares diferentes sobre a dinâmica do trabalho. Utilizo, de um lado, o tempo verbal no passado para me remeter aos lugares de Diretora, Investigadora Participante Oficineira e Pensadora da Sombra e, de outro, o tempo verbal no presente para demarcar o lugar de Interlocutora Intérprete. Esse procedimento justifica-se quando, ao falar desde esse último lugar, a minha narrativa é construída a partir do texto já literalizado – e, portanto, *desde fora* do *locus* acontecimental da oficina -, enquanto que, pelo contrário, para elaborar a narrativa a partir dos outros três lugares, tive que me reportar aos recursos audiovisuais de que lancei mão no decorrer da oficina – e, assim, rememorando o *desde dentro* presenciado durante a oficina. Ressalvo que, para facilitar a identificação do(a) leitor(a), apresento numa letra com a mesma fonte, mas em cores diferentes, os lugares de onde falo, a saber:

Diretora (D) – desse lugar narrei a caminhada da oficina, desde os movimentos para a composição do grupo até a sua finalização com a presença das sujeitos/narradoras.

Investigadora Participante Oficineira (IPO) – desse lugar narrei a minha afetação e compreensão em ação, dos movimentos, climas afetivos, dinâmica do grupo etc, durante a oficina e descrevi as técnicas escolhidas e utilizadas na sua realização.

Interlocutora Intérprete (II) – desse lugar narro a minha afetação e compreensão do lado de fora da oficina sociopsicodramática.

Pensadora da Sombra (PS) – desse lugar narrei comunicações não verbais, ocorridas durante a oficina, como se estivesse “pensando em voz alta”.

Utilizei, para narrar como pensadora da sombra, a técnica do aparte. Moreno importou esta técnica da linguagem teatral. No Psicodrama ela é usada com o objetivo de favorecer a expressão de idéias e/ou sentimentos, por parte do protagonista, que não estão sendo expressos na ação dramática. É um momento de “pensar em voz alta”, sem, no entanto, deixar dúvidas de que, a princípio, o interlocutor “não ouve” o que é dito no aparte. Como existe esse pressuposto de que as pessoas presentes “não ouvem” o que é dito no aparte, elas não podem responder diretamente e, portanto, não o levam em conta, mas o percebem e, assim, aquele conteúdo é introduzido na rede comunicacional.

Nesta narrativa, utilizei o aparte para falar de expressões que se fizeram presentes durante a oficina. Elas virão em letra na cor rosa e, algumas vezes, entre parênteses. Estava “pensando em voz alta”, ou melhor, “lembrando/descrevendo”, os movimentos, ações, sentimentos etc. expressos pelo grupo no decorrer da oficina sociopsicodramática, e que não foram verbalizados, nem registrados em imagens e falas, mas que estão gravadas em vídeo.

4.2.1 O tecer da experiência de ser ex-esposa.

Nos últimos quatro anos, na minha prática profissional e nos vários contextos sociais e/ou grupais em que me encontrava, tomei conhecimento de diferentes histórias narradas por ex-esposas e por pessoas que conviviam com ex-esposas. Dentre as vivências relatadas, chamava-me a atenção as distintas situações presentes na experiência de ser ex-esposa. Particularmente, voltei-me para algumas histórias. No entanto o que mais me tocou foi a percepção da diversidade nos modos de mostraçãõ desse fenômeno.

Tendo em vista realizar uma pesquisa sobre esse fenômeno, entre outras modalidades de investigação, montei uma oficina sociopsicodramática com algumas ex-esposas, onde as mesmas, na qualidade de sujeitos/narradoras, pudessem expressar múltiplas situações da experiência de ser ex-esposa.

Das quatorze ex-esposas contatadas, apenas duas não aceitaram participar da oficina. Uma verbalizou que não tinha disponibilidade pessoal no momento para lidar com o tema, pois já tinha trabalhado no seu processo psicoterapêutico esse seu lugar de ex-esposa e não queria mexer nessa história; a outra expressou que não tinha disponibilidade de compartilhar esse conteúdo em um grupo.

Eu contava, então, com doze mulheres que tinham interesse em participar da oficina. Ao entrar em contato novamente com as mesmas, para levantar a disponibilidade de horários para a realização da Oficina Sociopsicodramática, os únicos dias possíveis eram sábado e/ou domingo, uma vez que todas trabalhavam e/ou estudavam. Contatei os meus egos-auxiliares, Socorro e Claudine e, juntas, escolhemos o sábado (17/04/04) para a realização da oficina.

Comuniquei às ex-esposas a data e uma me informou que, nessa data, não poderia participar, pois faria a prova de um concurso público; outra que estaria viajando a trabalho.

Restaram apenas dez sujeitos/narradoras, sendo que quatro poderiam participar no sábado; três no domingo e três no sábado e no domingo.

Na terça-feira (13/04/04) confirmei com as sete participantes que a oficina seria no sábado e o meu consultório o local escolhido para a sua realização.

Para a minha surpresa, na quinta-feira (15/04/04), quatro delas entraram em contato comigo falando que não mais poderiam participar naquela data, alegando: trabalho (viagem e plantão) e aniversário da irmã.

Desde o momento da constituição do grupo, começo a lidar com a dimensão do inesperado. Confesso que me surpreendo ao me deparar com o imprevisto. Estar diante da imprevisibilidade é, ao mesmo tempo, estar *desalojada*, ou seja, colocada diante do desconhecido, do estranho em mim e no outro. Nesse sentido, na própria composição do grupo, já me vi transitando no terreno do viver, pois “viver é o que fazemos e nos acontece” (ORTEGA y GASSET, 1961, p. 165). Nesse instante, o acontecimento diz ao mesmo tempo de viver e morrer. Um grupo que virtualmente está constituído desfaz-se sem possibilidade de atualização. Assim, o fortuito surge, trazendo consigo não apenas o receio de não realizar a oficina na data prevista, mas, indo além: o medo de que as sujeitos/narradoras não se disponibilizassem para dizer de suas experiências de ser ex-esposas. (II)

Comecei a me inquietar diante da dificuldade de constituir um grupo. Solicitei a ajuda de algumas amigas para me indicarem nomes de ex-esposas, a fim de viabilizar o trabalho. Assim, surgiram mais quatro mulheres, sendo que apenas três confirmaram a sua participação, pois uma estaria trabalhando.

Na sexta-feira (16/04/04), ficou confirmada a presença de nove participantes e dos dois egos-auxiliares na nova data de realização da oficina, a saber, domingo (18/04/04).

Na hora combinada para o início da oficina (08 horas), o grupo estava composto por seis sujeitos/narradoras. Comuniquei ao grupo que faltava chegar mais três pessoas e o grupo

solicitou que eu entrasse em contato por telefone para confirmar as suas presenças. Não consegui falar com duas das ausentes e uma me informou que se atrasou por problemas pessoais e perguntou se poderia chegar no final da manhã. Eu disse que, pela proposta do trabalho, não seria possível. Retornei ao grupo as informações e o mesmo decidiu prorrogar o início da oficina por mais trinta minutos.

A temporalidade surge imbricada com o inesperado. Sou tomada, agora, pela surpresa em constatar que o grupo inicia vivenciando um fenômeno que vivi na sua composição, isto é, lidar com o inesperado da ausência, da falta. O tempo cronológico sinaliza que já é hora de iniciar a oficina. No entanto, o próprio movimento do grupo dá existência ao aspecto psicológico/existencial do tempo. Ao sugerir uma tolerância de trinta minutos, o grupo já inicia sua auto-organização a partir do que vivencia no contexto grupal, assim como, sinaliza para o surgimento da **dimensão do cuidado** em relação as **ausentes**.

O brotar dessa dimensão do cuidado no grupo, sem dúvida, traz consigo a reverberação do fundamento da pesquisa clínica. Quando me remeto à clínica, vejo em seu acontecer um âmbito atitudinal, pelo qual se elabora uma inclinação para o outro em seu modo de apresentar-se como tal, ser-no-mundo. Experimenta-se um diálogo de afetação que possibilita a abertura presencial de uma escuta da demanda do outro. Escutar é, em termos clínicos, acompanhar o movimento de mostraçõ desse outro. Só se escuta, portanto, na presença de alguém que se permite revelar-se num face a face, por se sentir acolhido. Acolher, na clínica, é cuidar do ser desse outro presente.

No movimento do grupo, surge um carecer da presença do outro, ausente. Mas, aí, me pergunto, o que é estar ausente? Desde Heidegger (2002), se olho para a ausência como um modo de manifestação da presença do ser humano, imediatamente sou levada a considerar as diferentes maneiras do seu existir e os vários aspectos da manifestação do seu mundo.

Focando o contexto grupal, a ressonância desse “cuidado” remete as sujeitos/narradoras a um habitar peculiar aos “mundos” humano e próprio, pois dão, pela memória das ausentes, de um lado, uma resposta ao encontro e à convivência consigo mesmas e, de outro, pensam e transcendem a situação imediata. Penso ainda que, neste movimento de afetação, o grupo começa a criar um modo singular de organizar-se dentro das situações inesperadas, imprevistas, novas. Estaria o grupo experienciando abrir-se ao inesperado, ao acontecimental modo de ser humano? (II)

Nesse período de espera, solicitei ao grupo que lesse e assinasse o termo de consentimento livre e esclarecido, consentindo em participar da pesquisa bem como autorizando o uso do material recolhido. Expus também que, por se tratar de uma pesquisa, a oficina precisava ser registrada em áudio, vídeo e fotografia. Todo o grupo permitiu que se fizesse o registro sem expressão de incômodo.

Como havíamos acordado, às 08 horas e 30 minutos iniciamos a oficina com as seis participantes.

Novamente, a temporalidade se impõe como constituinte da condição humana. Na realidade, a oficina já havia começado, pois já tínhamos feito um contrato de natureza informal, no qual se acertara em ligar para as ausentes e esperar trinta minutos; e outro de natureza formal, que foi o contrato da pesquisa, assinado por elas.

Dar-me conta, agora, da solicitação para que o grupo assinasse o termo de consentimento, causa ansiedade, pois, só neste momento, percebo a minha antecipação, ou seja, vejo que não consegui esperar, de fato, os trinta minutos propostos pelas sujeitos/narradoras. Talvez até pela necessidade de começar a fazer alguma coisa na oficina. Mas, por outro lado, posso compreender que tal ansiedade não se fazia presente apenas para mim. Afinal, algo estava para se iniciar, acontecer, mas houve um retardo por todos acordado, e esse espaço “entre” o esperar e o acontecer é sempre inquietante no cotidiano humano: a

expectativa que, geralmente, mobiliza a angústia do saber que vai algo acontecer mas não controlado quanto ao “como” vai ser. (II)

Iniciei minha apresentação formal para o grupo. Expus que era psicóloga, que estava fazendo mestrado em Psicologia Clínica na UNICAP e que foi em função desse mestrado que eu as tinha convidado para participarem daquele trabalho. Disse, também, que a minha pesquisa de mestrado estava com o tema provisório – “A experiência de ser ex-esposa: problematizações para uma clínica de gênero”. Expliquei que era provisório porque, a partir daquela oficina e das minhas leituras subsequentes, poderia mudar o título ou subtítulo.

Em seguida, falei que o modo que havia escolhido para a-colher a experiência de ser ex-esposa de cada uma delas, foi através da realização daquela Oficina Sociopsicodramática. Perguntei então se elas conheciam o Psicodrama, o Sociodrama ou o Sociopsicodrama. Brisa, Flora e Clara sinalizaram com a cabeça que sim e Mel disse que tinha alguma noção.

A-colher. O sentido que dou a esse termo é *cuidar do escutar/dizer*. Essa acepção me ocorre, justamente, por lembrar que, a clínica psicológica, como lembra Henriette Morato (2004)⁴⁶, é um lugar de escuta do que é dito. O dito está no outro e, como o dito chega para mim, é como eu o olho com o meu ouvir; é como ele se imprime/exprime em/para mim. Nessa perspectiva, posso escutar clinicamente, porque olho/ouço e, ao vê-lo/escutando-o, estou implicada em estar ali (CARDOSO, 2004). A escuta psicológica, então, se processa como sendo o eu-estar-atenta-a-esse-outro, ou seja, um olhar (de psicóloga/pesquisadora) endereçado ao outro. Essa escuta liga-se ao cuidado, no sentido de inclinar-me para o outro, não tanto para cuidá-lo, nem tampouco para ser cuidado; mas para poder chamá-lo a si mesmo, posto que, enquanto sujeito, é ele quem cuida de si. Por onde, entendo que me inclino, me coloco como utensílio à disposição desse outro-que-apela-por-cuidado, muito

⁴⁶ Reflexões obtidas através de anotações em aula, na disciplina Clínica Fenomenológica Existencial II, ministrado pela professora no Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP, durante o período do segundo semestre de 2003.

embora se saiba que, existencialmente, votado à tarefa de cuidar-se; vale dizer, é ele quem cuida de si mesmo.

Especificamente nessa pesquisa, a-colher é *cuidar do escutar/dizer da experiência de ser ex-esposa*, através do sociopsicodrama. Como o dizer cria, produz sentido, ao cuidar do dizer o que foi escutado, me encontro na mediação do que se abre pela afetação do ser-com, de onde se depreende que estou aberta para ser tocada pelos sentidos que brotam desse dizer-do-outro, assim como posso criar uma compreensão dessa afetabilidade – que me põe na possibilidade do dizer de outros sentidos ressonantes a partir do seu dizer escutado cuidadosamente.

Nesse momento, percebo que esse meu dizer anunciava ao grupo o meu compromisso com a dimensão do cuidado dirigido à sua escuta. (II)

A partir daí, apresentei o Sociopsicodrama como uma modalidade de intervenção/investigação clínica. Acrescentei ainda, como eu iria enfocar a experiência de ser ex-esposa, trabalhando com a pluralidade (todas ex-esposas) e com a singularidade (variadas situações de ser ex-esposa): olhando para a pluralidade, para falarmos do Sociodrama; e olhando para a singularidade, para falarmos do Psicodrama. Por isso, então, realizar uma Oficina Sociopsicodramática.

Após esse momento, comuniquei ao grupo que iria contar, durante o trabalho, com a participação de mais duas profissionais: Socorro e Claudine. Solicitei que as mesmas se apresentassem. Socorro iniciou dizendo seu nome e falando de seu trabalho como psicodramatista e psicóloga hospitalar. Terminou sua fala revelando que já conhecia Flora, Brisa e Clara. Naquela oportunidade, expliquei que havia perguntado a Flora se ela aceitaria a presença de Socorro na oficina e a mesma, de pronto, não viu nenhum incômodo. Constatei, também naquela ocasião, que não havia perguntado a Clara e a Brisa já que conheciam Socorro. Perguntei, ali, se para elas haveria algum tipo de impedimento. As duas responderam

que não. Aproveitei o ensejo e informei ao grupo que já havia investigado com Luara se era incômodo para ela a presença de Claudine, já que elas se conheciam, o que para ela não representava nenhum inconveniente.

Essa investigação dos vínculos pré-existentes entre as pessoas que compõem um grupo, foi fundamental para que houvesse clareza e confiança no trabalho do grupo. Foi um momento de desocultamento de vínculos sociais/interpessoais/existencias presentes naquele contexto grupal. Momento de revelação para que favorecesse a experimentação do contrato grupal. Aqui, por conta do meu esquecimento, corri o risco de ficar sem a participação de um ego-auxiliar, caso uma das sujeitos/narradoras não aceitasse a sua participação; e até mesmo o risco de ter que adiar a oficina, pois, embora naquele momento a escolha das participantes fosse prioridade, a presença de um ego-auxiliar profissional também era imprescindível, para mim, como diretora, no prosseguimento do trabalho. (IPO)

Interessante que pela primeira vez me dou conta de que, dos cinco instrumentos (diretor, ego-auxiliar, o público, protagonista e o palco), com que trabalhamos no psicodrama, apenas um – o palco – não é um outro sujeito que, ao se fazer presente, interfere com a sua subjetividade. Desse modo, essa fala/ação do ego-auxiliar (o único instrumento criado por Moreno; os demais ele traz do teatro) explicitou o que eu tinha deixado passar despercebidamente, fazendo-me sentir, como diretora, acompanhada pelo ego-auxiliar. (II)

Em seguida, passei a palavra a Claudine. Ela fez sua apresentação, dizendo que era psicóloga, gestalt-terapeuta e estava ali tentando me ajudar como “câmera man”.

Eu disse ao grupo que na linguagem psicodramática, Socorro e Claudine eram meus egos-auxiliares naquela oficina.

Posteriormente, solicitei também que cada uma das participantes se apresentasse:

Clara – Eu sou Clara. Sou estudante de Psicologia... estou terminando agora... Com dois ex-casamentos

Flora – Eu sou Flora... Sou dentista.

Cristal - Eu sou Cristal... pedagoga.

Luara – Luara! Eu trabalho na área de manutenção.

Brisa – Brisa... Eu sou psicóloga.

Mel – Mel... Professora.

Após essa rápida apresentação das participantes e da Unidade Funcional (diretora e egos-auxiliares), eu disse que Flora havia me pedido para comunicar a todas que ela estava com uma dificuldade particular e que, talvez, precisasse, em algum momento, atender o celular. O grupo concordou que ela recebesse a ligação telefônica. Na ocasião, sugeri que as demais deixassem os celulares no silencioso ou desligado e que, caso fosse necessário, Flora atenderia o celular no banheiro.

Acordos e/ou negociações inesperadas remetem à construção de um “acordo próprio”, isto é, pautado pelas exigências pactuadas pelo grupo, para o funcionamento na oficina. Com isso, mais um item do nosso contrato é firmado, em função das vivências refletidas pela dinâmica grupal. (IPO)

Essa forma de realizar o contrato grupal, a partir da própria dinâmica do grupo, me faz pensar o *contrato* por outro prisma: como algo processual/acontecimental. Sendo assim, esse modo de cada grupo organizar-se dentro das situações que lhe sejam peculiares leva-me a ver que o contrato, o acordo ou a negociação é uma coisa acontecimental em função da questão do viver-com, do viver-entre, isto é, da condição existencial de convivência. É nesse constante vir-a-ser/realizar-se que se abre a possibilidade da ação política, como adverte Hannah Arendt (2001).

Na realidade, ao trabalhar com um grupo, cria-se a possibilidade de um *con-viver-acontecimental*, revelando a dimensão existencial do *ser-com* no modo da convivência. E, por ele, acordos e negociações são necessários. Com efeito, é através da concretização desses

trâmites que se apresenta a linguagem própria desse modo de ser na con-vivência, encarnado num dizer público compartilhado - sua publicidade. Tal publicização, em verdade, diz de uma ação política, uma vez que implica a realização de uma possibilidade do modo de ser da convivência. Por e com ela, demarca-se o sentido da ação de cada ser humano, não mais por seu pertencimento ao Ser Universal, ou mesmo às forças vibráteis do Cosmos, mas sim, como uma dimensão existencial, que o enraíza ao seu modo constitutivo de *ser-no mundo-com*, remissão essa que o insere no coletivo da historicidade, outra dimensão que, paradoxalmente, permite a constituição de seu modo de subjetivação como singularidade.

Nesse sentido, não é o conteúdo do acordo/contrato que se refere à ação. Ele aponta a direção de compromissos éticos expressos entre homens para a realização de um pro-jeto de con-vivência possível no espaço/tempo partilhado por ambos. Assim, esse dizer público tem o valor de uma ação política como autenticação de si mesma. Esse dizer/ação funda-se por outra perspectiva: de um “dizer que vem para mim para dizer de mim para outro”, isto é, um dizer que se articula na perspectiva do eu-no-com ou entre-os-outros, implicando a articulação entre o modo de ser-com ancorado numa ética para realizar-se como ação política.

Quando olho para o contrato grupal a partir dessa perspectiva, a questão do modo de ser da convivência mostra-se como uma ação política, portanto, mediada por um con-trato. Na afirmação de sua concreticidade operativa, encontra-se uma tratativa, ou seja, um pacto. Esse pacto acontece a partir de um acordo nascido de um conhecimento tácito, em que todas as presentes com-pactuam este ser-com e, assim, através do con-trato firmado, se percebem negociando e pactuando, tendo em vista o reconhecimento comum e singular, o sentimento que faz acontecer o que se tem ou dá entre todos como ação política.

Encontro aqui uma dimensão ético-política (*ethos-polis*). O que parece ser uma simples negociação de normas, na verdade aparece como uma forma de organização do convívio humano, um tratado de con-vivência entre diferentes, ou seja, uma organização

política para o ser-com, como lembra Hannah Arendt (2002). Penso que, por isso, nesse modo de ver o con-trato, está implícita a questão da morada do ser (*ethos*). É esse campo ético-político articulado na experiência vivida da construção do con-trato de con-vivência grupal que vai possibilitar a ação humana no existir desse grupo⁴⁷. (II)

Em seguida, apresentei os procedimentos da dinâmica funcional da Oficina Sociopsicodramática considerando:

1) Os cinco instrumentos:

a) o diretor psicodramático (eu que dirigia o sociopsicodrama); b) os egos-auxiliares (Socorro e Claudine); c) o público ou auditório, as sujeitos/narradoras no contexto grupal; d) o cenário, o palco psicodramático;



(Foto 1. Palco Psicodramático)⁴⁸

e) o protagonista, que poderiam ser todas elas ao mesmo tempo (o grupo), ou uma de cada vez, em determinados momentos.

2) Os três contextos:

a) o contexto social corresponde ao extra-grupo – a realidade do vivido no mundo lá fora.

D – Sua importância se faz sentir... agora mesmo... ao lembrar que foram as histórias narradas... escutadas nesse contexto... que me levaram a convidá-las para essa oficina! Este contexto também se faz sentir... porém... nesse espaço grupal! Há pouco... por exemplo... Flora trouxe algo da realidade vivida no contexto social... a saber... a possibilidade de ter que atender a uma ligação do celular! Isto nos faz notar que... do ponto de vista formal... este contexto está lá fora... mas claro que nos acompanha aqui e... de qualquer modo... estrutura uma linha permanente de referência entre o espaço extra e intra grupal... ainda que as histórias tenham acontecido fora

⁴⁷ Como bem nos dizia Hannah Arendt (2001).

⁴⁸ As fotos apresentadas nessa pesquisa foram fotografadas durante a realização da oficina sociopsicodramática

deste espaço!

b) O contexto grupal é construído pelo próprio grupo e constitui-se por todos os participantes, incluindo a Unidade Funcional (UF), pelas suas interações, normas e histórias particulares a cada grupo. Do ponto de vista formal é esse contexto onde nós estamos sentadas ao redor do palco.



(Foto 2. Contexto Grupal)



(Foto 3. Contexto Grupal)

c) O contexto dramático é a cena montada pelo protagonista juntamente com o diretor. Este contexto é, do ponto de vista formal, o palco psicodramático onde acontecerá, logo mais, a ação dramática.

Em seguida, aquecendo-me para dar prosseguimento à oficina, levantei-me, subi ao palco e continuei apresentando o Sociopsicodrama, suas raízes no Teatro, na Sociologia e na Psicologia.

D - Então... como vocês estão vendo... esta sala... e a forma como eu falo também... falo em diretor, protagonista, palco, público, auditório... tem toda a influência do Teatro! Assim... como aqui é o palco psicodramático... como no teatro... estas duas cadeiras no meio do cenário... simbolicamente representam as cortinas do palco! Então... quando elas estão nessa posição... contactados por um de seus pés dianteiros... como quando a gente vai ao teatro... as cortinas estão fechadas! Nada acontece aqui! Quando elas se abrem... quando o diretor de psicodrama abre as cadeiras de cena... as cortinas... é porque vai acontecer alguma coisa aqui no cenário psicodramático! Esta posição também simboliza o encontro!!! O encontro consigo mesmo... o encontro com os personagens significativos da nossa história... o encontro com um tema... que nesta oficina sociopsicodramática é a experiência de ser ex-esposa!!! Neste contexto dramático a gente sobe descalço... e em alguns momentos a gente vai contar com a participação de Socorro aqui no cenário!

Desci do palco, voltei ao contexto grupal e continuei a apresentar os procedimentos funcionais da oficina sociopsicodramática, desta feita tratando do seu terceiro item de composição, a saber, as suas três etapas: a) a etapa de aquecimento, tem o objetivo de preparar

o grupo para a ação. Ela se encontra dividida em duas partes: o aquecimento inespecífico, cuja principal função é abrir ao auditório a possibilidade de disponibilizar-se para narrar histórias e o aquecimento específico - que é dirigido para o protagonista -, no qual o diretor deverá aperceber-se de que maneira pode solicitar que algum membro ou todo o grupo saia do seu lugar para compartilhar uma história; b) a etapa da ação dramática que se inicia com o encontro entre diretor e protagonista e onde as falas criadas pelo protagonista se transformam em ações (imagens cênicas que possibilitam a ação no cenário, como história encarnada); c) a etapa dos comentários, pela qual o grupo vai compartilhar as reflexões surgidas a partir da etapa anterior; é onde se elabora a história vivida no palco.

Após essas apresentações, construí com o grupo um acordo de convivência que incluía o sigilo e a previsão de quatro horas de duração da oficina, com um intervalo de quinze minutos após duas horas de trabalho.

Confesso que, até antes de subir ao palco, sentia-me presa e inquieta, sem entender o que se passava comigo. Foi então que decidi me movimentar fisicamente e assim, entrei no palco. Durante este período de esclarecimentos, enquanto me aquecia para acompanhar o grupo, fui me dando conta de que aquelas pessoas (sujeitos/narradoras) iriam narrar as suas experiências de ser ex-esposa; iriam contar, por dentro desse território simbólico do palco, na verdade, as histórias que revelariam diferentes situações em que estavam implicadas suas existências. Elas protagonizariam suas histórias: aqui na frente, uma mulher que decidiu separar-se quando percebeu que o marido crescia intelectual/profissionalmente e ela não; ali atrás, uma mulher que traiu o marido, mas não queria a separação - a decisão foi dele; lá na esquerda, uma mulher que decidiu separar-se após ter sido agredida fisicamente pelo marido; cá na direita, uma mulher que saiu de duas relações conjugais, por ver-se interessada em outras pessoas; mais adiante, uma mulher que lembra do ex-marido lhe dando todos os motivos para uma separação, quando bebia, usava drogas e tinha amantes, mas não queria que

ela fosse embora; no centro, por fim, uma mulher que criou o pretexto de ir morar com a mãe para separar-se do marido, pois lhe faltava a coragem de assumir o desejo de deixá-lo.

No movimento de minha consciência, um outro fato mostrou-se curioso: essas mulheres eram totalmente desconhecidas umas das outras; elas nunca tinham se visto ou se conhecido. Interessante, é que eu já sabia disso, mas só naquele momento eu me apropriava desse conhecimento. De fato, eu estava com um grupo totalmente desconhecido, propondo uma oficina cujo tema revelava a sutileza e complexidade das histórias pessoais. O que fazer? Ocorreu-me, então, o que era preciso para o trabalho: propor uma atividade na qual, embora construíssem algo individualmente, também pudessem compartilhar um espaço comum. Por certo, a finalidade e a importância da proposta, passavam pela apresentação e criação de uma cumplicidade mínima entre elas, ou seja, a possibilitação de um estado grupal em que houvesse uma abertura para o outro. (IPO)

O que me chama a atenção, neste momento, é que eu estava fazendo o contrato da ação clínica. E a minha surpresa é que só me dou conta disso, agora, de fora da oficina. É interessante notar que, nesta passagem do contexto da pesquisa para o da clínica, é que se dá início ao entrelaçamento da clínica e da pesquisa. No caso específico desse trabalho sociopsicodramático, só após esse momento anterior em que subo ao palco e transito num território simbólico próximo - com o qual eu tenho uma profunda intimidade - é que eu reúno as condições de possibilidade para me apropriar dessa consciência do entrelaçamento matricial entre as ações da clínica e da pesquisa e assim estar aberta para officiar um *saber fazer* a partir de um *fazer saber*, o fazer diário, de ofício, com aquele grupo. Mas não só, para que ele, o grupo, também pudesse começar a *fazer saber*, officiar o entrelaçamento de seus contextos e dizer o sentido de suas experiências de vida.

Só deste ponto de vista, posso dizer que já me fazia presente na oficina. Eu estava afetada, assumindo a inevitabilidade do trânsito na minha subjetividade entre

sociopsicodramatista e pesquisadora, agora híbrida/mestiça como a “investigadora participante/oficineira” – tendo a possibilidade de conhecer por poder co-criar dentro desse trabalho. Além de ser afetada, já começo a me dar conta de como aquelas vivências me tocam. Sinto vividamente o aspecto existencial do espacializar/temporalizar.

Curiosamente, no sentido do tempo cronológico, a oficina já havia começado há alguns minutos, mas só naquele instante ela se inicia para mim como diretora oficinaira de uma pesquisa clínica que também é minha. Posso dizer que, ali, chego à consciência de minha experiência como temporalidade histórica propriamente – historicidade que entrelaça a minha ação como clínica e pesquisadora. Agora eu me sinto aberta para cuidar daquilo que me proponho a tomar sob o meu cuidado.

A abertura a esta dimensão se mostra, por sua vez, entrelaçada à esfera do cuidado: por um lado, tomando para mim a tarefa de cuidar dos procedimentos e condução da oficina; por outro, dispondo-me, aberta, para cuidar do grupo, ao identificar o clima afetivo que se faz presente e ver que, do mesmo jeito que eu precisei subir ao palco para criar intimidade com o grupo e o trabalho proposto, esse grupo precisava criar uma intimidade para poder falar de si, dispondo-se a narrar as suas histórias. Deste modo, fui me dando conta de que elas precisavam aproximarem-se umas das outras, e entre nós todas enquanto grupo, para que pudessem dispor-se a transitar pelo terreno da mostra da intimidade, sem se sentirem intimidadadas nem intimadas. Só assim cada qual poderia estar em presença de si na presença das outras – situação de con-vivência no face a face de si mesmas com outras – propiciando uma comunicação nutriente que possibilite o sentido de contar suas histórias. Nesse contexto, a sujeito/narradora da história, agora, compartilhada na intimidade do olhar/acolher de outras/ouvintes, pode apropriar-se de seu modo próprio de ser o sujeito de sua própria história, por ser ela testemunhada publicamente pelo seu dizer junto a outros que, assim,

reconhecendo-a autora/narradora, veracizam seu dizer e autenticam seu/nosso modo humano de *ser-com*. (II)

Nesta perspectiva, abri as cadeiras de cena e as convidei para se sentarem no palco. Foram subindo Clara, Brisa, Mel, Cristal, Luara e, por último, Flora. Atendendo a minha solicitação verbal, Socorro entrou e, no meio do grupo, forrou o palco com um plástico, colocando sobre ele o material a ser utilizado: lápis grafite, tesoura, papel 40kg. Com isso, dei as consignas⁴⁹ para a construção de uma máscara.

Por que usar a máscara? Em primeiro lugar legitimando que o uso dessa técnica (construção da máscara) me permitiria uma chave de acesso à singularidade das sujeitos/narradoras, ao mesmo tempo em que favoreceria, de modo suplementar, a formulação de um convite coletivo às participantes: subir no palco. Como ainda não havia intimidade suficiente entre elas, pedi que subissem juntas e trabalhassem com o material exposto na confecção de máscaras. Eu tinha em mente, com isso, possibilitar o trânsito no território da intimidade. Na verdade, a partir da utilização desse recurso expressivo, todas poderiam estar comprometidas, através da ação, não apenas com a criação da máscara, mas sim - e o que é mais importante -, consigo mesmas e com as outras envolvidas na proposição de uma mesma atividade. Nesse sentido, a construção da máscara poderia se mostrar, no contexto em foco, como possibilidade de *ser-com* e *estar-com*. Em segundo lugar, pela pertinência de tal atividade como técnica aos objetivos que eu tinha em vista para o momento subsequente: convidaria cada participante a subir no palco, juntamente com Socorro, para vestir a máscara no ego-auxiliar e, sozinha, modelar o corpo do ego-auxiliar no cenário. No desenrolar da trama, inicialmente, o ego-auxiliar ficaria sozinho no palco. Posteriormente, acompanhadas por mim, cada uma delas subiria no palco e vestiria a máscara. Através da técnica usada, o

⁴⁹ Expressão utilizada, quando o diretor dá as instruções necessárias para o andamento do trabalho sociopsicodramático, ao ego-auxiliar ou ao protagonista.

contexto dramático pode se fazer familiar: cada uma pode se mostrar e se apresentar sozinha no cenário, isto é, transitar com intimidade no grupo.

A técnica da máscara foi introduzida no Psicodrama por Rojas-Bermúdez (1997), em 1965, como um passo para a compreensão dos fenômenos comunicacionais na relação terapêutica. Quando utilizada pelo próprio sujeito, favorece a desinibição, ao ocultar o rosto e protegê-lo ao olhar dos demais. (IPO)

Refletindo sobre o caminho das técnicas a serem utilizadas na oficina, recorde-me das discussões em sala de aula com Henriette Morato (2003)⁵⁰ a respeito do uso das técnicas. Esse termo, técnica, vem do grego *techné* que significa arte, criação. Assim, originalmente, a técnica não é um instrumento, mas sim, um outro modo de expressão; ela acontece não como um fim, mas como recurso disponível para expressão do vivido, dadas a condição e a necessidade apresentadas em qualquer situação de realização humana. Pela dinâmica grupal dessa oficina, ela se apresentou como um utensílio que, como oficineira, poderei recorrer por “estar à mão”, para realizar este pro-jeto. Desse modo, a escolha de cada uma delas, se deu pela forma como eu captei compreensivamente o movimento que o grupo revelava a mim. Posso dizer que o meu olhar/escutar me dirigiu ao encontro das técnicas utilizadas.

Em Heidegger⁵¹, encontro um conceito-chave que me abre para uma compreensão da arte (*techné*): *aletheia*, cuja tradução lembra o desocultamento. Se compreendo a técnica como poética - uma possibilidade de criar sentidos – posso recorrer, na mesma medida, à técnica da máscara como uma possibilidade de deixar que o estilo de cada mulher se manifestasse para contar da sua experiência de ser ex-esposa, encaminhando-me a uma interpretação possível de tradução de sentido. Assim, posso através dela, a-colher o seu mostrar-se/ocultar-se, revelando autenticidade ou inautenticidade.

⁵⁰ Reflexões obtidas através de anotações em sala de aula, na disciplina Pesquisa em Clínica Fenomenológica, ministrada pela professora do Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP, durante o período do segundo semestre de 2003.

⁵¹ Passim

No teatro, as máscaras foram/são utilizadas pelos atores, como possibilidade de duplo sentido; ao mesmo tempo que permitem mostrar a face que se apresenta, possibilitam uma compreensão da outra face que está escondida pelo seu avesso. Desse modo, a máscara é, ela mesma, um paradoxo: o que surge (revela-se através de sua presença) demanda ser compreendido também pelo que não quer ser visto (vela-se na mostração) (REÑONES, 2004).

No contexto da teoria psicodramática, o tema da máscara traz implícito o mascaramento/desmascaramento, o ocultamento/desocultamento presente em toda relação humana. Ao mostrar-se algo, algo ainda permanece oculto. Ao ocultar-se algo, algo se mostra. A máscara coloca a ambigüidade do conhecimento em evidência, pois o que ela oculta, é o que é mostrado; o que se mostra não pode ser sem que algo se oculte; o que se oculta não pode ser sem que algo se revele – ambos se interpenetram. Assim, já implicando um paradoxo, a máscara é um elemento para mostrar, para sair, para lançar-se no mundo externo, ao mesmo tempo em que pode ser um elemento para sair/entrar para o mundo interno (BUCHBINDER, 1996).

Nessa oficina, a técnica da máscara foi utilizada como um re-curso para, de um lado, favorecer a apresentação de cada ex-esposa ali presente e uma interação grupal, e familiarizarem-se com o “*setting*” psicodramático, bem como, de outro, – eis o paradoxo da máscara – proteger a sujeito/narradora no compartilhamento com o grupo, enquanto também lhe indica um modo possível de se mostrar a si mesma, expondo-lhe como ser possível olhar/escutar de si e do outro, ocultando-se/revelando-se.

Ainda, ao utilizar a técnica da máscara, lanço mão evidentemente de um jogo⁵² num espaço entre o singular (a experiência de ser ex-esposa) e o universal (sua relação com os outros e com o mundo). Num olhar fenomenológico existencial, posso compreender tratar-se

⁵² “O jogo no Psicodrama é uma atividade que propicia o indivíduo expressar livremente as criações do seu mundo interno” (MONTEIRO, 1994, p. 21).

de um jogo que possibilita o anunciar do sentido de sua experiência de ser-em-situação (*existir nessa condição de co-existência*).

Resumidamente esclarecendo, a técnica da máscara foi usada, nessa oficina, com o objetivo de conectar cada sujeito/narradora ao seu modo de ser ex-esposa e ao das demais, e não para criar a representação de personagens. Com isso, essa técnica não se ocupará de uma estética da representação – o que poderia ser outra possibilidade de discussão dela como recurso, em outra perspectiva de problematização legítima, caso outra fosse a questão e contexto do trabalho; aqui, trata-se do sentido que fala dessa experiência de ser ex-esposa de cada uma das sujeitos/narradoras, ou seja, a máscara como ferramenta de expressão do “estilo de se pintar/ver” próprio a cada uma delas. Ao modelarem uma máscara de si mesmas, sem usar uma já feita ou pronta para um outro, permitem que já se mostrem de algum modo, ainda que se ocultando ou apenas revelando o que desejavam ser ou como serem vistas.

Não obstante, a intenção de que a máscara não seja apenas vista, mas vivida, isto é, que não apresente/represente apenas o personagem de uma história alheia, mas sim, que seja a mostra da própria experiência - neste contexto, da experiência de ser ex-esposa -, abre a possibilidade para criação de mitos. Falo aqui de mito no sentido próprio da palavra *relatos*. De acordo com Reñones (2004), os relatos podem ser expressão das “verdades” efêmeras e contextuais de quem participa e compartilha uma experiência. E também não esquecer que, como bem lembra esse autor, “O mito, expressão fantástica desse território que é o imaginário, mostra sem mostrar (pois só a razão pretende a deselegância de ver tudo na completude)” (REÑONES, 2004, p. 142, parênteses de autor).

A julgar por esse prisma, a máscara foi, então, uma possibilidade de mobilizar coletivamente o relato das experiências de ser ex-esposa das sujeitos/narradoras. Além disso, ela também se faz mito, em sua característica capacidade de evocar relatos, possibilitando a expressão de estilos e modos de compartilhar experiências. A máscara como mito, por isso,

pode ser vivida como sinal de uma experiência, indicando que há algo mais adiante, mais atrás, mais perto, mais longe, e, muitas vezes até, fora dela mesma. Em nosso caso, cada uma das máscaras fala das sujeitos/narradoras, de suas buscas e anseios, suas relações, seus preceitos e preconceitos sociais, suas histórias pessoais, familiares, sociais.

Em outra margem de minha inquietação teórica, lentamente me sinto transitando num caminho que se abre para a questão da estética. Em sua tessitura nada mais distante do que uma idéia de estética apenas compreendida no sentido de “belas formas”. A estética de que falo pede um outro olhar sobre e desde o mundo, onde a beleza, por se mostrar num acontecimento, pede investigação para uma sucessiva abertura ao nascimento de outras realidades. Essa investigação não teme os recursos da ilusão, mas se apresenta como uma possibilidade de lidar com uma verdade flexível, mutante, fantasiada, realizada, que me coloca como pesquisadora-viajante, a caminho, numa atitude que requer tolerância às incertezas. (II).

D - Cada uma de vocês vai pegar uma tira desse papel...

Brisa foi pegando as tiras e passando para cada uma delas: Flora, Cristal, Clara, Luara, Mel e por fim, pegou a sua tira. O grupo ficou em silêncio.

vai colocar o papel no rosto... e marcar com o lápis os dois olhos! Depois de marcarem os pontos de perfuração... vocês vão recortar os dois olhos no papel... como se fosse uma máscara!

O grupo foi marcando e recortando o lugar dos olhos no papel. Enquanto isso, Socorro foi colocando no palco os outros materiais que iriam ser utilizados em seguida: tinta a dedo e papel higiênico.

Agora... munidas do material necessário... a gente vai continuar o momento de apresentação! Cada uma vai construir uma máscara para se apresentar como ex-esposa hoje.

Flora - Botar na máscara esse sentimento?

D - Sim!!! Como você se sente... e como pode se apresentar para a gente hoje... como ex-esposa!!

Clara – Pintando com o dedo?

D – Sim!

Todas se envolveram na construção da máscara com pintura a dedo. Trabalharam em silêncio. Quando terminaram, ajudaram a guardar o material.

Fui constatando, no desenrolar do trabalho grupal, que a construção era realizada ainda, de maneira totalmente individualizada. Este movimento não me surpreendeu, pois ele foi pertinente ao *momento de inclusão*: vivência para conhecimento entre os membros, bem como do lugar de cada um nesse grupo e da modalidade de investigação/intervenção clínica proposta. (IPO).

Estou atenta ao movimento do grupo. Assim, percebo-me, também, como estou começando a conhecer a sua dinâmica peculiar e o movimento singular de cada participante. Por essa percepção, expressa-se como está sendo o meu modo de ser-com nesse grupo, revelando que não apenas as participantes estão começando a interagir e a expressar o seu modo de ser-com nesse grupo. (II)

D - Agora vocês vão pegar a máscara... e sentar novamente no lugar de vocês.

O grupo desceu do palco. Cada uma levava consigo sua máscara, enquanto recolhíamos o plástico. No contexto grupal, elas olhavam para as “suas máscaras”, principalmente Clara.



(Foto 4. Máscara de Brisa)



(Foto 5. Máscara de Flora)



(Foto 6. Máscara de Mel)



(Foto 7. Máscara de Luara)



(Foto 8. Máscara de Cristal)



(Foto 9. Máscara de Clara)

D - Bom... a gente vai conhecer cada uma de vocês... só que de um outro modo! Para isso... a gente vai contar também com a participação de Socorro! Eu vou convidar uma de vocês... Socorro vai ao palco?! Quero que uma de vocês venha ao palco... e coloque em Socorro a máscara construída!

Naquele momento da apresentação, lancei mão da já mencionada técnica da máscara, associada a uma outra: a construção de imagens, também um recurso expressivo que permite a manifestação das experiências. Por meio dessa técnica (ROJAS-BERMÚDEZ, 1997), o protagonista constrói sua imagem como uma escultura, com pessoas ou objetos que não seja ele próprio. As imagens dramáticas expressam o sentido que têm certas vivências, fatos, sentimentos etc., para o protagonista.

No contexto-foco, eu pretendia que as sujeitos/narradoras se apresentassem, expressando, através das imagens produzidas, *como* se viam/sentiam na situação de ser ex-esposa. Isso foi possível, visto que, por meio da imagem criada por cada sujeito/narradora, se produziu um material pessoal portador de uma forma de expressão de processos interiores da protagonista (sujeito/narradora), que somente a ela cabia compreender seu significado. (IPO)

O recurso da máscara, conjuntamente com o da imagem, vão me apontando um modo de aquecer: uma direção para despertar no grupo a possibilidade do relato da experiência. Creio que confeccionar a sua própria máscara, modelar o corpo dessa ex-esposa, que era cada uma delas, foi imprimindo, tacitamente, em cada imagem, o seu modo de ser ex-esposa. (II)

Brisa foi ao palco, e colocou a máscara em Socorro com a minha ajuda.

D - Você olha dali de fora, Brisa?

Descemos do palco e olhamos para Socorro com a máscara.

D – E eu quero que você modele o corpo... a partir do que você está vendo!

Brisa subiu novamente no palco e modelou o corpo do ego-auxiliar, criando uma escultura.



(Foto 10. Ego - auxiliar com a máscara de Brisa)

D - Vem ver daqui de fora! Veja... é isso?

Brisa – É!

Naquele momento, utilizei uma das técnicas básicas do psicodrama: “espelho”. A técnica do espelho (MORENO, 1978) “retrata” a imagem corporal a uma distância tal que o protagonista possa ver a si mesmo. Dar-se conta de que a imagem do espelho é ele próprio, possibilita um crescimento em sua compreensão de si mesmo (mundo próprio), viabilizando, potencialmente, uma melhor percepção de suas relações interpessoais (mundo humano). É o reconhecimento do eu. (IPO)

D - E daqui de fora... o que você vê... quando você olha para essa imagem? Que nome você dá para essa escultura?

Brisa – Expectativa! Expectativa de alguma coisa acontecer!!

D – Você imagina que alguma coisa seria essa?

Brisa – Não!

D – Mais alguma coisa lhe chama atenção?

Brisa – Agora sim! Pelo que eu fiz... e como coloquei! Porque na realidade para mim... o que não está aparecendo... ficou bem para trás... o que eu coloquei! Que seriam as duas coisas vermelhas... que seriam o resto do meu rosto... e uma parte amarelado que seria o sol para mim! Que ficou bem para trás!!! ...

Enquanto falava, suas mãos acompanhavam o que dizia, ou seja, ela pegava no rosto, na parte de trás da cabeça....

A máscara, visivelmente, produz em Brisa um efeito desmascarador, revelando o “estranho em mim”: a “outra mesma” (a repetição) se mostrando e não a “mesma outra” (o novo) como Brisa pensava ser. No contexto-foco, posso falar do desocultamento ocorrido para Brisa em relação a como realmente se encontra em sua experiência de ser ex-esposa, diferentemente do que pensava ser.

Por outra linha de reflexão, este movimento interno/externo, protagonizado por Brisa, prolonga-se num feixe acontecimental carregado de um sentido mais profundo. Numa perspectiva teórica fenomenológica existencial, vejo neste ocultamento/desocultamento o ponto de conexão com o dizer de um conhecimento tácito.

Ao falar de conhecimento tácito/explicito, tomo como referência Luiz Cláudio Figueiredo (1996), que caracteriza o *conhecimento tácito*, ou pessoal, como aquele ligado à

experiência, ao fazer, mas acerca do qual não se pensa, nem se reflete sobre esse fazer. Sendo assim, esse conhecimento é de natureza eminentemente pré-reflexiva. Já o *conhecimento explícito* exige um conhecimento reflexivo e representacional. A esse respeito, um de seus questionamentos teóricos é o seguinte: como favorecer o encontro entre esses dois conhecimentos? E, em resposta, ele mesmo sugere que “as narrativas históricas e as narrativas dramáticas, poderiam constituir-se nos dispositivos representacionais mais convenientes para operar essa mediação” (FIGUEIREDO, 1996, p. 93-95).

A partir dessa visão, voltando à oficina, no contexto do palco psicodramático, Brisa fala da sua vivência, e por tratar-se, ainda, de um conhecimento tácito da experiência, se surpreende. Manifesta-se claramente, nessa pesquisa clínica, portanto, que o teatro psicodramático se torna o lugar de experimentar ser ex-esposa de diferentes formas, isto é, de ser o palco de suas narrativas dramáticas. Pois é no cenário psicodramático, que o conhecimento tácito (experiência vivida, mas não comunicada) da sujeito/narradora Brisa, emerge e pode ser elaborado (conhecimento explícito) no contexto grupal. (II)

Peço ao ego-auxiliar que se vire de costas.



(Foto 11. Ego - auxiliar com a máscara de Brisa)

D – Então?... Essa parte ficou para trás! O vermelho seria o quê?

Brisa – Seria isso!

Brisa, neste momento, passa as duas mãos nas suas bochechas.

D – Bochechas?

Brisa – É!!! Seria assim... querendo é... o vermelho para mim representa muita cor! Vida!!! Então seria para mim... como se estivesse vermelho... em relação ao casamento... eu já estou vermelha! Então... eu já estou ficando livre dessa história!!! E o sol... um pouquinho! Só que ficou para trás!

Durante essa fala, Brisa riu várias vezes.

Talvez não seja ainda o momento de estar na frente como eu imaginava!

Riu novamente ao dizer isso.

Eu quero a tinta para botar para frente!!!

Outro riso. Todo o grupo acompanhou Brisa em sua risada.

Brisa sorriu tantas vezes, foram risos nervosos? (IPO)

Principalmente aquele sol. Quero botar na testa!!!

D - Você imaginava que já estava na frente! E agora... está vendo que está atrás... do mesmo jeito que também no corpo...

Brisa – Uma parte para trás!

Começou a chorar.

D - E você se emociona agora [...]

Brisa – Um pouco! Porque... eu imaginava que já estava vindo para frente!!! É um incômodo saber que ainda está atrás!

D - E aí lhe emociona este incômodo de saber que ainda não foi para frente!

Brisa – Exatamente!

Solicitei ao ego-auxiliar que voltasse à posição original.

Eu ainda vejo... exatamente! É como eu vejo ainda o meu mundo...

Colocou a mão em seu peito

depois da separação!... Eu acho essa coisa meio escura...

Passou as mãos circulando os próprios olhos

o meu mundo interno... preso... escuro... tristeza!! Esse amarelo... pronto! O amarelo seria um pouco do sol... assim... de eu começar... Eu estou descobrindo que ainda estou só começando... que esse sol para frente está muito fraquinho! Eu quero a tinta para botar para frente!!!

Fez o movimento de pintar com o dedo, e voltou a sorrir.

O que compreendo do que faz Brisa, por seu movimento expressivo, indica uma confirmação do desocultamento em relação a sua vivência anterior. Eu me pergunto, porém: o que estava oculto seria o desejo em Brisa de já estar podendo ser a “mesma outra”, mas que ainda não passava apenas de uma imaginação? Nessa direção, a máscara se apresenta para Brisa como possibilidade de revelar a sua relação eu-mundo, presente na dobra de sua elaboração cênica, pelo lado avesso de sua vivência. Brisa demonstra estar, naquele momento, se apropriando desse seu ser-no-mundo, como ex-esposa. Não é mais, portanto, apenas o que está oculto que se desvela nesse modo de ser-aí; mas é todo esse seu modo de se apresentar que se revela na sua descoberta de que apenas se inicia, que só, está, na verdade, em trânsito para se fazer a “mesma outra”. (II)

D - Você entra agora nesse lugar, Brisa?

Brisa subiu no palco e colocamos, eu e Socorro, a máscara em seu rosto. Depois descemos do palco.

Você assume a posição em que você colocou Socorro... e diz em voz alta... Brisa... o que sente... pensa e experimenta nesse momento... nesse lugar?

A partir da pergunta esculpida no contexto-foco, passei a utilizar-me da técnica do monólogo, chamada de “solilóquio” (MORENO, 1978). A razão para sua escolha estava no fato de ela favorecer que o protagonista se torne ciente do seu “interior” e desvele a si próprio. O protagonista coloca-se no(s) lugar(s) que compõe a imagem e, por uma mesma posição corporal, expressa o que sente e/ou pensa. (IPO).

Quando digo entrar nesse lugar, nesse momento, falo de um trânsito entre temporalidade implicada no ser em presença, demandando como que uma remissão à minha historicidade, como modo de localizar-me e encontrar-me a mim mesma. Implica encontrar-me a partir de uma situacionalidade, para, encontrando-me, poder elaborar experiência. Assim, historicizar-se não é simples narração de fatos seqüenciais, mas a elaboração da experiência de existir, lançando-me ao mesmo tempo em que sou lançado. (II)



(Foto 12. Brisa)

Brisa – Sinto falta de ar!

D – O que lhe deixa com falta de ar?

Brisa - Exatamente essa máscara!! O olho... é muito focalizado!! O foco é muito... muito pequeno o que estou enxergando!! O foco da minha vida assim... a minha pessoa!

D – Então... é muito limitado... muito focalizado o que você está enxergando aí! Isto também lhe deixa com falta de ar?

Brisa – Me deixa incomodada!

D - Mais alguma coisa experimenta nesse lugar... além de estar limitada?... da falta de ar?... do incômodo?

Brisa – A falta de movimento!...

Mexeu com os braços

e vontade de tirar a máscara...

Riu

Eu acho que essas sensações desapareceriam... e seria bem melhor!!!

Agora, ao me deparar com essa demanda de Brisa, expressa pelo “solilóquio”, no contexto-foco, imediatamente me sinto mergulhada num curso de pensamentos sobre a corporeidade humana. Recordo Merleau-Ponty (1971), para quem o corpo implica consciência perceptiva. Estaria Brisa, podendo perceber-se como estando-no mundo, a partir da corporeidade perceptiva pré-reflexiva, própria do atravessamento pela intersubjetividade, compreendendo o lugar que ocupa como ex-esposa? (II)

Depois de acompanhar Brisa, a partir de como ela se estava apresentando, pedi às outras participantes que deixassem suas máscaras no chão e, considerando o que viram, ouviram e sentiram, subissem no palco e, através da expressão corporal, entrassem em relação com ela.

D - Este está sendo o modo de ela se mostrar agora... nesse momento! Como vocês poderiam entrar em relação?

O grupo foi subindo no palco na seguinte seqüência: Clara, Flora, Cristal, Luara e Mel. Flora tentou modificar a imagem, colocando os braços de Brisa para frente. Adianto-me em dizer, por conta disso, que elas podem entrar em relação, mas sem modificar o modo de Brisa se apresentar.

Mel – Pode tocar?

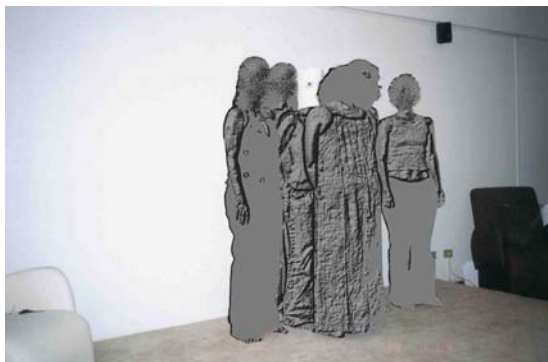
D – Pode tocar... só não pode modificar!

Não pode entrar em relação sem modificar o outro? Em que esse modo de se mostrar incomoda que precisa modificar para entrar em contato? (IPO)

O cuidado via proximidade corpórea apresentar-se como um caminho para a intersubjetividade, pois o tocar o outro é, também, estar com o outro, o que pode levar a perceber-se sendo tocado ao tocar esse outro. No entanto, a tentativa de modificar o outro pode expressar a própria dificuldade de estar sendo tocado pelo outro, no modo como esse outro se me apresenta. Eu creio inclusive que revela uma dificuldade em perceber a própria paralisia para não se perceber “tocado” e, assim, expor-se: vale dizer, só o outro precisa de modificação.

Pela consigna “Este está sendo o modo de ela se mostrar agora... nesse momento! Como vocês poderiam entrar em relação?”, percebo que sinalizo ao grupo, claramente, uma sugestão para levá-las a encontrar o modo de cada uma entrar em relação com Brisa. Porém, ao dizer “Pode tocar... só não pode modificar”, apresento-lhes um limite nessa possibilidade: aproximar sem modificar Brisa. Entretanto, somente apresentei essa ressalva após o movimento de modificação se fazer presente na ação de Flora. Isto aponta, como

psicodramatista, que o meu trabalho é acompanhar esses movimentos que brotam na experiência de ser-em-situação. Qualquer sinalização anterior, da minha parte, anularia a possibilidade da presença desse acontecimento. No entanto, como já foi dito anteriormente, apenas Brisa conhece o significado da sua imagem. Sendo assim, como autora de sua escultura, apenas ela poderia modificá-la, sendo exclusivamente liberdade sua para re-fazê-la. Contudo, o grupo também pode agir livremente escolhendo o modo próprio de cada participante se aproximar do protagonista, desde que respeitando a re-presentação que ele apresenta. (II)



(Foto 13. Brisa com o grupo)

D - Eu queria que vocês falassem alto... o que experimentam aí nesse lugar... quando chegam perto... se aproximam... quando se relacionam...

Cada membro do grupo fez então, o solilóquio.

Mel – Acolhimento!

Cristal – Curiosidade!

Flora – A primeira vontade foi de mexer com ela... queria que ela se soltasse para experimentar uma certa liberdade!

Luara – A vontade que deu foi de colocar os braços dela para cima!

Colocou nesse momento, os seus próprios braços para cima.

D – Foi de mexer com ela?

Luara – É! Dá impressão de preso... de limitado...

Clara – Quis me aproximar... Estou interagindo com ela... mas mantendo a minha individualidade... e tocando-a! Aí... eu percebi... quando cheguei aqui... que o que tocou foi os meus dedos dos pés!

No contínuo do contato grupal, em muitos aspectos, percebo que a paralisação de Brisa já começa a ser sentida por algumas participantes do grupo e, mais ainda, começa a mobilizá-las, despertando o desejo ou mesmo a ação de mexer na imagem, de mudar o modo de Brisa se apresentar. Estariam elas corporeamente percebendo sua paralisia pela “imagem” paralisada de Brisa? (II)

Brisa – Assim... o incômodo de não estar podendo ver... a sensação de acolhimento e também... senti que as pessoas... de alguma forma ao meu redor... me apóiam! Embora permaneça a sensação de limitação... porque... eu não vi nenhum movimento da pessoa atrás... só pela voz! Não vejo muita coisa!... só me dou conta que tem alguém atrás... quando fala!

D – Então... por essa forma que você se mostra... continua se sentindo limitada!

Brisa – Exatamente!

Foi interessante observar o quanto a técnica da máscara, quando construída em trabalhos de grupo, potencializa as interações que podem efetuar-se entre os seus membros. Senti isso de uma forma viva quando o grupo entrou no palco, com o objetivo de criar relações nas quais se fizessem presente uma cumplicidade télica⁵³.

Note-se, entretanto, que eu não queria apenas oportunizar a integração grupal. Estava numa outra etapa explorativa, na qual importava favorecer a criação de um clima de intimidade para que as sujeitos/narradoras pudessem contar suas histórias sobre a experiência de ser ex-esposa. (IPO)

A expressão corporal e o solilóquio do grupo revelam identificações, rechaços, desejos etc, como também, a “*possibilidade de se ver através do olhar do outro*”. No cerne deste “feixe acontecimental” se joga o modo de “estar em relação” que traz consigo as noções de proximidade, afastamento, corporeidade e intersubjetividade. O que tem toda importância do ponto de vista fenomenológico existencial é que o *olhar sobre* este “acontecer-do-grupo”, pode, ao mesmo tempo, conduzir ao *dizer da* compreensão do ser-no-mundo. Nos termos da expressividade grupal, no contexto-foco, “como” cada uma das sujeitos/narradoras é afetada

⁵³ Tele é um termo cunhado por Moreno. Refere-se a um estado relacional (o que significa que não é de uma pessoa, mas da relação) em que se distingue eu e você e possibilita o existir de uma ação (REÑONES, 2000).

por aquela imagem (de Brisa) – “como” entram em relação com ela -, fala, de como é “*estar-com aquele modo de ser ex-esposa*” de cada uma delas e, portanto – o que remetendo à outra fala -, fala do ser ex-esposa de cada uma com o modo de ser ex-esposa das outras. De qualquer modo, revela a condição de sermos afetados por tudo que se apresenta a nós, despertando-nos pela mobilização de nossa própria disponibilidade afetiva.

Brisa traz o tema da espera, da paralisação, da limitação no seu modo de ser-nomundo. Seu nome, como ex-esposa, é “expectativa”. (II)

O grupo desceu do palco e solicitei que outra participante fosse se apresentar. Socorro voltou ao palco e colocamos a máscara nela. Em seguida, eu e Flora, descemos do palco.

D – Olha de fora Flora? E você então... modela o corpo dela? Como ela fica?

Flora voltou ao palco e ao invés de modelar, começou a perguntar:

Flora - Como colocar os braços soltos?

D - Você é uma escultora... e ela é uma massa de modelar! Você vai construindo essa imagem... do seu jeito!

Flora – Eu que vou botar?

D – É! A escultora é você! A apresentação é sua!

Flora, então, construiu a sua imagem e, ao vê-la de fora, comentou:



(Foto 14. Ego - auxiliar com máscara de Flora)

Flora – Acho que... talvez alegria!

D – Alegria! Talvez?

Flora – É que assim... para dar um nome a uma escultura!

D - Quando tem uma obra de arte... não se dá um nome? A um quadro? A uma escultura?

Flora – Alegria!! Assim... porque eu não fiz uma máscara! Eu fiz como se eu estivesse fazendo o meu retrato... me desenhasse... dando ênfase à boca pintada... aos cabelos soltos... aos olhos pintados... dando ênfase ao verde... porque... por incrível que pareça... passei muitos anos sem perceber a cor verdadeira dos meus olhos!!!...

Foi fazendo com as mãos os movimentos da sua fala

Acho que pela tristeza de me olhar! Não sentia muito gosto de me olhar... por causa do casamento! Após o casamento... após o casamento não!!!... após a separação... eu comecei a ter vontade de me arrumar... de me pintar...

A máscara é construída por Flora, como o espelho de si mesma. Escuto a sua satisfação em apresentar-se através da máscara, com seu auto-retrato, enfatizando aspectos que contam de como Flora está se percebendo como ex-esposa. (II)

D - Após a separação você começou a ter vontade de se arrumar... de se pintar... de olhar para você... ver seus olhos! Você está apresentando então... essa ex-esposa que hoje se mostra! Com os cabelos soltos... os olhos verdes... a boca vermelha?

Flora – Sim!!! Eu fiz um narizinho ali...

Riu e pegou no seu nariz

porque eu pensei... se eu não colocar o nariz... como eu vou respirar? E eu estou respirando muito!!!... Eu acho que quando a gente está numa época de sofrimento... numa época de tristeza... parece que a gente não consegue respirar... a gente puxa o ar e não há! A gente não consegue ver... distinguir... a diferença dos cheiros! Eu vivia muito assim... Hoje eu abro minha janela...

Riu e abriu os braços

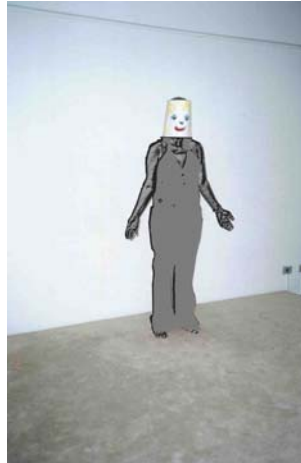
e respiro um ar puro! Parece que o ar muda... é purificado! Para mim... essa sensação de respirar é muito importante!!!

O corpo aparece aí como expressão existencial ou de autoconsciência, claramente, quando Flora diz que, através dos seus órgãos dos sentidos, entra em contato com suas experiências, assim como apreende as de outros. Desse modo, seu corpo é o espaço expressivo do que ela experiencia; é a escritura dos sentidos que comunica sensações, percepções e afetações que fazem parte de suas vivências, ao mesmo tempo em que as elabora transformando em experiência. Em sua fala - prolongamento do corpo – Flora expressa a

interpenetração e o atravessamento entre o interno/externo de que fala Merleau-Ponty (1971).
A corporeidade, segundo ele, nos faz apreender o mundo e nos aproxima dos fenômenos. (II)

D - Você ocupa aquele lugar, Flora?

Convidei Flora a subir no palco. Coloquei a máscara nela. Pedi que falasse em voz alta o que sentia e pensava naquele lugar.



(Foto 15. Flora)

Flora – Assim... a sensação de limitação... da gente estar com essa máscara... porque ela limita o olhar... limita a... a gente fica como estátua! Mas como eu a construí... eu sei que é só esse momento que eu estou aqui! Então... nesse momento as coisas estão limitadas... Mas a visão limitada dessa máscara não está me limitando... e não está uma sensação ruim!... Porque eu sei que... é uma sensação feita para esse momento... e não para o momento da minha vida! Porque se fosse para o momento da minha vida... COM CERTEZA... eu já tinha tirado!!!

Riu

Flora comunica outra vez, como é ser-no-mundo por intermédio do corpo. Essas suas palavras me recorda um dos modos de estar no mundo referido por Heidegger (2002), quando ele afirma que as coisas estão a minha disposição para serem manipuladas por mim, portanto, podendo ser usadas para a construção do meu projeto de existir. Ao revelar que, por ser-no-mundo, tem uma relação direta com o mundo, Flora expressa precisamente essa percepção. Sendo assim, as coisas estão em suas mãos.

Ao mesmo tempo, não consigo deixar de referir-me a Merleau-Ponty (1971), quando diz que eu sou o meu corpo e ele é estruturante da minha existência, possibilitando-me ser um ser situado no mundo. (II)

D - Mais alguma coisa você experimenta nesse lugar?

Flora - De início eu fiquei meio... é... meio inibida!... um pouco! Todas olhando para você... e eu aqui parada... sem movimentar as mãos... meio presa... me senti um pouco inibida!

D - Quando você está nesse lugar de ex-esposa... as pessoas olham para você?

Flora – Olham!! Vê bem... eu já me importei muito com essa observação! No início da separação... eu me importava muito!! Eu ficava querendo saber de que forma estavam me olhando!! Eu acho que... assim... com medo da crítica... com medo do julgamento! Talvez... pela própria sociedade em si! Ah!!! Por mais que a gente não queira... ainda é criticada por ser ex-esposa... ou separada! As pessoas ainda hoje em dia... embora numa proporção pequena... ainda olham de uma forma questionadora talvez!... O que aconteceu? Por que está só? Por que não deu?

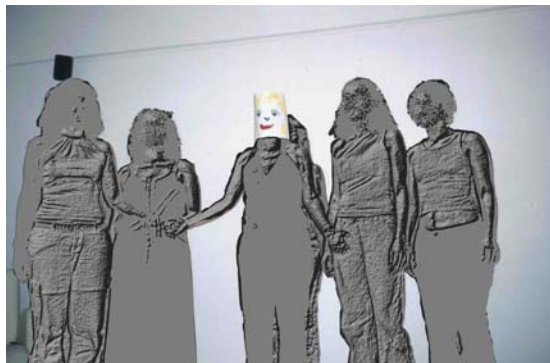
Flora põe em cena a dimensão existencial pelo âmbito cultural como revelação de seu *poder-ser*, pois se o sujeito se constitui dentro de uma historicidade, portanto, inserido dentro de uma cultura, por mais que o seu drama se apresente como individual, avessamente revela o contexto social constitutivo desse modo de subjetivação: o drama revela o caráter coletivo do humano, fundamento da tragédia no teatro grego. Diz da perplexidade do trânsito ambíguo entre universal e plural. (II)

D – Hoje ainda é comum... você ainda vive isso... das pessoas lhe perguntarem? Questionarem?

Flora - Hoje eu não me importo! Não presto nem atenção! Eu acho simplesmente assim... que só me lembro que sou separada... quando tenho que assinar algum documento!

No decorrer de sua fala, Flora continua sinalizando a forte presença do aspecto cultural na sua experiência de ser ex-esposa, mas agora especifica o enfoque jurídico, como uma lembrança/marca concreta do seu estado civil: percebe-se tatuada. (II)

Dirigi-me ao grupo. Solicitei que todas as outras mostrassem como entrariam em contato com Flora e falassem alto o que experimentaríamos ali. Clara, Cristal, Brisa, Luara e Mel subiram no palco.



(Foto 16. Flora com o grupo)

Clara - Ela me convidou.... a me aproximar!

Mel – Solidariedade! De estar junto... dando apoio...

Cristal – Certeza! Segurança!

Luara – Solidariedade também!

Brisa – Eu continuo com a expectativa de estar nessa posição! Estou quase tirando ela... empurrando ela!!!

Pegou nos ombros de Flora e o grupo riu

D – Querendo se colocar no lugar dela?

Brisa – Exatamente!!

Novamente me deparo com o tema do ser-no-mundo a partir do “corpo vivido”. Flora recorda isso. A sua visitação constante a esse tema, penso, parece que convida o grupo a se movimentar para estar junto a ela. Com isso, inevitavelmente necessito também re-visitar Merleau-Ponty (1971), lembrando que, para ele, é através do meu corpo que eu sou co-existente, que passo a conviver com as coisas e com os outros.

Por outro lado, recordo Serres (1993) ao apontar o corpo como aprendizagem da experiência, ficando nele registradas as marcas do vivido. Em suas palavras: “O corpo que atravessa aprende certamente um segundo mundo, aquele para o qual se dirige, onde se fala outra língua” (SERRES, 1993, p. 12) (II)

Flora - Eu acho que assim... eu acho que me senti igual! Com pessoas passando a mesma situação que eu estou... e assim... todas ao meu lado... e eu acho que todas estão querendo a mesma coisa!

Nessa sua fala, ouço seu conforto em se perceber em co-existência com aquelas ex-esposas. Na ação psicodramática, posso falar da propriedade de ver a si mesma a partir do fazer ser do outro. (II)

D – O que você acha... imagina... que todas querem?

Flora - Uma vida melhor... alegria... uma vida de respirar ar puro... uma vida mais realizada!

D - Podem voltar ao lugar de vocês... e Socorro... volta ao palco?

Eu convidei mais uma pessoa para se apresentar. Mel subiu no palco, e juntas colocamos a máscara em Socorro. Logo em seguida descemos.

D – Você vê de fora, Mel? E modela o corpo?

Mel olhou de fora. Depois subiu novamente no palco; construiu sua escultura e desceu.

D - E daqui de fora... quando você olha para essa escultura... o que você vê? Que nome você dá a ela?



(Foto 17. Ego-auxiliar com a máscara de Mel)

Mel – Liberdade!

D - O que a faz pensar em liberdade quando olha para ela?

Mel – Pelo jeito das mãos... também esses traços verdes... o pé para frente... dando um passo... o primeiro passo a ser dado para a conquista da liberdade! Ah! Liberdade é você fazer o que você tem vontade de fazer... não ter que dar satisfação... ser uma pessoa independente! Eu sempre fui um pouco assim... desde pequena! Mas durante o casamento... eu fiquei um pouco tolhida em função de uma pessoa! Então... eu queria fazer... e não fazia! Não sei!... a pessoa que estava comigo era uma pessoa muito limitada... eu achava que ela tinha que caminhar com os próprios pés... e a pessoa ficava presa a mim... dependente emocionalmente... financeiramente!... Então... eu ficava parada... e durou pouco tempo o casamento! Acho que não chegou a um ano e meio! O... namoro durou mais tempo... dois anos! Eu fiquei grávida... a gente foi morar junto... depois que o menino nasceu... com pouco tempo... me separei. A gente namorava... depois que engravidei... a gente passou a morar junto! É isso!! Aí... eu imaginei logo assim... colorido! Casei... Finalmente vou voltar a ser eu

mesma!

D - Embora você fale que quando criança... adolescente... você sempre foi uma pessoa com liberdade... quando casou se sentiu mais limitada! E quando recuperou... essa liberdade? E esse movimento?

Mel – O que aconteceu? Ah! Não foi logo depois da separação não!!! Demorou um tempo... para poder retornar... E também não foi muito fácil... porque tive um filho! E fica um pouco limitado! Até hoje... estou tentando essa aceitação... a minha aceitação de ser mãe! Ter uma criança... uma pessoa que também depende!!... Eu tenho uma dificuldade com relação a isso!!!... É como se fosse também é... tolher a liberdade! De certa forma... ser presa! Ainda estou tentando ser livre!

Nessa última frase, Mel começa a falar da liberdade como uma possibilidade, uma expectativa, uma tentativa. Nesse apelo de Mel se inscreve um sentido da liberdade. Recordo, com Ortega (1961), que o existir compreende uma dimensão de projeto, “*ainda não é*”. Segundo Pompéia (2004, p. 18, parênteses do autor).

O que ainda não é, é expectativa, projeto, imagem, sonho; mesmo que nunca venha a ser, que permaneça como pura possibilidade de ser (se já fosse, não seria mais uma possibilidade).

Mel, dessa forma, apresenta a sua abertura/possibilidade de sonhar em ser livre, pedindo então, que a liberdade, transfigurada em sonho-de-ser-outra, possa vir a ser. (II)

D - Vamos para lá... para o palco?

Mel subiu no palco. Ao assumir o seu lugar com a máscara, inverteu a posição dos pés e dos braços.

D - A posição dos braços... dos pés... é o contrário... não?

Mel se colocou então na posição original.

Por que solicitei que Mel ficasse na posição original? Na técnica da construção de imagem, é importante que o protagonista inicie na posição original; experimente o lugar; sinta e perceba como é estar naquele lugar, daquele modo. Tudo isso tem relevância pelo fato de ter sido a sua primeira construção simbólica. No entanto, ela pode durante a ação dramática, realizar modificações em suas produções cênicas. (II)



(Foto 18. Mel)

D - E você... fala alto... o que experimenta nesse lugar?

Mel – É estranho!!! É estranho! Porque na realidade... eu não estou sentindo nenhuma liberdade!! Assim... a idéia de movimento que eu estava vendo lá fora... aqui é diferente! Aqui eu estou parada... representando uma estátua... aí fica difícil! Embora eu esteja com as mãos assim... mas não significa liberdade! Um pouco presa! Talvez se eu não estivesse com a máscara... só com a pose... parada... eu não estaria tão presa!

Vejo a sua surpresa e ouço sua inquietação com o estranho em si mesma. Olhando-se de fora, vê-se livre. No entanto, olhando-se de dentro, sente-se presa. (IPO)

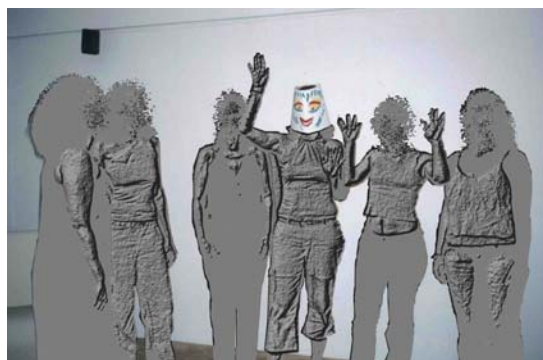
D - Mais alguma coisa você experimenta nesse lugar?

Mel – Não... Falta de ar!

D - Vamos lá... agora vocês devem subir no palco também! Como vocês entram em relação com Mel?

A partir daquele momento, percebi que o grupo já estava familiarizado com as etapas, contextos e as técnicas usadas durante a etapa de aquecimento inespecífico, não necessitando mais de explicações sobre os procedimentos. (IPO)

Luara, Brisa, Flora, Cristal e Clara subiram no palco.



(Foto 19. Mel com o grupo)

D - Falem alto o que experimentam nesse lugar!

Luara – As minhas mãos como as dela... que identificou como liberdade... é como eu sinto agora... livre!!! Agora que eu digo... no presente momento e... desde que eu me separei... dá para pensar novas coisas... e para descobrir e ser Luara! O que me impedia?... Eu acho que opiniões de pessoas... do meu ex-marido... da minha ex-sogra... das minhas amigas... opiniões externas sobre como pensar, como agir, como expor meus objetivos... que ouvia mais do que as minhas!!!

Flora – Aqui... tenho uma sensação meio parecida com Mel... apesar de que não quis reproduzir... para não ficar estátua! Era para ficar... solta mesmo! Mas tem a sensação de liberdade! E... esse pé para frente... porque eu acho que é um novo caminhar!!! E um novo “para frente”!... Porque é... se a gente reparar um pouquinho... quase todas colocaram o pé para frente... dando a impressão de uma nova caminhada mesmo... uma nova liberdade! Solta!... Liberdade de pensar... de agir... de respirar...

Brisa – Me coloquei do lado... mas não me senti interagindo! Não sei se é... essa coisa assim...

Fez o espelho das mãos de Mel

para mim... quando ela estava falando... me passou mais cansaço do que liberdade!

Clara – Eu senti um pouco isso também! Não senti a mesma vontade de me aproximar... como das outras vezes! E assim... essa coisa de liberdade como algo solto que não me atrai! É uma frouxidão!... um negócio solto!... que não parece com o que eu acho que seja liberdade!

D – Com que parece?

Clara – Parece assim... é...

Riu

eu não sei! Achei solto... achei meio irresponsável... uma liberdade irresponsável! Não é o que eu acho que seja liberdade!! É uma coisa assim... deixa... quero soltar isso! Mas sem saber direito o que está fazendo! Soltando! Foi isso! Isso não me atraiu!

Cristal – Não senti... Vi... a liberdade definida não! A posição das mãos não expressa essa liberdade! Então... não me incluí no momento... para me expressar... e... senti um pouco também de resistência! Então... não me aproximei muito... e quis continuar em outra direção!

Referiu-se a sua posição no palco

Não seria... essa liberdade que ela quer... ou que ela expressa... talvez não é a minha!

D - Essa liberdade lhe passa o quê?

Cristal – Não sei!... uma falsa liberdade!... momentânea!... Não é uma coisa que ela conquistou ainda! Os braços... dão a impressão do momento! Acho que no momento que esses braços pudessem voltar ao normal... cairiam em si... que ainda não chegou a liberdade! É só uma coisa de momento!

À medida que o grupo foi fazendo o solilóquio, fui ouvindo com o coração, com presença, e fui me preocupando e pensando como Mel poderia estar se sentindo com o que estava ouvindo. Fui sentindo um clima de incômodo no ar! (IPO)

Recordei que o meu trabalho consiste em cuidar do escutar/dizer do outro, acompanhando-o na construção de sua possibilidade de ser cuidado. Certamente, esse foi um momento de tensão, não apenas para o grupo, como também para mim como psicóloga/pesquisadora. Ouvi o desconcerto das participantes do grupo, receosas em expressar o que experimentam naquela relação com Mel. Ouvi, também, nas dobras da expressão corporal de Mel, sua angústia ao se sentir “atacada” nessa vivência desagradável para ela. Mas ouvi, ainda, a minha inquietação diante desse acontecimento. Escutando todos esses dizeres, volto-me para Mel, buscando a-colher esse acontecer. (II)

Perguntei:

D - E você Mel... como experimenta este lugar agora... com essas pessoas aí?

Mel – Estou me sentindo rejeitada!!!

Mel e o grupo sorriem.

Sorrisos nervosos? Inautenticidade? (IPO)

Mel - Assim... me sentindo um pouco... até agora... a gente se aproximou... e de certa forma... a gente tem alguma coisa... me senti assim... diferente das outras!!!

D - O que lhe dá essa sensação de diferente... de rejeitada?

Mel - Elas não terem se identificado com o que eu penso de liberdade! Embora eu não tenha falado diretamente... mas demonstrei! Através de gestos... da máscara! E elas não sentiram ter feito... não é? O que eu estava expressando! Aí... eu estou um pouco triste também!

Na trama dessa expressão dramática, duas perguntas me inquietam: por que ela sente não ter sido compreendida? É por acreditar não ter sido vista pelas demais nas suas expressões de liberdade? Parece que ao ser afetada, Mel inicia uma queixa de não ter sido acompanhada pelo grupo, tanto em termos de identificação com o seu modo de ser, quanto de compreensão do seu modo de comunicar-se. Com essa atitude, penso, Mel se vê diferente e, desse modo, se sente rejeitada e triste, ao mesmo tempo em que faz um movimento de responsabilização das outras sujeitos/narradoras por não sentirem ou não conseguirem perceber o que ela busca demonstrar através dos seus gestos expressivos no contexto dramático.

Qual é, então, o sentimento do grupo em relação à expressão de liberdade de Mel? O que é mesmo liberdade para ser em sua visão? O que é ser livre, mais longe, no modo de ser da ex-esposa? (II)

D - Esse sentimento, Mel... de rejeição... de tristeza... é... isso tem alguma coisa a ver... com esse momento que você está expressando aí? Com esse lugar aí... de ex-esposa?

Mel – Tem!! Assim... embora hoje eu esteja separada... e seja uma pessoa independente entre aspas... Principalmente essas aspas é que me dão um pouco de tristeza! Bom... eu sou dependente em vários sentidos! Hoje eu dependo de pessoas... quer dizer... dependo de pessoas para cuidar do meu filho para eu trabalhar!... Eu tenho que fazer determinadas coisas no meu trabalho... de que eu não gosto!... Insatisfação no trabalho! Então... é uma dependência financeira... do salário que eu ganho! Atualmente é trabalhar pelo dinheiro... não por satisfação! Tem várias dependências na minha vida!!!

D - Isto é o que lhe deixa triste! E o sentimento de rejeição... nesse lugar aí?

Mel – É o que eu falei assim... de rejeição? É... do ponto de vista afetivo... com relação às meninas! Nesse momento que eu estou falando! Não é em relação a ser ex-esposa... só a esse momento!

D – Mais alguma coisa você experimenta nesse lugar?

Mel – Não! Eu posso falar uma coisa?

D – Claro!

Mel sorriu.

Mel - Assim... quando eu falei... porque muitas pessoas se chocam às vezes... com a minha opinião a respeito... de ser mãe! E... eu nunca planejei... nunca! Para falar... eu nunca quis ser mãe!! E muitas pessoas ficam chocadas com essa minha atitude... essa minha postura! Aí eu só queria explicar... que eu amo meu filho... claro!... Adoro!!! Mas é... muito difícil! Não é todo mundo que nasceu para ser mãe!!! É complicado... entendeu? Aí eu queria só dizer isso!

D - Você quis dizer isso para essas pessoas que estão aqui!

Mel – É... que estão aqui! Eu estou tentando ainda!

D – É... está tentando ser mãe... não é?

Mel – É!!!

D – Algumas pessoas do grupo falaram que não se identificaram com essa liberdade que você expõe aqui! E quando você fala aí... que continua ainda dependendo de alguém... para ficar com seu filho... continua com a sua dependência financeira... Faz sentido... o fato delas dizerem que a liberdade que você falava... elas não conseguiram ver na imagem... não se identificaram... faz algum sentido para você?

Mel – Faz! Porque acho que liberdade para elas... é outra coisa!... e não a minha!!! Nenhuma liberdade é igual!

D - E essa é a sua!

Mel – É minha... exato!!! Agora comecei a ver realmente... que elas não se identificaram com a minha liberdade... porque elas têm a delas! Já melhorou um pouquinho a tristeza! Já dá para rir!

Mel sorriu e o grupo também.

Mel, agora, consegue se implicar na situação em que se encontra. Já não mais assume o lugar de queixosa, percebendo a sua co-participação naquela situação.

Na pesquisa clínica, a escuta/acolhimento ao sofrimento abre a possibilidade terapêutica de transformação da angústia, de um lado, em sentido da existência, por meio do cuidado e, por outro, em força mobilizadora capaz de favorecer a implicação do sujeito, pela via da construção de sentidos para lidar com as situações emergentes.

Mel traz para o palco o tema da rejeição e da liberdade. E Brisa, Clara e Cristal expressam o rechaço em relação àquele modo de viver/ver a liberdade. Porém Flora e Luara se identificam com a visão de liberdade de Mel. O humano como ser em situação não é totalmente livre. Porém, antes de ser em situação, o ser humano é um *ser de possibilidade*. Sua escolha se dá em um meio onde ele já se encontra comprometido com o seu ser-no mundo (Merleau-Ponty, 1971). (II)

O grupo desceu do palco.

À medida que se desenrolavam as apresentações de Brisa, Flora e Mel, comecei a me questionar sobre a adequação da técnica da máscara na etapa do aquecimento inespecífico. Será que era aquele recurso que estava limitando as pessoas? Brisa, inicialmente, falou que a máscara limitava o seu olhar; Flora, na mesma esteira de desconforto, se referiu também à visão limitada que o uso da máscara lhe proporcionava, embora reconhecesse que não a limitava de todo; e, agora Mel, da mesma sorte, expressava seu incômodo ao se encontrar vestida com a máscara que a prendia. Em razão destas sensações que se apresentavam no solilóquio, pensei: tenho que criar uma estratégia para confirmar se o recurso que escolhi para investigar o fenômeno que estou pesquisando atrapalhou ou está interferindo, como elemento limitador, na condução da pesquisa. Confesso que, até esse momento da oficina, não estava preocupada quanto à adequação da modalidade de intervenção/investigação clínica que eu tinha escolhido e, muito menos, quanto aos recursos que são próprios dessa modalidade. No

entanto, a partir daqui, não me preocupei apenas com o processo vivido pelo grupo, mas também com a adequação das técnicas, especificamente a técnica da máscara. Decidi então que, no final das apresentações, solicitaria que as participantes voltassem ao palco, sem as máscaras, para que eu pudesse investigar se essas limitações eram referentes a cada uma no lugar em que se encontrava ou ao recurso escolhido por mim. (IPO)

Esta preocupação, na qualidade de clínica/pesquisadora, tem razão de ser. Sabe-se que a pesquisa, como ato interventivo (LÉVY, 2001), é um local de co-construção de múltiplas subjetividades. Assim, diante da inevitabilidade da interferência da subjetividade de todos que participam da oficina, uma alternativa é co-criar dentro da pesquisa-interventiva. (II)

D - Socorro? Outra pessoa... para vir ao palco?

Luara subiu no palco e colocamos a máscara em Socorro.

D - Você olha de fora?

Luara – Vou modelar!

D - OK! Pode modelar!



(Foto 20. Ego-auxiliar com a máscara de Luara)

Luara – Busca!

D - Como é a sua busca? Como a gente viu na outra imagem... a liberdade... aquela liberdade era de Mel! Cada uma tem a sua! Como é a sua busca?

Luara agora desceu do palco e olhou a escultura.

D - Olhe de fora... e dê um nome para essa imagem!

Luara – Busca do conhecer! Conhecer tanta coisa!!! Conhecer... a nova Luara! Conhecer... o mundo! Conhecer o novo! Conhecer... Eu me casei muito cedo!... eu casei tinha uns 16 anos! Aí eu não tive adolescência... eu acho que... é isso!!! Eu sempre estou buscando conhecer... muitos conceitos eu não tenho... eu acho que eu preciso conhecer isso!

D - E essa busca você iniciou em que momento?

Luara – Fiquei casada dez anos... e de separada... vai fazer quatro anos. Eu acho que... um ano depois de separada... um ano realmente de adaptação... comecei essa busca! Adaptação! Primeiro... é como uma das falas de Flora...que... você sempre fica tentando imaginar... o que a pessoa está pensando de você! É... as pessoas que estão a sua volta! Não a pessoa do cônjuge... Porque para mim... pouco interessava a opinião dele! Como eu pintei a minha máscara... acho que é a mais colorida!... Mas... é só para me expressar... que eu queria... Não queria nada com formas... muito conhecidas... Porque... é isso que eu quero agora! Não estou muito preocupada com o que o povo está pensando de mim! Eu coloquei uma coisa assim... bem diferente!!! Até para sair feio mesmo!!! Se não gostarem... não interessa para mim... no momento!

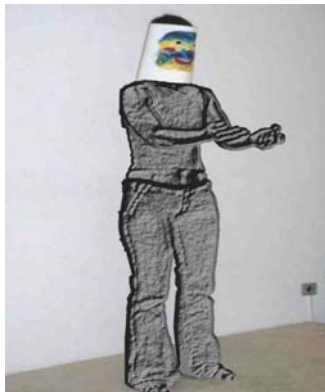
D - O que lhe interessa no momento?

O grupo riu

Então... dá uma sensação de alegria!... de fazer as coisas que a gente sempre... eu sempre quis fazer!... e isto está me passando muito na fala dela... uma fala muito parecida com o que eu vivi... e estou vivendo!

A partir da apresentação de Luara, constantemente aparecem, durante o desenrolar da oficina, situações, ações, pensamentos e sentimentos de identificação entre ela e Flora. Agora mesmo, sinto a necessidade de acolher esse tema que irrompe pelas falas de Flora e Luara, revelando, pelo sorriso expresso por Flora, uma mecanização de suas ações e atitudes. Viver nesse modo/molde pré-moldado possibilita um não contato com a angústia da crítica social e da solidão? (II)

Convidei Luara para ir ao palco, vestir a máscara e fazer o solilóquio.



(Foto 21. Luara)

D - Você fala alto Luara, o que você experimenta nesse lugar?

Luara - Falam de limitação... não é? Realmente a visão é limitada... mas não é esse limite que eu estou pensando!

D - E o que você pensa daí... então?

Luara - O que eu penso nesse momento? Como Flora falou... está passando um filme falando na vida! Eu comecei a passar um filme na cabeça... Assim... ela falou em estudar... e realmente... eu também fui tirar a carteira de estudante... que é uma das conquistas!!! Eu me confundo como estudante! Tem muitas vezes que confunde assim... confunde Luara mulher de hoje... com Luara adolescente que eu nunca fui! Essa coisa de ser estudante novamente... pressões... buscar objetivos... eu acho que é uma coisa bem adolescente! Não que o adulto não tenha isso... mas essa atitude da busca... é que me faz confundir com Luara adolescente!

D - E o que você sente aí nesse lugar?

Luara – Interessante!! Tanta gente olhando para você! Eu sinto novamente aquela sensação de crítica que eu sentia... quando estava casada e tinha muita gente olhando para mim... sempre esperando uma atitude minha... que eles esperavam que eu fizesse... que para eles seria a mais certa... a mais correta... a mais viável para eles... e não para mim! Eles pensavam... meu ex-marido, minha ex-sogra, meu ex-sogro... que a atitude mais correta... era eu deixar de estudar... para ficar com os meus filhos... era eu não sair... e viver em prol da casa... filho e marido!

D - E quando você vê esse olhar crítico... qual o sentimento que você tem?

Luara – Para mim... não importa muita coisa!...

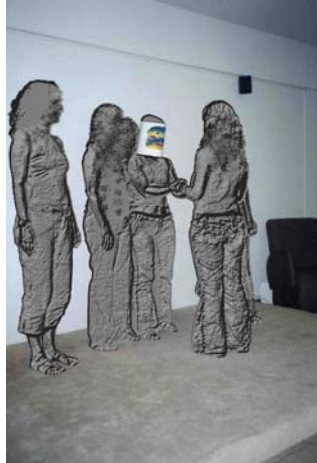
Riu

Eu fico curiosa para saber o que está se passando na cabeça de cada uma! Fico na expectativa!!! Também medo! Medo!!! Não sei de quê!

Aqui eu vejo “nos olhos” de Luara um apelo de ser si mesma, ao mesmo tempo em que se expressa seu medo e curiosidade em saber o que o outro pensa sobre ela. Luara traz para a cena a presença da crítica social em sua história. É um modo da cultura, como percebo, atravessar a sua experiência de ser ex-esposa. Embora afirme que não sabe de que tem medo, sabe que os olhares sociais a atemorizam, a cobram, a ameaçam. (II)

D - Como vocês entram em relação com essa imagem?

O grupo subiu no palco: primeiro Brisa, depois Cristal, Mel, Flora e, por último, Clara.



(Foto 22. Luara com o grupo)

D - Falem alto o que experimentam ai!

Flora - Eu experimento uma certa igualdade! E um certo apoio também! Porque aqui a gente está vivendo igual... situações muito parecidas! O estilo de vida que ela teve! Com o estilo de vida que eu tive! A busca dela hoje... até por coisas meio adolescente! Eu até estava olhando... que às vezes a gente se sente meio adolescente! Porque eu também me casei muito nova... ela com 16... eu com 17! Então... certas coisas que a gente não fez... e que dá vontade de fazer... conversar... sentar no chão... não é uma atitude de mulher casada!!! Então hoje... eu me sento no chão... como no chão... de frente para a televisão... deito... boto as pernas para cima! Então... são essas loucuras da adolescência que hoje a gente faz... mas com alegria!!! Sabendo que não é bem adolescente... mas que está curtindo!... e não importa se alguém está achando adolescente ou não!

A identificação entre Flora e Luara sempre volta e se mostra de uma forma que me instiga, pois geralmente se referem a um modo de viver que é ditado por um outro, ainda que pautado por um intenso sofrimento e uma vívida busca por si mesmas, mesmo quando entrelaçadas pela amarração social/cultural. (II)

Cristal – Vontade de... a vontade que ela tem de buscar... de conhecer... eu estou passando por esse momento de querer conhecer mais... buscar mais novas pessoas... redefinir conceitos... crescer profissionalmente... é por aí!

Clara - Senti vontade de apoiá-la... mas não consegui me identificar! Ela é o tipo de pessoa que... eu comumente tendo apoiar... sustentar... acho que por esse traço dela mais adolescente! Seria muito mais um apoio da minha parte e não uma troca!

Mel – Bom... embora eu também queira apoiá-la... não me identifiquei muito... com a história da vida dela exatamente! A minha é o oposto! Assim... como Luara e Flora falaram... a dependência! Não faça isso!... não faça aquilo! Isso não aconteceu comigo! Eu era o contrário!!! Eu saia... e meu marido ficava em casa! Ele reclamava... a gente brigava muito... mas eu saia com minhas amigas... às vezes levava meu filho... às vezes não levava... ele ficava com ele... ele aceitava muita coisa! Então... minha situação era diferente da dela! Bem diferente!!! Assim... não que eu não apoio... lógico! Mas não houve uma identificação!

D - São experiências diferentes! Do mesmo jeito que você teve uma liberdade diferente... não é? Tem e teve uma liberdade diferente... você teve uma experiência de vida diferente da dela!

Brisa - A minha não foi também nada parecida com a de Luara... Também não foi... não chegou a ser parecida com a de Mel! Mas eu nunca tive essa experiência de ser tolhida... eu sempre fui muito eu!

Essa coisa de Flora dizer: “não sentar no chão... porque não era coisa de mulher casada!” Isso para mim nunca foi... eu fazia o que eu gostava de fazer! Simplesmente... meu casamento foi muito bom nesse sentido! Eu nunca tive que me moldar muito! Mas... a vontade de puxar ela um pouco... com essa coisa... que ela falou muito de se conhecer... eu não estou nessa fase de me conhecer... eu estou de conquistar outras coisas! Então... foi no sentido de puxar... dela procurar realmente! Clara falou muito só de apoio e da troca! Você falou que não trocava... eu trocava!... essa coisa de experiência... de tudo... e de puxar! A minha vontade o tempo todo era de puxar! E... a coisa de apoiar mesmo!!... porque quando eu toquei a mão dela... ela estava muito gelada!!! E agora eu sinto que está um pouquinho mais quente!

Luara traz o tema da busca por se conhecer e da dependência/independência na relação conjugal. Fala disso de modo muito concreto, pontual e infantil. Não se aproxima do sentido de vida para si mesma. (II)

O grupo desceu do palco.

D - Vamos lá, Socorro?

Cristal se dirigiu ao palco. Colocamos a máscara em Socorro e ela modelou o seu corpo.



(Foto 23. Ego - auxiliar com a máscara de Cristal)

D - Que nome você dá para essa imagem?

Cristal - Alegria e tristeza! O lado esquerdo... ele para mim... não está muito feliz! Ele está um pouco triste!

D - Do seu lado esquerdo aqui?

Cristal - Não! O esquerdo para ela!

D - O esquerdo dela! Ok! Você consegue identificar o que o deixa assim?

Cristal - É... Não sei!... a busca em me conhecer mais... a inquietação... que estou sentindo! E eu acho que tem a ver não muito com o casamento... mas... está fazendo onze anos que eu me separei... e... o sujeito para mim eu matei! Morreu!! Nem lembro! Essa pessoa não existe! Eu não me lembro de jeito nenhum!!! Isso para mim é um ponto positivo! Eu não ligo para ele... não falo... Talvez tem muito a ver com algo que aconteceu recentemente também... uma nova relação que não deu certo... e aí aflorou em mim... a questão de eu ser a errada... alguma coisa que eu não consegui identificar... eu não sei!

Assim... eterna busca!! Por que as coisas não dão certo? Foi só um namoro durante quatro meses... mas que mexeu muito!!! Depois de uma longa pausa sem ninguém... literalmente sem ninguém... nem físico... nem emocional... essa pessoa mexeu muito comigo!!!

D - E essa... sensação ou essa forma de ver assim... eu sou sempre a errada!... sempre a responsável!... é... você também viveu isso nesse lugar de ex-esposa?

Cristal - Assim que terminou a relação... sim!!! Eu senti um pouco! Não sei... de repente a sensação que eu tive... a leitura que eu fiz para isso... é como se existisse uma cartilha... para as pessoas funcionarem e darem certo! E de repente... eu tivesse pulado alguma página... e isso fez tudo desmoronar! Mas... logo em seguida... eu fui me conhecendo mais... me valorizando um pouco... Passei dois anos e meio em Aracaju... isso me fez extremamente bem! Foi um período muito feliz!!! Fui passar quinze dias... uns dois meses depois da separação... e me apaixonei pelo local! Fui para casa de minha irmã. O esposo dela ia se ausentar... ia fazer um trabalho noutro país... aí eu fui... gostei do local... tomei a iniciativa logo de procurar um trabalho... consegui esse trabalho... e informei a família que não iria voltar! Me fez bem conhecer outras pessoas... viver o que eu não vivi na adolescência! Eu conheci o ex-marido com dezesseis anos... como colega... depois a gente decidiu namorar... aos vinte casei... aos vinte e cinco me separei... e aí foi um pouco de liberdade... quando eu fui para um outro local.

Como se dá o processo de socialização e singularização de Cristal? O fato dela remeter-se a uma espécie de cartilha de “boa conduta como esposa”, para o casamento “dar certo”, chama a minha atenção para o seu imaginário. Sendo aquilo que se produz em cada um de nós, a partir de todas as nossas experiências é, por extensão, aquilo que nos constitui e sempre estará presente em nós. Assim, o modo como este imaginário se ordena para cada um de nós é que nos dá a nossa singularidade. Será que essa visão da presença de uma “cartilha”, presente no imaginário de Cristal, a cristaliza numa culpabilização pelo fim da relação conjugal? (II)

E-A - E você tem filhos?

Cristal – Não!!! Não tenho... graças a Deus!!!...

Riu

Quando Mel falou na questão da sensação... dessa questão de ser mãe... eu não tenho a menor vontade de ser mãe! Já tentei pensar em procurar o meu porquê disso... mas não tenho a menor vontade! Apesar de ser professora... e adorar estar com criança durante aquele período de estar na escola... só ensinando! Mas não tenho a menor vontade de ser mãe! Mãe para mim seria... aí seria total assim... tirar a minha liberdade completa!!! Eu não ia viver mais nunca na minha vida!!! Então... eu sempre tenho essa questão de distância... Quando fala em ser mãe... eu já... Me sufoca!!!

Mel – Tem alguém que pensa igual a mim!!

Cristal – Não!!! Me sufoca!! E em alguns momentos... cheguei até a chocar algumas pessoas em relação a isso! Diziam assim: “ah!... Um dia você vai ser mãe!” Eu digo: “DEUS ME LIVRE!!!” Aí o pessoal: “o que é isso???” Não!!!... Não me importa de não ser mãe! Eu simplesmente não tenho a mesma cabeça de vocês... com relação a ser mãe! A quem diga que isso acontece... porque alguém de fato não mexeu comigo para que essa questão de... querer ser mãe um dia... e ser feliz! Eu penso que eu vou ser muito feliz... independente de ser mãe ou não!!! Eu não serei feliz... isso eu tenho consciência... se eu ficar só. Eu tenho pavor da solidão! Isso aí... eu acho... que compõe esse lado esquerdo... que é estar sozinha... que eu estava quase fechando a pintura! Eu não coloquei preto... porque preto para mim significa alegria!!! Então eu disse assim... eu não estou vivendo muito feliz... então eu não usei preto! O preto para mim... não é o mesmo que todo mundo diz... que

significa tristeza! Pelo contrário... adoro vestir preto... me sinto bem! Ai... ausentei ali o preto! Seria o momento que eu ia pintar todo o lado esquerdo! Eu não estou muito feliz! Então... a parte de baixo...

Referiu-se a perna da imagem

é a questão de querer continuar caminhando... mas me reservando um pouco!

Apontou para o braço direito da imagem

Porque nesse momento... não estou muito feliz!

A felicidade para Cristal está na dependência da presença de um outro. A solidão então, aparece como uma realidade incompatível com a felicidade. (II)

D – Cristal... você falou que... logo quando se separou... você se sentiu responsável por essa separação! Como é que foi a sua separação?

Cristal – Ah!...

Riu

A minha separação foi assim! Cansei de estar casada é... eu acho que não era para ter dado certo... a questão do casamento... por falta de maturidade mesmo! Eu acho que tem muito a ver com a questão do contato físico... que a gente antecipou! O fato de estar dentro de uma religião... isto é... provocou talvez a questão do casamento! Não que ninguém tivesse ficado sabendo que a gente antecipou o ato sexual... mas... sufocou aos dois... em termos de “vamos!”... vamos é... realizar... consumir... resolver casar! Eu sou cristã... e como denominação... Batista! O que não impede... o que nunca pregaram para mim que isso seria uma crucificação!... que não teve! Mas... minha mãe pregou isso para mim! Então... eu não queria justamente... que ela soubesse que eu me antecipei! E no primeiro mês... eu não queria estar mais casada! Porque eu vi que não era aquilo... que ele não era aquela pessoa que a gente convivia enquanto namoro!

Cristal volta-se em sua fala, para a influência do âmbito cultural em sua decisão pessoal, referente ao casamento e a sua separação, enfocando especificamente os aspectos religiosos e familiares. Essa fala de Cristal também me remete à questão da culpa. A culpa por ter “transgredido” o que sua mãe, especialmente, “pregou” e o que, publicamente, era pregado pela sua religião. Entretanto, considerando como Boss (1981, p. 37) apresenta a culpa, “aquilo que carece e falta”, indago: de que falta e carência nos fala Cristal? (II)

D - O que mudou?

Cristal – Não sei! Ele se mostrou uma pessoa ausente! Eu comecei rapidamente a sentir o que era solidão... e doía MUITO! Porque era uma solidão a dois! Tinha uma outra pessoa... mas... ele não estava comigo! Eu estava geralmente só! Teve a questão também... que ele estava... os dois estavam avançando na questão profissional... e a gente teve que entrar em acordo... para que ele fosse primeiro... e que eu aguardasse minha vez! Só que essa vez... o tempo foi passando... e a minha vez não foi chegando! Então... isso ia me sufocando... e eu ia me sentindo humilhada por isso! Algumas palavras que ele falava... então... alguns atribuem o fato dele sair com os amigos do trabalho... e não querer me levar... e eu estar sozinha... normalmente separada do convívio do grupo... me sentindo extremamente excluída!! Isso foi me dando força e ao mesmo tempo medo... porque... dentro da família... foi a primeira relação que foi rompida! E eu não queria machucar a pessoa da minha mãe... e nem queria também passar pelo sofrimento da rejeição da sociedade! Porque querendo ou não... a gente passa um pouco por isso!... Mas aí... depois de um tempo... eu o chamei... disse que tinha pensado... que não

queria mais... também tem a questão da fidelidade!!! Eu acho que numa relação tem que existir! Ele era uma pessoa muito infiel! Assim... ele estava com alguém... Ele não tinha esse lado definido! Foi o que me machucou mais ainda!!! Talvez até para ele fosse definido... no sentido de que a fidelidade não era tudo! Ele tinha diversos... relacionamentos... e isso daí me machucou muito!!! Não era um relacionamento! Eram diversos relacionamentos!! E isso me machucava muito!!! Porque eu não era uma pessoa de discutir... de brigar... eu era... eu sempre fui muito chorona! Eu tentava conversar... mas quando a pessoa... ele não correspondia... eu era mais de chorar... de calar! Então... isso foi uma coisa também que me levou a buscá-lo... e dizer que não queria mais a relação! Comuniquei a família também... arriscando toda a rejeição da sociedade! O que não aconteceu! Pelo contrário... acho que houve uma acolhida muito gostosa!... Me senti de repente gente!!

Como se criou o imaginário da relação a dois em Cristal e da própria instituição/casamento? Vejo-me nesse prisma, sob duas vias de leitura possíveis. Pela primeira, parece que o outro faz com que ela se sinta inserida em um grupo – amigos, família, comunidade - e isso a impede de ver que, por mais que se viva junto com o outro e interaja socialmente, não será possível negar a certeza de ser só. Pela segunda, esse outro aparece como tendo o poder de a iludir, fazendo com que a solidão pareça distante quando de sua presença. Em certo sentido, sua fala me lembra a “cartilha” já citada anteriormente, que parece impedi-la de ver que as suas realizações pessoais dependem de suas possibilidades.

Embora anteriormente Cristal afirme que a sua felicidade está atada à presença de um outro em sua vida, relata que, na sua vivência conjugal, estar com o outro, não é de modo algum não estar só na relação. Tanto é, que ela se refere a “uma solidão a dois”.

Curiosamente, para ela, ser ex-esposa leva ainda consigo o peso da rejeição sociofamiliar, embora afirme ter sido acolhida em sua decisão de separar-se, o que lhe causou surpresa, bem estar e reconhecimento. Cristal, como um sujeito contemporâneo, quebra uma tradição familiar, ao questionar a sua relação e assumir a decisão da separação. No entanto não deixa de expressar a sua preocupação em não “magoar” a mãe com a sua decisão da separação conjugal. Interessante que, na fala anterior de Cristal, os valores da figura materna também se mostram como influenciadores na sua decisão de casar-se. (II)

D - E o outro lado?

Cristal - Esse lado aqui amarelo... esse lado... não sei! É querendo buscar um pouco mais... alegria! Até o próprio sorriso mesmo... eu considero que está um pouco falso!... no sentido de que eu não estou muito bem... Nesse momento... não estou muito feliz! Eu me considero uma pessoa extremamente feliz... mas estou passando por esse momento que não estou! E esse sorriso atualmente... é só mesmo uma satisfação! Aquela mão ali é reserva... carência...

Olhar para si mesma, vendo um “sorriso social” estampado em sua face, entrançado com a questão da culpa, seria um modo de ser que se encobre na expressão de força para não querer admitir que ficou ligada? Parece que Cristal não “matou” esse outro que ela tanto afirma e reafirma ter “matado” em si mesma. Nesse sentido, suas falas diriam mais de como tivesse matado um sonho *de e em* si. O sonho de ser acompanhada? Teria sido ela quem morreu no sonho de ser acompanhada? (II)

D - É o que você vive hoje... como ex-esposa?

Cristal - Estou vivendo hoje!...

Riu

Eu não digo... como já falei... não como ex-esposa!!! Porque para mim morreu esse momento... não existe!!! Não me considerei casada... não... Não! Então esse sujeito não existe para mim!!! É uma pessoa que a gente não se comunica! Eu acho que... eu acho que se tem que ter amizade... se tem que existir... é dentro da relação! Se acabou... para mim então... não tem porque continuar com nenhum elo! É uma posição radical nesse sentido!

D - Já tem quanto tempo?

Cristal - Cinco anos e nove meses!

D - Você falou que não lembra dele... que o momento em que foi casada... morreu para você! Então... esses cinco anos que vocês viveram juntos [...]

Cristal - Esqueci!

D - Você não lembra nada... do que você viveu?

Cristal - Não! Não sinto... é... falta!... não sinto... nada!!! É isso! Não tem porque sentir!! Não foi bom... não tem porque sentir alguma coisa!

Essa constante re-afirmação de esquecimento/morte/anulação do ex-marido e do próprio casamento me faz pensar que o esquecimento de Cristal se faz presente, como possibilidade de afastar aquilo que a incomoda que é doloroso, ou seja, a sua própria história. Creio que isso dificulta tanto a sua compreensão de si mesma, quanto a oportunidade de compreender o que se deu (aconteceu) em sua vida.

Esquecendo o que a aflige, esquece também o que viveu e, assim, não consegue começar “de novo”, pois, como afirma Pompéia (2004, p. 60, aspas do autor),

Se há esquecimento, conseguimos até repetir, fazer outra vez algo que já fizemos antes, mas não podemos fazer algo 'de novo', visto que, no esquecimento, não sabemos diferenciar o 'de novo' do 'outra vez'. (II)

D - Você ia falando, Mel?

Mel – Eu acho assim... o caso dela... é até mais fácil... porque ela não teve filho! Então... não tem que ver a pessoa!

Cristal - Também colabora nesse sentido!

Mel – A gente que tem filho... aí fica mais difícil! Porque queira ou não... tem que ver! Pegar o filho...

Cristal - Apesar de eu ter a opinião que... se tivesse tido um filho... eu tinha deixado com ele! Porque no momento ele queria muito!... apesar da relação da gente... ele queria muito ser pai! Eu que não quero ser mãe! Mas por ele... eu ainda fiz tratamento para engravidar durante três anos! E foi muito bom não ter engravidado!!! Pelo menos nesse momento... porque desde um momento... eu acho que o último momento que a gente teve com a médica... ela me falou umas palavras-chave... que eu disse assim: “quando a gente entrar no consultório de novo... se você quiser agora realmente ser pai... eu acho que o caminho é outro... acho que comigo não dá não!”

D – Você ocupa aquele lugar?

Cristal subiu no palco e colocamos a máscara nela.



(Foto 24. Cristal)

D – Você fala alto o que você experimenta aí?

Cristal – O que eu falei... carência!!! É...

Cristal começou a chorar. Abaixou a cabeça e, depois, a virou para o lado, enxugando as lágrimas dos olhos.

Naquele momento ela parecia muito incomodada! Com o que se incomodava Cristal a ponto de chorar daquele jeito no grupo? (IPO)

D - O que a emociona nesse momento?

Cristal continuava chorando sem falar nada. Fui ao encontro dela no palco. Posicionei-me bem perto dela. O silêncio choroso de Cristal desperta em mim uma necessidade de estar junto. Eu estava também, preocupada! Cristal estava lá fora, no contexto grupal, tão segura!... tão firme do quanto aquilo tudo já tinha passado!... Mas ali, naquele lugar marcado por lembranças ainda em carne viva, chorava muito! No entanto, se mantinha firme na posição da imagem original. Por quê? Continuei próxima a ela e, nessa minha ação, mostrava que estava ali para cuidar. E cuidando, terapeuticamente, podemos despertar o dizer do que está sendo chorado, do que está silenciado? (IPO)

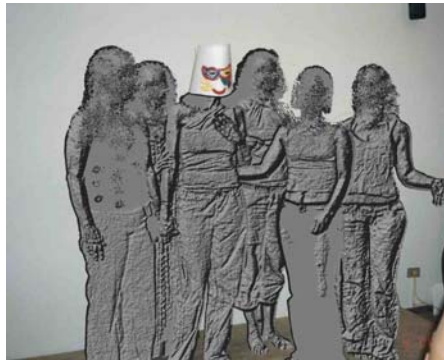
Um momento de se mostrar na ação? Ao “pôr a máscara” pela primeira vez, mostra-se emocionalmente envolvida com aquele lugar que está ocupando. Desde o início, quando nomeia a máscara, Cristal revela a dualidade presente em sua expressividade modelatória (verbal, gestual, fisionômica, plástica): “alegria e tristeza”, angústia, culpa sem libertação. Isso a acompanha até o fim de sua apresentação. Ocorre-me, agora, uma outra reflexão. Se eu fosse seguir as “normas” do psicodrama clássico, não subiria ao palco, mas sim daria ao ego-auxiliar a consigna para que subisse ao palco. Entretanto, partindo de um conhecimento tácito, que acontece sem uma concomitância da cognição, subi no palco, fiquei “apenas” ao lado de Cristal, sem palavras. Num primeiro momento, conforme um dizer heideggeriano, posso compreender que essa minha atenção se apresentou por meio da “solicitude”, ação que expressa uma atenção cuidadosa junto ao outro. Já para Moreno, essa mesma ação expressaria a presença do vínculo télico na relação com Cristal. Contudo, ao continuar lendo a narrativa da oficina, sou impactada pelo modo como Cristal a interpretou: sua compreensão para a expressão de sua emoção era um dar-se conta do quanto a falta de um outro ao seu lado a afeta. Sendo eu, no palco, o outro ao seu lado, foi uma possibilidade para Cristal abrir-se e poder verbalizar sobre o seu modo de encontrar-se no mundo, e não um despertar como questioneei acima. (II)

Cristal – A ausência de alguém ao meu lado! Mas sinto também vontade de continuar a caminhar... a conquistar... até encontrar!!!

Aproveitei essa ocasião para me dirigir ao grupo:

D – Como vocês entram em relação com essa imagem?

Em seguida, Mel, Brisa, Flora, Luara e Clara subiram no palco



(Foto 25. Cristal com o grupo)

D - Falem alto o que experimentam nesse lugar!

Flora - Senti apoio!... ajuda!... segurar a mão!... Vamos caminhar! Todas conseguem!!! O importante é caminhar... é prosseguir! E... dizer a ela... que ela não está só!!! Essa sensação de ter alguém ao lado... talvez ela não esteja enxergando... mas que tem muita gente do lado dela!

Luara – Eu acho que coloquei minha mão por traz dela... justamente que é para... é um apoio... e uma forma que eu achei... que se ela quiser caminhar... tem pessoas junto dela... e que... se ela achar que não pode agora... a gente pode dar um empurrãozinho... uma ajuda! Mas que ela é capaz sim!!!

Brisa – No meu caso... eu ia tocar nela... mas aí como estava distante... eu acho que pela posição anterior... eu toquei em Luara! E... me identifiquei um pouco com o que Cristal falou... no momento em que ela disse: “Ah! O que emociona... é a ausência de alguém ao lado!!!” E eu também tenho... sinto um pouco isso! E aí... não é de alguém... não é amizade... não é... Eu acho que é um companheiro na realidade!!! Aí... quando Flora fala assim... se ela olhar ao lado vai ver outras pessoas... eu consigo enxergar que eu tenho... pai tenho amigo... tenho essas pessoas ao meu redor... mas no momento... a pessoa... a pessoa não!!! O que eu queria na realidade era um companheiro!!!

Clara - Acho que a gente cria estratégias para lidar com a solidão! Eu acho que a minha é apoiar! Eu acho que estou fazendo a profissão que estou escolhendo... de ser suporte a um outro! Tem horas que me vejo maternal... tem hora que me vejo terapeuta... E eu acho... que vem sendo um grande suporte para mim! Agora... eu acho que é uma solidão... a solidão existencial! Eu não consigo localizar em alguém! Eu acho que é da condição! Da condição de você ser sozinho!!!

Mel – No meu caso... total apoio!!! Eu acho que me identifiquei com ela... e... vamos andar juntos... não é? Para prosseguir...

O grupo mostra-se muito mobilizado. Cristal traz o tema da solidão para a cena. Ao mesmo tempo, o grupo expressa o cuidado... por ter sido tocado pela dor ainda presente. Posso falar de Flora e Luara, como a expressão do cuidado, isto é, “do ser diante da

inautenticidade” que se faz presente ao escutar o ser de algo que causa angústia em Cristal? As duas, em minha leitura, querem mostrar para Cristal que ela não está só, como se quisessem denunciar uma espécie de “cegueira visual”, que ela, Cristal, identifica, erradamente, como carência. Por seu turno, Clara e Brisa fazem uma escuta dessa solidão do ser no mundo, do ser-com-no-mundo, angústia pela solidão existencial. Mas estariam elas realmente frente a frente com essa solidão solitária? Seriam apenas frases de apoio para não adentrar no fundo sem fundo de cada um e todos nós? Frente a tal perspectiva abismal, apoio é proteger-se num cuidadoso descuidado ao outro, para não se deixar arremessar com ele no precipício da solidão desamparadamente desesperançosa... Ainda, por mais que se esforcem, não podem perceber a outra possibilidade de viver solidão solitária solidariamente... Essas ações e falas do grupo me apontam que também o grupo agiu na relação com Cristal numa atitude de serenidade (Heidegger) que aponta o modo da angústia transmutar-se em cuidar de ser pelo modo da solitudine. No dizer moreniano, é o acontecer de um membro do grupo como agente terapêutico para um outro membro do grupo. (II)

Posteriormente, o grupo voltou para o contexto grupal.

D – Socorro... volta ao palco?

Clara pegou a máscara e subiu no palco. Socorro subiu e, logo em seguida, colocamos a máscara em Socorro. Ela, Clara, modelou o corpo e desceu do palco.



(Foto 26. Ego - auxiliar com a máscara de Clara)

D - Você vê daqui de fora Clara? E dá um nome para essa imagem?

Clara – É... Encontro comigo! Eu acho que nos casamentos... eu acho que... a gente vai reeditando... relações da mãe... do pai... de coisas anteriores... e a gente acaba reeditando nos outros casamentos! No meu caso foi isso! Eu acho que... o que aconteceu aqui em questão da maternidade... eu percebi na hora que Mel falou... eu me movimentei para trás... e ela olhou para mim!... Então... bateu na minha rejeição materna... quer dizer... da rejeição da minha mãe para mim! E eu acho que eu sempre reeditei isso nas minhas relações... apoiando! Assim... querendo ser mãe de quem está comigo...

Chorou

para encobrir essa ausência que eu tenho! E eu acho que enquanto eu fiz isso...

Aumentou o choro

não dava para caminhar... não dava para estar a dois... não dá para caminhar... não dá... para viver uma vida a dois de troca... na forma que eu acredito!!! Porque eu não quero ninguém me apoiando... não quero ninguém atrás de mim... eu quero alguém ao meu lado! Isso é um fato!

Continuou chorando

Eu estou olhando para frente... eu estou olhando aqui... essas cores... acho que é um momento de expansão... de resplendor! Tem um... a esperança com... com as perdas... elas estão... é... convivendo harmonicamente! Elas estão no mesmo caminho... elas não estão dissociadas! As manchas... aí eu fui bem tradicional mesmo!!! As manchas verdes e pretas! Seria uma... a esperança!!! Mas ao mesmo tempo... um certo receio!!! Uma certa esperança e desesperança!... De algo assim... esperança de traço otimista de ser! Mas desesperança de saber que conviver de uma forma saudável é difícil!!! O verde é essa esperança! O preto é a desesperança! Aí vem o movimento... eu me percebo muito em movimento... muito movimento!!! Uma outra coisa... eu sempre tive vontade... sempre tive habilidade artística... e nunca deixei com que isso aflorasse! E eu acho que um dos grandes ganhos que eu tive... que eu me presenteei... foi depois do segundo casamento... eu montei minha... o meu apartamento... estou morando só!!! No primeiro casamento... eu voltei para casa dos meus pais... no segundo... eu já fui morar só! E não é fácil!!!... Porque tem toda a questão financeira... e eu sair... estar me sustentando... mas eu acho que eu precisava! Para mim é indiscutível!!! Como foi importante isso para mim! E assim... de ter reservado um quarto para eu poder criar!!! Então... acho que é um recurso que eu tenho colocado como suporte existencial para mim!!!! É... parece que... é fazer arte daquilo que eu vivo! Eu não trabalho... com arte! Eu tenho tintas... tintas das diversas... eu tenho papéis... eu tenho garrafas... eu tenho é... canudos... é um quarto em que eu coloquei um monte de recursos! E assim... eu vivo alguma coisa... vou trabalhar nessa tinta aqui... vou fazer alguma coisa... eu vou construir alguma coisa... eu vou criar! Coisas que também... para me libertar um pouquinho do racionalismo... intelectualismo... que eu acabei adquirindo na faculdade... que eu acho também que não é tão saudável! Então tem coisa que não adianta ficar teorizando não!!! É ir para a arte! Então eu acho que é um recurso que eu fiz!

O que é uma relação a dois para Clara? Não pode haver apoio que não se confunda com o desamparo maternal/paternal/terapêutico na relação conjugal?

Clara começa a revelar o sentido das suas atitudes em face da apresentação de Mel, tanto no contexto grupal - ao ouvir Mel narrar sua história -, quanto no contexto dramático -

quando Clara entra em relação com Mel usando a máscara. Esse momento de desvelamento possibilita, posteriormente, a expressão de aproximações positivas.

Na fala de Clara me atrai sua colocação da arte como “suporte existencial”. Lembro-me, mais uma vez, de Merleau-Ponty (1971), ao referir-se à arte, especificamente à pintura. Ouço a gramática melódica do que ele considera da estilística do pintor. Em suas palavras, seu estilo é como seu próprio corpo, não sendo assim, um instrumento, mas sua maneira de habitar o mundo, isto é, seu modo de se apresentar aos outros, ou simplesmente, a sua existência. Desse modo, emprestando seu corpo ao mundo, o pintor expressa seu olhar corpóreo e, assim, transforma o mundo em pintura (COELHO JÚNIOR, 1991). Embora ainda tateante, essa parece ser uma possibilidade para Clara. (II)

D - Enquanto você falava... você se emocionou não foi? Consegue identificar o quê [...]

Clara – Consigo!!! Consigo! Foi assim é... falo... me emociono de novo!!!...

Chorou

Eu acho que... enquanto eu fazia da minha vida a dois um restaurar da ma... da ausência materna... e me agredia e agredia o outro... não é em relação à escolha! É aquela coisa que você disse mesmo... é a forma de ver! Quer dizer... eu vi em Mel a rejeição que eu tive! Por isso eu fiz aquilo! Então... enquanto eu não tinha consciência disso... eu acho que estava mais difícil de poder... de ter esse encontro! Eu acho que a partir do momento em que você tem mais consciência disso... e também não querer... é... perceber a movimentação materna... e a movimentação terapêutica nos meus encontros... Agora isso está tão claro!!! Que antes... eu talvez fosse dar sempre a mão... sem perceber! Então hoje... eu consigo distinguir melhor... quando eu quero ser mais materna... quando eu quero ser mais terapeuta... e quando eu quero me relacionar de verdade! Quer dizer... todas são tipos de relação!... Mas... para conviver... sabe?... para estar ao meu lado... eu acho que eu não tinha muito esse critério! A carência do... do... da falta da mãe era tão grande... que eu ia... eu estava sempre indo...

Desde a sua fala anterior, Clara sinaliza como se encontra no mundo: desencontrada de si mesma. Experienciando essa dificuldade em suas relações, Clara revela como é pela carência que busca habitar-se nas relações. (II)

D - Entra naquele lugar?

Clara subiu no palco e trocou de lugar com Socorro.

D – Fala alto aí... com a mão bem aberta... não é?

Percebi que Clara tinha modificado a imagem original. (IPO)

Clara – Eu estou um pouco nervosa!

D – Certo! A gente vai lhe ajudando a compor a imagem que você fez... está bom? Dá para ficar nesse lugar?

Clara – Dá!

D - Então fala alto o que você experimenta aí... e o que lhe deixa nervosa... nesse lugar?!

Clara - Aqui nesse primeiro momento... tem um... um dos buracos do olho... o do lado direito... ele não está... muito bom para eu ver... tanto que me incomoda!!!

D – Você quer ajeitar?

Clara - Eu quero ajeitar! Eu quero... porque eu tive o cuidado de marcar o olho!

D - Então vamos ajeitar!

Clara - O que eu enxergo para mim hoje é muito importante!!! Eu preciso...

D – A gente solta aqui...

Nesse momento, fui tomada pela surpresa de me confrontar com uma situação não prevista. Fui mexer na máscara de Clara, pensando que ela estava apenas querendo ajeitar a posição da máscara em seu rosto. Mas foi aí que percebi que ela queria ir mais longe: queria ser autora de sua própria transformação. Então, ela tirou a máscara, pediu-me a tesoura e começou a recortar o olho da máscara, enquanto fazia alguns comentários. (IPO)

No pedido de Clara, sinto a comunicação de sua afetabilidade ao se situar naquele lugar de ex-esposa. Ela diz o quanto ver/não ver a afeta e, com isso, se permite, ao mesmo tempo, ser afetada, o que requer dela uma ação ambígua de contato e evitação, ao mesmo tempo. Ela busca o contato e esta escolha a remete para uma implicação, a saber, aquela da ordem intersubjetiva, o que a leva a confundir-se com o outro que a chama afetivamente, assustar-se e optar pela aproximação-esquiva.

Por outro lado, olhando para minha própria atuação, percebo tanto o lugar possível de ser destinado aos recursos utilizados, quanto o lugar de co-participante destinado ao psicólogo numa situação que se configura como intervenção⁵⁴ seja num trabalho socioterapêutico e/ou psicoterapêutico, seja numa pesquisa: implica compreender essa intervenção como ação

⁵⁴ Intervenção aqui compreendida como *interpor os bons officios*

clínica. Clara, com sua ação, ofereceu-se como possibilidade para eu perceber que meu olhar, por um instante, limitava-se a, concreta e simplesmente, mirar a **máscara construída**. No entanto, percebendo essa limitação minha, reconduzo-me a atentar para o modo como aquela ex-esposa se mostrava, revelando, por meio da máscara, como se percebia a si mesma. (II)

Clara - Vou abrir um pouco o olho! O que não enxergo... tanto que me incomodou! Outra coisa para mim... nesse momento... é sentir um pouco assim... eu achava... eu achava não! Acho que eu antigamente... tinham coisas que me incomodava... e eu... está bom! Tentava me ajustar aquilo que não... que me incomodava! E eu estou num momento bem atual... de tudo o que me incomoda... claro!... sem que vá causar tanto mal-estar a quem está do meu lado... Mas eu estou priorizando a mim!... eu estou... sabe?

D – Buscando ficar confortável para você... como fez aqui com a máscara?

Clara - Exatamente!! Ficar confortável!

Ouvi seus incômodos e seus movimentos para lidar de um modo mais confortável com as situações em que se encontra na vida. (IPO)

Depois de um certo tempo, Clara terminou de ajeitar a sua máscara.

D - Vamos ver agora?

Coloquei a máscara novamente em Clara.

Clara – Agora está bom!!!

D - Então... fale aí o que lhe deixou nervosa nesse lugar... e o que experimenta aí?

Clara – Não!... Porque eu estou muito emocionada com tudo isso!

D – O que está lhe emocionando?

Clara – Essa vivência... de perceber assim... consciente... mais consciente disso daí... dessas coisas que estou vivendo! E... de estar me respeitando mais! De estar no... e... eu sou assim... muito emotiva!!! E quando você se emociona... tem uma série de descargas orgânicas que acontecem! Uma delas é ficar meio suando... e com a mão um pouco trêmula! Mas... é... e eu... me senti muito... eu estava um pouco... estou muito emocionada!!! Mas eu estava... e eu senti uma sensação muito confortável... de ter feito isso... e ter ajeitado o olho! Muito!! Eu vim para cá...

Referiu-se ao palco

e me deu uma vontade de rir... assim... de estar feliz com isso!

Clara novamente modificou a sua imagem original.

D - E sua mão é mais para cá... para barriga... não é?

Clara – Não!!... Quando eu coloquei nela...

Referia-se à ego-auxiliar

eu queria que ela se abraçasse... eu queria abraçar! Era essa a intenção!

D – Agora... você tinha colocado ela assim...

Coloquei a mão dela na própria barriga

certo? E o pé?... Como era, Socorro?

Solicitei a Socorro que viesse ao palco (contexto dramático).

E-A – O pé direito... mais para frente e esse...

Referia-se ao pé esquerdo

um pouquinho lá para trás!... E o braço... bem assim!...

Colocou o braço direito de Clara mais para trás

bem aberto!

Eu e Socorro voltamos para o contexto grupal.

D – Experimente, Clara... os dois lugares! Qual dos dois retrata melhor o que você está querendo?



(Foto 27. Clara 1)



(Foto 28. Clara 2)

Clara – Esse!!!

Remeteu-se à segunda imagem

... Nesse... eu me apoio mais!... Nesse... eu me apoio mais... Nesse... Nesse eu me abraço!!!... Eu estou num momento... de me abraçar!... de me abraçar como eu sou!... Nesse encontro comigo... e... me abraçar nisso!... Agora... interessante! Como me desconforta que... apesar de falar dessas coisas... ainda esteja buscando alguém que eu vá... alguém aqui atrás!

Clara mexeu o braço direito

Talvez seja o traço... de dominação...

Riu

mesmo!!! Ainda preciso estar buscando alguém... que fique atrás de mim! Isso ainda é incômodo!

Para Clara constituir uma relação conjugal ainda lhe parece um traço de dominação. No entanto, no plano do seu discurso, fica muito claro que o poder de dominação tem que ser sempre dela. Ela também se refere repetidamente ao fato de não querer ninguém a apoiando. No entanto ela age, nas relações, sempre desde o lugar de quem tem o poder de dar o apoio (apoio, para ela, implica relação de poder). Inclusive se remete a isso do ponto de vista da composição de sua imagem: “alguém atrás”. (II)

D - É essa sensação de estar buscando alguém aí atrás que a incomoda?

Clara – É!!! É essa sensação! Desde o meu cuidado de deixar um espaço que não encostasse na parede... e nem que desse para ninguém ficar atrás... Também não quero ninguém me apoiando! E não quero ninguém atrás de mim!...

Apontou para trás, com a mão direita

Eu quero alguém ao meu lado!

Esticou o braço direito para o lado, abrindo a mão

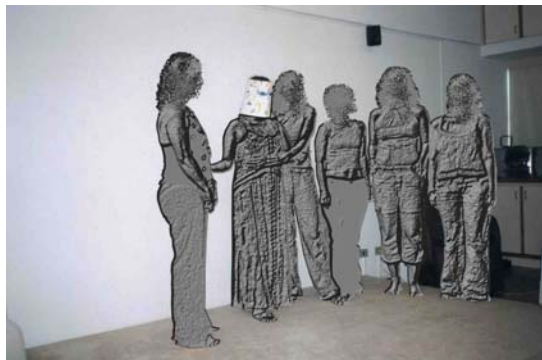
Isto está muito claro! Apesar de perceber uma movimentação ainda dessa mão...

Balançou o braço direito, para frente, para trás

um pouco para trás!

D - E vocês como entram em relação com essa imagem?

Desta feita, Cristal, Flora, Mel, Luara e Brisa subiram no palco.



(Foto 29. Clara com o grupo)

D - Podem falar alto... O que experimentam... nesse lugar?

Cristal – A minha postura em pegar aqui...

Pegou em sua barriga, com o braço esquerdo

eu vi completamente diferente!!! Quando ela falou que... quando ela se referiu à questão de... de ter filho... da mãe! ... foi aí que a sensação que surgiu me reportou também... à lembrança de que... eu não fui... desejada... no momento em que minha mãe estava me esperando!... Então... depois de adulta... foi que eu vim saber que houve um processo de rejeição!!! A relação da gente não é muito boa entre mãe e filha! Então... por mais que eu quisesse... que eu lute para que a gente tenha... eu sei também... que eu coloco barreira para que a gente não se aproxime! Então eu acho que... talvez... é até o encontro mesmo... para... dessa situação de eu não querer ser mãe!!... Eu acho que... me identifiquei nisso um pouco!

Mel – No meu caso... eu falo também nessa questão... de ser mãe e da rejeição! E também de ter me comovido... porque... eu vivi! Não é que eu rejeito meu filho!!! Mas é que o fato de ser mãe para mim... é o que está pegando mais hoje! Então... eu não fiquei perto dela... mas... pelo meu modo de ser! Por exemplo... é... eu sou muito difícil de lidar... expressar meus sentimentos... Embora eu tenha me envolvido com a história dela... eu me identifiquei... pelo fato de... dessa questão de ser mãe!!!... Mas aí... eu fico na retaguarda... um apoio circunvizinho... só que pela minha dificuldade realmente de lidar com as pessoas!... Eu não tenho facilidade para isso! As pessoas dizem que sou uma pessoa extrovertida... mas... não é... bem assim não!!

Brisa – Eu me coloquei de lado... porque não me identifiquei muito com a história de... Só uma coisa que me bateu!... Foi essa coisa de... dela... quando ela fala isso... uma coisa de estar se abraçando... de estar... se valorizando muito... É uma coisa então... que não me identifico!... Porque não é o que eu estou fazendo comigo!!!... Eu acho que eu estou até bem distante!

Flora - Eu me coloquei ao lado... e aceitando... porque eu acho que cada um tem uma forma diferente!... Eu não me identifiquei muito!! Assim... ela passa para gente... como se estivesse bem... não estivesse precisando de apoio... não quer ninguém atrás... não quer ninguém segurando... Quer alguém de lado!... Apesar de incomodar um pouquinho a mão... mas é como... se a gente ficasse atrás... ou abraçasse... incomodasse ela!!!... Como se ela estivesse vivendo num momento... agora... que não precisasse disso! Como se ela estivesse precisando dela própria!... Então é aquela de... da gente estar de lado... observar... e... talvez... se ela sinalizasse... e se precisasse... a gente estaria interagindo e ajudando! Mas para mim passou essa sinalização... de que ela não queria muito... ninguém perto dela nesse momento!!! Nem perto... nem atrás... ou apoiando!

Luara – A história dela me identificou... quando ela falou da rejeição da mãe!!! E... que ela... às vezes que transferia isso no relacionamento dela!.. Fez repensar e ver... que eu acho que minha mãe foi ausente!!! Porque eu tenho... no meu casamento... eu acho que muitas vezes eu fui mãe... e não fui esposa! Eu acho que é por conta disso... da ausência da minha mãe... que eu estava... eu acho que reportando... eu acho que estava fazendo com ele o que eu queria ter tido... o que eu queria para mim! E achei interessante isso!!! E vi realmente... me fez ver agora... que é uma carência de mãe!!! Que minha mãe realmente é ausente!!!!

D - Cristal quer falar mais alguma coisa?

Cristal sorriu

Cristal – Eu já falei!

D - Eu sei!... É porque você estava tão... atenta... que eu pensei que queria falar!

Cristal – É só a questão de Clara dizer... que nesse momento ela está se abraçando!!... Eu não estou me abraçando! Ela colocou pela primeira vez a mão na barriga... ela colocou nela! A questão... me levou a pensar... eu fui para o passado... e vi a rejeição de eu não querer a filha! Segundo minha mãe expressou... é que... a alegria dela... veio depois que viu que era uma menina! Já teve vários meninos! Mas... não compensou!!! Mesmo chegando essa me... é... eu estando presente ali... não... não compensou!! Ela não deu os carinhos que eu acho que precisei... Até hoje... a gente é bem distante... é só de

compartilhar o necessário!... E eu mais ainda!!!... Hoje me fecho! Eu acho que depois que tomei consciência disso... foi pior!... porque eu me fecho mais!!!... E eu me dirijo... mas... só o extremamente necessário!! ... É isso!

Clara - Quando eu estava ali...

Falava do contexto grupal

eu estava sentindo... que de fora... parecia estar... bem seguro aquilo que eu estava colocando!! Agora...

No contexto dramático

a posição dos pés que eu coloquei... não me dava tanta segurança!! Algo ainda... é... aí eu fiquei... Espera aí!!... mas eu ainda estou em processo! Por um lado é bom... porque acho que estas coisas... tão firmes... e tão amarradas... A gente deve desconfiar delas! Então... pelo menos tem um certo desconforto! Dá um certo desequilíbrio... essa posição ali dos pés estava me causando isso!! Mas... depois... eu achei que aquilo era saudável! Processo!! Processo de ser!...

Clara fala sobre o desalojamento do ser e do vir-a-ser que é condição do ser humano no mundo. É no trânsito – no atravessamento de si mesmo para o mundo - que ela vai percebendo o devir e, assim, cria possibilidades para contornar seus desconfortos.

Nesse mesmo circuito narrativo, Clara traz novamente à tona o tema da rejeição - já denunciado por Mel e, também, ventilado em cena por Luara e Cristal. No contato com esses solilóquios, sinto-me atravessada por ondas de sensações, percepções que precisam de expressão. Decerto, essas mulheres falam de rejeições da figura materna e falam da sua dificuldade, como mulheres, em serem esposas. Sinalizam, repetidas vezes, a fratura do ser-com, reverberada na exposição de suas carências afetivas e de suas dificuldades na relação mãe-filha(o).

Acompanhando a fratura desse “corpo exposto” de carências afetivas como mulher, tão recorrente na fala das sujeitos/narradoras, questiono-me: será que, na experiência dessas mulheres, a identidade de gênero – *ser mulher* – tão impregnada do papel social – *ser mãe* – teria dificultado/impossibilitado a realização do papel de *ser esposa*? Ou será que, por outra ordem de ligação, este *ser ex-esposa* é, como diz Clara, estar em “Processo!! Processo de ser!”? (II)

No encerramento da participação de Clara, percebi que o meu questionamento das possíveis limitações do recurso escolhido para a apresentação das sujeitos/narradoras, especificamente a máscara, ainda reverberava. Contudo, as falas de Luara, de Cristal, e até mesmo a de Flora e a ação de Clara já me sinalizavam que o recurso apenas maximizava os sentimentos, percepções, sensações vividas naquele lugar. Durante a oficina sociopsicodramática, muitas vezes, a trajetória muda de direção à medida que se vão acrescentando novos sentimentos, impressões, idéias, sensações, desejos ao seu caminhar (IPO).

Iniciando, então, um momento para clarificação dos fenômenos surgidos nessa etapa do trabalho grupal, convidei as sujeitos/narradoras para subir ao palco. Agora, porém, sem as máscaras.

D - Quero convidar ao palco todas vocês... e gostaria que assumissem a mesma posição... Só que... agora... sem a máscara!... Eu queria que vocês assumissem a posição que vocês fizeram... só que... agora... dessem ao seu próprio rosto... a expressão daquela máscara! Como seria? Como seria a expressão? Lembrem-se que... agora... é com o próprio rosto de cada uma!

Seguindo as consignas, o grupo se perfila na posição solicitada.

D - E eu quero que vocês falem alto o que experimentam nesse lugar... dessa forma!

Brisa –

Rosto sério, fechado, sisudo, olhando para frente

É uma situação bem mais confortável! Porque como eu disse... a minha visão estava muito limitada!!! Ainda acho que ela está... apesar de não estar com a máscara!!!... porque eu acho que a minha limitação é interior mesmo!!! É interna!... Mas eu consigo enxergar... pelo menos um pouco mais os lados... porque pela máscara... eu só estava vendo muito para a frente! Eu consigo enxergar um pouco mais... eu não posso definir muito bem as posições...

Referiu-se à posição das pessoas ao lado

Mas eu consigo enxergar que tem pessoas... ao meu redor... E com a máscara eu não conseguia!

D - Amplia um pouco a sua visão... mas ela continua limitada!

Brisa – Exatamente!!

Aquela hora se tornou, simbolicamente “hora de confirmação”, pelo menos em relação ao que constatava Brisa, ao perceber que a limitação não era do recurso utilizado, mas sim, de

sua própria pessoa – uma limitação que descia às profundezas da constituição de sua interioridade, sua auto-nomeação. Naturalmente, a máscara limitava a visão, mas o solilóquio, apresentado anteriormente, já falando de uma limitação existencial, repetia-se naquele instante vivido sem a máscara. E o mais importante é que Brisa já manifestava uma consciência “desse vivido”, ou seja, já tinha se encontrado no horizonte de uma experiência de seu mundo próprio. (IPO)

Esse momento de retorno ao palco, percebo agora, tem um sentido de apropriação dos sujeitos/narradoras dos seus modos de ser ex-esposa, indo além das simples constatações técnicas em relação ao recurso utilizado. *Ser si mesmo e não representar-se como se fosse si mesmo* talvez abra outras possibilidades de perspectivas mais realistas e menos imaginárias.

(II)

D - Quem mais?

Flora –

Rosto com um sorriso aberto

É... a sensação é de alegria mesmo!!! E... de estar vendo que eu estou crescendo... estou enxergando as coisas de outra forma!

D - Confirma o que você viveu ali na [...]

Flora – Confirma!!

D – [...]... naquele lugar com a máscara?

Flora – Confirma!... Então... a sensação de limitação vivida ali... eu sabia que era temporária... que era uma coisa que ia tirar rapidamente a máscara e... eu continuo com aquela sensação de alegria... de que eu estou buscando!... Estou sentindo que estou crescendo!!!

Flora também ultrapassa o nível da mera vivência. Mais uma confirmação de que as sensações, sentimentos e percepções, vividos através do recurso utilizado, especificamente a máscara, se faziam presentes, mesmo ainda que sem sua mediação, para apresentarem o modo como, de fato, experienciavam a si mesmas. Mais uma vez me encontrei constatando que os recursos utilizados apenas potencializavam a manifestação daquelas realidades do mundo psíquico. (IPO)

No rastro da fala de Flora a dimensão da temporalidade se faz presente mais uma vez. A alegria de Flora é a existencial, posto que não se restringe a um tempo cronológico em que passara usando a máscara. E Flora já se dava conta disso. (II)

Luara –

Rosto com um sorriso

A sensação é de... é como Flora falou... de alegria! E... que pela contribuição... porque eu acho que contribuiu para me conhecer... com essa busca de querer me conhecer! Para mim foi bom... me deixou feliz!

Mel –

Olhos bem abertos, arregalados

É... no meu caso... eu estou sentindo a mesma coisa de antes... só com uma diferença! É que com a máscara... ninguém poderia ver realmente a expressão! No caso... quando você falou... coloquem no rosto a expressão que você quiser... então eu fiz assim...

Abriu bem os olhos

Então... como falei... a liberdade... estou aguardando!! Eu estou ANSIOSA... pela liberdade!... Então... eu acho que eu não consegui fazer... eu tentei expressar pela pintura... mas não é a mesma coisa!

D – Então... aí você abre o olho... porque você está ansiosa pela liberdade!

Mel – Hum, hum... ansiosa!!

Mel também reafirma a vivência anterior com a utilização da máscara. (IPO)

Clara –

Rosto sério, olhando para cima

Eu estou me sentindo mais... depois de tirar a máscara... dá uma tranquilidade!... Porque você está sem nenhum recurso... que estava te incomodando! Apesar da máscara lá... não parecer incômodo!! Mas... lá... não era uma coisa... era uma coisa de fora! Então... agora... eu consigo me sentir e também acho que... agora... você já começa a se ajustar das informações que tiveram... que eu percebo buscar meu pé... que me dê mais segurança!! Essa mão...

Mostrou a mão direita

como é que eu quero encontrar alguém se essa mão fica o tempo todo saindo?...

Mexeu muito o braço direito para frente e para trás

sem uma firmeza maior na mão? Aí é assim que eu me sinto... me percebendo mudando!

Naquele momento eu e Claudine nos olhamos, e rimos. Era a confirmação, ou melhor, a presença viva da pesquisa como ação interventiva. Mudanças quanto à clareza da experiência já se faziam presentes, desde aquela etapa do aquecimento inespecífico, traduzindo, pela fala de Clara, um novo modo de perceber suas relações nos mundos próprio e humano. (IPO)

Entretanto, há algo que apenas agora se esclarece: essa mudança se fazia sentir no próprio dizer de Clara, transitando entre a primeira pessoa e a terceira pessoa do singular, atravessando a terceira do plural. Posso entender que, ao mesmo tempo que é uma saída dela, pode ser também um forma de pôr o grupo, de se pôr no grupo! Ela percebe que ser-em-processo é algo que está passando por todas ali. Nesse sentido, mostra-se, na própria ação do dizer, como está, naquele momento, transitando pela mudança. (II)

D - É como se... nesse momento... você já está mudando! Diferente daquele outro momento anterior... com a máscara?

Assim como Clara, cá estou eu, novamente, me antecipando a mim mesma. Não percebi, na oficina, que eu mesma já havia respondido à fala dela, apontando o trânsito em trânsito. Retomo, aqui, a evidência do conhecimento tácito em ação no próprio fazer do momento, embora somente agora podendo ser refletido através da fala de ambas: Clara e eu. (II)

Clara – Exatamente!!!

D - A partir do que você viveu com a máscara... você já está... dando mais firmeza... aos seus pés! E... na mão... você está procurando o quê?

Clara – É... eu estendi o braço como uma forma de um encontro! De encontrar alguém... de me permitir... mas esse braço esticado... porque agora ele está mais firme?

D - Você sente ele mais firme... mesmo buscando atrás... que era um incômodo?!

Clara – É... porque ele está... e eu acho que eu o movimentei para frente... agora que eu me dei conta! Ele está mais à frente!!

Riu

D - E consegue identificar o que deixa esse braço mais firme?

Clara – Eu acho que são os pés mais no chão!!!...

Gargalhou

Acho que é uma sensação... e eu percebi que... quando eu me abracei aqui... eu senti mais esse abraço! Eu estou me abraçando agora!!!

“Abraçou-se” apertando o seu corpo com o seu braço esquerdo

Cristal –

Rosto com um sorriso de boca fechada – “sorriso amarelo”

A sensação é a mesma! Alegria e tristeza! Só que na alegria tem um acréscimo agora... que é a questão de estar partilhando aqui com o grupo!

Riu

Cristal percebendo alegria e tristeza no ser com o grupo, que antes lhe parecera solidão por não ter alguém ao lado, mesmo estando junto a alguém. Por outro, reitera o que Clara já havia também expressado, ao transitar pelos diferentes pronomes pessoais, inclusive pela terceira pessoa do plural/grupo. Estariam expressando como o encontrar-se implica encontrar-se com outros simultaneamente, revelando a própria condição humana de *ser-no mundo-com outros?* (II)

Constatei, como mencionei logo acima, que o solilóquio do grupo com as máscaras correspondia ao solilóquio sem as máscaras. Este momento de investigação/intervenção foi importante para ir acompanhando as mudanças que o grupo já sinalizava a partir da experiência na oficina. Era a oficina sociopsicodramática como ato interventivo. Era a oficina sociopsicodramática como uma modalidade de intervenção/investigação psicológica em pesquisa clínica. (IPO)

D – Podem voltar... retornar aos seus lugares... E vamos dar um intervalo como combinamos.

Devo assinalar que esse momento que dedicamos a um intervalo, no qual repartimos um lanche leve, foi importante para que eu percebesse o entrosamento do grupo. Pude, muitas vezes, presenciar um círculo de intimidade se manifestando em brincadeiras descontraídas, bem como o vivo interesse do grupo pela oficina e pela pesquisa em curso, por meio de

perguntas sobre os procedimentos, autores consultados, entre outras. Tal conjunto perceptivo, desenhado a partir daquelas constatações, foi-me sinalizando que já seria possível lançar a questão provocadora da pesquisa, posto que o grupo já estava aberto para a etapa do *aquecimento específico*. (IPO)

Ouvir-me, nesse momento, é poder falar que, quando estamos trabalhando com grupo, até mesmo um momento de intervalo não deixa de ser um espaço para continuarmos atentos à dinâmica do grupo, revelando que é tal atenção que conduz às próximas direções a serem seguidas. (II)

Terminado o intervalo, convidei o grupo para retornarmos às atividades da oficina.

D - Vamos continuar? Começamos um pouco atrasadas... e gostaria de saber... se vocês podem ficar um pouco mais?!

GR – Sim!!!

Naquele instante, com o retorno ao nosso contrato inicial, para alteração do horário e número de horas da oficina, Mel fez algumas perguntas sobre o procedimento da pesquisa.

Mel – Por que nove? Por que escolheu esse número? Você escolheu o número que quis?

D – Não Mel! Eu estou trabalhando com um micro-grupo! O micro-grupo pode apresentar uma configuração... de até... no máximo... quinze pessoas! O que está sendo critério... para formação desse grupo em minha pesquisa?... Eu estou trabalhando numa pesquisa fenomenológica... e o critério para a vinda de vocês... não é o número de pessoas... mas sim... as situações... as variadas situações... das experiências de ser ex-esposa... vividas por vocês! Aqui nós temos variadas situações da experiência singular de ser... cada qual... ex-esposa! Mas temos... também... a pluralidade de serem todas ex-esposas! Então... o que me levou a convidar vocês... foi que... cada uma... vive uma situação diferente de ser ex-esposa... e ao mesmo tempo... todas vivem essa experiência de ser ex-esposa!

Mel – Certo! Eu fiquei pensando... nove? E aí... então?... Ter somente seis... não interfere?

Referia-se ao efeito desse aspecto na pesquisa

D – Não! Eu selecionei o grupo pela diversidade, singularidade das situações da experiência de ser ex-esposa! Agora... como falei antes... poderia compor um grupo de até quinze pessoas!... Mas não era o meu propósito trabalhar com quinze pessoas! O meu propósito era mesmo trabalhar com um número menor!

E-A – Suely! Luara perguntou por que não podia entrar depois de ter começado o grupo! Você podia falar?

Luara – Depois de ter começado as atividades!

D - Claro!! Se entrasse até o momento em que a gente estava explicando como seria o trabalho... tudo bem! Mas aí... por exemplo... a gente já está em andamento... então teria que parar... retomar... fazer a integração dessa pessoa no grupo... É nesse sentido! E... também... porque eu optei por trabalhar... com o grupo fechado! A gente pode trabalhar com o grupo aberto ou o grupo fechado! O que quer isso dizer?... No grupo aberto... pode entrar...

ou sair pessoas... a qualquer tempo! Então... saem e entram pessoas... como na vida... Saem pessoas e entram pessoas na vida da gente! Vocês mesmas estão compartilhando com a gente esta realidade... não é? E... no grupo fechado... nem entra... nem saem pessoas... entendeu? E... mais ainda... como o tempo da gente é curto... e... nós temos poucas horas para trabalhar... preferi trabalhar com o grupo fechado! Nessa modalidade de formação grupal... as pessoas que começam... devem terminar! Por esse motivo... é que não seria permitida... a entrada de ninguém posteriormente! Bem Luara... essas são... questões técnicas que envolvem o trabalho com grupo!

O inesperado mais uma vez se apresenta na oficina, em duas situações. Com elas se explicita a necessidade de refazer o acordo de convivência. Primeiro, ao me dar conta de que, após o aquecimento inespecífico, o tempo, acordado anteriormente para a realização da oficina, não seria suficiente. Conseqüentemente, os trinta minutos iniciais que gastamos na espera das ausentes, faria muita falta. Em meio a essa constatação, senti a necessidade de colocar a situação para o grupo e, com ele, refazer nosso acordo. Segundo, surpreendeu-me a situação de responder, enquanto diretora, a algumas questões levantadas pelas sujeitos/narradoras, relativas aos procedimentos técnicos da pesquisa. Particularmente, essa situação chama minha atenção pelo interesse, expresso por Mel e Luara, para com aspectos que, na construção do procedimento metodológico de minha pesquisa, demandaram uma menção precisa na fundamentação teórica e metodológica, para a formatação do trabalho com grupos.

De qualquer modo, a negociação do antigo contrato de convivência sinalizava para possíveis mudanças, desde que acertadas de comum acordo. Por exemplo, a tolerância de trinta minutos para o início do trabalho, indicava, decerto, que poderíamos modificar o horário da oficina.

Outro ponto a destacar sobre esses questionamentos quanto aos procedimentos técnicos utilizados pela pesquisa (o número de participantes, o peso de importância de alguma ausência no conjunto do trabalho etc.), é que eles são a revelação, a mostra do modo cultural de se compreender pesquisa, em especial o olhar de que a pesquisa tendo sujeito, o sujeito se faz objeto, porque está na pesquisa do outro, não sendo, então, um ser e sim, um

objeto. Então, prevalece aqui para Mel, o cultural ideário da pesquisa com o sujeito sendo objeto.

Isso me leva a pensar que essa fala de Mel tem duas mensagens de um ideário cultural a respeito de pesquisa. De um lado, a quantidade, o número específico de sujeitos que tem que ser um critério representativo, um critério para escolha e um critério de número. De outro lado, a idéia de que sujeito de pesquisa é objeto e não sujeito. Como já sinalizei tanto na metodologia, quanto na minha fala para o grupo, desde o início da oficina, o critério para escolha das sujeitos/narradoras dessa pesquisa, se deu pelas **variadas situações** da experiência de ser ex-esposa, não sendo, portanto, um critério quantitativo.

Além disso, posso dizer que, numa pesquisa, é imprescindível a clareza do(a) pesquisador(a) em relação a uma fundamentação teórica metodológica. Esta clareza possibilitou a abertura para o inesperado que se revelou no momento inicial da oficina, que foi o inesperado de ter menos sujeitos/narradoras que o previsto, uma vez que eu contava com nove participantes e compareceram apenas seis. E também, para poder, diante desse acontecimento, fazer uma escolha de conduzir a intervenção com o número que estava presente.

Esse questionamento me remete ao como eu fui levando adiante a oficina, a partir de algo que estava presente em mim, ou seja, a minha apropriação desse modo de pesquisar e, portanto, o inesperado não me paralisou. Em sendo assim, espontaneamente, fui lançando mão dos utensílios para lidar com a situação de uma pesquisa com uma intervenção que acontece no ato, e, portanto, que já acontece no próprio fazer.

Então, o que me surpreende, nesses questionamentos, é que, de novo, sou pega por um olhar que diz assim: “a pesquisa é uma coisa já planejada! Como você pôde se abrir para o inesperado em pesquisa? Porque o inesperado é da situação clínica!” Ao realizar uma

pesquisa clínica, tenho que percorrer um caminho no qual o inesperado pode manifestar-se, pois ele se faz presente na ação clínica.

Nessa perspectiva, ao fazer uma pesquisa clínica, vou acompanhando a direção do outro, ou melhor, vou sendo guiada pela questão e, do mesmo modo que não tenho previsto o que o cliente vai trazer na próxima sessão, é no acontecer que vou fazendo a pesquisa clínica. Sendo, portanto possível lidar com o inesperado sem perder o sentido de pesquisa. (II)

Nesse momento, lancei a pergunta provocadora da pesquisa, como aquecimento específico.

D – Então... agora... a gente está retornando... Eu queria que vocês falassem sobre como é... para cada uma de vocês... ser ex-esposa... hoje?

O grupo ficou um período em silêncio.

Cristal – Eu posso começar! Dentro do que a gente vivencia hoje... nessa sociedade sem parâmetros nenhum... para mim é complicado!!... Porque eu sou uma pessoa que tenho o estilo de vida mais definido... no sentido assim... do comportamento... de respeito... de ética... de convivência... de durabilidade! Então... estar rompendo sempre com isso... para mim... é muito ruim!!... E assim... a sociedade... hoje me inquieta muito por isso! Porque nada é a longo prazo!! Tudo é a curto prazo!!... principalmente as relações! Isso me fere muito!!... Eu gosto de tudo a longo prazo... e eu acredito no eterno... certo?... até que me provem o contrário!!...

Riu

Apesar das minhas relações não darem certo... eu continuo acreditando que o eterno existe!!... Pode durar... e pode dar certo!!... Que desgasta... desgasta... porque não há nada que não vá se desgastando com o tempo... Mas... eu acho que... é um desgaste natural mesmo!!... A gente vai envelhecendo!!... Por que as nossas relações não desgastariam?? Mas não a ponto de romper!! Porque eu acredito que elas podem durar!!... Elas podem ser eternas!! Então... a minha dificuldade hoje... é essa... é a durabilidade!!... Conquistar hoje... uma relação... que eu acredito que vai ser eterna... me põe medo!!... Porque geralmente as pessoas... principalmente do sexo oposto... não estão com essa visão!!... pelo menos as pessoas com quem eu tenho conversado!!... não são as pessoas que eu tenho buscado para me relacionar... mas que a gente tem conversado em rodas... em grupos... não têm essa visão de durabilidade... mas de momento... de passageiro!!

Cristal revela, nessa passagem de sua fala, uma clara dificuldade para com a facticidade/volatilidade da existência, na órbita de seu mundo humano; e, mais ainda, expressa seu temor diante da fugacidade das relações vigentes na contemporaneidade. Como se sabe, a vertiginosa velocidade/volatilidade com que as mudanças ocorrem, com forte expressão no campo científico-tecnológico, têm afetado fortemente a vida das pessoas. A contemporaneidade tem privilegiado o individualismo e a velocidade. Por conta disso, instala-se em seu seio, uma crise profunda de sentido – do sentido do ser/fazer em sociedade,

conduzindo o ser humano a, cada vez mais, buscar resultados e respostas imediatistas – pautadas por um querer desejante de que tudo seja conquistado rapidamente, pois, do contrário, perde-se a razão de ser. Desde essa perspectiva, sobra pouco espaço para cuidar de uma relação afetiva, sexual, amorosa, conjugal, familiar, que necessita de pertença na convivência (atenção e cuidado), desprendimento (alteridade), reciprocidade (intersubjetividade), solidariedade (solicitude) – valores de ordem ético-morais fundantes para a constituição de morada para ser-no mundo-com outros. Nesse cenário sociocultural, muito pouco se ouve falar da simbólica fórmula, aparentemente ordenadora de antigas matrizes de convivencialidade conjugal: a famosa, “unidos até que a morte os separe”. Hoje, observam-se relacionamentos freqüentemente efêmeros, ou, ao menos, não tão duradouros como outrora. Nessa perspectiva de compreensão de “tudo passa”, insinua-se uma presença assustadoramente ameaçadora: a dimensão de finitude, anunciando que nada permanece o mesmo de antes, nem dura para sempre: eterno é mero sonho, pois o cotidiano nos remete que tudo pode ser nadificado (POMPÉIA, 2004). No entanto não se pode esquecer que, embora haja uma interdependência entre cultura e subjetividade, a subjetividade não muda tão rapidamente como ocorre com o perfil cultural. Nessa perspectiva, compreendo o paradoxal encontro entre uma expectativa de manter-se viva a crença/desejo do “amor eterno”, ainda que instavelmente apoiada numa convivência superficial como conveniente situação frente ao desamparo, e o afloramento de uma sociedade desalojadora, menos normativa e mais permissiva, instigante para uma liberdade individual como forma de sobrevivência à destituição de um si mesmo ilusório. (II)

D - Cristal... preciso entender essa sua visão de que acredita no eterno!... E... quando você fala que já tem onze anos que você está separada... e que continuou sozinha durante muito tempo... quando você traz isso como fator de complicação na sociedade... esse é um dos motivos que a deixa nesse lugar de ex-esposa hoje?... Por que riu?

Cristal –

Continuando a sorrir

Não!... É o porque... da questão ex-esposa!! Eu não me considero ex-esposa... não!!! Para mim... acho que não existiu

aquele momento não!!! Apaguei completamente da minha vida!!! Eu não consigo lembrar... do casamento! Alguém... acho que foi Flora que colocou... eu só lembro na hora... que sou separada... quando pede no documento!!! Será que tenho que colocar isso?? Às vezes não coloco... coloco um traço!!! Não sei!!! não existe!!!! Não existiu para mim!!! Passou! Não consigo... assim... me ver como ex-esposa não!...

Flora – Eu... acho C-O-M-P-L-I-C-A-D-Í-S-S-I-M-O!!!... a coisa de ser ex-esposa!! É... completamente diferente do que ela pensa... porque para mim... marcou muito!!! É... pelo que eu vi... aqui... eu tive mais tempo de casada! Passei vinte anos casada! Então... foi uma vida muito difícil!!!!... A separação foi complicadíssima!!!!... porque foi uma separação litigiosa... e... até hoje... ele não aceita a separação! Então... é uma coisa de... ainda é de dois anos e pouco... dois anos e meio separada... mas ainda ele me persegue demais!!! Liga várias vezes ao dia!! É a perseguição psíquica!!!... não aceitar a separação e achar que vai voltar... e eu tenho que voltar... e que eu destruí uma família!! E... essa semana... eu estou com o celular aqui... porque hoje é o aniversário dele! E teve um problema gravíssimo entre ele e meus filhos! Eles tiveram uma discussão muito séria... e ele está dando uma festa hoje... que ele está fazendo cinquenta anos... e os meus filhos não foram. E a gente conversou muito!! E a gente sabia que a partir de hoje... os meninos não indo... possivelmente vai ter uma repercussão muito grande!!!!... E o meu caçula de vinte e dois anos... está sofrendo muito nessa situação!... porque o problema maior foi com ele e... é uma coisa complicada lidar com isso!! Mas... estar aqui sentada é... passando tudo... e na minha cabeça estava vindo uma porção de coisas... mesmo dentro dessa complicação toda... mesmo dentro dessa complicação... de ex-esposa... eu estou me sentindo alegre!... E ontem eu pude colocar para os meus filhos... uma porção de coisas... sem estar dentro daquele processo!!!... como se eu tivesse saído... e tivesse aconselhado... e olhado para eles... mas não misturado naquela emoção!!!... Porque antes... eu me sentia muito misturada!!! Era até difícil a gente aconselhar!!!... porque eu vivia muito misturada naquela angústia!!!... naquela... na perseguição dele em si mesmo... Mas hoje... eu me sinto muito livre!!!!... E trabalhando terapeuticamente... eu senti que hoje eu tenho o direito de escolha!!!... Ele passa duzentas mensagens para mim... e... eu leio se eu quiser!!! Ele atende... liga vinte vezes para mim... mas eu atendo o telefone se eu quiser!!!!... Então eu tenho esse direito de escolha hoje... que eu não tinha antes!!! Eu tenho o direito de escolha hoje... de dizer: “Essa situação não é minha mais!!!”... Meus filhos estão sofrendo... Eu tentei ajudar de alguma forma... mas não estou misturada mais dentro dessa relação!!!... apesar de toda complicação... porque é muita complicação!!!!... Mas... eu posso me sentir alegre!!!... Eu não posso dizer... feliz!... mas porque é uma conquista isso!!!... Eu acho que é o momento... e eu achei um pouco de graça... quando Cristal disse que para ela tudo era eterno! Para mim um dia foi isso!!!... Hoje para mim é eterno enquanto dure! E... eu tenho uma outra relação de namoro agora nesse momento... complicadíssima por sinal! Mas... não tenho mais aquela sensação de que tem que dar certo!... Vai ser para vida inteira... enquanto dure... imitando... plagiando Vinícius... eterno enquanto dure... enquanto durar!!!!... Está me fazendo bem? Está!!!!... No dia em que não estiver me fazendo bem mais... acabou!!! Então... esse papel de ex-esposa é difícil!!! É complicado!!!

É notória a satisfação de Flora, ao ter se apropriado do seu direito de escolha; do seu lugar de “ser fora” da relação entre seus filhos e o pai deles. Na escuta de sua narrativa sobre a desconstrução de uma relação sofrida que a atava ao seu marido, malgrado a “perseguição psíquica” de que ainda hoje é vítima, esboça-se a experiência de quem assumiu a sua condição de passageira, de viajante (comprometida com o caminho). No seu atravessamento existencial, ainda marcado pelo sofrimento e dificuldades de ordem de pertença no âmbito do mundo humano, ela reconhece que se encontra tatuada pela sua história, porém não mais a

ponto de se permitir ser na fixidez (inautenticidade), de quem não escolhe saber que a existência implica assumir a responsabilidade de ser si mesma para si mesma. (II)

D- O que dificulta?

Flora –

Suspirou profundamente

Essa relação que a gente tem que ter... por a gente ter filho... é ter que ter esse contato de qualquer jeito! Então... sempre há uma interferência... a dificuldade de não aceitação dele da separação... não aceitação de uma outra relação... não aceitação de... uma nova forma de viver!!!... Ah! Ele fala verbalmente mesmo: “O dia que eu me encontrar com você com outro homem... morre você e esse outro homem! É... você é minha!! E vai ser minha de qualquer maneira!!! Você não deixou de ser minha porque se separou no papel!!!”

Mais uma vez sou tomada por uma sensação de estranheza. Agora, em relação à fala de Flora, me pergunto: será contradição de tudo que disse logo acima? Suas palavras me soam deslocadas. Estou esperando que sua mudança aponte para uma consolidação do “se ver de fora da relação marido/filhos” e ela acena ainda para o incômodo da interferência do ex-marido pelo simples fato de terem filhos em comum. No entanto, se olho de outro lugar, vejo que ela está no trânsito e, por isso, posso a-colher o não estar em lugar fixo, determinado, ou mesmo a possibilidade de fazer retornos e avanços na busca de seu lugar existencial. Flora vai me mostrando como seguir o seu ritmo, acompanhá-la no trânsito.

Em sua fala, Flora ainda assinala a presença de uma relação de violência, quando o outro é visto como um ser que não tem autonomia e liberdade de escolha, tornando-se propriedade de um outro. Lembro-me de Heidegger (2002) ao dizer que viver na impropriedade é uma possibilidade do modo de ser impessoal. (II)

D - Você falou que sua separação foi litigiosa! O que houve?

Flora – Bom... depois de vinte e cinco anos... vinte e seis anos de agressões... e de muita agredida em palavras e ações... eu tive medo dele!!! Então... passei muitos anos sem achar que... meus filhos pequenos para cuidar... para criar... não tinha condições de assumir os filhos sozinha... mesmo tendo emprego!... Pensava que as pessoas da sociedade iam me criticar... família muito tradicional... não aceitava a separação!! Minha própria mãe dizia que mulher separada... era mulher prostituída... uma prostituta na sociedade!!! Então... tudo isso dificultou!! E isso para mim... me tornava muito insegura!! Eu não tinha... Eu digo muito... eu tive sorte de ter uma guru na minha vida... A gente trabalhou junto por alguns anos... e a gente conversava muito isso! E essa minha amiga começava a colocar para mim: “O que está faltando? Você tem emprego... e sua vida? Você se olha no espelho? Você vê que você é

uma mulher bonita?” Porque eu sentia exatamente o contrário!! Repetindo um pouquinho até a fala dele... Ele dizia assim: “Você é uma mulher merda!!! Você não presta!!!”... Então eu terminava me achando uma mulher merda!! Então... de repente... eu comecei a querer... a me olhar!! Será que eu sou tão ruim assim?... em todos os sentidos?? para ser tão agredida?!... Eu sei que sou boa mãe!! Apesar de boa mãe é uma coisa... criação é uma coisa que um dia... eu acho que você foi boa... outro dia acho que você não foi! Você dá uma educação dessa forma... outro já não dá! Eu realmente acho que eu dei aos meus filhos... e dou... o que pude!! E.. então... na hora... na noite... há dois anos atrás... houve um limite mesmo!!! Houve uma agressão física maior do que todas!!!!... Quase que me matava!!!!... Ele achava que meus filhos não estavam em casa... Mas eles estavam!... Foi no dia de Natal... que é uma data marcante também... Então meu filho arrombou a porta do quarto... e me tirou... Nesse momento... meus filhos me tiraram de dentro de casa!... Os dois... o menino e a menina... me tiraram de dentro de casa... e quando eu saí... que botei o pé fora de casa naquela madrugada... eu falei: “Eu não volto mais aqui!!! PARA MIM ACABOU!!!”... Era algo que estava trabalhando... mas... ao mesmo tempo... eu dizia assim: “eu não queria mais ele... eu não amava mais ele...” Eu estava quase preparada para aquilo... mas... eu tinha medo do julgamento das pessoas... eu dizia: “Eu vou sair... vou dizer não... eu não quero mais!!!!... Ou porque não o amo... ou porque ele me agride... mas o que vão pensar de mim??? O que a sociedade vai dizer??”... Eu tinha muito medo dessa... de ser taxada como quem... como quem não agüenta mais... como uma mulher que não teve... que não deu outra chance... apesar de eu ter dado milhões de chances!... Mas eu tinha medo!! E nesse momento... PARECE QUE AQUELA AGRESSÃO MAIOR!!...

Com o punho cerrado, bateu forte, na outra mão

me fez enxergar tudo! E eu disse: “Independente do que pensarem... ou que acharem... ou que for... eu não volto mais!!! Eu não quero mais!!! Aqui acabou!!! Quem quiser que pense o que achar... que faça o que achar... Mas para mim... acabou!!!” E... as pessoas que conversavam comigo não acreditavam! Achavam que eu ia voltar atrás... Mas para mim estava tudo muito claro!... Até o momento que eu cheguei na primeira audiência da separação... e disse à juíza... ela ficou querendo que eu fizesse uma reconciliação... uma terapia de casal... Aí eu disse para ela: “Eu não quero nada com esse homem!!! Eu não quero terapia nenhuma!!! Não quero nada!!! Se eu tiver que fazer alguma coisa com ele... eu prefiro morrer!!! Eu não quero voltar!!!”... A partir daquele momento... estava tudo definido na minha vida... em termos de sentimento! Então... a partir daí... eu comecei a caminhar numa nova vida! E por isso... eu digo que eu vi que... com toda dificuldade... eu sinto leveza... de respirar... e não ter mais aquela coisa me tolhendo de tudo!! EU TENHO O DIREITO DE ESCOLHA!!! Eu tenho o direito de... eu vou estudar... não vou! Eu vou dormir... não vou dormir! Eu vou sair... não vou sair! Apesar que esse momento para mim está difícil... um pouquinho... em relação ao meu relacionamento com as pessoas... com os amigos... Eu comecei a querer fazer muita coisa de uma vez... que eu não fazia... e então... tenho poucos momentos até de sair... de lazer... Mas isso... não me faz mal... E as vezes estou deitada e digo: “Não vou para tal canto... não! Por quê? Porque não estou a fim!” Aí de repente me levanto... olho a hora e digo: “Ah! Vou sair!... Agora deu vontade!!” Troco de roupa e vou! Então... as pessoas que estão ao meu redor... estão sentindo como se um afastamento meu... uma fase egoísta!! E talvez até seja sim... nesse momento... Mas eu acho que é essa sensação de liberdade... de escolha... que eu sei que... com o tempo... isso vai se adequando... Com o tempo... isso vai melhorando... vai voltando até o normal!... A gente faz coisas até exagerado nessa fase!!!

Chama atenção que Flora volte a falar dos julgamentos e cobranças sociais em torno das atitudes da ex-esposa, especificamente partindo do próprio grupo familiar: mãe, filhos, ex-marido. É interessante assinalar que, na narrativa de Flora, esse peso incômodo do julgamento social vem carregado de um sentimento punitivo advindo do outro. De algum modo, sou

surpreendida por essa constatação re-velada tanto na fala de Flora, quanto na de Cristal: ser ex-esposa é, ainda, ocupar um lugar de preconceito social: lugar de excluída.

No caso de Flora, pergunto-me se o fato de manter o casamento no silêncio da violência doméstica – muitas vezes consentida, quer por medo do julgamento social, quer por receios de cair em desgraça perante a sua família – não é já uma violência contra si mesma?!

Na continuação de sua narrativa, Flora aponta de novo para um aspecto fundamental de sua experiência de ser ex-esposa: o perceber-se com direito à escolha, o que lhe dá uma sensação de leveza – uma leveza que a acompanha sem a negação do sofrimento desde a saída de casa, passando pela decisão final de separar-se do marido, na primeira audiência de conciliação, até os dias de hoje. Penso comigo que, ao não aceitar a transmissão sem atrito, da tradição, Flora põe em xeque os antigos aparatos sub-reptícios, até então vigentes *sobre e para* ela. Com isso, realiza uma ação instituinte do que é humanamente humano entre homens – conduzir-se constantemente por seu agir, para encontrar um *ethos* pessoal e social próprio, sem o qual não poderá realizar a tarefa de encontrar/fazer a significação de sua existência. (II)

Brisa –

Chorava muito

Eu me senti... como ex-esposa... uma coisa muito minha!! As pessoas do grupo... preocupadas com a sociedade... lógico... Acho que existe um pouco do que... no início... eu passei como a preocupação... mas com... não era com a sociedade... mas a coisa dos meus pais!! Porque eles não são tão mais velhos... mas... têm o preconceito de ter uma filha separada e em casa... porque eu voltei para casa deles!! Mas... o fato dele... com relação a ele... não tem muito essa coisa... Até porque... poucas vezes eu tenho falado... Cada vez menos... eu o encontro no dia-a-dia... Não encontro nem esporadicamente... são raras as vezes que eu encontro com ele na rua... É mais... está sendo um processo muito meu... muito pessoal!... Assim... não é de mudança... mas... porque... junto com a separação... veio uma série de outras coisas... que aconteceram na minha vida... Então... como ex-esposa... eu vejo muito coisas minhas... Não é só... ser ex-esposa... mas a minha vida... em termos de tudo... Porque... não é só a separação... Porque... logo em seguida à separação... mudou minha estrutura... Eu me vejo de uma forma diferente! Porque antes... eu me sentia uma pessoa mais forte!

Chorou

E hoje... eu me acho uma pessoa... mais frágil... uma coisa que mexe muito comigo...

Aumentou o choro

E... é uma coisa que eu tenho questionado... Eu não era uma pessoa depressiva... Muito pelo contrário!!... E hoje eu sou!!... Qualquer coisa... eu fico triste... fico depressiva!!! É... eu antigamente

não precisava de medicação...

Aumentou ainda mais o choro

Hoje eu tomo medicação!! Então... são essas coisas... E eu estou passando por momento difícil profissional e tudo... Eu... não é pela sociedade!! Ser ex-esposa foi uma mudança de vida!!!... Mudança completa!!!...

Chorou mais

de liberdade... de estar na casa de meus pais... de não ter... não tenho total liberdade de... de quê? De fazer as coisas que eu gosto... porque querendo ou não... eu estou... eu moro na casa dos meus pais... moro com mais dois irmãos... Então não tenho um quarto só para mim... Apesar de que... quando eu estava casada... você dividia... mas... é diferente de você ser casada... você ter a sua casa... você poder coordenar... lógico... junto... junto com o outro... mas você coordenar... E lá... na casa dos meus pais... eu não tenho... lógico!... E... como eu disse... juntou outras coisas que eu perdi... não estar na área de Psicologia... Financeiramente isso pesa!... Então... tudo isso e o que envolve... o que eu estou passando hoje... Mas... enquanto ex-esposa na sociedade... acho que pesa um pouco... Assim... acho que tenho ainda muito preconceito de me relacionar com alguém... relacionamento afetivo... de você... querer ter um compromisso... Você tem ainda tem... um pouco de preconceito!... apesar de hoje estar sendo mais natural... a questão da separação e tudo... E... eu não vejo feito ela...

Referiu-se a Cristal

essa coisa de eterno! Enquanto você esteve junto... deu certo... acabou... mas deu certo... Eu não sou muito de acreditar... não é que eu não acredite que seja eterno... eu acho que... assim... eu acho muito difícil... que o... hoje em dia o relacionamento... a pessoa vive... morou... casou... passou trinta anos junto com a pessoa... cinquenta anos no casamento... mas... às vezes... não era feliz... Deu certo? Eu não sei... eu não acredito muito nisso... Às vezes... você passou quatro anos... foi bastante feliz... e deu certo!

Observo como recorrente às falas das sujeitos/narradoras a questão do preconceito em relação à ex-esposa. Impressiona-me a presença desse preconceito pessoal/social. No entanto, para Brisa, no quadro dessa realidade social, insinua-se uma mudança atitudinal, dando à ver uma passagem significativa no modo de agenciamento social para a construção do pacto conjugal, ao afirmar que, atualmente, a sociedade aceita as separações de modo menos rígido. Identifico, nessa fala de Brisa, que a subjetividade não muda tão rapidamente como o perfil cultural; vale dizer, embora a sociedade esteja repleta da presença de ex-esposas, o olhar social para essa situação parece, ainda, privilegiar um modo preconceituoso de pertença.

Outro ponto que me chama a atenção nas palavras de Brisa é que *ser ex-esposa* significa mudança pessoal, interna, estrutural e existencial. Não será por isso que ela se refere, com pesar, à medicação que está tomando? A fala de Brisa me atrai, quando expressa a sua

dificuldade em morar em uma casa, onde ela não se vê habitando, pois percebe-se sendo inexistente nesse espaço vital que, certamente, não é um espaço físico, mas um *lugar no mundo*. Percebe-se destituída de si mesma e de conduzir-se adiante em sua vida, como sujeito e cidadão. O espaço *habitável*, para Brisa, seria aquele no qual poderia fazer escolhas, modificações, deslocamentos. Desse modo, habitar fala da experiência de travessia peregrinada no *mundo entre outros*. Assim, Brisa fala não apenas de um empenho para construção de um *ethos* pessoal e social. Refere-se a um modo de ser si mesma mais próprio pelo qual possa cuidar de ser, habitando si mesma (CARVALHO, 2000).

Na sua narrativa volta à cena o tema do “eterno” na relação conjugal. Percebo o titubeio de Brisa entre o “acreditar” e o “achar difícil” que uma relação conjugal seja eterna. No entanto ela assinala um aspecto que me desperta atenção: o seu modo de olhar para a dimensão da temporalidade numa relação conjugal. Notei, entre as dobras de sua fala, que, para ela, o tempo cronológico não corresponde ao tempo existencial, pelo menos no modo como percebe o relacionamento em termos de satisfação conjugal. Entendo, então, que o eterno refere-se a como o tempo de existência se articula ao bem estar em uma relação. (II)

D - Você ficou casada quanto tempo?

Brisa – Três anos! Três anos casada!... Eu passei dez anos namorando... e estou dois a três anos separada... Então... a minha situação hoje... acho que juntou de ex-esposa... e de profissional... que é uma coisa que mexe muito comigo... E meu momento mesmo comigo... de me sentir frágil!... e dependente de uma medicação... e uma série de outras coisas!!!

Continuou chorando

D - Como foi a sua separação?

Brisa – É uma coisa que também pesa bastante no meu caso... na minha situação... É a coisa da culpa mesmo... porque... na realidade... eu fui a causadora da separação... A gente viveu uma relação legal e tudo... E... a gente... é... vivia um momento difícil... E eu me relacionei com outra pessoa... Não cheguei a... Até hoje ele não sabe disso... mas... ele sabe que eu menti... Menti!!!... Mas ele nunca teve certeza! Mesmo assim... só com a dúvida da mentira... no mesmo dia a gente se separou... Foi uma coisa assim... na mesma noite... assim... dois dias a gente brigou... e a gente se separou... sem muita conversa... sem muita...

Brisa assume, em sua fala, um sentimento de culpabilização/responsabilização que, aliás, recorrentemente surge nas falas de Cristal e Clara. O erro e a culpa aparecem

interligados, pois, embora afirme que vivia (o casal) um momento difícil, se vê como a causadora da separação. Para ela, foi uma atitude errada (o fato de se relacionar com outra pessoa) que a levou à separação. A culpa surge como se fosse causa e é vivenciada com um grande desconforto. Entretanto, segundo Pompéia (2004), vivenciar a culpa é estar constantemente acompanhado de uma sensação de conflito consigo mesmo(a), com suas vontades, seus desejos, suas ações. Ver-se acompanhada pelo que falta, pela carência, é vivenciar a culpa e, desse modo, para Boss (1981, p. 37) a “culpabilidade só pode ser entendida face a plenitude e realização da existência humana”. A culpa, então, aparece não como causa, mas como condição humana. (II)

D - Foi uma decisão dele, Brisa?

Brisa – Foi!! Eu acho que é uma coisa também... pesa muito a culpa até hoje... Assim... foi muito difícil eu aceitar... Eu entrei em depressão... porque eu acho que... hoje eu vou dizer assim... hoje eu acho que sofro até mais do que antes... Eu vinha pensando para cá... Porque eu acho que eu passei uns dois meses... fora realmente do ar... mesmo!!! Eu sofria... mas não tinha a intensidade do sofrimento... que eu estava bastante medicada... tanto que... quando eu comecei a ir para... a começar a tomar medicação... eu não me lembro como eu cheguei na Dr^a Lúcia... Eu realmente... não consigo lembrar da situação... Então hoje... como eu tenho muita consciência de tudo... eu acho que eu sofro mais hoje do que antes... Não... eu não sei se é mais... ou menos... mas o sofrimento é diferente... Estou com menos esperança!... Hoje é mais consciente... porque antes... era uma situação que eu não sabia muito... estava tomando medicação... Eu não estava dormindo... Fiquei... acho... um mês ou dois meses meio no ar... sem saber muito o que estava acontecendo... sofrendo... chorava o tempo todo... mas era diferente de hoje... da consciência que eu tenho!!!

Ouçó seu choro, sua fala. O seu sofrimento me atrai e me afasta pela dor que revela em mim mesma. Por seu “drama”, Brisa desvela o seu sofrimento ao se dar conta do seu modo de existir naquele momento. Isso me faz pensar na dificuldade de todos nós da afetação que o sofrimento (*pathos*) pro-voca. É compreensível que a afetabilidade é inevitável ao modo de ser humano. Mas, muitas vezes, no exercício do viver, atravessado pela dor-de-ser, o homem sofre e padece o não saber a sua significação no mundo. Contudo isso não é tudo. Ao ser tragado pela afetação, eu não penso; fico impedida de fazer uma reflexão, de olhar de outro modo sem ser através da impregnada. Pensando no sofrimento de Brisa, percebo o quanto ainda se mantém impregnada pela afetação, embora se permita alguma ação para conseguir ver-se nesse lugar.

As falas também levam a pensar como é difícil deparar-se com a perda, principalmente quando ela é acompanhada de culpa. Embora elaborar uma perda implique, ao mesmo tempo, projetar-se na direção de possíveis ganhos como compreensão da descoberta de que ainda não se está morto, o mais comum, no entanto, é que não se perceba o horizonte de possibilidades que tal perda ambigualmente abre. Assim, há sentido no que afirma Pompéia (2004, p. 65) a esse respeito:

[...] para algumas pessoas, parece que é vergonhoso sobreviver à morte de uma paixão, à perda do objeto desejado; surge um desejo de sofrimento, como se este fosse a autenticação do significado do vivido. Nesse caso, é como se a pessoa precisasse manter o sofrimento enorme para poder ter certeza da importância daquilo que ela perdeu, certeza de que não viveu um engano. Nisso, sua vida se fecha.

Uma tal “cegueira existencial” ocorre em virtude de se abrir a dimensão de um novo viver, quando se faz possível compreender/elaborar o que aconteceu, incluindo e integrando perdas/ganhos, ilusões/desilusões, sonho/realidade, vida/morte. Isto é, fazer do desfecho uma situação que, ao mesmo tempo, fecha e abre o exercício da experiência de ser projetividade.

(II)

D - Hoje você se dá conta... do sofrimento [...]

Brisa – É.

D – [...] que logo depois da separação... não [...]

Brisa – Não dava!! É...

Aumentou o choro

D - O que lhe emociona agora, Brisa? Está sendo possível falar disso aqui?

O sofrimento de Brisa ressoa novamente quando fala da culpabilização que a arrasta desde a separação. Eu me inclino a escutá-la. (IPO)

Escutar, como lembra Henriette Morato (2003)⁵⁵, é ser tocada, não evitar, suportar ouvir o lamento do outro; é a-colher o lamento. Cuidar vem da palavra *care* que significa ouvir o lamento. Cuidar, portanto, diz respeito à escuta da clínica psicológica. E, ao inclinar-me à escuta de Brisa, para acolher seu lamento, eu cuidava do poder ser e encontrar-se para ela – uma ação clínica por excelência. (II)

Brisa – Está!!... Assim... bom... é doloroso... mas é bom!... Eu acho que... o que me emociona... é tudo que eu estou vivendo... Eu estou numa fase muito triste... minha mesmo... profissional... Essa coisa... como Cristal falou: “de ter um companheiro comigo!” Então... para mim... está sendo difícil... Mas ao menos... ao mesmo tempo... muito bom de eu estar podendo falar... porque antes... eu não tinha condições de... Eu demorei no grupo... eu tenho um grupo...

Referiu-se participar de um grupo psicoterapêutico

demorei muito a falar o motivo da minha separação... E um grupo... em que eu vinha aos poucos... conhecendo as pessoas... E hoje está sendo o primeiro encontro... e talvez a gente nem se encontre mais... e eu estou podendo chegar... e falar...

Mesmo em face do sofrimento (culpabilização/responsabilização), Brisa retoma o seu desejo, já manifesto anteriormente também por Cristal, de reconstruir uma relação a dois. Nessa mesma direção, a fala de Brisa diz respeito à dimensão do encontro com outros, abrindo-se ao espaço intersubjetivo da reflexividade/transitividade/alteridade. Apesar de estar na presença de sujeitos/narradoras que não conhecia, mostrou-se podendo expor-se e nomear seu sofrimento em “carne viva”, autenticando-se publicamente em sua própria condição humana: seu mundo vivido. (II)

E-A - Você tem filhos?

Brisa – Não! É um pouco diferente de Mel e Cristal... que é uma coisa... quando Cristal falou assim: “Graças a Deus não!!!”... no meu caso... já seria o contrário... Porque eu sempre quis... e ainda quero muito ter um filho... E quando eu converso e alguém diz: “Ainda bem que você não teve filhos!”... eu digo: “Não!!... Ainda... eu num... acho que... eu não acho ainda bem!!” Como a pessoa mesma diz: “Financeiramente... você ainda está construindo... Você está na casa do seu pai...”... isso tudo... por um lado é bom... mas por outro não... porque eu acho que eu estaria mais realizada hoje... se eu tivesse tido um filho... Era um projeto!... Assim... quando a gente se separou em dezembro... eu estava fazendo os exames... e logo em seguida... eu iria liberar! Eu nem sempre posso dizer... que é bom completamente... Por um lado... você pesa a questão... a condição financeira... por estar morando na casa dos pais e tudo... Realmente! seria hoje... eu acho... muito mais complicado o que eu estou vivendo... Mas... eu acho que... não era motivo para eu dizer assim... “Ainda bem que eu não tive um filho!”

⁵⁵ Reflexões obtidas através de anotações em aula, na disciplina Clínica Fenomenológica Existencial I, ministrado pela professora no Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP, durante o período primeiro semestre de 2003.

Nessa narrativa de Brisa, eu escuto, em cada fenômeno já semelhantemente conhecido, um desconhecido, um inusitado, um falar de falta/ausência/morte que ressoa, pela expressão de outros registros que anunciam a seu modo, a construção/desconstrução/reconstrução de projetos. Ela fala do seu desejo de ser mãe, revelando como esse desejo é acompanhado por um inter-dito projeto conjugal que *não ainda* aconteceu. (II)

Clara – Comigo... foram duas relações... A primeira foi... há dez anos atrás... e... foi bem tradicional... daquelas de casar de véu e grinalda... festa... lua de mel... apartamento montado... economicamente bem melhor... a minha família... eu e ele... a família dele... casamento civil... religioso... tudo!!! Tudo assim... véu... grinalda... aquela coisa assim... no dia... na mesma data em que casaram meus pais e meus avós... imagine que peso!!!... vinte e dois de setembro... a primeira pessoa... a primeira da família a casar... dos dois lados... as expectativas de todo mundo ali... naquela história!... E eu envolvida naquilo dali... E durou dois anos... A gente namorou um ano... e durou dois anos a relação... E... logo quando a gente casou... eu já percebi... que eu estava casando com tudo aquilo dali... menos com ele!... Eu tinha uma amiga que dizia: “É... foi tudo perfeito! Só faltou escolher o parceiro que tivesse a ver contigo!”... Então... imagina a fantasia em que eu estava envolvida!... Eu percebi... que tinha a vontade de todo mundo junto... na história... e eu... conseqüentemente... naquela mistura toda... Partiu de mim a movimentação... Eu comecei a perceber que eu estava me interessando por outras pessoas! Também... muito marcada com aquela coisa tradicional... Eu venho de pais... que comemoram trinta anos de casados... avós cinqüenta... Então... essa questão da família... do grupo... dos valores... tudo muito envolvidos... Só que... eu também tenho um traço de muita inquietude... Então... eu percebi que não estava me fazendo feliz! Eu não entendia direito o que era aquilo... Agora... eu estava visivelmente insatisfeita! E... percebendo que eu comecei a me interessar por outras pessoas... E também... aquela coisa culposa da mulher manter outro tipo de relação!... Então... eu não conseguia! Eu preferi romper... para poder viver o que eu estava sentindo... que não era o que eu estava sentindo pelo primeiro ex-marido... Não tenho... a gente não tem afinidades nenhuma... A gente terminou de forma difícil... Foi muito complicado... foi muito conturbado... Ninguém entendia nada... Porque as pessoas achavam que eu não estava persistindo... que eu devia continuar... que eu deveria... que era só uma crise... que desse jeito... eu não iria levar nada por muito tempo... A família... pai, mãe, tios, padrinhos... o grupo todo... todo mundo muito envolvido com aquilo... E apesar disso... eu sabia que aquelas coisas que eles me diziam... pesavam muito... Eu me enchia de culpa!... me enchia... mas eu ficava... eu estava visivelmente melhor... Eu pegava a foto... eu levei para a terapia recente... uma foto durante a relação... e uma foto em seguida à separação! É visível a minha felicidade... a minha alegria!!! Me sentia melhor... me sentia mais bonita!... Como aquilo não estava me fazendo bem!!! Agora... não foi fácil... Voltei para a casa dos meus pais... e fiquei lá até conhecer o anterior que foi João... que foi o último... que foi uma relação completamente diferente da outra!! Assim... desde a formatação... A gente foi morar junto... Devagarzinho... fui ficando na casa dele... ele alugou um apartamento... fui ficando na casa dele... e... de repente... a gente morou junto... E... eu me sinto muito mais casada na segunda relação do que na primeira... Foi mais intensa... Agora... é aquela coisa que eu... que eu disse do apoio... Eu... por conta das questões da minha mãe... que eu falei... eu sempre busquei pessoas muito dependentes... Por insegurança!... Porque eu mantinha sobre o meu controle... acredito eu!... E também... é para superar essa falta de cuidado que eu não tive... Eu cuidava do outro... Então... como é que você vai viver uma vida a dois de troca... de interação... se o papel não era bem o papel de mulher? Era o papel mais de mãe!... Então... aí teve alguns problemas... a gente teve problema na relação de João com a ex-esposa dele... três filhas dessa outra relação... porque duas adolescentes e uma criança!!!... Então... foi muito rápido o envolvimento da gente... A gente já entrou nessa relação... muito intensa... foi muito forte... foi tudo muito intenso... Tudo foi muito vivido... com tudo de bom e de ruim... Agora... não tinha um chão... não tinha uma estrutura... Eu talvez não tivesse uma estrutura... ele também não... e nem a relação dava conta daquilo... E eu... também me movimentei para sair da relação. Agora... por um outro entendimento... por um outro momento da minha vida... por estar pensando em outras coisas... Eu tinha... de Jorge não!... eu não

tenho vínculo nenhum com Jorge... A gente se separou legalmente logo em seguida... e... eu acho que se eu encontrar... ele está morando em São Paulo... eu acho que se eu encontrar... eu acho que a gente vai... eu acho que... passou... a coisa passou!! Não é um amigo... não é uma coisa para viver como minha amiga... porque a gente não tem nada a ver... Eu tenho outro grupo... outras expectativas... Agora... João não!! João é uma pessoa... acredito eu... por uma certa culpa... porque no final da minha relação eu me apaixonei por uma outra pessoa... e... eu percebo... que eu tinha num primeiro momento... uma certa... movida por uma culpa... eu tinha uma necessidade de que aquela relação terminasse de uma forma saudável... apesar de saber que aquilo... a gente não ia muito longe... Tinha uma série de conturbações em volta da relação da gente... que não iria muito longe!! Então... eu preferi movimentar para sair... antes que a gente se destruísse mais ainda do que já estava se destruindo!

Nas palavras de Clara sobre o término de uma relação conjugal, continuo escutando a presença do sentimento de culpa e do julgamento negativo/punitivo diante da possível decisão de separar-se. Mas há uma mudança no modo como ressoa em mim o preconceito social em relação à ex-esposa. Agora, não o vejo mais como surpresa, como já percebido em momentos anteriores da oficina; vai ficando, cada vez mais evidente, que a ex-esposa ainda vive o desafio de encontrar um espaço socialmente reconhecido, mesmo que supostamente já encontrado. Agora, surpreendentemente no mundo pessoal, com o olhar aproximado ao de Flora, Clara também associa a separação à felicidade, inclusive representada pela beleza plástica. E, além disso, em sua experiência como ex-esposa, ela diz não ter precisado do casamento juridicamente constituído para sentir-se casada, assinalando uma quebra na consideração socialmente ainda atribuída ao casamento.

Clara retoma, nessa fala, a questão do seu controle sobre a segunda relação, agora sob a forma de apoio. Esse controle surge, em sua fala, do fato de ela não ter-se sentido cuidada na relação familiar, especificamente maternal. Mas, agora se depreende de sua fala que esse controle é sua forma de manifestar o cuidado do outro. Nesse modo de cuidar, Clara se dá conta e, assim, volta a falar que não exerce o papel de esposa e, sim, de mãe de seu companheiro. Devo frisar, na mesma linha, e relevante para a pesquisa, algo novo, até esse momento, nessas histórias: como Clara não sabe nomear *o que é esse outro* (o ex do primeiro casamento). Difícil encontrar um significado próprio e preciso do que significou esse *outro*, por não ter se apresentado a ela uma *relação de casamento*, mas sim, uma *situação de*

casamento. Ela não se casou com outro alguém, mas sim era alguém para casar com ela pela situação de casamento para a família: um fato sociofamiliar. Entretanto, a segunda relação, embora vivida com muita intensidade, foi viver uma relação amorosa com alguém, depois da experiência anterior de casamento para a família, e não, novamente, de se permitir envolver com alguém como num casamento. Rompe, também, a segunda, pela sensação de fugacidade para encontro que demanda cuidar de si para cuidar de outro. (II)

D - O que é terminar uma relação de forma saudável?

Clara –

Silêncio

Eu tive uma experiência de terminar... de ir até a última gota!!! Assim... de troca de ofensas... de desavenças... e de jogo de culpa... e uma série de coisas... E com João não! Com João... eu queria... a gente conversou muito sobre isso! Por que a gente tem que destruir para sair? Por que a gente não pode transformar? Por que a gente não pode?... Claro que para mim tinha esse entendimento! Para ele não tinha esse entendimento! E aquilo... que no primeiro momento... foi uma certa situação muito delicada entre ele e eu... de eu saber que aquilo eu não queria como a primeira vez... Foi quando eu disse: “Não é isso que eu quero! Acabou!!” Não era mais aquilo! E... com João também! Mas eu acho que eu esperei mais o tempo de João!... Eu fiquei mais próxima... dando mais uma vez o suporte. Estava eu sendo a terapeuta... e a mãe... menos a mulher!! E eu não queria aquilo!!! Eu não tive filhos nem no primeiro... nem no segundo... e acho que a vida a dois é uma possibilidade legal de viver!!! Então eu queria mais uma vez... estar corrigindo a rota!! Não ficar condenada àquela escolha! Por que não re-significar? Por que não tentar outra coisa? E foi isso que eu tentei fazer!! E hoje... a gente tem um ano e meio mais ou menos... que nós nos separamos... e hoje eu acho que a gente está... está sendo processual... ainda está sendo... a gente hoje se dá muito bem... eu e João!! É muito legal isso! Eu disse a ele que tinha me apaixonado por outra pessoa! O ter dito a ele as coisas... o ter conversado... claro!!... Não foi fácil para ele isso! Foi difícil para ele!!... Mas eu também tinha certeza que não era mais aquilo que eu queria! Mas... eu precisava ir atrás daquilo que eu queria!... Eu não estou com essa pessoa que eu me apaixonei... Acho que ela veio do buraco que existia... e para me mostrar um bocado de coisa... e se foi! Mas... hoje... eu gosto do que eu convivo com João!! No meu celular... eu brinco com ele assim... quando ele liga... é ex-marido preferido... sabe? Tem um outro... a gente tem uma coisa gostosa... tem uma coisa saudável... que a gente foi conquistando! Num primeiro momento eu percebi uma movimentação dele... que não era assim... que tinha mágoa... culpa... com qualquer tentativa de se reaproximar... Mas eu acho que hoje... ele compreende!! Ele hoje... hoje a gente vive de forma harmoniosa!! E eu gosto muito disso! Eu gosto dele!

Em sua fala, Clara, novamente, refere-se que assume sempre o papel de mãe, de terapeuta, mas não de esposa na suas relações conjugais. De modo significativo, fala ainda que, da segunda relação, brota um outro sentido perceptivo para o ex-esposo – a esse ela nomeia como amigo; ela brinca inclusive aludindo-o como o “ex-marido preferido”.

Interessante que essa segunda situação conjugal não foi uma relação formal. Com isso, parece que ela ficou livre para transitar, ou seja, para ficar na relação se quisesse, para não ficar se não quisesse, para sair com outros. Ela percebeu que, sem o compromisso formal social assumido, ela podia transitar pela escolha e perceber o lugar que lhe era mais confortável. E assim, fala dessa relação com delicadeza, com carinho, com cuidado: “A gente tem uma coisa saudável que a gente foi conquistando. (...) “Eu gosto dele”.

Ela diz, desse modo, que ela agora está podendo fazer o que ela quer, e construir coisas, e ter projeto! Quer dizer, esse “ex”, é um ex-peso. (II)

Mel – Quer falar Luara?

Luara – Pode falar!

Mel – Bom... o que é ser ex-esposa hoje... para mim! Eu acho que... de uma certa forma... [...]

D - Não é “o que é” mas sim “como é”...

Mel – Como é? Bom... como é! Eu acho que... é aquela situação que eu falei na máscara! Ser livre!! Porque na realidade... eu nunca pensei em casar... nem em ter filho! Nada!! Os meus conceitos sempre foram morar só... independência... profissão... e a gente namorava... e eu morava em meu apartamento... Ele não! Sempre foi uma pessoa muito dependente da família... e muito complicado... porque tinha muita confusão com um irmão oito anos mais velho do que ele! Então... eu morava só... pagava aluguel e tudo... mas... eu tinha uma independência!! Então... ele gostava... chegava na minha casa... a gente ficava junto... vivia praticamente como casado! Mas aí eu fiquei grávida! E a gente decidiu morar junto por conta disso! E a partir desse momento... aí a minha vida ficou um horror!!! Porque aí... daí para aceitar... primeiro o casamento que eu não queria... e depois... para aceitar uma maternidade!! Aí foi complicado!!! Mas até que durante a gravidez... ele deu todo o apoio... Foi o melhor momento que a gente teve junto! Foi realmente durante a gravidez! Ele ligava... era um companheiro... era uma pessoa muito companheira... mas... é uma pessoa muito dependente!... Então... era eu lá em cima e ele lá em baixo!! Era aquela história de Eduardo e Mônica da música! Então... era muito difícil de lidar com isso!!! Eu não aceitava!!... Por exemplo... eu trabalhar de manhã... chegar em casa dez da noite e ele estar lá vendo televisão! É... ficou desempregado! Aí aquilo tudo... Sempre que ia ao supermercado... quem pagava tudo era eu! Eu que tinha carro! O apartamento era meu! Eu comprei um apartamento... Quer dizer... eu não aceitava aquela condição!!! Para mim... o homem tinha que bancar a mulher! Não por completo! Mas ele tinha que ganhar mais!!... Existe esse preconceito na cabeça da gente! Então... eu comecei a não gostar daquela situação! Então a gente ficou... quando eu tive nenê... aí logicamente que eu tinha que morar... ficar com a minha mãe um tempo... porque não tinha com quem ficasse! Aí eu fui para a casa da minha mãe... achando uma maravilha que eu ia para casa da minha mãe!!... Que eu ia me livrar daquilo!!... E fui para casa da minha mãe... e mudei mesmo para lá! E ele ficou no meu apartamento. Ficou com meu carro... eu não ia sair de carro por aí... não é?... porque fiquei de resguardo!!... Quando eu disse: “Vou ter que ir para casa de mamãe... mamãe vai tomar conta de mim...” já foi pensando já na separação! já pensando em terminar... e ele não sabia disso!!... Ele ia todo animado quando saía do trabalho... ele ia para lá me ver e eu... ham!!... eu não estava satisfeita com aquela situação!!! Primeiro porque estava com uma criança!!... Segundo porque eu sabia que ia me separar!!... Então... passou o tempo... quer dizer... as coisas foram esfriando... Eu não saía!... “Vou aí!”... “Não... não venha não!”... Eu fui armando uma situação para que realmente a coisa fosse se separando!! Eu disse para o nenê: “Olha!!... não vou ficar morando com seu pai... Você fica comigo... Vou ficar aqui com mamãe”... Então eu fui me preparando... mais ou menos... e... foi o que aconteceu!!... Agora... não foi assim... ah!!... tá!!... tchau!!... não!! Claro!!... Até hoje... por sinal... briguei com ele agora... ontem... porque... é aquela questão de: “vou pegar meu filho... vou sair com ele”... ainda é isso... que eu não queria ter que falar!!... Eu não queria vê-lo!!... e tem que ter

contato! É horrível!!! E... eu estava... tentei agora... ultimamente estava até... a gente estava até se dando bem! Conseguia falar civilizadamente no telefone!... Mas só que agora ele tem pavor de ir lá em casa... porque eu me mudei desse apartamento que a gente morava... vendi... e eu comprei outro bem melhor... e ele não aceita!

Na fala de Mel a relação hierárquica – e, conseqüentemente, as delimitações de tarefas de competência do casal – apontam para uma sentida mudança que sinaliza a existência de um forte preconceito de gênero. No entanto vale salientar que a divisão de tarefas entre homens e mulheres, independentemente de como são vividas as relações de poder e dominação, estão presentes na história da humanidade, desde tempos ancestrais (GOMES, 2003). Hoje, porém, o que há de novo na marcação desse campo das competências convivenciais na relação conjugal, é que, flagrantemente, acompanhamos uma *imprecisão a respeito dos afazeres específicos que se espera dos homens e das mulheres*. Mais especificamente, não existe uma referência precisa de quem deve fazer o que e quando. No contexto-foco, Mel revela, em sua narrativa que, novos e velhos padrões de atitudes coexistem, entram em conflito e tornam confusas as expectativas de um parceiro em relação ao outro. Assim, pois, embora defenda constantemente sua liberdade, sua independência, Mel não abandonou o desejo de contar com um marido provedor, mesmo em face de uma explícita e compreensível dificuldade de admiti-lo, pelo menos quando se incomoda com o fato de arcar com as despesas da casa e ocupar um lugar financeiramente superior ao do seu companheiro.

Há, também, por outro lado, uma visível dificuldade em assumir a sua decisão de separar-se. Novamente, Mel mostra-se contraditória: fala de liberdade, mas não se sente livre para assumir a sua decisão de separar-se, necessitando usar de um pretexto que, embora não tenha sido falso, revela a necessidade de recorrer a uma desculpa enganosa diante da situação vivenciada, inclusive sustentando-a por longo tempo, até efetivar-se a separação por uma certeza implícita por ações, mas não por esclarecimento direto. (II)

D - Você mora sozinha com seu filho?

Mel – É... eu... ele e a babá... Então... quando estava construindo esse prédio... a gente ficou nessas idas e vindas! Quando se separou... não se separou de uma vez!... A gente voltava e se separava!... Quando estavam construindo esse apartamento que eu moro agora... ele chegou a ir lá também... Em umas dessas vindas... eu

disse: “Ah! Eu quero que você venha morar aqui comigo!” E ele: “Ah! Que bom... e tal!” Então... ele passou... é... participou de um processo... e no final... eu percebi que eu não estava incluindo ele naquele objetivo... Então ele tem pavor de ir lá em casa... para pegar meu filho para sair! Eu que tenho que ir... eu tenho que deixar o menino na casa da minha mãe... Ele vai lá... pega! Parece uma mercadoria! Aí... quando foi sábado agora... ele disse: “Eu vou pegar “... e mandou chamar a babá... querendo enrolar meu filho... enrolar meu filho! “Chama Bia aí... Chama Bia aí”... Aí eu disse: “Olha!... Sobe para falar comigo!... Seu filho tem mãe!” Ele disse: “Olha!... se for para subir... se for para pegar ele aí... eu não vou não!” Aí... o menino junto de mim... todo prontinho... que ele adora o pai! ... “Quer dizer que você não vai sair com ele hoje?” “Não!... vou não. Se for para eu ir aí... se for para pegar ele aí... eu não vou não!!!” Quer dizer... a minha fantasia... a cabeça do menino... não é? Então... comecei a ficar com ódio!!! Bati o telefone na cara dele!!! Desliguei... porque ele queria que a babá levasse o menino na parada do ônibus... para pegar o menino no meio da rua!! Eu disse: “Perai!!!”...

E-A - Qual a idade do seu filho?

Mel – 5 anos. Então... para mim é muito ruim isso! Ter que lidar... ter que falar... Ele paga a escola do menino... também é só isso que ele paga... Eu não tenho contato... Ele queria ficar pegando esse carnê comigo... Esse carnê não! Manda todo mês... e já para ter contato comigo!... Me chamou para conversar: “Não... vamos botar os pontos nos is?”... Que is? Que pontos? Que não tem nem letra...

Riu

nem nada? Mas... eu senti que ele queria voltar!... Porque eu sei que ele gosta de mim!

D - Desde que seu filho nasceu... vocês não voltaram mais a conviver juntos?

Mel – Não! Morar junto não! A gente voltou a ficar namorando... se encontrando como namorado mesmo! Mas morar mesmo... não! Até porque... eu passei dois anos e meio... fui morar com mamãe... e peguei o dinheiro... apliquei... para poder comprar outro apartamento! Então... eu estava sem casa para morar... estava morando com minha mãe!... Aí fui morar agora em dezembro nesse apartamento... dezembro do ano passado... Então... como é que é ser ...

Referiu-se a ser ex-esposa

... para mim? É um incômodo!!! Porque eu não estou livre!! E... eu não sei como é que vai ser se ele me ver... assim... com alguém... porque... Flora chegou a falar da violência... não é? Ele não é violento! Mas ele... psicologicamente... ele é meio abalado! Ele tem umas atitudes que dá medo!! Você não sabe o que ele vai fazer!

A cada irrupção da rotina que Mel expressa ao falar sobre sua teia relacional: Mel/filho/mãe/babá/ex-esposo, na qual, aliás, sempre vê um outro presente na sua relação com o ex-esposo, sou impactada com algo inusitado em sua narrativa, que é a presença do medo em sua relação com o ex-esposo. (II)

D - Você tem medo de quê?

Mel – Eu tinha medo dele! Um pouco de medo dele!... Não era que... as atitudes dele... porque quando a gente se conheceu... eu e ele... a gente se conheceu no trabalho! Então eu gostava de uma pessoa! Mas essa relação com essa pessoa... era uma coisa muito doida... muito complicada!!!!... Então... ele entrou como o bonzinho... o amigo... vou dar um apoio... e consegui me afastar dessa pessoa... entendeu? Aí... hoje eu estou com essa pessoa de novo!!... Mas... eu fico me questionando: “Se ele souber disso?”... Que eu conheci uma pessoa... aí eu fico com medo... porque eu achei... eu sempre o achei meio desequilibrado psicologicamente!

D – Então... você tem medo de quê?

Mel – Não!... eu tinha medo de quando morava com ele!!!... Agora hoje eu fico... às vezes... eu me pego pensando: “Se eu encontrar na rua com essa pessoa... o que ele pode fazer?!” Sei lá!! De ficar espreitando... de ficar me observando na rua... e de repente... me dá um tiro quando passar... não sei!... Eu acho que pode ser que eu esteja enganada... mas a gente vê tanto isso por aí... que a gente fica com medo!! Então... hoje para mim é um incômodo!!!... Como é ser ex-esposa?... É um incômodo!!!... Infelizmente!!! Então... talvez seja por isso que a gente... lógico!... não sou psicóloga... estou longe disso... mas... é o fato de essa não aceitação de ser mãe... é justamente essa dependência que me causa em relação a ele... de ficar sempre em contato com ele... de ter que ter contato com ele!!!

Para Mel ser ex-esposa é um incômodo, pois a maternidade a coloca na situação de ter sempre contato com seu ex-marido.

Sou tomada por uma certa estranheza, tanto no que diz respeito a minha insistência em perguntar: “de que tem medo?”, quanto à dificuldade de Mel responder a pergunta. Ela parece titubear entre um medo na relação e um medo fora da relação com o ex-marido. Fico ainda a me perguntar: “que medo é esse?” Mel se refere ao medo de ser pega, mas não deixa muito claro esse seu medo, porque parece ser um medo de uma coisa própria dela, ao invés de ser um medo do ex-marido. Sinto como se algo estivesse velado, encoberto, levando-me a imaginar que seja mais uma coisa dela, esse viver amedrontada pelo que imagina poder lhe acontecer caso seu ex-marido venha a encontrá-la, na rua, com essa pessoa. (II)

D - O seu papel de mãe... lhe faz ter contato com o seu ex-marido [...]

Mel – É!!

D – [...] e isso é um incômodo para você!!

Mel – Para mim!!! Embora ele não queira... ele pede para chamar a babá... fala com a minha mãe... todo mundo... menos comigo!... Porque eu sei que ele ainda gosta de mim... Mas eu faço questão de falar com ele! Porque a criança não pode crescer nesse ambiente de discórdia!... Não é que vá ser amiga dele!... Mas pelo menos que os pais se falem! E... eu já pego... já peguei... porque ele pede: “Não!!!... Traz ele aqui!... Leva ele na jaqueira... para eu encontrar com ele!” Eu levo!... Quer dizer que eu vou estar sempre levando? Levando?!!! Porque ele não pode pegar o filho na própria casa??... Aí é essa bronca hoje!! Essa briga aí... que está desse jeito!!...

Riu

Mas assim... é incômodo!... Voltando... é incômodo!!!

Noto nessa fala de Mel uma incongruência, pois anteriormente ela afirma que o ex-marido usa o pagamento da escola como motivo para contatá-la e, agora, diz que ele não quer conversar com ela, dando a entender que é ela quem faz questão desse contato, tendo o filho

novamente como instrumento de mediação comunicacional, ou “motivo/desculpa” para a aproximação.

Novamente tenho a sensação de algo encoberto, da existência de um interdito que não está claro. O que ela quer? Quer dizer, na realidade, parece que algo ainda não está muito claro para ela, no sentido do que ela quer, ou do que ela não pode querer, ou não pode mostrar... (II)

Luara – O que é ser ex-esposa hoje...

D - Como é... para você... ser ex-esposa hoje?

Luara – Como é? Eu não lembro que sou ex-esposa! Só quando tem situações que eu tenho que lembrar! Por exemplo... eles fizeram uma reunião lá no prédio... e todas as pessoas do prédio que eu moro... são casadas! Eu só vim perceber isso... quando reuniu todo mundo... e quando todo mundo estava se apresentando... Cada um tinha que se apresentar e dizer quem era... aí todo mundo diz: “Não!... sou fulaninha... casada com sicraninho!” ou “Sou sicraninha... casada com fulaninho!”... e eu não era casada com ninguém!!...

Riu

Eu acho engraçado... porque... eu não lembro que sou ex-esposa!! Só quando botam... alguém faz alguma pergunta sobre o estado civil... aí sim!... Aí eu lembro disso!... Mas eu lembrar que eu sou ex-esposa? Não!! E quando Flora falou... a minha história às vezes se confunde com a dela... porque ele era uma pessoa agressiva!! Ele era não... ele é uma pessoa agressiva! Muito agressiva!!! Muito... até porque ele é alcoólatra! E ele também tem envolvimento com drogas... Mas sendo que eu não sabia!... E... quando eu me casei com ele... eu tinha... muito novinha!... E com três anos após o casamento... ele começou a mudar muito! Ele começou a beber... ele bebia muito!!! Depois de um ano... um ano e meio de casada... eu tive Taís... e já no final do relacionamento... quando descobri... eu descobri no Natal... achei engraçado quando Flora falou que foi no Natal que ela teve o problema... e perto do Natal... eu descobri que ele tinha uma pessoa!... Ele tinha um relacionamento há cinco anos com essa mulher!... E na outra semana... eu descobri que eu estava grávida!... Isso para mim foi horrível!!!!... Porque eu entrei em depressão!... Porque eu descobro uma semana que ele tem outra... na outra semana... eu descobro que estou grávida... e eu vou fazer o quê??... E logo no início... o meu filho foi rejeitado!!... Eu rejeitei a criança!... Tive vontade de tirar!... Mas eu não tinha coragem! Não tive essa coragem de tirar o meu filho!... Terminou assim... eu queria me separar... Aí... com a família... me deu vontade de dar uma segunda chance... e tentou muita coisa... E tiveram amigos... quis ajudar também... mas não dava certo... porque além da questão de ter essa outra pessoa... eu sabia que ele não tinha deixado... Já tinha a questão também da bebida... e eu não agüentava mais!!!!... A bebida... e as drogas também!... que eu não sabia... que tornava ele tão agressivo!!!!... Ele queria quebrar tudo quando chegava dentro de casa!... Ele não chegou a bater em mim... A única vez que ele encostou em mim... eu saí de casa... Estou até hoje longe dele!... Ele quebrava tudo... ele chegava para quebrar! Quando ele saía... e eu via dar dez horas da noite e ele não chegava... eu já pensava em falar com uma menina que morava... uma das minhas vizinhas... para minha menina ir dormir lá... porque eu tinha medo que quando ele chegasse... quebrar as coisas... e a minha menina se assustar... porque ela vivia num... assustada de uma forma... que se ela ouvisse uma coisa mais alta... ela já ficava tremendo... E hoje... ele é casado... tem uma filha e... ele agride a mulher!!

Luara, em sua fala, não se lembra que é ex-esposa, a não ser em situações sociais que o exigem (por exemplo, na apresentação de um grupo de moradores de seu prédio). Refere-se,

como Cristal e Flora, que só se lembra, também, de ser ex-esposa quando tem que assumir a identificação do seu estado civil. Novamente se manifesta, como no caso de Flora, Cristal, Mel e Clara, a violência na relação conjugal. (II)

D - Vocês mantêm contato?

Luara – Tem! A gente mantém... assim... o contato é muito limitado! É só quando ele vai pegar os meninos... deixar os meninos....

D - Você tem quantos filhos?

Luara – Tenho dois: uma tem onze anos e o mais novo tem três. E... contato mínimo eu quero com ele!! Até porque... para mim é muito... O que eu acho engraçado hoje em dia... é que eu olho para ele... e não sinto nada!!!... Como é que eu gostei tanto de uma pessoa... se eu não sinto nada!?! É como a história do eterno... eu tinha essa ilusão de que era eterno... sentimento era eterno!... E às vezes chorava muito... Eu não queria aceitar... eu achava que tinha alguma coisa ali... Mas hoje em dia não!... É eterno enquanto dure!!! E... é complicado a relação!! E também... a questão de... da agressão! Hoje em dia... até agora eu não... tenho essa coisa do namorico... Mas eu não tive um namorado mesmo!! E eu fico pensando nessa possibilidade dele agredir!... Até tenho medo da agressão!!! Eu não sei o que ele vai fazer se me ver com alguém... Porque ele dizia como o marido dela...

Falava de Flora

ele falou: “Se eu encontrar você num canto... eu lhe mato... com alguém!”... E eu não duvido dessa possibilidade dele fazer isso não! Até porque ele gosta muito de arma de fogo!... Graças a Deus, eu nunca me encontrei com ele em canto nenhum! Até porque... em nível de cultura... ele gosta de umas coisas que realmente não combina comigo... Eu tenho certeza que nos cantos que eu frequento ele nunca vai estar lá!

Noto, não sem curiosidade, que Luara, em sua fala, diz não sentir nada pelo ex-esposo, quando está em sua presença (por exemplo, quando o mesmo vem pegar os seus filhos em casa). No entanto, logo em seguida, quando fala de estar distante do ex-marido, se mostra com medo de encontrá-lo em algum lugar público que esteja dividindo com algum companheiro. Eu me pergunto em que medida esse medo de serem expostas à violência dos ex-maridos (violência física, moral, psicológica) dificulta a construção de novas relações afetivo-sexuais conjugais dessas sujeitos/narradoras (Mel, Flora, Cristal e Luara)? (II)

D - E você tem preocupação com isso Luara?

Luara – Dele me encontrar com outra pessoa? Tenho!! Tenho medo que ele me agrida!!!

D - Quando você diz assim: “Eu não lembro que sou ex-esposa!”... e quando pensa... se preocupa dele lhe encontrar [...]

Luara – É quando eu vejo! É quando eu vejo ele... que me passa pela cabeça! Mas se eu não vê-lo... eu não lembro!

D - Mas quando você se preocupa em encontrar com alguém... de ver alguém aliás... de ter alguém... e dele poder fazer alguma coisa... você não se encontra com ele!

Luara –

Silêncio

Não! Só lembro disso quando eu vejo!!... Só quando eu vejo... aí me lembro... até porque... na maioria das vezes que eu vejo... ele está embriagado!!... Eu acho que é o jeito dele... e ele transfere medo!!... É o que ele me passa... é medo!!!... Então... é por conta disso!... Mas se eu passar um mês... eu não lembro nem que eu tenho medo!... É a presença dele!!!

D - Então... é a presença dele... que lhe faz... se ver como ex-esposa? Lembrar que você é ex-esposa?

Luara – É!! A... só a presença dele!! Tirando isso aí... acho que eu esqueço totalmente!!! Não lembro! É só isso que eu me lembro... que eu tenho medo da agressividade dele!!!

Percebo a contradição em que cai Luara ao se remeter à presença/ausência do seu ex-marido. De um lado, afirma que não sente nada quando olha para ele; porém, de outro, agora, diz sentir medo só quando está na sua presença física – só aqui, aliás, se sente ex-esposa. Tropeço minha atenção a cada instante com a não linearidade das falas. Claro que esse é um momento de tensão para mim, até que me recordo que Luara ex-esposa se apresenta como “busca” e o seu texto encarnado exige despojamento e abertura pelo lado dela, para que possa se mostrar e pelo meu lado para que a possa a-colher. (II)

D - A gente vai continuar trabalhando... mas agora... aqui no palco! E eu vou convidar vocês... a virem ao palco... de duas em duas! A gente vai trabalhar com este material... que está aqui!...

Peguei o cesto com os tecidos

Vou dizer para vocês o que vão fazer em seguida! Eu quero convidar as duas primeiras...

Naquela etapa da oficina, continuando o aquecimento específico, escolhi trabalhar com as técnicas da construção de imagens com tecidos e do espelho. A primeira diferença da técnica de imagens com pessoas, utilizada no aquecimento inespecífico, porque, como os tecidos não têm uma forma definida, o protagonista tem que elaborar internamente a forma que expresse os seus conteúdos (ROJAS-BERMÚDEZ, 1997).

Com a sua utilização, tinha em mente o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre como era, para cada uma delas, ser ex-esposa hoje, a partir do que verbalizaram diante da

pergunta provocadora; vale dizer, os tecidos como utensílio para expressar, através deles, suas idéias, sentimentos sobre a experiência de ser ex-esposa, ou em outras palavras, o sentido da experiência de ser ex-esposa. (IPO)

Luara – Ela!

Apontou para Flora

D - Por que você a escolheu?

Luara – Porque assim... coisas que tinha parecido... aí eu achei interessante!!

D - Aí você está convidando ela... para ir com você?!

Luara – É!!

D – Então... vão as duas!

Naquele momento fui surpreendida por Luara, quando ela escolheu Flora para acompanhá-la ao palco, pois eu escolheria as duas, caso fosse indicar a formação das duplas, até pela aproximação das histórias de ambas. Vou vendo e acompanhando, cada vez mais de perto, as identificações que cada uma delas vai demonstrando ao longo da oficina, a partir do conhecimento que vão tendo das histórias de cada uma. (IPO)

Luara – Muito obrigada por você ter aceitado!

O grupo riu

Flora – Não!! Foi ótimo!!!

D – Então... veja só! Uma vai trabalhar desse lado do palco... como se tivesse aqui uma linha imaginária! Metade do palco fica com uma... e metade do palco com a outra! E vocês vão trabalhar com esse material aqui!...

Eu abri o cesto com os tecidos e comecei a dar diversas formas aos mesmos

Vejam!... Aqui tem vários tecidos... com vários tamanhos... e texturas! Vocês vão trabalhar como se eles fossem massa de modelar! Vocês vão dar forma a eles... a forma que vocês acharem que pode expressar o que vocês me falaram! Vocês vão mostrar... só que de outra maneira... o que vocês falaram aqui... sobre... como é ser ex-esposa hoje! Flora... eu gostaria que você apresentasse para a gente... essa possibilidade que você fala... de hoje... você ver de fora... uma dificuldade dos seus filhos com o pai! Ou melhor... de se ver de fora!... de não se ver mais misturada nessa relação... o que lhe dá alegria... e embora seja complicado ser ex-esposa hoje... você já se sente fora dessa relação!... E você Luara... eu quero que você me mostre... como é... quando você diz... na presença dele... “Eu me lembro que sou ex-esposa!”... Então eu queria ver como é você na presença dele... e você na ausência dele... Podem trabalhar! Escolher os tecidos que vocês quiserem! Uma trabalha de um lado... outra trabalha do outro!

Naquele momento-foco, o grupo já tinha uma cumplicidade mínima no palco psicodramático, permitindo que o trânsito da intimidade fluísse entre as participantes, isto é, uma abertura inter-relacional para o compartilhamento de espaços, histórias, escolhas, identificações, afastamentos, sentimentos. Assim, recortei das histórias ouvidas de Luara e Flora, frases que ressoaram de um modo que, como diretora, sentia que permitiriam criar ou produzir transcrições. Igualmente procedi com todas as outras que vieram ao palco posteriormente. (IPO)

A história contada é a base sobre a qual o trabalho de criação ocorre durante a oficina sociopsicodramática, ainda que ressaltando-se o fato de que a mesma jamais é repetida no palco, nem tampouco entendida literalmente, uma vez que, ali, há sempre uma mudança de linguagem que inclui o corpo, as ações, o palco, os movimentos, os personagens interagindo etc. (REÑONES, 2004). Contudo faz-se necessário que, como diretora, eu me dê conta do momento que o grupo está vivendo para, a partir daí, lançar mão dos recursos a serem utilizados. Desse modo, a técnica foi usada como intervenção, isto é, como um utensílio a serviço do grupo. (II)

Flora – Posso pôr aqui?

Falava em colocar o cesto com os tecidos no palco

D – Pode!!

As duas ficaram em silêncio, escolhendo os tecidos.

Flora – Hum! Mas o que vou fazer aqui?

Luara – Eu quero um mais áspero!... Pode ser só um?

D - Só um como?

Luara – Assim... um tecido só!

D – Pode!! Você pode usar o que for necessário para você! Você usa quantos forem necessários!!

As duas constroem as imagens. (Flora começou a imagem pelo tecido que representava a relação conjugal, depois os filhos e, por último, ela mesma. Luara, a seu modo,

iniciou com a imagem dela na presença do ex-marido e, depois, na ausência dele.). Luara terminou primeiro a construção da imagem escolhida e ficou esperando que Flora também o fizesse.

D - Pronto? Todas duas? Então... vamos ver daqui de fora? E eu gostaria que vocês apresentassem para a gente!

Naquele momento todas nós estávamos no contexto grupal e Luara iniciou a apresentação de sua imagem.



(Foto 30. Imagem de Luara na presença)

Luara – O que significa?

D – É! O que vocês construíram!

Luara – O que foi representado aqui... a Luara na presença... e Luara... eu achei assim... como o tule... ele é áspero... essa forma que eu me sinto... ele me passa aspereza!... E é dessa forma que eu devolvo! Eu acho que sou áspera também... por conta do medo!! Eu acho que é insegurança!! E... eu dobrei... enrolei... porque é... justamente como eu me sinto... atada!!! Eu acho que eu não tenho força ainda... para... eu não sei se é força física!! Mas é força para reverter!... Eu não queria me sentir assim!



(Foto 31. Imagem de Luara na ausência)

Luara - E a Luara sem ele... é a Luara rosa... a Luara alegre... a Luara livre... a Luara suave... a Luara leve... A Luara que tem brilho!!! A Luara que não tem aspereza!

D - E pela forma Luara!? Veja!... Pela maneira como está se mostrando aí... nesse palco!? Além do tule ser áspero... do rosa ser essa leveza!... Essa forma...[...]

Luara – Enrolado? É... aquilo ali...

Apontou para o tecido amarelo

é justamente a questão de eu não poder ainda... acho que ainda não tenho força suficiente!!

D - Por isso está enrolada?

Luara – É!! Eu me sinto atada!!

D - E esse tecido rosa?

Luara – Não!!! Aí eu me sinto livre!!!

D - Ok! Então... eu queria que você continuasse construindo as imagens... porque você disse que fica assim...

Apontava para o tecido amarelo

quando está na presença dele! E eu quero conhecê-lo! Como é que ele entra nesta relação com você? E como é ele ausente? Quero que você o traga nessa relação com você! Ele presente e ele ausente! De que forma ele se mostra... de que modo ele se mostra aqui...

Apontava, novamente, para o tecido amarelo

que lhe deixa áspera! E de que modo ele se mostra aqui... na ausência!

Apontava para o tecido rosa

Luara voltou ao palco, para continuar a construção da imagem.

Luara – Eu não sei como é a forma dele!

D - Veja como é que você pode fazer!

Luara – Posso pegar qualquer um aqui?

Referindo-se aos tecidos

D – Pode!

Luara – Aqui é mais separado!

Referindo-se ao tecido branco que representava o ex-marido ausente

D - Você apresenta para a gente?

Luara desceu do palco e iniciou sua apresentação.



(Foto 32. Imagem 2 de Luara na presença)

Luara – Bom... continua a aspreza que eu tinha falado... Muitas vezes eu recebo... e eu devolvo! Mas eu coloquei duas cores... porque eu sempre acho que ele sempre fala uma coisa... e ele nunca mostra o que é!! Ele sempre tem... é como se ele tivesse uma máscara!!! Ele é duas pessoas!! E ele é realmente!! Ele é uma pessoa quando está sóbrio!... E é uma pessoa quando está bêbado! Duas pessoas totalmente diferente!!! E... claro!... com o passar do tempo... eu comecei a acreditar que a pessoa que é realmente... ele é essa pessoa mais escura!! Não a pessoa azul... que para mim ele se esconde!

D - Você não acha que ele pode ser os dois? As duas formas? Os dois modos?

Luara – Eu acho que ele se esconde no azul... mas ele é o marrom! Mas ele pode... até pode ser! Com o passar do tempo eu comecei a acreditar que não!

D - É essa divisão dele... nos dois modos de se mostrar... que a deixa assim?

Referindo-me ao tecido amarelo que a representava

Luara – É o modo mais escuro!! Mas... o outro modo também me incomoda!! Porque ele não está sendo verdadeiro!



(Foto 33. Imagem 2 de Luara na ausência)

Luara – E... a ausência... eu representei naquele paninho branco... e eu estava brincando: “bem longe de mim!”

Riu

Mas... é que na ausência... eu não lembro! Só me lembro quando eu vejo a figura!... a pessoa! Não me passa por nenhum momento... nenhum “flash” a não ser que me questione! Aí... lembro que já vivi esse pedaço na minha vida.! Mas fora isso... não!

D - Só quando essa presença se concretiza [...]

Luara – É!

D - [...] seja pela presença física dele... ou seja... quando alguém se refere [...]

Luara – É!... Se refere a ele!!... Eu acho parecido isso também... com a questão do meu pai!... Quando minha mãe separou do meu pai... eu só tinha onze meses... e eu não tive a presença paterna!... E acontece da mesma forma!!... Eu só lembro do meu pai... se alguém fala... ou se eu o vejo! Se eu passar dois anos sem eu o ver... eu não vou me lembrar dele!

Luara mostra, em suas imagens, modos diferentes de ser ex-esposa quando na presença e na ausência do ex-marido. As suas imagens e falas revelam modos de ser-com. É na co-existência que ela se mostra, às vezes, “atada” e outras vezes “livre”. No entanto o que me toca nas palavras de Luara é que ela toma o outro como referência para falar dos seus modos de existir. Talvez porque, como ela mesma diz, ainda se vê “sem força para reverter”. Penso comigo: sem força para se mostrar sendo si mesma? Parece que, nesse modo, ela dá ao outro o poder de se fazer presente em sua vida, “ditando” seu modo de ser. É como se ela dissesse: eu ainda não me vejo podendo ser eu mesma! (II)

D – Vamos, Flora? Você apresenta para a gente, Flora?



(Foto 34. Imagem de Flora)

Flora – É... eu coloquei esse tecido aqui... grosso... cheio de nós!... E isso era meu casamento!... Eu estava envolvida nesses nós... e bem escuro... bem preto... porque foi uma fase de vida muito ruim... muito negra!!!... Eu e meus filhos e... nós... que eu achava... que não ia conseguir desatar nunca!!!... Aí passei para cá... quando eu coloquei um tecido mais áspero... mas... ainda interligado a ele... que é a relação de meus filhos ainda... ligada a essa relação!... No fundo eu sinto que é... meu filho... por exemplo... não aceita essa separação!... Mas... ao mesmo tempo... não queria que eu voltasse... não quer que eu volte! É algo meio... na cabeça dele... meio... E eu aqui!

Apontou para o tecido laranja

Ainda... um pouquinho ainda ligada aos meninos... mas não a ele mais!!!

D - Isso é o que é estar de fora... que você diz?

Flora – É o estar de fora!... Assim... o pano mole... me sentindo é... livre!! Uma coisa forte!!!... É como eu dizia sempre... que eu... via as coisas... é... igual a quando você vê uma televisão preto e branco... e depois você passa a ver uma televisão colorida!!

D – E... quando você fala... que o estar fora... nesse lugar de ex-esposa... é estar vinculada aos filhos... que é aquele tecido ali... e embora os filhos tenham um vínculo com aquela relação... você não tem um vínculo mais com aquela relação? É isso?

Flora – Não!... É!... Apesar de que...

D - É? Ou não ?

Flora – Não!... Apesar de que... eu ainda coloquei esse pano um pouquinho encostadinho... por conta desse vínculo com os filhos... então quer dizer... que eu ainda tenho algum vínculo com ele! Nem que seja o vínculo de medo!!

D - Você se vincula pelo medo?

Flora – Um sentimento!! Um sentimento! Vínculo não!! Um sentimento de medo de algumas posturas em relação aos filhos... e até a mim!! Mas... eu vejo esse meu medo... de uma forma diferente do que era lá!... Bem diferente!... É o medo de preservação da vida!! É você dizer assim... eu vou entrar por esse beco aqui... eu sei que tem ladrão... marginal... eu vou passar... posso morrer! Então... é essa vinculação aí! De saber que eu corro risco!!

D - Eu perguntei... porque... veja se faz sentido para você... porque na imagem que você faz... a sua forma... esse tecido que lhe representa... não tem nenhuma ligação direta com aquele preto! Não é?

Flora – Não!

D - Que está representando essa relação!

Flora – Exatamente!! Não tem nenhuma! É uma coisa mais leve... mais colorida!... mais... mais flor!!

Riu

Na imagem de Flora, expressa-se claramente que, hoje, sua relação direta se dá apenas com os seus filhos. No entanto vale salientar que o tecido que representa seus filhos trazem a nós que Flora assume como sendo característicos da relação conjugal. Isso aponta que ela está “de fora” daquela relação, embora ainda seja acompanhada por sentimentos atuais, referentes a atitudes do seu ex-marido em relação a ela e aos filhos. (II)

D - As outras duas?

A minha expectativa nesse momento, era que o grupo continuasse espontaneamente as escolhas das duplas. Assim, lancei novamente o convite, esperando que outra dupla se

escolhesse. No entanto, dessa vez, não surge nenhum convite entre elas para formação de dupla! (IPO)

Depois de algum tempo, Mel e Brisa se levantam e vão ao palco.

D – Bom, Mel... eu quero conhecer esse incômodo!

Mel riu

Só que de outra forma!... E ... Brisa... eu quero conhecer essa mudança interior que você fala... que se deu a partir do momento em que você... começou a ser ex-esposa! Podem começar a escolher seus tecidos!

Mel – Mostrar o meu incômodo!

D – É! Quero conhecer seu incômodo! O seu incômodo... e... claro... o que a deixa assim [...]

Mel – O que me deixa assim... com incômodo!!

D – É! Quero conhecer seu incômodo!... O incômodo nesse lugar de ex-esposa!

As duas escolheram os tecidos para iniciar a construção das imagens. Mel terminou primeiro e ficou aguardando Brisa concluir. (Mel iniciou pelo tecido que representava o ex-marido, e depois o que a representava. Brisa começou pela imagem dela depois da separação e, posteriormente, fez a imagem dela, antes da separação). Ao final convidei-as para olharem as imagens construídas de fora do palco.

D - Quem quer começar a falar?

Brisa – Posso começar!



(Foto 35. Imagem de Brisa)

E... quando eu coloco lá... sou eu antes! Eu não sei... se quando eu estava colocando os tecidos era como ex-esposa!... Eu não sei se eu coloquei aí como ex-esposa... ou se... como a minha vida!! Assim... antes... eu me achava uma pessoa alegre... com uma coisa mais definida... com uma coisa mais fortalecida!! Aí... eu não sei se foi o casamento... ou se a fase! E... tudo aconteceu após a

separação! Então... não foi só a separação! Mas a vida profissional... a situação da doença do meu pai... e uma série de outras coisas! Então hoje... eu me vejo... meio enrolada... triste... meio confusa com tudo!!...

Chorou

Meio indefinida!!! Então... eu não sei se essa postura foi só... e eu não acredito que seja... só a separação!! Eu acho que é o momento que eu estou vivendo... hoje!

D - A separação é um dos motivos!

Brisa – Um dos motivos!

D - Aí você consegue identificar a doença do seu pai... a separação... e o emprego! Seriam essas três coisas que você identifica?

Brisa – E eu acho que o sentimento também da solidão!!!

Continuou chorando

D - E tudo isso veio junto?

Brisa – Não! Eu acho... foi assim... eu me separei... um ano depois... eu estava um pouco sem ter noção do que realmente estava acontecendo... como eu falei... que eu estava em depressão e... logo em seguida... perdi o emprego... teve a doença do meu pai... e aí hoje... com tudo isso... hoje eu sinto a presença da solidão!! Que antes eu não sentia! Então hoje... de uns meses para cá... de uns quatro... cinco meses... isso está sendo também forte... que antes não era! Antes era a separação... a doença... e o emprego!

Brisa fala de um sentimento que ainda não tinha aparecido em sua narração, ou seja, a solidão. (II)



(Foto 36. Imagem de Mel)

Mel – O meu... é o incômodo... que eu falei tanto!! É justamente... aquilo preto... que eu adoro preto... mas convencionou-se... a dizer: “mais o preto é uma coisa não muito boa!!” Aí eu coloquei o preto e... no caso... eu não escolhi uma peça branca... mais clara... porque também ainda estou ligada! Então... me coloquei no pano! Peguei o roxo... porque existe esta ligação! É isso que justamente... gera esse incômodo!!!

D – Qual ligação?... com quem?... de quê?

Mel – É essa minha ligação com ele!! Que a gente tem que ter por conta do nosso filho!! E... eu coloquei ele dobrado... o pano dele dobrado... que está representando ele... porque ele não cresceu!! Por conta daquelas

coisas que eu falei! Enquanto eu buscava a minha melhora em todos os sentidos... ele não cresce!! Até hoje continua do mesmo jeito! E no meu caso... eu coloquei um pouco mais alto... porque é... no caso... o meu crescimento!! Tanto profissional... Eu sou essa!

Apontou para o tecido vinho

Embora não esteja mais clara... mas justamente por conta desse meu incômodo!!

D - E onde está seu incômodo?

Mel – Meu incômodo... está no fato... de eu estar ligada ali com o preto!

D - Então o incômodo está nessa ligação?

Mel – Nesta ligação! No vínculo que ainda existe!!! E... o pano está mais alto... eu estou mais alta... um pouco... justamente... porque eu consegui superar muita coisa na minha vida!! Eu cresci profissionalmente... conquistei muitas coisas... e o que... justamente... me fez separar dele... não foi o vínculo... o sentimento... e sim... o fato dele não crescer... que me incomodava muito!! Ai... por isso que coloquei eu mais alto... e ele mais baixo!

Inicialmente, Mel coloca, no filho, uma função de ponte, de ligação entre ela e o ex-marido, afirmando que esse é o seu incômodo no lugar de ex-esposa. Entretanto, curiosamente, a sua imagem não tem a presença concreta do filho, isto é, não é ele quem aparece ligando os dois, como, por exemplo, na imagem de Flora. Penso que a sua imagem revela o “retrato” da relação entre ela e seu ex-esposo. Um sinal disso eu encontro quando ela, no final de sua fala, expressa que o seu incômodo se refere a situações que vivia enquanto esposa, a saber: a vivência de uma relação desigual, na qual ela estava acima dele. Inclusive, afirma que a separação se dá por essa desigualdade e não pelo rompimento do vínculo, do sentimento. Talvez seja por isso que, na imagem montada, os dois ainda estejam vinculados.

(II)

Clara e Cristal se dirigiram ao palco.

D - Eu gostaria que você Clara... mostrasse como é você... em relação à primeira relação! E eu queria conhecer também... essa ex-esposa... na relação com esse ex-marido preferido!

Clara riu

E você Cristal... quero que você mostre para gente... esse não se sentir ex-esposa... não se ver como ex-esposa... não existir como ex-esposa!

Cristal – Ok!...

Riu

A gente pode colocar o tecido em qualquer lugar?

D - Pode!!

As duas construíram suas imagens em silêncio. (Cristal colocou primeiro o tecido que representava o ex-marido, depois construiu a imagem que representava ela. No entanto voltou, várias vezes, para empurrar o tecido rosa. Clara, por seu turno, iniciou a imagem pela primeira relação: a base, ela e o ex-marido; já para representar a segunda relação, começou pela imagem dela, depois a dele e, por último, o vínculo.)

O modo como Cristal empurrava o tecido rosa por traz do palco me chamava atenção, me deixava curiosa e me instigava a investigar. (IPO)

D - Pronto? Vamos ver daqui de fora? Bom... e aí... quem começará a falar?

Cristal e Clara desceram do palco. Ficamos todas no contexto grupal.



(Foto 37. Imagem de Cristal)

Cristal – Bom... é... a cor rosa representa o meu ex-casamento! Eu não gosto de rosa... de jeito nenhum!!! Nem rosa... nem amarelo! São duas cores insuportáveis!!! Eu não gosto de usar! Então... se pudesse ter entrado...

Riu

mais ainda... eu teria entrado ali!!!...

Falava de enfiar o tecido rosa mais ainda atrás do palco, escondendo-o

Então... representa o sujeito com quem convivi! O preto... que está embaixo... a base... é a minha pessoa! Quebrando a convenção de que o preto é tristeza! Não! Para mim... o preto é felicidade!! Gosto muito do preto! Teve o momento... que eu estava muito bem... e de repente... começou a não ficar muito... eu não estou me sentindo bem!! Em alguns momentos... o tule... por ser um pouquinho áspera... é... eu coloco o momento... também... de estar me sentindo um pouco rude com as pessoas! Querendo um momento de solidão... e ao mesmo tempo... querendo estar... querendo estar junto da... das

peças! E o verde... representa para mim... a esperança! Uma busca! Continuidade! Agora... vi que tudo isso... está ocultando a minha felicidade! Eu não estou conseguindo me mostrar!

Esse movimento, feito por Cristal, de esconder o tecido que representa o “sujeito com quem convivi” é produto de uma percepção da existência do outro, ainda que habitando num tempo passado, ainda que mascarado na atuação de anunciar a sua presença. Posso falar, então, que o esconder algo, no domínio do contexto dramático, deixa rastros que redundam num aparecer não intencional, no caso em tela, não apenas desse outro, como também de si mesma. (II)

D - Está tudo sobre você! Está ocultando você!

Cristal – Está tudo sobre mim!

D - Você consegue identificar o que tem ocultado essa sua felicidade?

Cristal – Eu... acredito que... no momento... no momento... profissionalmente eu estou muito bem!! É... eu não sinto falta quanto a isso! É... a relação familiar... sempre foi o que é hoje! Não é muito próxima! Apesar de morar com os meus pais... também... a gente tem essa coincidência!...

Falava de uma coincidência com a história de Brisa

Meus pais não... minha mãe!... Porque eu não tenho pai!! Mas... é... eu acho que... acho não!! Está justamente nessa busca! É... desse companheiro! Que eu acredito às vezes... não por não dar certo... é uma relação... é minha a culpa!... é minha!! Tem alguma coisa em mim... que eu não sei o que é! Não consegui identificar... que é justamente o verde!! Que é essa questão... de esperança de encontrar!

Nesse momento, Cristal retoma conteúdos que são recorrentes em suas falas anteriores: a questão da culpa e o desejo de encontrar um companheiro. Parece que, quando fracassa a camuflagem, a imagem que construiu de si mesma invade a consciência, necessitando ser elaborada. (II)

D - Quando você construiu... você colocou ali... algo que representa “esse sujeito com quem você conviveu”! Está bem lá atrás... bem escondidinho!... Mas mesmo assim... a gente ainda vê!

Cristal – Ah! Porque não deu para colocar todinho! Mas eu tentei empurrar!

D - Se você pudesse... empurrava até lá embaixo!

Cristal – É! Eu tentei empurrar... Porque ele não existe... de jeito nenhum na minha vida!! Não lembro! Só nos momentos que é necessário... diante de um documento que tenha que assinar... mas... se eu puder questionar... não... não existiu!!! E ele só apareceu... quer dizer... tinha que aparecer a pessoa! Então... coloquei ali!

Cristal me fazia pensar que não se olha para o que não se quer ver e eu precisava acompanhar/acolher esse seu movimento. (IPO)

É interessante notar que, na imagem construída por Cristal, se revela/vela uma verdade/escultura que, para ela, não deve ser vista – ainda que se mostre pela negação ou encobrimento verbal. Talvez, até agora, Cristal apenas estivesse contado a *história lembrada*, mas, possivelmente, sequer se aventurasse a olhar/significar para essa história.

O relato da história lembrada é um resgate do vivido e das vivências. Trazer para a atualidade isso que foi vivido é importante, pois faz parte de nossa historicidade enquanto seres humanos. O fazer clínico possibilita esse resgate sobre esse saber que se constitui na historicidade do ser e, por sua parte, a oficina sociopsicodramática está oferecendo a essas mulheres a oportunidade de revisitarem e resignificarem “o mundo do vivido” e, em sendo assim, tornando-as autoras de suas histórias, porque agora capazes de trazer o experienciado à atualidade.

Ao falar de história lembrada, reporto-me a Reñones (2000, p. 55) quando afirma que “Uma história lembrada nunca é a vivida, e esta, por sua vez nada mais é do que o evento na ótica de quem o vive, ou seja, incompleto e parcial, ainda que verdadeiro”. Na continuação de sua reflexão teórica o autor, lembra-se de uma questão fundamental já apontada por Walter Benjamin (1993 *apud* REÑONES, 2000, p. 55), a saber: “lembrar um fato é mais colher o que não se esqueceu do que efetivamente obter uma clara e translúcida imagem do evento lembrado”. Na esteira dessa perspectiva teórica, portanto, parece que a história contada por Cristal sobre a sua experiência conjugal, apesar de ser uma história lembrada – e, mais ainda, nela conter o existir da inexistência do seu ex-marido, como também da sua situação de ter sido casada um dia -, Cristal sinaliza que essa presença não esquecida mostra-se oculta. O ocultamento revela a existência do outro no seu ser ex-esposa no mundo. (II)



(Foto 38. Imagem de Clara – 1º casamento)

Clara – Ali é o meu primeiro casamento! E... eu vejo... era muita imaturidade... era muita infantilidade! Eu escolhi duas cores... bem infantis! Bem... que retrata... um menino e uma menina... e sustentado por uma fantasia das famílias! É assim que eu vejo! E... foi muito fantasioso! Era muita fantasia que tinha! Então... é... tanto que a sensação de ex-esposa... eu consigo ter depois de João! Eu não tinha ali! Não! Eu não me lembrava! Essa sensação que as meninas têm de... eu me esqueço que fui casada... eu não me lembrava que era casada... que tinha sido casada! E... eu passei a ter depois de João! Não! No primeiro casamento eu não tinha! Então... tinha perdido na fantasia! Interessante que eu coloquei duas formas! Eu e ele! Agora vejo que... que o tamanho que eu escolhi para... a cor que eu escolhi para ele... ficou maior! Mas quando eu vi... eu não o vi!... Eu vi meu pai! Acho que eu casei com o meu pai!

D - Qual é a cor?

Clara – O azul! É impressionante!!! Eu me identifiquei... quando eu olhei aqui...

Riu

vê!!!

Riu mais ainda

Quando eu olhei aqui... aí eu... mas eu estou me sentindo aquele! Mas foi a cor que eu escolhi para ele! Aí fiquei uma confusão! Porque eu não vou entrar nessa... porque vai demorar muito para sair!!...

Riu outra vez

Aí... é assim que eu sinto! Por isso... que não afeta tanto! Dele... ah!... o tule áspero... que também as meninas colocaram... que eu fiquei com a infantilidade da cor... mas também as brigas... as confusões... a imaturidade! E aqui... é... eu sinto uma... estava me chamando muita atenção nas falas das meninas... dela!...

Apontou para Mel

principalmente... essa questão!

D - De Mel?

Clara – É... de Mel! Essa questão do incômodo!! Sabe?... eu preciso de alguém ao meu lado... que eu admire!!! Então... esse admirar meu... é essa atividade... essa independência! E eu tendo a buscar pessoas que são dependentes de mim! E eu acabo não admirando!! Então... eu acho que meu casamento... a gente vive legal hoje... eu e João... acho que... esse entorno branco... aqui sou eu... aqui é ele! Ele mais embaralhado! É assim como eu vejo ele! Mais desorganizado... mais embaralhado... mais imaturo emocionalmente... economicamente... uma série de questões! Mas... se tem uma vontade muito grande... de que isso fique em paz!! De viver em paz! A gente está em contato... mas eu não vejo

isso completamente fechado nele! É assim que me sinto hoje!



(Foto 39. Imagem de Clara – 2º casamento)

D - Em você é fechado?

Clara – Eu me sinto hoje... mais em harmonia! Isso aqui... me dá uma certa... me dá uma sensação de harmonia! Me dá uma sensação de movimento... de esplendor... de expansão... de afeto... de uma serenidade que me chega também! Então... eu não sinto assim... eu não sinto... é... João... para a gente conviver... em termos de amizade como hoje... a gente consegue ter esse encontro! Agora... na vida a dois... isso pesa muito!!

D - Isso aqui...

Aponte para o tecido branco

é o que, Clara?

Clara – Isso aqui... é como se fosse a ligação da paz... que a gente tem hoje! O vínculo da gente! E o meu... está mais certo na minha cabeça! O que eu quero com ele... o que eu deixo de querer! Ele não!! De vez em quando... ele ainda tem umas recaídas... e a gente briga por conta disso! É por isso que eu deixei em aberto... e aí... é esse exercício... essa coisa de... tentar conviver de forma mais saudável! O que eu chamo de saudável... por que tem que se afastar... para a gente poder aprender a conviver legal? Então... vamos nos encontrar... vamos nos ver... vamos tomar um chope... vamos sair... só que as vezes... isso confunde com a cabeça dele! A minha não confunde! A dele confunde! Aí é um exercício!!

Encontro-me com expressões de modos de ser ex-esposa, tecendo-se nas linhas relacionais. Presto atenção a Clara, pois ela fala de diferentes sentimentos, percepções da experiência de ser ex-esposa, a partir de duas relações/situações conjugais bem distintas. (II)

D - E você imagina alguma coisa... por que confunde a cabeça dele... e a sua não confunde?

Clara – Eu acho que pela mudança! Eu acho que essa forma que a gente acha... que para ser ex-marido... A relação dele anterior... é em pé de guerra com a ex-esposa! E eu acho que você pode... pertenceu a minha vida... viveu alguns momentos juntos... e por que não ser amigo? Saber ser amigo... viver de forma é... satisfatória!! Encontrar em outros espaços... quer dizer... aniquilar? Eu não concordo com isso!! Eu não queria fazer isso! Foi muito importante na minha vida!!!... para eu simplesmente... desaparece da minha vida!!! Aí aos poucos... a gente vai conquistando isso! É algo que está em construção... em construção! Mas já sinto uma inteireza dessa nova... desse novo papel... em situações- limite... sabe assim?... Está precisando... ai liga!... Porque sabe que vai contar! Eu gosto disso!

Essa fala de Clara me inquieta, pois ela me leva a questionamentos que me têm acompanhado nesta pesquisa. Nessa sua narrativa, Clara retoma o renomear de sua relação, o papel social que joga com o ex-esposo. Digo, de outro modo, que se dá conta de que, com o segundo ex-marido, ela joga um novo papel – o mesmo que, anteriormente, foi chamado de amigo.

Mas eu pergunto: situar a relação a partir desse novo papel social é sair da situação de ser ex-esposa? (II)

D - Você deixa o dele em aberto... porque ele ainda tenta uma aproximação a dois [...]

Clara – É! É!

D – [...] e o seu está fechado [...]

Clara – Para uma relação a dois está fechado!

D - Para essa relação a dois está fechado... embora você esteja toda envolvida ainda por esse vínculo!

Referia-me ao tecido branco

Clara – Esse envolvimento... é a necessidade que eu tenho de me sentir... dessa amizade com ele!

D – O que você quer hoje... nesse vínculo.... é amizade!

Clara – Eu quero ele na minha vida... mas eu não quero ser casada com ele! Eu quero a amizade! Eu digo a ele sempre! Eu gosto da figura humana dele! Eu gosto de quem é João! João assim... a atitude dele! Eu gosto de coisas dele! Agora para conviver comigo não! Eu não admiro! Eu não consigo admirar!

Para uma relação conjugal ela precisa admirar não só a pessoa, mas o marido. Ela o admira como pessoa, mas contraditoriamente, fala do segundo ex-marido como uma pessoa dependente (característica que ela não admira). (II)

D - Você não o admira como marido!

Clara – Ele é muito dependente... ele é muito dependente!... Isso me incomoda muito!!!

D – O que você admira?

Clara – Eu admiro? Eu acho que ele é um homem bom! E isso é raro! Então... eu acho que isso tem que ser valorizado! Agora... na vida a dois... esse meu jeito de ser... faz com que ele fique se sentindo mais inseguro! E isso gera uma série de competições!! Aí... em vez de admirar... passa a querer criticar... passa a querer... aí passa a ser uma relação de desgaste!... uma relação que não é saudável no meu entender! Não me faz crescer!

D - Essa competição é... é um movimento seu?

Clara – É o movimento dos dois! A partir do momento que... eu entendo o sentimento dela... quando Mel fala: “você tem suas conquistas... tem sua vida... tem suas coisas... e tem assim... sentindo uma série de realizações em vários segmentos da vida... não só na vida a dois!” E de repente o outro... isso ameaça o outro! Então... ele vai querer te puxar! Porque ele não consegue te acompanhar! E... puxar em determinadas situações! Então... isso me incomoda!! Aí... eu acho que eu não quero! Eu acho... e é isso!

D – Bom... eu gostaria que vocês comentassem um pouco... sobre as imagens que vocês viram... e as histórias que vocês ouviram... e... contaram! O que vocês gostariam de comentar... sobre essas histórias... de como é ser ex-esposa hoje?

Silêncio

Clara – O que me incomodou... antes de colocar... foi perceber que... nas duas relações quando eu... não consegui começar a falar de mim! Eu fui falar do outro e da relação! Então... não é... eu me senti... parece que é uma coisa tão simbiótica! Que eu não conseguia... falar de mim!! Que é uma movimentação que eu percebo muito mais hoje... algo bem recente!! Eu tive que falar da relação!... quer dizer... estava sendo perguntado como é que é ser ex-esposa?! Quer dizer... falar de mim! Eu não falei de mim! Falei da relação! Claro que eu estou nessa relação!... isso me incomodou! Me incomodou me perceber fazendo isso! Aí pronto!! Me chamou atenção! É interessante como a gente acaba se identificando!! Eu tive muita vontade de chamar Mel para a gente fazer juntas aqui... muita... muita vontade!!

Clara começa a se dar conta de que não se fala eu, sem referir-se a um tu; não se pode falar de ser ex-esposa sem falar do outro, de uma relação. E essa percepção me lembra que somos sempre *em contexto*, uma vez que a dimensão social está sempre presente quando se fala em relação. No entanto ela também expressa o seu incômodo ao falar de como é ser ex-esposa, por ter necessidade de referir-se à relação com esse outro. Ao escutar esse incômodo de Clara, ponho-me a perguntar: qual o contexto para a ex-esposa existir? O incômodo de Clara é com o ser-em-relação ou como ser-nessa-relação?

É interessante considerar também nessa fala de Clara o seguinte aspecto: no início, ela rejeita Mel, mas, ao longo da oficina, ela vai fazendo um movimento de compreensão do seu lugar de filha, de esposa. Com isso, talvez, agora, toma consciência da identificação que tem com a história de Mel. (II)

D - Com o que você se identificou?... e o que a mobilizava para convidá-la... para fazer junto?

Clara – Porque eu acho que é um traço... um jeito de ser parecido comigo... E que eu sempre rejeitei!!!

Outro ponto importante de sua fala, no prolongamento da anterior: o que ela sempre rejeitou, agora, serve-lhe de fonte de identificação. Por quê? Fico pensando se esse outro que

nos coloca em contato com o estranho ou até mesmo com o familiar, ao mesmo tempo que pode trazer desconforto, desalojamento, revela uma possibilidade de ser-com e estar-com?!

(II)

D - Qual?

Clara – Ser mais ativo... ser mais independente! Então... teve uma movimentação no primeiro momento de uma resistência... por conta da figura é... da mãe!... do que isso suscitou! Eu tendo a atrair pessoas mais dependentes... E... eu queria ir até esse encontro! Ai... eu fiquei aqui esperando... não tomei a iniciativa... quem olhou para mim... para mim eu ia retratar um outro tipo de situação... eu não fui! E fiquei esperando! Ai... eu fiz assim... também eu não posso ficar esperando!

D - Quem olhou para você?

Clara – Eu acho que tinha também... foi... me desculpa... eu não lembro seu nome!

Apontou com o dedo para Brisa

Brisa – Brisa!

Clara – Brisa! Eu acho que com Brisa... a gente... ia retratar um outro momento! Eu acho que a gente ia retratar um ponto... que talvez fosse interessante... mas talvez... eu achasse que fosse mais interessante para ela! Para mim seria mais a outra!... Mais ela!...

Apontou para Mel

para minha relação!

D - Que ponto... Brisa e você iriam retratar?

Clara – A questão da traição!... Eu acho... me chamou atenção... foram as duas que eu queria vir aqui!

Referia-se ao palco agora

Achei que seria interessante! Mas eu acho que o confronto com alguém tão ativo... para mim... é uma coisa que sempre me assustou e eu rejeitei! E eu me percebi querendo chegar nisso! Não ter receio disso! De encontrar alguém que tenha essa... que tenha esse traço parecido comigo! Porque senão... fica cansativo! Me dá sono a vida a dois... sentindo monótono! Eu sempre tive medo disso!!!

O que cada um dos membros de um casal espera um do outro se torna muitas vezes, complicado, confuso. As expectativas que Clara nutre em relação ao outro são por demais exigentes e, por vezes, conflitantes ou contraditórias. Interessante pontuar, aqui, que ela fala da sua identificação com Mel e, pelo menos no sentido acima exposto, as duas comungam dessa visão. Entretanto, por força de uma lógica contradição, quando Clara busca pessoas dependentes, para se relacionar conjugalmente, precisa, também, idealizá-lo, ou como prefere

dizer, para admirar um companheiro ele precisa “Ser mais ativo!... ser mais independente!” e Mel, por sua vez, quando busca ser independente, espera sempre que o companheiro ganhe mais do que ela, em suas palavras que “banque a mulher”. (II).

D - E vocês?...

O grupo ficou em silêncio

Flora – A gente falou tanto! É... durante o encontro... mas eu acho que cada uma cresceu de uma forma diferente! Até na forma de se ver! Porque na hora que a gente retrata as coisas... que a gente fala determinadas coisas... é como se eu estivesse falando para você mesmo!! E de repente... não é falando para o grupo... é falando para você!!! De repente... até você se assusta... com as coisas que você está dizendo!!!

Escuto Flora falar que o compartilhar, no grupo, vivências e experiências que cada sujeito/narradora traz consigo, pela própria dinâmica interacional na qual se vê implicada, é um modo de revelar-se a si mesma; é, por extensão, uma maneira de encontrar-se com o imprevisível que a surpreende, já que se faz pela mostraçãõ de si mesma; é, tanto mais, uma condição de possibilidade para o repensar a problemática do sujeito e a sua relação com o mundo. (II)

D - O que a assustou?

Flora – Assim...

Riu

é... de ter me sentido totalmente fora dessa relação... e conseguir me ver fora desse processo todo... apesar de estar numa complicação muito grande com os meninos!! Apesar desse momento... se fosse outra época... nesse momento... altamente angustiante... que está sendo essa semana... hoje então!!! Esse processo hoje está pipocando!!! E eu estou muito leve!! Preocupada com eles... com os filhos... mas eu estou me sentindo leve!!! Fora disso tudo! É um problema dele com os filhos! Eu não tenho nada a ver com isso!! Então... isso até me assustou!!!...

Riu

De me ver retratar isso! E de estar me sentindo desta forma hoje... apesar de todos os problemas! E... é muito bom a gente conversar em grupo... exatamente porque isso... porque... a gente coloca coisas... que a gente só percebe que está passando... que está sentindo... na hora que você se coloca! As vezes... fica pensando que é de outra forma... que é de outro jeito... que é uma tendência de se sentir... vítima! Pára!!! É um passado! Acabou!! Eu estou em outra... em outro momento agora!! Estou em outro pensamento... em outra fase... mesmo difícil... mesmo complicada!... mas eu estou em outra fase... bem melhor do que aquela!!! Fora disso tudo!! Se eu pudesse fazer feito ela... eu faria!...

Falava de Cristal. Riu.

Pegaria aquele paninho ali... e escondia... e dizia... sumiu o falecido! Eu achei engraçado...

Riu

porque ela falou... o sujeito! Eu digo muito o falecido!!

Há algo que aparece na narrativa de Flora que me surpreende: a referência à questão dos vários modos de nomear os ex-esposos (por exemplo, o falecido, o sujeito, ele etc.). No entanto, diferentemente de Clara, assinala, como peculiaridade nessas nomeações, a marca comum da impessoalidade como nota de referência. Eu me pergunto: será que essa impessoalidade mantém essas mulheres na situação de ex-esposa?

Outro traço importante revelado na fala de Flora é a mostração da imagem alegórica como uma porta aberta e assustadora, algo que pode apontar para uma passagem mais além do que imaginamos existir antes da atualização propiciada pela interação grupal. Para mim, seu posicionamento transmite a experiência vivida, isto é, sendo tecida a partir do contato pré-reflexivo com o mundo, para daí, expressar um conhecimento. Vejo que aqui, também, a linguagem não verbal expressa uma forma de conhecimento que parte da ação. Um conhecimento tácito que favorece Flora passar por uma situação que a surpreende, pois nele você, às vezes, até se espanta com o que faz/fez e com o seu próprio modo de mostrar-se. (II)

Cristal – Eu me refiro... o falecido também!

Flora – Apesar de que ele não é falecido! Eu não posso entocar ele assim... porque ainda está muito presente! Ainda fazendo muita artimanha ainda!!!

Cristal – Ela...

Falava de Clara

falou um ponto muito interessante!! Por mais que se peça para falar de uma situação... que é a questão de ser ex-esposa... a gente acaba se colocando mais... até pela necessidade que a gente está querendo... que é falar da gente! E... é complicado para mim falar de ex-esposa!! Porque é assim que eu encaro! Não existe! Não existiu aquele momento para mim!!! Eu até me canso!... quando eu estou assim com... no momento não! Para mim foi ótimo!!! Mas quando tem alguém querendo falar sobre esse processo que está passando... de ser ex-esposa... eu fico me questionando: “por que eu não passo pelo mesmo processo que ela está passando? Por que eu não tenho as mesmas inquietações que ela?” E às vezes... sou até um pouco egoísta!! De não ter paciência de ouvir... porque não sinto da mesma forma!! É... não tem aquele momento para mim!!! Ele não existiu! Não sei o que foi que houve!

Eu me pergunto, em relação à fala de Cristal: por que essa insistência em dizer, reiteradas vezes, que não existe o momento de ser ex-esposa em sua vida, quando, ao falar sobre isso, ela é, visivelmente, tão enfática? Penso novamente que, nela, se reflete a tentativa de esvaziamento de tudo o que viveu em sua relação conjugal, além de desilusão, levando-a à negação de sua historicidade e, com isso, à incapacidade de ouvir o outro, quando lhe fala de seus sofrimentos, isto porque, possivelmente, ao falar de sua experiência, o outro fala da vida e não da morte, do nada. Tal como nos aclara Pompéia (2004), o término de uma relação, mesmo que não tenha ocorrido como sonhada/esperada, não significa um nada. (II)

D – Agora... enquanto Brisa falava... você balançava a cabeça concordando... muitas vezes! Quando ela falava dessas mudanças intermas que ela estava passando! Isso era [...]

Cristal – É porque houve uma... eu me identifiquei com ela... no sentido... quando ela falou no processo que ela está passando hoje! Está um pouquinho atrás para mim a questão da dependência! A gente tem... rompeu a relação... eu voltei para casa da minha mãe! É muito ruim para gente!!! Hoje eu já tentei várias vezes sair! Inclusive eu pensei aqui mesmo: “eu vou sair! Vou procurar o meu espaço!” Porque eu digo: “Oh meu Deus!! O que é que me faz tender ficar aqui? Eu já estou com minha independência...” aí você tem aquele cuidado... por ser uma pessoa de idade... ou eu tenho aquele zelo! Eu perdi meu pai muito cedo! E... eu tenho aquele zelo por ela! Sendo que eu tenho mais cinco irmãos ao meu redor... e por que eles não podem partilhar comigo essa responsabilidade?... e eu procurar o meu espaço? Mas aí é como Brisa diz: “é muito difícil a gente... principalmente voltar para a casa dos pais... a gente não tem a mesma liberdade!” Aí não estava me identificando... e eu consegui me identificar! Apesar de não ser uma pessoa de curtir a vida no sentido de estar saindo muito... badalando muito... não é meu perfil! Eu sou extremamente caseira! Mas estar dentro de casa dependente da companhia... me incomoda... por já ter tido o meu espaço! Por isso quero sair disso! E assim... na questão da busca mesmo do companheiro... dessa ausência! Que eu acho que a gente sempre está se perguntando: “será que o erro não é meu? Será que é em mim que está a deficiência? Será que...” quando os dois têm necessidade de serem trabalhadas! Mas a gente nunca se encontra com alguém que quer trabalhar essas necessidades... superar e caminhar junto! É difícil para mim... e IMPACIENTE MESMO... as vezes... estar falando a questão da ex-esposa!... Porque ela não existiu para mim! Ela passou rápido! Eu vivi um momento de solidão muito grande!!! Ele trabalhava muito... e eu fiquei... porque era justamente o momento para o crescimento intelectual dele! E eu fiquei na espera também... para chegar o meu momento... já que os dois estavam crescendo juntos! Mas... quando eu vi que ele estava crescendo e me deixando... aí me doeu! Peraí!!! Eu não posso continuar desse jeito!! Eu tenho que tomar minha iniciativa! Eu teria que sair dessa relação! Sofri mesmo nos primeiros meses!!! Mas depois... eu apaguei completamente!!! Não tem porque sofrer com isso não!! Para mim... não!!! Eu sofri mais agora... com essa relação recente que eu tive de quatro meses... com uma pessoa que eu gostei demais... me identifiquei demais!!! Estou sofrendo!!! Está fazendo um ano que a gente se separou... mas estou sofrendo muito ainda... em relação a ele! Porque era a pessoa que eu queria para mim!!! Mas ele não tinha a mesma perspectiva... e... vou levando...

Um ponto relevante nessa fala é o fato de Cristal se referir a um sofrimento intenso que ela diz ter apagado completamente. Para ela, suponho, ver-se do lugar da ex-esposa é sinônimo de assumir o lugar do sofrimento. Será por isso que faz uma remissão ao apagamento desse momento de sua vida? (II)

D – E vocês ?...

Dirigia a fala para as outras sujeitos/narradoras

Brisa – Para mim foi muito bom... no sentido... de poder... é... falar sobre isso sem problema... para um grupo desconhecido... que eu vi pela primeira vez... fora Suely e Socorro! Para mim então... isso foi muito bom!!! Mas... ainda é muito doloroso!!! Mas assim... me faz sentir um pouco mais forte!

Mel – No meu caso... eu estou quase como ela!...

Dirigia os olhos para Cristal

Eu não lembro assim... porque é uma coisa que eu não lembro no dia-a-dia... eu sou ex-esposa!... a não ser pela questão de ter que falar as vezes com ele... de ter que contatar! Mas... a questão de ser ex-esposa... como é ter sido! Isso também... não tem muita presença na minha vida! Até porque... eu rejeito essa questão de casamento... de esposa! Não é a família!! Que eu adoro!... é a base de tudo mesmo!!! Mas essa questão da instituição... de ser casada! Tanto que não fui casada no papel! Fui morar junto! Mas... infelizmente hoje... existe ainda o preconceito! Eu queria ter falado isso aí... da última vez que eu falei... mas como ela...

Apontava para Luara

também falou da festa no prédio dela... também teve uma festa no meu prédio! E foi ontem... e só vim me tocar... quando eu estava na cama... uma zoada... o cheiro da feijoada! “Meu Deus! É a festa!” Porque fez uma festa para conhecer... é um prédio novo e... realmente elas fizeram isso... falar... dizer de onde é... casada com quem... tal... E tem duas crianças lá no prédio... que têm mais ou menos a mesma idade do meu filho! E teve uma festinha desse menino... tem uns quinze dias lá no prédio! E eu fui! Eu fui com meu filho! Aí foi eu... minha mãe... meu filho e a babá! Aí eu olhava para as mesas... todo mundo casado! O marido... a esposa... os filhos... Os filhos comendo com os pais na mesa... E... há um preconceito! Não chegaram para mim para perguntar: “olha... cadê o marido?” Mas na hora... é com o olhar que passa!!

Na fala de Mel há um flagrante reconhecimento de que a situação de ex-esposa vem carregada de um preconceito social, ainda que não verbalizado! (II)

D - O que esse olhar passa para você?

Mel – Passa preconceito! Principalmente depois que eu falei... ave-maria! Olhei a hora e disse... eu vou para boate ainda hoje! Aí pronto! Foi que todo mundo quase me matava!...

Ela e o grupo riram

Então... meu filho para completar... derrubou guaraná em mim... eu achei ótimo!... porque eu fui cedo... troquei de roupa...

O grupo riu

Então!... há os olhares críticos!!!... “ave-maria!... a gente está planejando ter um filho...” aquele papo... que não me interessa... nunca me interessaram!!! Coisas sobre casamento... sobre filho! Então eu fujo disso aí! Eu fujo... e logicamente... seria bom para o meu filho... estar presente nessas coisas... enfim... é o preconceito!!! Existe!... a gente está em pleno século XXI... 2004... mas... de achar que você... por não ser casada... você é livre! Você está com um... com outro... não é bem assim!!!

Cristal – Cultura!!!... que se criou... e a gente está presa a ela... infelizmente! Agora uma coisa me deixa feliz!! É quando no decorrer de uma amizade... que aí o pessoal diz assim... descobre que eu fui casada... porque eu não digo de jeito nenhum!!! E descobrem: “mas não parece!!!” “Que coisa boa!”...

O grupo riu

Não sei o que é que tem que parecer! Mas é muito bom... quando alguém diz: “não parece de jeito nenhum... que você foi

casada!!” Então... m-a-r-a-v-i-l-h-a!!! Então... dez para mim!!! É muito bom!!!

A cada fala de Cristal fico mais instigada a olhar para o seu movimento de ocultamento desse ser ex-esposa. Agora, ela acrescenta mais um aspecto, que é o próprio ocultamento, em suas relações sociais, do fato de ter sido casada. (II)

Mel – E tem pessoas... lá no meu trabalho... que conheceram meu marido... meu ex-marido... e gostavam muito dele! E então: “Mel... até agora você não arrumou outra pessoa?” Mas a gente tem que ser casada? A gente tem... Não tem!!! Eu... sinto vontade de ter alguém sempre ao meu lado... não sei ficar só também! Mas... a questão do casamento... morar com a pessoa... então fica uma cobrança: “mas não é possível!!! Como é que pode?? Não vai aparecer mais ninguém não? O que está acontecendo? Não sei o que...” entendeu? Ficam cobrando!!! Por que a gente não pode namorar?... ficar?

Flora – Isso é verdade!!! No meu primeiro ano de separada... eu senti assim... eu tinha dias que eu tinha ódio!!! Vontade de chorar... porque ficava cobrando... minha família... inclusive meus irmãos iam lá em casa... se reuniam e diziam: “por que que depois... eu com tanta liberdade... eu ansiava liberdade... eu queria... eu vivia presa dentro de casa... ou numa fazenda no final de semana... porque eu depois de separada... não saía... eu não estava em barzinho... eu...” POXA!!! Não é o meu momento!!! Eu não quero!!! Isso não é porque eu estou triste!... ou porque não estou com ele não!!! É o momento!!! Porque teve esse momento... depois chega o momento que você quer ir... aí você vai! Chegou o meu momento! Aí chegou o meu momento de ter alguém... ou chegou o meu momento de não ter ninguém! Mas as pessoas te incomodam com isso!!!

Mel – É.

Flora – Ficam em cima! Pressionando!!! “Por que não se casa? Por que não sai? Por que está dentro de casa? Está curtindo fossa?”

Cristal – Porque a liberdade para muitos... é você estar fora... se divertindo... curtindo... dançando... passeando... e se a gente não tiver essa seqüência... esse ritmo [...]

Mel – Você está sofrendo! É!

Cristal – [...] então você está sofrendo! Se não está curtindo... está ficando só... você não é normal!... isso não é normal!!! Aí eu digo assim: “olhe! Eu vou romper... mesmo que vá pagar um alto preço... na questão de estar sozinha! Mas eu vou romper justamente... com esse contexto que criaram de que o preto é tristeza! Porque para mim não!... é felicidade! E felicidade é estar num bar com o grupo de amigos? De forma alguma!!! É estar numa calçada... e fazer daquele momento... com uma pessoa ali... conversando... ser... sem carregar na cerveja!” Eu não curto essas coisas!!! Tive oportunidade... e tenho liberdade para escolher! E já fiz!! Mas aí não me completa viver assim... sexta-feira, final de semana, num barzinho, curtindo... não!!! Eu gosto muito de ir ao cinema! Se tiver oportunidade de ir ao teatro... ir ao teatro! Então assim... a dois... a três... conversando... batendo papo... tendo a certeza de que aquilo ali tem uma continuidade! Que são amigos!!! Que é o que eu tenho!... Que na hora que precisa... está lá... junto com a gente! E isso eu curto!! Mas ficar na ativa... naquela loucura... de corre-corre... de muito... Ah! Isso não é minha praia não!... como se diz!

Nesse diálogo, surgido a partir da fala de Mel, ouço a repetição do olhar preconceituoso para a ex-esposa. E não posso deixar de retratar o seu espanto com essa presença, em pleno século XXI, como é lembrado por Mel com a concordância da maioria do grupo. Novamente, tudo isso me remete a pensar na constante convivência do novo e do arcaico nos modelos e ideais familiares/sociais, a me lembrar o quanto a velocidade das

mudanças confunde e contribui para o ser humano encontrar-se (des)instalado, uma vez que as mudanças na subjetividade têm um outro ritmo. Tudo isso mostra o revelar da dimensão existencial pelo âmbito cultural. (II)

D - E você... Luara?

Luara – Ela falou da questão do medo que ela tem... de casar de novo... morar junto... eu tenho assim...

D - Ela quem?

Luara – Como é seu nome?

Mel – Mel

Luara – E também... a busca!! Eu queria também uma pessoa!!! As vezes... eu sinto falta de uma pessoa do meu lado! Mas... em contrapartida... tem esse medo... de morar junto... casar... de ter que dividir!! E... acho que não é nem dividir! Acho que é o medo da reação das pessoas!... não sei!... Eu acho complicado isso ainda!! E a cobrança também... pôxa!!! “Vai fazer o quê? Seu ex-marido já casou! Já tem uma filha! E você tem que resolver sua vida!!” Acho que eu estou resolvendo minha vida... independente de ter uma pessoa do meu lado... ou não! Tem tantas coisas que eu quero... que eu ainda não concretizei... por que eu tenho que estar com uma pessoa do meu lado? Acho que agora não!!! Eu não vou ter tempo para dispor para essa pessoa! Agora não!!! Eu quero tempo para mim!!! Eu já dediquei muito meu tempo para os outros!!! Eu acho que o sentimento que tenho de casar de novo... eu não sei se eu quero me casar de novo!

D - Desde o início da oficina... vocês têm falado... mostrado... como é ser ex-esposa hoje... para cada uma de vocês! Agora... vocês também têm expressado... algumas identificações umas com as outras... desde as narrativas... assim como... quando do convite para subir no palco acompanhadas! E nas histórias e comentários... vocês começaram a trazer... algumas relações/aproximações que foram fazendo com as histórias... uma das outras... não foi? Vocês falaram de... preconceitos!... medos!... conquistas!... relações sociais!... relações afetivas!... dependências!... independências!... E aí eu gostaria... para a gente finalizar... de convidar todas vocês ao palco! Convidar todas ao palco... e com esse material... que vocês já trabalharam...

Falava dos tecidos

eu gostaria que vocês construíssem uma imagem coletiva... que possa retratar o nosso tema... a experiência de ser ex-esposa hoje! A partir de tudo o que vocês conversaram... que vocês falaram... que vocês ouviram... que vocês viram... e que vocês viveram... quero que vocês construam uma imagem coletiva... que possa retratar essa experiência de ser ex-esposa hoje!!

Naquele momento, tendo o grupo como protagonista, iniciei a etapa da ação dramática, trabalhando com a técnica de construção de imagem com tecidos, agora objetivando a construção de uma imagem coletiva. (IPO)

O grupo subiu no palco. Primeiramente Cristal, em seguida Luara, Brisa, Clara, Mel e Flora.

Imperava entre elas um clima de intensa alegria e desenvoltura (todas falavam ao mesmo tempo, riam muito etc.). Confesso que, por conta disso, ficou muito difícil

acompanhar todas as falas (nas gravações, se nota, aliás, o quanto as falas foram prejudicadas, quer na qualidade auditiva da pronúncia das palavras, quer na clareza da identificação de suas emissoras). Nem por isso, contudo, deixei de identificar algumas falas, o que possibilitou fazer uma descrição, logo após o transcurso da “babel sonora” do grupo. (IPO)

Clara – É complicado!!!

Mel – Ela... vai pegar o paninho dela logo! Ela vai botar o paninho dela ali!

Referindo-se a Cristal. O grupo riu

Cristal – O grupo está com muita alegria!... viu!? Se é para fazer... vamos pegar o pano!

Cristal se dirigiu para o cesto com os tecidos. O grupo todo a acompanhou.

D – Vocês podem ir construindo... podem desmanchar... refazer! Porém construam coletivamente! É uma imagem única!

Flora – Colorido!

Brisa – Amarelo!

Luara – Ela...

Referindo-se a Cristal

fala do rosa! Eu não usava... eu só usava o preto! Eu amava o preto!... Até que um dia eu disse assim... “eu vou usar tudo misturado!” E hoje eu gosto de rosa... amarelo... de todas as cores! Raramente eu uso preto agora! Eu gosto das cores!!!

A partir dessa fala, o grupo ficou mais em silêncio, o que possibilitou compreender o que cada uma falava por sua vez. (IPO)

Clara – Cada uma tem seu jeito!... não é?

Flora – Um círculo assim... todas entrando!

Clara – Cada uma tem sua história... cada uma tem seu jeito!... mas assim [...]

Mel – Cada uma tem um jeito de cada uma!

Clara – É! Trazendo o movimento da gente!... a angústia!...

Flora – Eu estava pensando nisso! A gente bota um bocado de pano... assim... cada um representando cada uma de nós... mas todos eles convergindo para ali!...

Apontava para o centro

Essa necessidade que a gente tem... como ela...

Identificava-se com Luara

estava colocando... da gente se encontrar... da gente se buscar!... como se a gente não tivesse vivido esse momento da vida da gente!!! Todas nós estamos querendo entrar... em cada uma de nós... e se buscar!!! Esses panos todos voltados...

Mel – Vamos escolher? Cada uma escolhe a sua cor!!

Clara – Então cada uma vai se escolher?!

O grupo riu

Luara – Rosa!

Cristal – E eu vou ter que romper com o grupo... viu? Não é tristeza não!!! Eu gosto... e é para entrar!

Pegou o tecido preto

Mel – Eu gosto de marrom! Isso é marrom?

Cristal – Não! Isso é vinho! Marrom é esse!!

Flora – Eu já tinha pegado... toma esse vermelho?!

Riu e falou para Clara, que foi pegar o tecido laranja

Todas já tinham escolhido os seus tecidos para construir a imagem de si mesmas.

Flora – Vamos tirar isso daqui!...

Apontava para os tecidos que estavam espalhados no meio do palco

Com a retirada dos tecidos espalhados no meio do palco, as sujeitos/narradoras começaram a construção da imagem formando um círculo, com um grande “vazio” no centro.

Pensava, naquela hora, que o grupo, depois de um tempo de desalojamento – no qual era difícil escutar e ser escutada, pois todas falavam e riam muito alto ao mesmo tempo - encontrou um modo/caminho integrado e consensuado para iniciar e terminar a construção da imagem coletiva. Importa salientar, no entanto, que esse caminho começou pela descoberta/consciência da dimensão pessoal/individual. Por isso, o processo de construção partiu do princípio “cada uma construindo a sua imagem sozinha”, mesmo que tendo em mente compor uma imagem única, coletiva. Naturalmente, ainda estavam num âmbito de

“pessoalidade” muito presente, pelo manifesto, para fazer de uma narrativa algo coletivo.
(IPO)

Cabe ressaltar, como já referi anteriormente, aliás, que a imagem não é uma reorganização, nem uma reutilização das narrativas, mas a resposta das ressonâncias sentidas pelo grupo (REÑONES, 2004). Cada narrativa individual traz uma vivência única que diz não só de quem fala, como também dos grupos com os quais tem identidade, assim como do *socius* a que pertence. Desse modo, vou percebendo que, nos processos arquitetônicos das dinâmicas grupais, não se passa por histórias pessoais sem razão. Elas estão lá, mas agora não mais numa linearidade, pois o que as acompanha, naquele momento, é também a história daquele grupo. Por conseqüência, o entorno inter-relacional que se cria, está sendo disponibilizado para a criação de histórias, o ponto de abertura para a grupalização.

De fato, então, no agora experimentado pelo grupo, a história não é mais de ninguém e ao mesmo tempo é de todas as sujeitos/narradoras, pois ela passa por alguém dali, numa corrente afetiva de comunicação que conecta a todas elas e, através desse trânsito de co-existencialidade, ela pode ser agora testamento do coletivo. (II)

Flora colocou um tecido branco no meio da imagem.

D - Aqueles tecidos ali... fazem parte da imagem?

Referindo-me aos tecidos que estavam soltos no palco

GR – Não!!!

D - Então passem eles para cá!...

Os tecidos foram recolocados no cesto

Pronto? Então... quero que vocês saiam do palco.... e falem para a gente sobre essa construção! Sobre esta imagem da experiência de ser ex-esposa!



(Foto 40. Imagem coletiva do grupo)

Naquele momento trabalhei novamente com a técnica do espelho.

Flora - Como ela estava colocando inicialmente [...]

D - Ela quem?

Flora – Clara! A gente precisava é... a gente precisou quebrar muitas coisas... no sentido de quebrar principalmente o casamento!... para poder compreender algumas coisas! Mas no fundo... todas nós estamos com necessidade... estamos tendendo a entrar dentro de si!! Entrar cada uma dentro de si!... para buscar lá dentro de si... essa paz... essa tranquilidade... esse reencontro!

Nessa fala escuto um vivo desejo de promoção de outros modos de singularização da ex-esposa, através de rupturas e quebras dos modos de subjetivação até então dominantes.

O tema da oficina, a experiência de ser ex-esposa, dá lugar ao tema protagônico dessa experiência: “a busca de si mesma”. O tema protagônico é um termo criado por Luiz Falivene Alves (1999) para designar o texto, o roteiro ou o assunto construído e desenvolvido durante a etapa da ação dramática. Por essa via, entendo que o tema protagônico possibilita a ampliação da nossa compreensão da questão de minha pesquisa, a experiência de ser ex-esposa, pois ele anuncia e coloca em foco o(s) sentido(s) que aquela história tem para o grupo. (II)

D - Onde está... na imagem... esse dentro de si?... essa paz?

Luara – Aqui oh!

Apontava para o tecido branco

Flora – No branco!! Cada uma dessa cor... representa cada uma de nós!

Clara – Cada uma escolheu uma cor que se identifica!

Flora – E cada uma colocou um pedaço de... é... a gente entrando dentro de si!!

Flora subiu no palco e levantou o tecido branco, para mostrar que tinha uma parte de cada tecido colorido, que representava cada uma delas, sob o tecido branco, simbolizando essa “busca de si mesma” tão comum a todas elas. Flora, por sua vez, desceu do palco e continuou falando.

Flora - Como se esse círculo fosse o dentro... esse centro... esse branco fosse o eu de cada uma de nós!!! Então... a gente precisou romper... para poder entrar nesse... nessa busca! Foi mais ou menos isso!

Luara – Acho que ainda se busca! Está se buscando o equilíbrio!... a serenidade!... Acho que é isso que a gente busca!!

A vivência de rupturas, tão próprio do ser humano contemporâneo, se faz presente, novamente, na fala de Flora. Entretanto o mais importante é que tanto ela como Luara falam de estarem situadas, ainda, num lugar de transitoriedade, de busca. Para isso mostra a vivência da desterritorialização da ex-esposa na busca de uma singularização da mulher. (II)

D - Onde você está vendo isso, Luara?

Luara – No branco! No branco! Foram experiências diferentes... mas a busca é essa!!!

D - Quais são as experiências diferentes?

Luara – É mais nas cores! Cada uma tem uma experiência!

D - Quem é cada uma? Está representada cada uma?

Clara – Está!

Brisa – Está! Cada uma é uma cor!

D – Cada uma dessas cores... representa quem?

Luara – Luara é rosa!

Mel – Eu sou essa escura!

Cristal – Eu sou essa!

Apontava para os tecidos preto e branco

Brisa – Amarela!

Clara – Vermelho!

Flora – Eu sou laranja!

Clara – Acho que cada uma... é assim...

Luara – E eu vejo como Cristal... que são experiências diferentes... que têm uma coisa em comum! Mas a

busca...

D - O amarelo é Brisa!

Luara – É! Brisa... é o amarelo!

D - O rosa... Luara! Laranja... Flora! Aquele vermelho com rosa e azul... é Clara! O preto e branco... Cristal! E o marrom e branco... é Mel! Então... cada uma... cada experiência... de cada uma ex-esposa... está representada nesses tecidos!... E ali no meio... é a experiência de ser ex-esposa?... Ou tudo isso... é a experiência de ser ex-esposa?

GR – Tudo isso!!!

Clara – Tudo isso! Agora o que a gente percebeu... é que tem em comum esse encontro com a gente! Cada uma está se buscando! Que foi simbolizado com esse pano branco no centro! Mas... a gente percebe que cada uma tem uma história!... Cada uma tem uma trajetória!... Mas... parece que a gente precisou romper... para poder buscar esse encontro com a gente!!!

D - Romper com quem? Com quê?

Clara – Eu acho que... eu acho que a gente não teve um período de encontro com a gente!! Assim... saber... quem é Clara? O que que é Clara realmente? É a Clara do pai?... da mãe?... da sociedade? Então a gente teve que... eu tive que romper!! E romper duas vezes... tamanho que estava em mim!... para poder separar mais o que sou eu!! E a gente conversando... parece que foi uma movimentação... uma busca por si!!

O tema da ruptura é recorrente nas falas dessas mulheres, no sentido de ser uma pré-condição para existir uma possibilidade de construção da singularidade e da pluralidade. A desterritorialização se mostra, mais uma vez, como possibilidade para construir o processo de singularização, ou seja, como cada uma delas se constituirá *sendo uma mesma outra*. Todo esse movimento lembra um momento de crise, no sentido de ser um instante de mutação, transição. Uma situação de encruzilhada, de escolha que, ao ser vivenciada, expressa um modo subjetivo de experimentar o acontecimento. A crise então se mostra como uma possibilidade de fazer experiência (MORATO, 2003)⁵⁶: E, nesse contexto, fazer a experiência de ser ex-esposa. (II)

D - E pelo modo como vocês construíram... o que essa imagem parece... lembra?

Flora – Não!! Eu tentei... eu tentei... quando eu coloquei o pano ali...

Referindo-se ao palco

eu tentei visualizar esse círculo... como a gente estava!

⁵⁶ Reflexões obtidas através de anotações em aula, na disciplina Clínica Fenomenológica Existencial II, ministrado pela professora no Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP, durante o período do segundo semestre de 2003.

Clara – Parece um útero!!! Eu me dei conta agora... que parece um útero!

D - O que lhe lembra um útero... Clara?

Clara – Engraçado!! Incomodou quando eu vi! Quando eu me dei conta que parecia um útero! Agora eu acho...

Chorou

que é a angústia do que estava falando anteriormente... parece que a gente não rompeu! A gente não conseguiu se buscar... o que é realmente cada uma! A gente está nesse processo agora... de busca... que é cada uma... de se buscar!!!

É interessante que Clara se surpreenda com o que vê expresso na imagem alegórica. O que novamente fala, nessa imagem, é que o contato pré-reflexivo com o mundo nos coloca, muitas vezes, diante do inusitado, provocando susto, ao mesmo tempo em que possibilita a elaboração da vivência. Ela também me surpreende com a sua percepção da elaboração do grupo, o fato de estarem, todas elas, nesse momento, em processo de busca de si mesmas. Talvez tenham vivido a separação sem se darem conta do lugar de ex-esposas. Mas eu me pergunto: será que, ao romperem com o casamento, já conseguem romper com o lugar que ocupam na relação com esse outro? Ou será que já conseguem se deslocar desse lugar e transitar em seu próprio desalojamento? (II)

Luara – A busca!! Eu acho... e dúvida!

D - Está sendo um processo?

Luara – É! Um processo ainda!! Incertezas ainda!!!

Luara, Clara, Flora falam da importância de se assumirem como ex-esposas. De outro lugar experiencial, eu sinto que há uma reivindicação existencial comum: todas desejam se comprometer com a condição de passageiro, de viajante. Isso me leva a olhar para a experiência de ser ex-esposa com novos olhos – visto que eu mesma devo comprometer-me com o caminho -, a saber, como uma *experiência de estar ainda em processo de, de estar no trânsito*. Estar no trânsito é, de alguma maneira, desconstruir a imagem, quer dizer, o papel de esposa que se formou e nutriu. Ser ex-esposa, portanto, ainda é próprio da transição, muito

embora, seja ainda o estar atrelado a uma posição anterior. O lugar dela (de esposa) ainda é a referência. Tem o *ex* que significa que não é mais o que era; mas ainda é uma referência ao ser esposa. Não tem ainda uma nova nomeação. É algo novo ainda por nascer. Desse modo, esse termo *ex-esposa* está ligado à questão da temporalidade: refere-se, por certo, ao passado – esposa - que é presente - *ex-esposa*. Mas, se dura no tempo, esse “*ex*” aponta para “um fora” (futuro). Cabe, então, questionar: para onde está apontando? Para ser, no caso da *ex-esposa*, uma outra possibilidade de ser si mesma?

A narrativa dessas mulheres indica que a subjetividade é intrinsecamente processual. Em sendo assim, o falar da *ex-esposa* é ainda tomar como referência de leitura uma perspectiva que organiza a constituição de sua subjetividade, de alguma maneira, a partir de um modo convencional – e, como tal, ideologicamente naturalizado - de ser esposa, e que fundamenta sua identificação social.

No caso das sujeitos/narradoras, ao tempo em que se compreendem como ser na possibilidade de estar-a-caminho, em busca de si mesmas, é imprescindível que se deparem, também, com a dimensão do cuidado, pois cada uma tem que cuidar/cuidar-se para desconstruir, para que possam se afirmar, se encontrar e buscar sua singularidade. Na realidade, tudo isso para nomear a tarefa de um que-fazer que tem a autenticidade como escopo de seu *ethos*. Esse encontro de si, porém, solicita uma outra apresentação (presença e endereçamento). Será que nessa outra apresentação ainda fará sentido o termo *ex-esposa*? (II)

D - E as outras pessoas... o que pensam? O que vêem?

Brisa – Eu particularmente... quando eu estava colocando o tecido... e depois... quando observei... que as coisas não acontecem... nada por acaso... principalmente no espaço aqui do Psicodrama! Que eu olhei... e eu cheguei próximo... foi que eu vi... que meu tecido está pelo avesso!! É como se eu estivesse me sentindo bem pelo avesso!! E realmente estou nesse movimento de querer me encontrar!... de querer paz!... de querer tranquilidade!... Estou realmente indo em busca! Só que... estou ainda desarrumada!!! Mas estou querendo!... Estou em busca!

Chorou

D - Que mais na imagem chama atenção... no modo como está se apresentando?

Mel – Como ela disse...

Apontava para Flora

que lembrou do círculo... acho que a coisa deu certo... quando chegou aqui!...

No tecido que representava ela mesma

aqui quebrou! Acho que o círculo dá a idéia de homogeneidade! E no entanto... não está círculo na verdade!! Quer dizer então... que a gente é... claro!... cada uma aqui tem um objetivo! Embora a gente chegou à conclusão... que isso aí... é o objetivo da gente!...

Apontou para o tecido branco

que é conhecer... voltar para dentro da gente mesmo! Mas... eu tenho impressão... de que essa quebra está justamente significando... que não está na hora ainda!... que não é o momento! A gente... lógico!... está buscando... mas que vai chegar lá! A gente ainda não está pronta!

Brisa – Eu já vejo assim! Não é que a gente não esteja pronta!! É que cada uma... a gente tinha que formar um círculo... de qualquer jeito a gente conseguiu... porque... a gente está com um objetivo só! Só que... cada um se movimenta de um jeito para isso aí!! Quer dizer... para mim hoje... talvez essa paz de espírito... não só o companheiro... mas o meu lado profissional!! No caso dela...

Referindo-se a Luara

é uma coisa de conquista só pessoal!! No meu caso... o lado profissional... o lado dela seria ela conhecer ela própria!! Então... não dá para fazer uma coisa muito igual... Porque a gente está com um objetivo único... mas cada uma tem uma história... cada uma está buscando alguma coisa!! Apesar de ser a paz de espírito... a minha paz de espírito... vai depender de uma coisa!... a sua vai depender de outra!... a dela... Cada uma... essa paz vai chegar de uma forma diferente!! Talvez hoje... se eu estivesse profissionalmente bem... eu estivesse do jeito que estou... e bem!!! Talvez com algumas dificuldades... mas nem tanto! Talvez se ela...

Apontou para Luara

hoje... tivesse conquistado... conhecido ela mesma... talvez isso já... Então... acho que é o momento de cada uma... que não dá para ser tão...

Fez um círculo com o dedo, no ar

D - Igual?

Brisa – Isso!!!

Clara – O que me chamou a atenção aqui... na minha forma... é que eu... teve uma época que eu rejeitava muito... o que era... ou o que tinha passado pela minha vida! E de repente... eu escolhi... eu peguei... só me dei conta quando eu cheguei aqui!...

No contexto grupal

que a minha história está aí!...

Apontou para o palco, para imagem

E que aí sou eu!! E que bom que sou eu!!! Agora sou eu transformada!!!... Então isso me fez bem!! E

eu acho... que ainda tendi a pegar um outro... que me chamou mais atenção no momento!...

O tecido laranja

Mas se teve uma impossibilidade...

Flora pegou o tecido laranja antes dela

aquilo não me causou nenhum tipo de desconforto não! Ai... imediatamente eu pequei o vermelho... e quando vi... escolhi as cores exatamente que eu retratei lá! E eu gostei disso!! Ai sou eu!!!

D - Mais alguém?

GR – Não!

No contexto da elaboração dessas falas, em definitivo, fui surpreendida pelo grupo, quando ele traz um novo sentido para a experiência de ser ex-esposa, de *ser sujeito constituinte no trânsito, na busca de ser si mesmo*. Naquele momento, também, eu e Claudine, mais uma vez, nos olhamos comunicando, tacitamente, a nossa surpresa!

Igualmente, ao mesmo tempo, confirmei que uma imagem, só “é” para quem a vê, ou seja, ela é para o sujeito e, portanto, não podemos trazer conosco, propriamente, generalizadas informações nem sobre a imagem, nem sobre o sujeito. Qualquer que seja, pois, sua realidade, ela apenas revelará um modo de ser dessa relação constituída, porquanto é sempre para essa relação que devo olhar, visto que é ela que constitui os sujeitos enquanto tais e, no caso em foco, como participantes da experiência de ser ex-esposa. (IPO)

A esse título, portanto, não existe saber pronto. E, ao trabalhar com imagem, não posso pensar diferente. Também aqui essa tarefa de conhecimento deve assumir essa perspectiva de um saber inacabado. Caso contrario, é correr o risco de transformar a imagem em um conceito que é seguro e definido. Talvez assumindo isso, certamente, não irei precisar de métodos de pesquisa que sosseguem a angústia do desconhecido, mas sim de um método que me conecte com uma possibilidade infinita de encontrar novos sentidos ao que construímos/produzimos/contamos/narramos. Ora, ao falar dessa caracterização da pesquisa que possibilite um ritual de conhecimento constante, na verdade, esteja assumindo minha

própria busca de mim, de meu sujeito constituinte no trânsito que quer “saber o sentido dessa experiência de ser ex-esposa”. Em suma, o contato com esse grupo, vai me colocando em sintonia com esse encontro de novos sentidos de ser ex-esposa. E isso, ao mesmo tempo, é um norte compreensivo que vai apontando para minha pesquisa. (II)

Nesse ponto, o grupo encerra os comentários sobre essa história construída a partir da imagem alegórica da experiência de ser ex-esposa.

D - Então agora... cada uma de vocês vai ocupar com o seu corpo... esse espaço!

Mel – Esse?...

Apontou para a imagem

ou o palco?

D - Esse espaço!...

Eu falava da imagem

Podem tirar o tecido... e... cada uma vai ocupar... com o seu corpo... esse espaço!

Tiraram os tecidos que representavam cada uma delas. Sentadas em seus lugares, colocaram as mãos embaixo ou perto do tecido branco posto no meio da imagem.



(Foto 41. Imagem coletiva corporal e com tecido)

Quando o corpo entra em cena, a imagem, anteriormente feita com os tecidos, é transformada. Naquela escultura, os tecidos, que representam cada uma delas, têm uma parte sob o tecido branco. Nesta outra - quando põem o corpo em ação - apenas algumas mãos

permanecem embaixo do tecido branco. No novo desenho, o corpo anuncia/revela a relação de cada uma com a busca de si mesma. (II)

D - E aí... vão experimentando esse lugar!!

O grupo ficou um tempo em silêncio, parado, experimentando aquele lugar.

Como, a partir daquele momento, a proposta era trabalhar com expressão corporal, convidei Socorro, como ego-auxiliar, para ocupar o lugar da busca do ser si mesmo, (Representado pelo tecido branco posto no meio da imagem)... tão insistentemente assinalado pelo grupo nas falas anteriores.

D - E... que forma?... Vocês já sabem a forma que estão!... e... Socorro vai entrar nesse lugar!

Ainda em referência ao tecido branco

Vocês vão dar uma forma a ela! Como é que ela fica? Vocês vão modelar o corpo dela!... Como ela fica? É sentada assim?... é deitada?... é em pé? De que forma ela ficará?

Mel – É voltando para o útero... não é? Uma posição assim...

Mel colocou o seu próprio corpo na posição fetal

Flora foi modelar o corpo do ego-auxiliar, segundo a sugestão de Mel.

Brisa – Não... não!!! Eu lembrei de uma novela... era a transformação do corpo!!! E era... posso me mexer?

D – Sim!! Depois você volta para aí!

Brisa levantou

Brisa – Era uma coisa assim de... um movimento que... de repente... eu não me lembro qual era essa novela! Que era como se... o corpo dela ficava assim...

Abaixou-se, assumindo, com o corpo, a posição fetal

e de repente ia se transformando...

Foi se levantando

completamente livre! Foi o que pensei! Ela ia fazendo esse movimento de estar assim... e de repente... como você falou...

Falava de Clara

a coisa da flor! Ela fazia esse movimento... que seria a coisa da gente... a gente ainda está buscando isso!... mas depois a gente pode subir!

Enquanto Brisa falava, Clara balançava o tempo todo a cabeça, concordando.

D – Clara... é isso?... é assim?

Clara – É!!

Flora – É!!

Mel – É!!

Luara – É!!

Clara – A primeira impressão... quando você falou... me deu a vontade de fazer uma coisa já abrindo!

Referindo-se a fala da diretora

Brisa – Aí depois a gente pode se abrir!

D - Ela começava assim [...]

Coloquei o corpo, do ego-auxiliar, na primeira posição

Brisa – [...] e devagar ela vai se abrindo!

D - É essa forma?

Remetendo-me à primeira posição

Cristal – É ESSA!!! A primeira forma para mim!!! A partir do momento que a gente ainda está nessa busca para dentro!

Mel – É! Eu pensei nessa forma também!

Luara – Exatamente!

Cristal – Para mim é essa! Porque se a gente desabrochar agora... está muito rápido!!!

O grupo riu

Mel – Eu também não pensaria nisso... agora não!!

Cristal – Eu não entraria nisso não!!!... Eu... particularmente!

O grupo riu

Brisa – Eu não sei se é pela minha necessidade... de estar muito incomodada!!!... de querer que isso aconteça o mais rápido possível!...

Toda essa comunicação grupal me faz pensar em um ritual de passagem: gerar, nascer, transformar, morrer/re-nascer. Lembro o que diz Pompéia (2004), quando aponta o que é

importante nesses rituais. Segundo ele, a ambigüidade morrer/nascer está presente nos rituais de passagem, o que requer, da parte dos iniciantes, a ausência da pressa. É necessário passar devagar para evitar confusão. Claramente, Cristal sintetiza essa preocupação - e Mel e Luara, por sua vez, acompanha -, quando diz que, naquele momento, desabrochar seria muito rápido para ela. O que está em jogo, ali, é uma nova compreensão do tempo, pois saber precisar de outro tempo, um tempo para se ver na passagem de algo que acabara e algo novo que pudesse começar a se abrir.

Ser ex-esposa implica desalojamento? Construção de um novo *ethos* pessoal e social?

(II)

Na formulação dessas falas seguidas, o grupo escolheu que o ego-auxiliar permanecesse na posição fetal. Esta foi a primeira imagem do grupo.



(Foto 42. Imagem coletiva corporal)

D - A gente vai continuar o trabalho! Vocês vão voltar a posição que vocês estavam! Algumas mãos eram embaixo... se era embaixo... bota embaixo! E as que não eram embaixo... bota... separada... afastada! E vejam só! Nesse momento... vocês vão... só um minutinho...

Dei a consigna para que o ego-auxiliar continuasse naquela posição, a não ser que elas o movimentassem

Então agora... vocês vão fazer um movimento... Como vocês se movimentam... como ex-esposa hoje?... nesse lugar? Vão começar a dar um movimento ao seu corpo! Cada uma... no seu ritmo... cada uma do seu jeito... dando um movimento!

O grupo começou a se movimentar e, logo em seguida, coloquei uma música. O grupo continuou a expressão corporal no palco.

Naquela etapa trabalhei, notoriamente, com expressão corporal. Nessa técnica as pessoas expressam, com o seu próprio corpo, o que sentem e experimentam ao entrar em relação com sentimentos, pessoas, idéias etc. (IPO)

Flora – A gente pode se levantar?

Foi tirando as mãos de baixo do ego-auxiliar

D – Pode!! Só movimentando o corpo! Agora ninguém vai usar da palavra... só do movimento!

Flora levantou, andou, respirou fundo e deambulou no palco em várias posições.

Clara fez o movimento de debruçar-se sobre o corpo de Socorro. Abriu os braços, como um desabrochar e, depois, movimentou-se no palco livremente.

Mel movimentou os braços - igual a sua imagem na etapa da apresentação de sua máscara.

Luara, em pé, olhava para o ego-auxiliar com a cabeça baixa.

Brisa levantou-se e ficou parada olhando para o ego-auxiliar.

Cristal foi a última a se levantar. Ficou ainda sentada, enquanto o grupo já estava todo em pé. Depois de um tempo, olhando para o ego-auxiliar, debruçou-se sobre Socorro, abraçou-a e levantou-se.

Posteriormente, o grupo ficou parado, cada uma em um lugar do palco. Todas olhavam para Socorro, que continuava imóvel.

D - É esse o movimento?

Mel continuou com apenas os braços em movimento, olhando para o ego-auxiliar.

Clara, Flora e Luara, andaram, mudando de lugar, várias vezes no palco, sempre olhando para o ego-auxiliar.

Cristal continuou parada, cruzando os braços e, abaixando a cabeça, chorou até chegar ao contexto grupal.

Brisa permaneceu parada, olhando para Socorro, chorando.

Esta etapa da ação dramática terminou com todas em pé, ao redor do ego-auxiliar, olhando-o fixamente.

D - Ok! Vamos voltar ao contexto grupal?

Aqui se inicia a etapa final, a etapa do compartilhar.

D - E como é que foi esse movimento expressivo?... o que sentiram?... o que perceberam nesse movimento de vocês?

Brisa chorou nesse momento

Está emocionada?

Brisa – Incomodada!!! Eu me senti muito incomodada!! Eu não conseguia me mexer!! A vontade... o tempo todo que eu tinha... olhando aquela imagem... era querendo fazer exatamente o que eu tinha dito!! Pegar... e levantar!!! Só que eu não consegui! Me incomodou profundamente!!! Porque... desde a hora que você mandou a gente se mexer... que eu vi aquela imagem fechada... o tempo todo... fiquei olhando!... e o tempo todo... a minha vontade... foi pegar... e subir a imagem! Mexer... levantar!!! E em nenhum momento eu consegui!!

Devo destacar, aqui, que Brisa mais uma vez (como desde a etapa do aquecimento inespecífico), reafirma sua paralisia diante do seu desejo de ser/fazer-se. A única diferença, agora, é que ela se dá conta disso em profundidade. (II)

D - Você identifica o que a impediu?

Brisa – Não!! Também... era o que eu queria!... mas eu sei!... eu não fiz esforço nenhum para...

Flora - A primeira coisa que eu queria... era levantar!! Queria mesmo levantar!... e circular! Poder me levantar... e pular livre!!! E parava de vez em quando... e olhava para aquela imagem... que retratava cada uma de nós!!! O nosso eu!! Mas... me sentindo a vontade!... com os braços... com a respiração... com o caminhar... Nesse processo de... apesar do espaço pequeno...

O palco

mas nesse espaço pequeno... assim... livre!! Sabendo... que desde que desse uma paradinha... e me olhava! Sabendo que tem um monte de coisas para resolver ainda!... mas... mesmo assim... me sentindo livre para me movimentar!!!

É relevante destacar, nessa fala, que a conjunção das técnicas, a saber, da imagem com tecidos e da expressão corporal levam Flora a se perceber numa completa integração com o grupo (ela se refere a um “nosso eu”). (II)

Luara – Concordei com ela...

Falava de Flora

a vontade de levantar... de pular... de andar... de dançar até!! E... quando eu via a imagem... me lembrava de vez em quando... de olhar para ela!...

Referia-se ao ego-auxiliar

me deu vontade de tocar ela... mas não sei porque não toquei! E também... saber que eu estou buscando uma coisa que eu acho realmente... que preciso ter paciência!! Eu acho que é isso... que estou me sentindo meio ainda moldada!!... como antes... quando queria fazer alguma coisa! Acho que é isso!!

Luara reafirma, ao final, que ainda não consegue encontrar o seu lugar no mundo próprio e humano. (II)

Cristal – Eu a abracei... porque eu acho que a necessidade... a busca de mim!... olhar para dentro de mim!... procurar ver o que está inquietando!... o que está impedindo que eu não encontre!

Cristal assume que algo a impede de encontrar-se. Pergunto, então, não será o seu esforço em esquecer a sua história? (II)

Mel – Eu levantei os braços... porque a vontade é de... desde o começo que falei... a minha palavra chave... liberdade!!...

Levantou os braços nesse momento

Então... ter tempo... quero me liberar de tudo! E... respirar fundo!!!

Mel expressa novamente o desejo de liberdade. (II)

Clara – Eu me senti... nesse encontro comigo! A movimentação foi de me debruçar sobre Socorro... sair com alguma movimentação... e... eu não me senti... era o contato comigo! Era Clara!! Não era a ex-esposa! Lembrei que... quando eu sentei aqui eu fiz: “eita!!!” É para falar sobre a ex-esposa!! Mas eu estava completamente nesse encontro comigo... que é como eu estou nesse momento!! Foi isso... me deu vontade de sair do grupo... mas eu achei que não!! Que aí eu tenho que esperar o momento do outro!... Porque a gente está no grupo! Aí voltei! Mas... eu estava bem!! Não me senti... mas eu percebia... que o quanto olhar para esse encontro... ainda era muito presente!! Porque todo momento... eu estou nesse encontro comigo!!! É muito recente... e está sendo bom isso! E às vezes... tiro alguma coisa de mim... que ainda está causando algum desconforto! Ainda sinto essa vontade de tirar... Agora... não é nenhuma euforia!... é um encontro comigo!!! É algo bom!... que ainda está sendo construído!! Então foi assim!

Clara mais uma vez fala da dificuldade em acompanhar o outro, o ritmo do outro; no entanto, aqui, ela consegue ficar com o grupo e acompanhá-lo. (II)

Brisa –

Chorando

Outra coisa que me chamou muita atenção! As duas únicas pessoas que ficou... com o olhar mais fixado... e parada... fomos nós!... nós duas... eu e ela!... para a imagem!

Referindo-se a Cristal

Cristal – Eu pensei que essa imagem... as pessoas estavam querendo muito que houvesse movimentação com as mãos... e que de repente... se alguém mexer ali!... eu vou avançar!!! Eu não vou deixar!!!...

O grupo riu

Porque o momento... é para ficar ali!... ainda!!! E quando eu abracei... eu vi que estava sendo egoísta!... tirando a liberdade! Porque por mim... eu tinha ficado com ela até o fim!!! Com ela ali!! Mas não... tinha o outro que está querendo que ela desabrochasse! Mas eu vou tentar impedir que ela desabroche!!! Mas... o momento para mim... seria mesmo de introspecção!... dessa busca interior!!

À luz da fala de Cristal percebo que, na ação das palavras não-ditas, que são a linguagem da imagem e da expressão corporal, há uma abertura para a quebra das cristalizações, bem como para a sua reorganização em função de um espontaneidade-criativa e de uma possibilidade de anunciar o seu próprio drama. No movimento de Cristal se processa uma abertura na qual o próprio corpo se coloca enquanto ser em situação, revelando, pela ação dramática, as exigências do ser, seus desejos e necessidades em conflito consigo mesmo e em contradição com as leis do ser-com. Não obstante, por meio dessa contradição, pode se criar as possibilidades de uma transformação.

A cena dramática aparece, portanto, na oficina sociopsicodramática, como instrumento de produção de subjetividades, pois nela se lança, espontânea-criativamente, a possibilidade de experimentar diversas formas de existência e marcar/afirmar, por meio dessa dobra vital, novas diferenças que são sempre nossas. Ao incorporar as suas diferenças, o sujeito produz subjetividades. Mas só *com o outro* poderemos incorporar o estranho presente no outro, assim como o nosso próprio estranho em nós. (II)

D – Então... cada uma se movimentou de forma diferente... como ex-esposa... cada uma tem um movimento diferente de expressar esse ser ex-esposa também! Essa imagem... que vocês criaram... como sendo significativa dessa busca interior... desse encontro consigo mesma... nesse lugar de ex-esposa... nesse momento... pelo menos... cada uma de vocês... se relacionou de um modo diferente... Mexeu... tocou... olhou... se aproximou... Mas... nenhuma mudou... modificou... transformou... como algumas falaram anteriormente... que desejavam transformação! Embora... cada movimento feito... por cada uma de vocês... parece que foi retratando... como estão lidando com esse encontro consigo mesmas... com essa busca... ou seja... se pode estar mais soltas... se pode circular mais... se está... também... mais presa... se está mais paralisada!

Clara – Eu vi a forma... do corpo... como a pessoa!

D – Como assim?

Clara – Como a gente mesmo!!! O encontro comigo!! Eu vi dessa forma! Eu disse que para mim foi

delicado... nesse momento agora... que era tão específico com o grupo!... Porque... tinham vontades bem diferentes!!! Então... como se posicionar nessas vontades... e não perder o objetivo do grupo? Então... eu saí um pouco de mim... e fiquei no grupo! Eu senti isso! Agora eu não vejo isso... como não mexer na situação como ex-esposa!

D - Mexeu do seu modo... do seu jeito!... Mas eu falei que não modificaram... o que vocês denominaram... a busca de si mesmas... como algumas falaram anteriormente! Como você diz...

Olhava para Clara

you deu o seu movimento! Todo mundo fez o seu movimento! Como no início... a gente estava falando das variadas situações... dos variados modos... como vocês falaram... das variadas formas de olhar para a liberdade... para a busca... de olhar para o lugar... mesmo sendo um lugar que é comum a todas! Cada uma... expressa... ou está ligada a isso que é comum... que vocês denominaram a busca de si mesmas... de um modo diferente!... Dando um movimento diferente... que é o que você está fazendo! O que todas vocês falaram!

Mais alguém gostaria de comentar mais alguma coisa?

O grupo responde que não.

D - Bom gente... nosso tempo esgotou!... até extrapolou! Eu quero agradecer a vocês... a disponibilidade de estarem aqui... e... saber agora... como foi para vocês esse dia... para a gente terminar! Quero também agradecer a Socorro e a Claudine!

Cristal – Foi muito bom para mim!!! Foi bom compartilhar sobre as diferenças entre a gente!... É único o momento da gente!!! Teve as coincidências... duas! Casar e descasar! Foi diferente! Foi uma experiência boa!!!

Cristal assume a experiência de ter sido casada. (II)

Flora – No início... muita curiosidade! Às vezes... a gente acha que a história da gente é a pior!... ou que as coisas na cabeça de mulheres ex-esposas... se processam de forma diferente!! A gente se acha... e no fim... a gente vê... que todas nós buscamos a mesma coisa! Mesmo sendo por caminhos diferentes!

D- Buscam o quê?

Flora – O encontro consigo mesma! Todas nós passamos por problemas mais graves... menos graves... mas passamos por esse mesmo script de ex-esposa! Mas que estamos numa busca!!! E isso é a meta da gente!! Esse momento que nós estamos passando... são momentos normais... que a gente pensa que é anormal! São normais que todas passam!

Brisa - Para mim foi muito rico! Nesse aspecto mesmo... como eu disse... de que estou vivenciando! Para mim foi muito bom!!!

Luara – Foi muito bom!!

Mel – Para mim foi ótimo!!! Uma mini terapia!...

Riu

E eu gosto muito de... quer dizer... eu gosto muito de falar de mim! Mas no fundo... não tenho com quem falar! É difícil ficar falando dos problemas da gente!! Então... já fiz terapia... parei! Então agora... talvez eu possa voltar! Dá vontade!! Muito bom realmente... poder falar da gente!!!

Clara – São coisas que eu preciso definir melhor... estão desarrumadas! Foi uma experiência muito interessante!!... muito interessante!!!... Eu estou... saindo daqui é... eu não queria... eu não queria colocar palavra não!! Porque está tão... porque você começa a querer explicar! Eu queria viver isso!! Eu queria! Eu não quero entender agora não! Mas... houve uma movimentação suave... mas houve uma

movimentação!

D - E mais uma vez eu agradeço a vocês... a disponibilidade de estarem aqui uma manhã... e um início de tarde... e retornarei o encontro com vocês... só que agora vai ser individualmente... para entregar a vocês... a transcrição do material para vocês lerem... e depois me devolverem... oficializando essa transcrição que eu vou fazer... para que ela possa entrar na pesquisa! E convidarei vocês a estarem presentes na minha defesa!

O grupo riu

Clara – É quando?

D - Não sei! Eu tenho até março para defender! Março de 2005!

4.3 Ao fechar das cortinas: um exercício de interpretação/compreensão.

Nada do que foi será / de novo do jeito que já foi um dia / tudo passa / tudo sempre
passará / [...] / Tudo que se vê não é / de novo do jeito que já foi um dia / tudo muda
o tempo todo no mundo / não adianta fugir / nem mentir pra si mesmo / agora / [...]
(LULU SANTOS, 1987, disco sonoro).

Encontro-me diante do agora. Será o agora mesmo? Ou o *mesmo agora*? Não falo desse mesmo agora nas dobras do tempo cronologicamente entendido – ainda quando não o deixe de todo, uma vez que não há como suspendê-lo em sua passagem -, mas sim do **mesmo agora** que me pro-vocou o olhar por dentro de um horizonte existencial, desde o qual eu também me vejo enredada, mais que tudo, à luz do qual essa pro-vocação foi assumida num querer-dizer-sobre – que agora se reflete na escritura compreensiva desse capítulo. Na órbita de minha pesquisa, nomeadamente, em face dessa provocação, sou chamada a pintar/revelar, com o meu olhar-para-fora, o que escutei/velei com meu olhar-para-dentro da experiência de ser ex-esposa. Portanto, agora “não adianta fugir...”

Estou em frente ao texto literalizado da oficina sociopsicodramática montada originalmente com o objetivo de “*a-colher*” seis sujeitos/narradoras que aceitaram o meu convite para falar sobre suas experiências de ser ex-esposa na contemporaneidade. Trata-se de um cenário complexo como a cabeça de uma medusa: desdobra-se em vários campos de articulação de sentido.

Nessa direção, acrescento que foram também entrelaçadas algumas *interpretações expressas por narrativa das participantes, para autenticação da literalização da oficina*, tendo em vista a possibilidade de revelarem a elaboração da experiência das narradoras. No texto, as falas aparecem com a letra correspondente a cada uma delas, mas com uma mesma

cor comum a todas – a cor verde-, como meio de diferenciá-la das outras falas apresentadas durante o trabalho. Na composição desse entrançamento, passarei seis vezes por diversos cenários vitais:

- **Primeiro cenário – O encontro com as seis ex-esposas.**

Em sua entrada estão expostas seis máscaras. Fico parada diante delas. Meu olhar ao mesmo tempo em que percebe diferenças - vou apresentá-las nos outros cenários -, volta-se para algo em comum: um sorriso estampado e/ou um destaque no olho feito em vivo. Uma maquiagem bem/mal feita? Um modo de socialmente pintar-se para disfarçar sofrimentos que estão tatuados em cada corpo/rosto? O “sorriso pronto” que, na verdade, parece mostrar/ocultar “como se está”. E, eu sei, o olhar que se põe à vista, encobre-se maquiado. O que vejo, então, não é o que se experiencia? Tem que ter uma fachada – algo que se interpõe, como numa máscara - para mostrar-se?

Será, assim, a ex-esposa no social? Aquela que aparentemente encontra-se “feliz” e, ao passar por ela, no corre-corre do dia-a-dia, torna-a publicamente invisível por limitar-se a olhar o sorriso fabricado pela máquina que engendra os agenciamentos socializantes, típicos da “sociedade do espetáculo?” Será que é por isso que, igualmente, faz-se invisível por mostrar-se/ocultar-se no avesso de seu sofrimento?

Sou convidada, em meu caminhar, a visitar outros cenários de ressonância dessa experiência comum e distinta. Neles, algumas vezes, pela configuração da proposta sociopsicodramática, encontrar-me-ei com cada uma das sujeitos/narradoras e, em outras, com todas elas num cara-a-cara grupal, a um só tempo. Vou seguir com cada uma delas, por entre os cenários desenhados para pintura. Assim entrarei várias vezes num mesmo cenário e, a cada retorno, estarei na companhia de uma das sujeitos/narradoras.

- **Segundo cenário – O desenho de uma presença de ex-esposa por Brisa.**

Parece-me, a princípio, contraída, presa. Olha-me por baixo dos olhos, como se adivinhasse entre nós um muro de proteção. Esconde algo atrás de si, do outro lado? Escuto a sua voz e recordo uma conversa com ela:

D – Mais alguma coisa lhe chama atenção?

Brisa – Agora sim! Pelo que eu fiz... e como coloquei! Porque na realidade para mim... o que não está aparecendo... ficou bem para trás... o que eu coloquei! Que seriam as duas coisas vermelhas... que seriam o resto do meu rosto... e uma parte amarelado que seria o sol para mim! Que ficou bem para trás!!! ...

D – Então?... Essa parte ficou para trás! O vermelho seria o quê?

Brisa – Seria isso!

D – Bochechas?

Brisa – É!!! Seria assim... querendo é... o vermelho para mim representa muita cor! Vida!!! Então seria para mim... como se estivesse vermelho... em relação ao casamento... eu já estou vermelha! Então... eu já estou ficando livre dessa história!!! E o sol... um pouquinho! Só que ficou para trás! Talvez não seja ainda o momento de estar na frente como eu imaginava! Eu quero a tinta para botar para frente!!! Principalmente aquele sol. Quero botar na testa!!!

D - Você imaginava que já estava na frente! E agora... está vendo que está atrás... do mesmo jeito que também no corpo...

Brisa – Uma parte para trás!

D - E você se emociona agora [...]

Brisa – Um pouco! Porque... eu imaginava que já estava vindo para frente!!! É um incômodo saber que ainda está atrás!

D - E aí lhe emociona este incômodo de saber que ainda não foi para frente!

Brisa – Exatamente! Eu ainda vejo... exatamente! É como eu vejo ainda o meu mundo... depois da separação!... Eu acho essa coisa meio escura... o meu mundo interno... preso... escuro... tristeza!! Esse amarelo... pronto! O amarelo seria um pouco do sol... assim... de eu começar... Eu estou descobrindo que ainda estou só começando... que esse sol para frente está muito fraquinho! Eu quero a tinta para botar para frente!!!

O “sorriso amarelo” de Brisa, feito de desgaste cotidiano e esquecimento de ser-algo-que-nem-lembra-mais, e seus olhos circudados por uma marca preta, ocultava/mostrava tanto para ela, quanto para os outros o seu sofrimento. Agora as “bochechas” vermelhas e os braços para traz, re-velavam o motivo de suas atitudes esquivas, o seu aprisionamento, a sua tristeza translúcida anunciada no rosto: vivia embotada.

- **Terceiro cenário – Brisa colocando-se no lugar de ex-esposa e encontrando-se com o grupo.**

Caminhando neste cenário encontro Brisa ainda mais fechada – seus movimentos parecem avisar que não está acostumada a “espaços abertos”. Sua voz é semitoante, baixa, quase a dizer que não quer ser ouvida - ou não tem esse costume de se fazer ouvir em público. Será uma tentativa de proteger-se do seu des-apagamento vivido no cenário anterior? Mas mesmo assim, num dado momento – quando se vê/sente de dentro do lugar de ex-esposa - Brisa surpreendentemente avança e expressa seu incômodo com a sua falta de movimento, com o encontrar-se limitada. Sinto que, ali, desperta nela algo de expressivo, que esteve silenciado durante muito tempo. O que será que ela quer deixar sair de si mesma em frente às outras? Será que o estar diante de outras que partilham, ainda que silenciosamente o mesmo drama experiencial lhe deu alguma força para romper as amarras de sua “vida-sob-a-sombra-de-um-outro-que-lhe-prende-para-fora-de-si-mesma-até-hoje”? Brisa reafirma, na autenticação, o quanto ela é tocada por esse outro que está com ela num drama comum, assim como, também, o seu desejo de mudança, mesmo que, *ainda não*, em ação:

Brisa - [...] Eu estava pensando... uma outra coisa que me chamou MUITA atenção... foi a fala de uma delas... de que assim... foi muito difícil a separação... ela sofreu algumas coisas... tinha filhos... mas que... parece que ela está bem hoje! Reconstruiu! Vê de uma forma diferente! Eu acho que é isso que eu quero para mim!! Exatamente!... Poder fazer essa reconstrução! Que eu sei que hoje... ainda não consegui! [...].

Logo em seguida o grupo vai ao encontro de Brisa. Algumas querem soltar seus braços, colocando-os para frente ou para cima. Brisa convida-as para o encontro com o contato corporal. A sua paralisia parece tocar as outras. Certamente, é o receio de serem tocadas que as movimentam para modificá-la. Além disso, o modo como o grupo chega até ela foi de uma proximidade tão grande que, na sua formação, o grupo apertou-se na relação

com Brisa. Interessante nessa aproximação foi que a maioria delas ficou numa distância de Brisa que lembra aquela da intimidade que se torna um “olhar sem ver e sem ser vista”. Esse modo de entrar em relação com ela, fala, para mim, de como é estar com esse modo de ser ex-esposa no social. Estará presente, aqui, o preconceito social? Aquele que impede a visibilidade do outro?

O modo como Brisa se aproximou do grupo, nas imagens posteriores revelou que ela faz o mesmo movimento em relação a si mesma e aos outros: esconde-se, fecha-se, abre-se e, nesse momento, parece que, mesmo em face de uma compreensão da dor da outra (Cristal), não consegue sentir a dor – que vê em si – sozinha. Assim, mesmo que seja um “tímido” abrir-se, é uma maneira possível de lançar-se ao desconhecido; e volta a fechar-se.

- **Quarto cenário com Brisa – Tirando a máscara.**

Brisa despe-se de sua máscara e seu rosto não mais apresenta nem mesmo o “sorriso amarelo”. Ele agora mostra-se sisudo, fechado, sério. No entanto, revelando seu fechamento, sua tristeza, Brisa também des-vela que vive uma limitação interna, uma limitação existencial. Nesta tomada de posição – que se reflete no gestual e fisionômico-, assume esse modo de ser ex-esposa e, por conseguinte, rompe com *aquela representar-se como tal como se fosse ela mesma*. Pela importância desse seu movimento eu me pergunto: ser ex é romper com a estabilidade dada pela representação social?

- **Quinto cenário – Brisa e as situações da experiência de ser ex-esposa via os tecidos.**

Brisa continua contando a sua experiência de ser ex-esposa, mostrando a sua mudança interior a partir do momento em que se vê como ex-esposa. Apresenta, pela imagem com tecidos, como o lugar de esposa lhe dava “estabilidade, alegria, arrumação, definição, uma vida colorida”. Será aquela mesma “cor vermelha”, aquela mesma “vida”, escondida por trás de si mesma na imagem corporal, que expressa também a “garantia” de uma vida feliz, estável, supostamente prometida pela representação social do lugar da esposa? Será essa a expectativa de que Brisa fala?

Por sua vez, já quando na situação de ex-esposa, ela mostra-se, para mim, através da imagem, como uma “concha”, mas uma concha aberta ou até como uma “boca escancarada”, que re-vela “confusão, tristeza, indefinição”. Parece ser também, ainda, a mesma tristeza estampada em seu olhar e a confusão/indefinição do seu “sorriso amarelo”. Lembro-me de que, nesse lugar aberto (concha/boca), se descortinam as possibilidades de um vir-a-ser, pois “um lugar assim é um lugar de trânsito, de passagem”.

Nessa paisagem de abertura, o estranho para mim é que a imagem da esposa é indefinida. Isso me faz pensar que aquela imagem de um lugar “arrumadinho”, “prontinho” “certinho” da esposa não passa de um modelo a ser seguido pela massificação da representação social.

Não obstante, entendo que a sua imagem da ex-esposa, embora vivida com tanto sofrimento, já prenuncia uma passagem para o reconhecimento de uma singularidade, um modo de colocar-se no trânsito – lugar que implica desalojamento, mas que não anula um modo próprio de ser-si-mesma. Penso desse modo, por reconhecer, na imagem construída por Brisa, uma abertura para a mostraçãõ de seu próprio desalojamento.

Em sua autenticação Brisa confirma as mudanças, perdas, desalojamentos como ex-esposa, quando diz:

Brisa - [...] ser ex-esposa para mim... não é só ter acabado uma relação! Mas foi tudo isso que me acompanhou... tudo muito próximo... nesse período da separação! A doença do meu pai... a perda do meu emprego... a minha fragilidade! Agora eu olho... como sendo uma possibilidade de... da culpa!... E eu ser castigada! Quem me castiga? Eu mesma me castigo! Sou eu mesma que levo isso... muito de culpa! Eu... penso que... porque é... ainda pesa muito isso... quando eu penso... pôxa vida!! Parece que eu separei a minha vida assim... depois que eu casei... eu só tenho falado de soma negativa! Eu tenho visto na minha fala... quando eu falo com as pessoas... pôxa!... desde que eu me separei... eu estou vivendo uma fase que é complicada... e assim... separei... perdi um projeto de vida... de filho... de construção... querendo ou não... perdi a família dele... que era a minha família!! [...].

- **Sexto cenário – Uma releitura da experiência de ser ex-esposa: a busca de ser si mesmo por Brisa.**

Nesse sexto cenário, todas as sujeitos/narradoras se põem a construir uma imagem coletiva da experiência de ser ex-esposa, sem, no entanto, deixarem de tatuar, nessa imagem, as suas singularidades. É neste contexto que a narrativa das participantes, para autenticação da literalização da oficina, oferece-se como possibilidade de revelar a elaboração da experiência das narradoras, entrelaçadas às falas de fechamento das cortinas na minha interpretação para veracização. Olhando para Brisa, chama-me a atenção, o pequeno espaço ocupado por ela, bem como o toque sutil que faz nos tecidos de Flora, Luara e no que representa a busca de si mesma. Além disso, segue inalterado, no contínuo de suas expressões corporais, o seu mostrar-se pelo avesso: o tecido que utiliza para simbolizá-la é posto pelo avesso e ela se dá conta disso:

Brisa – [...] Que eu olhei... e eu cheguei próximo... foi que eu vi... que meu tecido está pelo avesso!! É como se eu estivesse me sentindo bem pelo avesso!! E realmente estou nesse movimento de querer me encontrar!... de querer paz!... de querer tranquilidade!... Estou realmente indo em busca! Só

que estou... estou ainda desarrumada!!! Mas estou querendo!... Estou em busca!

O que há de mais importante nessa fala de Brisa é que, visivelmente, ao se acusar uma inflexão de ordem existencial - pelo movimento da busca de si mesma que ela endereça, ao encontrar-se na situação de ex-esposa -, noto que ela circunscreve um âmbito de orientação para o grupo em seus movimentos expressivos. Para todo o grupo, a fala de Brisa veio, em muitos pontos, vertida em sugestões de como o grupo devia expressar-se, chamava ao desabrochamento, a um abrir-se ao que afeta e nomear esse sentimento que circula na esfera da intimidade de cada uma das sujeitos/narradoras.

Entretanto, no fundo dessas pretensões verbais de Brisa, percebo ainda um véu. De meu lugar, tudo parece como que “um mesmo falatório”, à medida que, no momento da ação, há algo da sensação do impedimento inicial. Ao elaborar tal situação, Brisa expressa seu sofrimento:

Brisa – [...] Eu me senti muito incomodada!! Eu não conseguia me mexer!! A vontade... o tempo todo que eu tinha... olhando aquela imagem... era querendo fazer exatamente o que eu tinha dito!! Pegar... e levantar!!! Só que eu não consegui! Me incomodou profundamente!!! Porque... desde a hora que você mandou a gente se mexer... que eu vi aquela imagem fechada... o tempo todo... fiquei olhando!... e o tempo todo... a minha vontade... foi pegar... e subir a imagem! Mexer... levantar!!! E em nenhum momento eu consegui!!

D - Você identifica o que a impediu?

Brisa –Não!! Também... era o que eu queria!... mas eu sei!... eu não fiz esforço nenhum para...

[...]

Brisa – Outra coisa que me chamou muita atenção! As duas únicas pessoas que ficou... com o olhar mais fixado... e parada... fomos nós!... nós duas... eu e ela!... para a imagem!

Brisa continuaria impossibilitada de ir adiante pela expectativa de algo vir a acontecer? Será isso, então, mais uma vez eu pergunto, o modo como exprime sua condição de ex-esposa? Ela apresenta-se como que “em compasso de espera” para que algo aconteça ao seu redor levando-a, em seguida, a definir-se? Se é assim sua orientação fundamental de vida,

seu centro de decisão ainda estaria sendo vivido como estando fora de si mesma, dependente de um outro que decida o seu ser. Em sendo assim, suas escolhas não seriam suas. Brisa se percebe em sintonia com o movimento de Cristal. Isso me faz pensar se ambas não estariam experienciando a impossibilidade de serem si mesmas, por estarem ainda se conduzindo por formas mais exteriores de ser: a “cartilha da boa conduta” a que Cristal se refere em sua experiência de ser ex-esposa. Ao assumir-se como **ex**, romperia com a “cartilha” e, sem uma manual de “bom comportamento”, percebe-se desalojar-se. Nessa perspectiva, viver por expectativa de retorno ao mesmo lugar de “segurança”, o seu trânsito mostra-se marcado por intenso sofrimento.

Em sua autenticação, Brisa volta a expressar seu desejo e dificuldade em movimentar-se ao encontro de si-mesma:

Brisa - Me chamou atenção a construção coletiva com os tecidos... no sentido de que... exatamente... tudo o que eu estou querendo... foi o final ali! Eu estava colocando... a sensação... era ver Socorro ali no chão! Eu me lembro... que o tempo todo eu queria pegar... e levantar!! [...] que era um corpo humano... e ele vai se abrindo! É isso que eu quero para mim... como ex-esposa! Eu estou me sentindo assim... e... eu quero voltar a me reerguer!! A me sentir... não é que você vai esquecer... que você vai... mas saber viver de forma assim... encerrou! Não significa nada! Me separei! Estou noutra fase! Como se fosse uma coisa... que eu sei que não fechou ainda para mim! Lógico que eu não vou esquecer! Aqui ou ali... eu vou saber dele... vou ouvir falar... vou encontrar... vou falar... mas não querer o tempo todo... estar sabendo! Quando encontrar mexer... ficar de soltar gracinha... como acho que foi até uma parte do meu casamento... a rivalidade... essa briguinha... foi assim o tempo todo! Então... essa imagem de desabrochar para mim... quando eu falei que desabrocharia... era o tempo todo o que eu queria! Mas... era o meu momento! Eu não estava conseguindo fazer ainda! Era muito prático... pegar na mão dela... e subir! Mas... emocionalmente eu não consegui... porque eu não estava conseguindo!

- Segundo cenário - O desenho de uma presença de ex-esposa por Flora.

Enquanto olho para a imagem corporal de Flora, meu corpo põe-se a balançar como um pêndulo. É isso! Flora parece que abre os braços, embora com tensão, para equilibrar-se

em pé. Ela também titubeia ao nomear-se: “talvez seja a alegria”, diz ela depressa. Logo em seguida, ela se firma e se apresenta:

Flora – Alegria!! Assim... porque eu não fiz uma máscara! Eu fiz como se eu estivesse fazendo o meu retrato... me desenhasse... dando ênfase à boca pintada... aos cabelos soltos... aos olhos pintados... dando ênfase ao verde... porque... por incrível que pareça... passei muitos anos sem perceber a cor verdadeira dos meus olhos!!!... Acho que pela tristeza de me olhar! Não sentia muito gosto de me olhar... por causa do casamento! Após o casamento... após o casamento não!!!... após a separação... eu comecei a ter vontade de me arrumar... de me pintar...

[...]

Flora – Sim!!! Eu fiz um narizinho ali... porque eu pensei... se eu não colocar o nariz... como eu vou respirar? E eu estou respirando muito!!!... Eu acho que quando a gente está numa época de sofrimento... numa época de tristeza... parece que a gente não consegue respirar... a gente puxa o ar e não há! A gente não consegue ver... distinguir... a diferença dos cheiros! Eu vivia muito assim... Hoje eu abro minha janela... e respiro um ar puro! Parece que o ar muda... é purificado! Para mim... essa sensação de respirar é muito importante!!!

Na pintura que faz de si mesma, ou seu auto-retrato, como ela mesma diz, salta aos olhos a boca vermelha, com um sorriso aberto. Na realidade Flora parece que se arrumou/maquiou com atenção, observando os olhos, nariz, cabelos para apresentar-se ao grupo. Será essa uma forma de diminuir a tensão entre ser ela e o que as outras viam, ou seja, estampar uma máscara de alegria, principalmente revelada pelo pintado da boca?

- **Terceiro cenário – Flora colocando-se no lugar de ex-esposa e encontrando-se com o grupo.**

De fato, sua fala revela uma afirmação - decerto, não é só posicional. Não sinto mais o balanço. Flora segura-se com seus próprios braços, afirmativamente. Percebo uma contenção. Isso me impressiona, pois, no cenário anterior, ela falava em perceber-se “aberta”, “respirando” muito. E agora, quando está-dentro, no lugar de ex-esposa, parece ter receio de

apresentar-se para o outro, não mais de fora - contando sobre o que via -, mas como se vê e sente, desde dentro. É isso o que a faz conter-se? Sua fala me diz...

Flora - De início eu fiquei meio... é... meio inibida!... um pouco! Todas olhando para você... e eu aqui parada... sem movimentar as mãos... meio presa... me senti um pouco inibida!

D - Quando você está nesse lugar de ex-esposa... as pessoas olham para você?

Flora - Olham!! Vê bem... eu já me importei muito com essa observação! No início da separação... eu me importava muito!! Eu ficava querendo saber de que forma estavam me olhando!! Eu acho que... assim... com medo da crítica... com medo do julgamento! Talvez... pela própria sociedade em si! Ah!!! Por mais que a gente não queira... ainda é criticada por ser ex-esposa... ou separada! As pessoas ainda hoje em dia... embora numa proporção pequena... ainda olham de uma forma questionadora talvez!... O que aconteceu? Por que está só? Por que não deu?

Será esta, a contenção, a sua maneira de referir-se ao preconceito social? Daí eu pensar que a con-tensão de Flora e as suas sucessivas indicações de possível abertura para o outro - expressas em seus braços um pouco para frente, com as mãos espalmadas e boca pintada -, parecem ser percebidas pelo grupo. Ao entrar em relação com ela, todas, com exceção de Brisa, se apresentaram mais abertas, podendo ser vistas. Não há nada que se interponha entre os olhares uma das outras. De forma significativa, Flora se dá conta dessa experiência de igualdade na singularidade, tanto durante a oficina, quanto no momento da autenticação.

Flora - Eu acho que assim... eu acho que me senti igual! Com pessoas passando a mesma situação que eu estou... e assim... todas ao meu lado... e eu acho que todas estão querendo a mesma coisa!

D - O que você acha... imagina... que todas querem?

Flora - Uma vida melhor... alegria... uma vida de respirar ar puro... uma vida mais realizada!

Flora - [...] dentre todas as falas de todo mundo... muita coisa bateu... muita coisa coincidia entre a gente! Mas a gente via... que para umas... a separação... nada! Para outras... um ÓDIO muito grande que se pudesse sumir... até aquela palavra do nome do ex-marido... sumiria! E para outras... um processo de grande sofrimento!! Mas se a gente for parar para avaliar... e eu avaliando muito esses dias... até o meu processo... no fundo no fundo... todas têm uma marca!!! Todas tiveram um trauma! Agora a maneira de expressar... e a maneira de passar por essas fases... muitas vezes é negando!! Achando que... dizendo que está tudo bem! Está tudo ótimo! Para outras... é alimentando o ódio!... E para outras até se pondo numa situação... mais de

sofrimento!! Mais difícil! E se você avaliar... todas estão marcadas!! Todas estão marcadas por esse processo... [...]

Será a mesma busca pela estabilidade, pela vida viva e colorida a que Brisa se referia?

No caso de Flora, um aspecto que mereceu minha atenção foi o fato de ela entrar em relação com as outras sujeitos/narradoras, o mais das vezes, do/no mesmo lugar: posiciona-se ao lado, perto da(s) outra(s).

Nos três primeiros contatos, com Brisa, Mel e Luara, penso que o seu estar-com não a diferencia, embora tente modificar a imagem de Brisa, colocando-se, depois, ao seu lado, com os braços parados. Entretanto, nos dois últimos, embora se posicione ao lado de Cristal, fica mais próxima pegando a sua mão, enquanto que, de Clara, ela se afasta e fecha-se, expressando ter sido tocada pela fala de Clara que diz não precisar de ninguém a apoiando.

- Quarto cenário com Flora - Tirando a máscara.

O quarto cenário traz Flora sem a máscara. Ela mantém o sorriso estampado em seu rosto. Sua fala, confirmando o sorriso da máscara, ressoou em mim como uma visão de estabilidade afetiva e “certeza” de que os incômodos vividos são passageiros, trazendo de volta, e sempre, a alegria. Na autenticação, ela volta a expressar a busca pela estabilidade:

Flora - Aí hoje... eu me avaliando... avaliando tudo isso... eu digo: aquilo foi um momento! E que todas nós passamos por esses altos e baixos... até chegar um ponto de equilíbrio... de... você desceu... subiu... desceu... subiu... desceu... subiu...vai chegar um ponteco que... vai tender a um equilíbrio! Vai acontecer... até porque você já passou tantos altos e baixos! E já soube o que foi cair... o que foi levantar! Já soube o que passou... e o que fez para superar aquilo! E vai chegar um ponto... que você vai ter que entrar num equilíbrio! Talvez não num equilíbrio reto... porque acho que esse não existe! Mas... você vai cair menos!! E os altos e baixos vão ser menos acentuados! Mas... eu acho que... a minha análise hoje... daquele dia e de todo o processo que... que eu falo... é isso... são momentos! E são momentos difíceis para mim!

Seria essa, também, a expressão de Flora de viver pela expectativa, como Brisa já havia apresentado: um viver de fora, possível somente pelo como o outro a vê? Ou seria expectativa de encontrar-se em um lugar de auto-reconhecimento existencial - afirmação de um projeto biográfico, ainda por construir con-tensão?

Flora - É... a sensação é de alegria mesmo!!! E... de estar vendo que eu estou crescendo... estou enxergando as coisas... de outra forma!

D - Confirma o que você viveu ali na [...]

Flora – Confirma!!

D – [...]... naquele lugar com a máscara?

Flora – Confirma!... Então assim... a sensação de... limitação vivida ali... eu sabia que era temporária... que era uma coisa que ia tirar rapidamente a máscara e... e eu continuo com aquela sensação de alegria... de que eu estou buscando!... Estou sentindo que estou crescendo!!!

- **Quinto cenário – Flora e as situações da experiência de ser ex-esposa via os tecidos.**

A imagem de ver-se de fora da relação, construída por Flora com os tecidos, aparece para mim, às vezes, como uma flor com seu caule e sua raiz e, em outras, como um útero vazio, tendo o cordão umbilical ainda preso a algo disforme. Fico pensando se haveria uma relação entre essas imagens simbólicas? Raiz e útero são lugares de sustentação, enquanto que o caule e o cordão seriam como pontes entre esse “lugar seguro” e a flor e esse ser-disforme. Seria a expressão de processo de uma gestação ou metamorfose de ser si mesma, o que ela comunicou por sua imagem? Apesar de ver-se de fora, “livre”, Flora mostra-se, na realidade, ligada “pelos filhos” ao “casamento”. Realmente seu espaço, na imagem do casamento, está vazio e ela revela-se maior que o espaço que lhe é/era dado. Pela mesma via, posso dizer que sua ligação com a relação do casamento não se faz mais de forma direta, e, sim, através dos vínculos construídos pela presença dos filhos. Assim, embora não apareça nela os “nós”, característicos da sua relação conjugal anterior, poderiam, ainda, acompanhá-la, agora, por

meio do laço com os filhos. Seria essa forma de ligação, embora outra, que a apresenta contida na imagem corporal? Fico pensando como ela experiencia sua situação de ser ex-esposa: presa ao marido pelos nós/laços, que os torna inapelavelmente vinculados pela existência dos filhos, não seria isso um outro modo de aprisionamento a um outro papel social – ser mãe – que, também, dificultaria seu ser si mesma, mas agora, em um outro lugar?

- **Sexto cenário – Uma releitura da experiência de ser ex-esposa: a busca de ser si mesmo por Flora.**

Flora espalha-se no palco, através da imagem com tecido. Ela utiliza o mesmo usado na imagem do quinto cenário, para representá-la como ex-esposa na busca de si mesma. É ela, inclusive, quem aponta a necessidade de realização de um movimento de ruptura, para que o ser ex-esposa possa des-apagar-se do si mesma. Quando o corpo entra em ação, Flora mantém uma parte de suas mãos sobre o tecido - que simbolicamente representa a busca de si mesma - e em seus movimentos nessa busca, destacadamente, explora todo o espaço do palco, sempre olhando para o ego-auxiliar, que estava no lugar dessa sua procura.

No momento da autenticação, Flora expressa como a situação de ex-esposa é cheia de constantes movimentos de avanços e recuos:

Flora - [...] então... eu comecei a ver que... como muda esses momentos da gente numa separação! Como é difícil você ultrapassar essas etapas... e que vão vir outras eu sei... vão vir outras... e como é difícil você passar uma a uma!!! [...] então... é por isso que eu digo... é uma fase tão instável... tão de altos e baixos... de tomada de consciência... que você sabe o que tem que fazer... e que até faz... mas... está fazendo aquilo as duras penas!! E às vezes você dá um passo para a frente... e daqui a pouco... dá outro para trás! [...] na época da oficina... eu estava muito mais segura de muitas coisas... mais feliz... e que hoje me vejo triste... vejo que às vezes ando para a frente... ando para trás... dentro dessa situação de ex-esposa... [...]

- **Segundo cenário - O desenho de uma presença de ex-esposa por Mel.**

A imagem de Mel me surge como que a de uma pessoa que acabou de levar um susto, ou alguém que é pego desprevenido. Diante de uma surpresa, movimentava-se para trás, como que a retroceder. O paradoxal é que Mel, no entanto, fala de liberdade, de ir para frente:

Mel – Liberdade!

D - O que a faz pensar em liberdade quando olha para ela?

Mel – Pelo jeito das mãos... também esses traços verdes... o pé para frente... dando um passo... o primeiro passo a ser dado para a conquista da liberdade! [...]

Intriga-me a contradição que há entre a minha percepção e a verbalização de Mel. O espanto agora é meu. Entretanto, na autenticação, Mel volta a falar o quanto o vivido na oficina a assustou:

Mel - Eu não pensei que eu tinha falado tanta coisa! Quando a gente lê... é que a gente vê! Mas... eu não gostaria de acrescentar nada não... até porque... eu acho que falei demais Suely!!! Parecia que eu estava na terapia! Foi! Me assustou! Não! Eu não mudaria! É isso mesmo! Parecia que eu estava na terapia... pelo fato de ter falado sobre essas coisas que eu nunca tinha falado com ninguém... entendeu?

- **Terceiro cenário – Mel colocando-se no lugar de ex-esposa e encontrando-se com o grupo.**

Continuo com a percepção de um movimento de ir para trás. Mas vejo que, de um lado, Mel parece estar indo para frente - posto que parece sentir-se chamada por uma surpresa alegre, boa e, por outro, recua e põe uma mão de defesa, parecendo estar diante de uma surpresa que requer proteção. E Mel, “olhando-se de dentro”, começa a se dar conta do quão estranho é o seu modo de apresentar-se:

D - E você... fala alto... o que experimenta nesse lugar?

Mel – É estranho!!! É estranho! Porque na realidade... eu não estou sentindo nenhuma liberdade!! Assim... a idéia de movimento que eu estava vendo lá fora...

aqui é diferente! Aqui eu estou parada... representando uma estátua... aí fica difícil! Embora eu esteja com as mãos assim... mas não significa liberdade! Um pouco presa! Talvez se eu não estivesse com a máscara... só com a pose... parada... eu não estaria tão presa!

No contato com Mel, o grupo ocupa um espaço maior no palco. Ao mesmo tempo em que esse movimento do grupo traduz um afastamento, vejo igualmente a possibilidade de um encontro começando a acontecer. Percebo, na posição de Clara e Cristal, um confronto olho no olho com a sujeito/narradora. Para mim, é como se estivessem dizendo para Mel: “estou vendo-a... não mascare... não tem liberdade nenhuma!”. Percebo, também, que Luara, como um espelho, reflete claramente a imagem de susto de Mel. É como se a dificuldade de estar com o outro estivesse reverberando no grupo, e o modo como ele se mostra também revela como ocorre o ser tocado pelo que se mostra no outro.

Chama a minha atenção o movimento de Mel de procurar o toque corporal em seu contato com o outro. As duas vezes em que se mantém distante (de Luara e de Clara), ainda assim, olha para o outro. Seria expressão de seu modo de viver assustada/inibida?

No momento da autenticação, Mel expressa o seu estranhamento e a sua abertura ao outro:

Mel - [...] Aí fica assim... meio estranho... de você falar com outras pessoas... que você nunca viu! Quando você começa a... sei lá... o negócio vai tomando você! Você querendo... sentindo vontade de falar! Porque vai tocando nos assuntos que... toca a gente! Aí você vai sentindo vontade de botar para fora! Aí... sai! Eu gostei... eu adorei viver isso!

- Quarto cenário com Mel – Tirando a máscara.

Em seu des-mascaramento, Mel apresenta-se com os olhos bem abertos, arregalados e, dessa forma, re-vela a sua ansiedade em ver-se livre:

Mel - Então... como falei... a liberdade... estou aguardando!! Eu estou ANSIOSA... pela liberdade!... Então... eu acho que eu não consegui fazer... eu tentei expressar pela pintura... mas não é a mesma coisa!

D – Então... aí você abre o olho... porque você está ansiosa pela liberdade!

Mel – Hum, hum... ansiosa!!

Minha pergunta acompanhava o questionamento do grupo: de qual liberdade fala Mel?

- **Quinto cenário – Mel e as situações da experiência de ser ex-esposa via os tecidos.**

A imagem de Mel sugere-se como a de algum objeto que, de tão leve, se não tiver um peso que o prenda, mesmo que por um fio, sairá atirado para longe sem direção, sem certezas de onde aportará. Será que haveria uma relação a ser compreendida entre imagem corporal e uso dos tecidos? Perceber livre conduzia à sensação de desalojamento? Seria por isso que se assusta e titubeia tanto, entre um passo à frente e um outro atrás? O *pé atrás*, que Mel coloca na imagem corporal, seria o apoio que poderia sustentá-la nesse lugar que, mesmo “incômodo”, “garantiria” uma referência pessoal/social? Ou, levando em consideração sua fala por “liberdade”, também poderia ser compreendida como se apoiando atrás para imprimir um movimento adiante: lançar-se ou voar? De qualquer forma, ambas as imagens dizem de uma Mel ainda contraditória.

- **Sexto cenário - Uma releitura da experiência de ser ex-esposa: a busca de ser si mesma por Mel.**

Na imagem coletiva com os tecidos, Mel além de espalhar-se, ocupando inclusive um espaço que é de Cristal, mostra-se novamente com duas possibilidades que apareceram, também, na imagem corporal: um lado claro, que dá a impressão de algo flutuante e um lado escuro, expressando a presença da concretude. Ao ocupar o seu espaço corporalmente, Mel inicia um afastamento do tecido que representa a busca de si mesma, ampliando ainda mais

essa distância quando o ego-auxiliar entra no lugar dessa busca. É ela quem primeiro sugere que a busca de si mesma se apresente numa posição fetal. Ela parece querer dizer que quer começar de novo. Como se quisesse zerar seu calendário de subjetividade experiencial. Por outro, poderia estar dizendo seu estar começando a gestar ser si mesma. Parece, também, trazer uma volta de um passado em que essa condição implicava existir um outro a cuidá-la:

Mel – É voltando para o útero... não é? Uma posição assim... (Mel colocou o seu próprio corpo na posição fetal)

Em seu movimento de busca de si mesma, ela retorna à posição do terceiro cenário. Parece que é esse o seu receio/susto: ver-se diante do ser-projeto. Percebo, a partir de Mel, como é angustiante o ser lançado. O apoiar-se atrás, ao mesmo tempo em que pode parecer buscar-se uma “segurança”, a sinalização de que se precisa de um porto seguro que garanta um lugar/base firme para o seu projetar-se, pode também ser justamente o que assinala a sua dificuldade de permitir-se viver o risco de ver-se sem lugar, embora possa haver uma esperança de que, apesar de passar por todo o sofrimento e incômodo, poderia aportar em um lugar de encontro: uma destinidade. Neste sentido, embora aparentemente contraditória, Mel estaria revelando sua experiência em trânsito, angustiada por ainda não poder significá-la.

- Segundo cenário – O desenho de uma presença de ex-esposa por Luara.

Percebo que a imagem postural de Luara emite como que um chamado ao outro: o seu braço, com as mãos estendidas, poderia dizer de algo que se encontra numa espera para receber. Aliás, ela mesma nomeia-se *busca*. Contudo, interessante perceber como sua máscara nem de longe se revela nessa direção. Apresenta uma figura até mesmo disformemente rebuscada, a ponto de encobrir traços e expressões: uma dissonante imagem de si mesma.

Luara - Como eu pintei a minha máscara... acho que é a mais colorida!... Mas é... só para me expressar... que eu queria... Não queria nada com formas... muito conhecidas... Porque... é isso que eu quero agora! Não estou muito preocupada com o que o povo está pensando de mim! Eu coloquei uma coisa assim... bem diferente!!! Até para sair feio mesmo!!! Se não gostarem... não interessa para mim... no momento!

- **Terceiro cenário – Luara colocando-se no lugar de ex-esposa e encontrando-se com o grupo.**

Luara permanece com os braços estendidos. Entretanto, curiosamente suas mãos se mostram para mim com duas possibilidades: parece-me um pedido, uma súplica, ao mesmo tempo em que parece afastar, empurrar.

Luara - O que eu penso nesse momento? Como Flora falou... está passando um filme falando na vida! Eu comecei a passar um filme na cabeça... Assim... ela falou em estudar... e realmente... eu também fui tirar a carteira de estudante... que é uma das conquistas!!! Eu me confundo como estudante! Tem muitas vezes que confunde assim... confunde Luara mulher de hoje... com Luara adolescente que eu nunca fui! Essa coisa de ser estudante novamente... pressões... buscar objetivos... eu acho que é uma coisa bem adolescente! Não que o adulto não tenha isso... mas essa atitude da busca... é que me faz confundir com Luara adolescente!

D - E o que você sentiu aí nesse lugar?

Luara – Interessante!! Tanta gente olhando para você! Eu sinto novamente aquela sensação de crítica que eu sentia... quando estava casada e tinha muita gente olhando para mim... sempre esperando uma atitude minha... que eles esperavam que eu fizesse... que para eles seria a mais certa... a mais correta... a mais viável para eles... e não para mim! Eles pensavam... meu ex-marido, minha ex-sogra, meu ex-sogro... que a atitude mais correta... era eu deixar de estudar... para ficar com os meus filhos... era eu não sair... e viver em prol da casa... filho e marido!

D - E quando você vê esse olhar crítico... qual o sentimento que você tem?

Luara – Para mim... não importa muita coisa!... Eu fico curiosa para saber o que está se passando na cabeça de cada uma! Fico na expectativa!!! Também medo! Medo!!! Não sei de quê!

Interessante como, em sua fala, Luara também comunica uma busca confusa e uma crítica social que a assusta. Ambas estariam refletindo o desalojamento presente ao encontrar-se em um lugar tão distante do esperado socialmente: a mulher adulta e estudante de hoje em relação à adolescente que não estudou e assumiu a responsabilidade de cuidar da casa, filhos e

marido. Desse modo, Luara se apresenta ainda preocupada com o modo como os outros a olham, não podendo encontrar-se a si mesma sem uma comparação que a remeta ao modo como é vista. Seria essa confusão/indefinição, vivida por Luara, expressão do modo de viver por expectativas já relatado por Brisa e Flora? Seria esse ver-se em trânsito, sob o olhar do outro, amedrontador e assustador, algo que se aproxima de como Mel também se assusta e como Flora tenta segurar-se na “certeza” de um retorno à alegria “garantida”?

Contudo a posição das mãos de Luara levam o grupo até ela. Estariam elas pedindo e solicitando essa aproximação do grupo em direção a ela, principalmente por parte de Brisa, mas à exceção de Mel e Cristal?

A forma de Luara aproximar-se do outro apresenta-se numa atitude oposta: distante, com os braços para baixo, comunicando uma certa inexpressividade e um emolduramento. Entretanto, em dois momentos do grupo, foi possível a ela abrir-se a dois movimentos diferentes: com Mel, pode espelhar o seu “susto”, levantando os braços, embora ainda se trata de uma situação de repetição, com outra expressão para o mesmo sentido; contudo, em direção a Cristal, surgiu algo original: abraçou sua cintura.

- Quarto cenário com Luara – Tirando a máscara.

Sem a máscara, Luara deixa estampado apenas o sorriso já presente em sua máscara, em meio a um rosto tão indefinido. Entretanto sua fala expressa que se sentiu acolhida pelo grupo em seu pedido.

Luara – A sensação é de... [...] de alegria! E... que pela contribuição... porque eu acho que contribuí para me conhecer... com essa busca de querer me conhecer! Para mim foi bom... me deixou feliz!

- **Quinto cenário – Luara e as situações da experiência de ser ex-esposa via os tecidos.**

A primeira imagem de Luara com os tecidos parece como que um rolo compressor, obliterado por duas pedras. A própria fala de Luara expressa essa percepção, já provocada no relato quanto à sua postura corporal, através da dubiedade do sentido de expressão de mãos que buscam e que empurram:

Luara – O que foi representado aqui... a Luara na presença... e Luara... eu achei assim... como o tule... ele é áspero... essa forma que eu me sinto... ele me passa aspereza!... E é dessa forma que eu devolvo! Eu acho que sou áspera também... por conta do medo!! Eu acho que é insegurança!! E... eu dobrei... enrolei... porque é... justamente como eu me sinto... atada!!! Eu acho que eu não tenho força ainda... para... eu não sei se é força física!! Mas é força para reverter!... Eu não queria me sentir assim!

[...]

Luara – Bom... continua a aspereza que eu tinha falado... Muitas vezes eu recebo... e eu devolvo! [...]

Ao contrário, já na segunda imagem, Luara quer se exprimir, como se experimentasse um desabrochar. É ela quem diz:

Luara - E a Luara sem ele... é a Luara rosa... a Luara alegre... a Luara livre... a Luara suave... a Luara leve... A Luara que tem brilho!!! A Luara que não tem aspereza!

Vendo-a em seu conjunto expressivo, compreendo que ela mostra, em realidade, dois modos de ser ex-esposa quando está diante de um outro. Isso faz pensar como somos mutáveis quando co-existimos. Porém o que me instiga na fala de Luara é que ela ainda se percebe como sem força suficiente para ser si mesma, a menos que tome o outro como referência para poder apresentar-se nos seus modos de existir. Parece que Luara não se vê em condições existenciais de assumir-se na responsabilidade do caminho. Entre ela e o seu projeto ainda existe o medo de ser-no-trânsito. Daí não se colocar como aquela que se

endereça a si mesma em suas falas e movimentos. Ver-se sem força é como dizer que não se percebe, ainda, podendo ser no trânsito de ser si mesma, como compreendido em Brisa, Flora, Mel ao se referirem à con-tensão?

- **Sexto cenário – Uma releitura da experiência de ser ex-esposa: a busca de ser si mesmo por Luara.**

Na imagem coletiva com os tecidos, mostra-se com o mesmo tecido da Luara “leve, suave, livre, rosa...”. Ao modo de Brisa, ela ocupa um pequeno espaço, representando a busca por si mesma apenas por uma pequena parte que entra no tecido. Ao ocupar esse espaço com o seu corpo, Luara não faz modificações.

Inicialmente, no movimento da busca por si mesma, Luara coloca-se de pé, mas permanecendo parada e olhando para o ego-auxiliar, que representa essa busca. Estaria sendo difícil, para ela, esse encontro? Logo em seguida, sem tirar os olhos do ego-auxiliar, ela passa a se movimentar corporalmente por todo o palco. Luara fala sobre isso como sendo um modo de olhar de longe para o que ela diz desejar, buscar e o quanto ainda está difícil encontrar-se consigo mesma:

Luara – Concordei com ela... a vontade de levantar... de pular... de andar... de dançar até!! E... quando eu via a imagem... me lembrava de vez em quando... de olhar para ela!... me deu vontade de tocar ela... mas não sei porque não toquei! E também... saber que eu estou buscando... uma coisa que eu acho realmente... que preciso ter paciência!! Eu acho que é isso... que estou me sentindo meio ainda moldada!!... como antes... quando queria fazer alguma coisa! Acho que é isso!!

Luara expressa como vive as situações de mudança: uma dificuldade de fazer/viver rupturas. O emoldramento, mesmo que incômodo, ainda é um lugar conhecido e estável, para ela. Aventurar-se na busca de si mesma torna-se difícil, pois seria como que precisar

romper com os enquadres prescritos e adentrar um lugar ainda-não conhecido. Ouço outra vez, em outra tonalidade experiencial, a voz da con-tensão, do ver-se impedida para seguir adiante.

A dissonância, a dubiedade que acompanhou Luara no seu modo de ser ex-esposa, também fez-se presente no momento da autenticação. Luara se recusou a autenticar o texto literalizado, ou seja, o seu reconhecimento nesse modo de mostrar-se como ex-esposa. Essa recusa parece ser um movimento para não voltar a entrar em contato consigo mesma, pois não se interessou por saber dela e nem mesmo por aquilo que ela diz ser uma busca própria. Com essa dissonância, Luara me diz como está difícil para ela estabelecer uma sintonia com sua trajetória existencial e, por isso, não pode/quer elaborar sua vivência.

- Segundo cenário – O desenho de uma presença de ex-esposa por Cristal.

A imagem de Cristal é uma expressão viva de sofrimento. Em sua apresentação salta nitidamente que estou diante de uma experiência de ser-no-sofrimento-do-não-ser-si-mesma.

Ela diz:

D - Que nome você dá para essa imagem?

Cristal - Alegria e tristeza! O lado esquerdo... ele para mim... não está muito feliz! Ele está um pouco triste!

[...]

D - E o outro lado?

Cristal - Esse lado aqui amarelo... esse lado... não sei! É querendo buscar um pouco mais... alegria! Até o próprio sorriso mesmo... eu considero que está um pouco falso!... no sentido de que eu não estou muito bem... Nesse momento... não estou muito feliz! Eu me considero uma pessoa extremamente feliz... mas estou passando por esse momento que não estou! E esse sorriso atualmente... é só mesmo uma satisfação! Aquela mão ali é reserva... carência...

- **Terceiro cenário – Cristal colocando-se no lugar de ex-esposa e encontrando-se com o grupo.**

Cristal continua mostrando que está dolorida, tanto na expressão dupla da sua máscara, quanto em sua mão no peito. E esse assumir-se em sofrimento vai sendo des-velado a cada momento:

D – Você fala alto o que você experimenta aí?

Cristal – O que eu falei... carência!!! É...

D - O que a emociona nesse momento?

Cristal – A ausência de alguém ao meu lado! Mas sinto também vontade de continuar a caminhar... a conquistar... até encontrar!!!

Com sua dor, Cristal me convida para perto dela. Ela deixa explícito o quanto é sofrido sentir-se sozinha nessa caminhada de ser si mesma.

Nesse revelar-se, Cristal toca o grupo. O ressoar de sua dor parece chamar cada uma delas a ser si mesma de uma maneira mais autêntica, enquanto que, pela via da experiência comum do *pathos*, descobrem o ser-com e a solidariedade-na-dor. Com esse chamado, o grupo se aproxima, inclinando-se ante aquela que sofre do que, agora se sabe, todas parecem sofrer. Sem dúvida alguma, o grupo experienciou um momento de sintonia, o que fez crescer o movimento de interação do grupo.

Entretanto, ao buscar contato com o outro, durante a oficina, Cristal geralmente mantém-se mais reservada ou cautelosa: posiciona-se atrás (de Brisa, de Flora) ou ao lado (de Mel, de Luara). Somente no final ela pode chega perto de Clara.

- **Quarto cenário com Cristal – Tirando a máscara.**

O mostrar-se sem máscara apenas reafirma a convivência simultânea da sua alegria e tristeza. Interessante é perceber que volta o “sorriso amarelo”, já mostrado na máscara de Brisa: um sorriso com a boca fechada, revelando desconforto/sofrimento, mas disfarçados. Será que é outra forma de manifestar a culpa? Ou será, por outro lado, uma espécie de descontentamento por não poder realizar o ideal de mulher que ordenam os processos de agenciamento social dominantes? Cristal reafirma, ainda, o quanto é triste e dolorida a presença da solidão:

Cristal – A sensação é a mesma! Alegria e tristeza! Só que na alegria tem um acréscimo agora... que é a questão de estar partilhando aqui com o grupo!

- **Quinto cenário – Cristal e as situações da experiência de ser ex-esposa via os tecidos.**

No momento da composição da imagem com tecido, tocou-me uma diferença em seu modo de ser. Na apresentação com a máscara, Cristal foi explícita em desvelar-se, mas, diante dessa imagem com tecidos, percebi a tentativa de ocultamento de si mesma e do outro. Entretanto é um ocultar que revela, pois não esconde, apesar das tentativas realizadas.

- **Sexto cenário – Uma releitura da experiência de ser ex-esposa: a busca de ser si mesmo por Cristal.**

Novamente, Cristal me surpreende em seu modo de mostrar-se na imagem coletiva. Ela se apresenta através de dois tecidos: um branco áspero e um preto liso. Além disso, ela deixa à vista a sua sensação de falta, tanto por buracos na construção da imagem, quanto

deixando a parte do tecido, que a representa, sob o tecido branco que representa a busca de si mesma. Quando o corpo entra em cena, transforma a forma de relacionar-se com essa busca, colocando-se ainda mais distante dela. Mais ainda, quando o grupo, principalmente Brisa, expressa o desejo de um movimento de desabrochar, Cristal surpreende mais uma vez por seu comentário, afirmando que sua forma da busca por si mesma ainda é fechada, ainda está por nascer. E, mais uma vez, ela consegue a companhia do grupo:

Cristal – É ESSA!!! A primeira forma para mim!!! A partir do momento que a gente ainda está nessa busca para dentro!

Mel – É! Eu pensei nessa forma também!

Luara – Exatamente!

Cristal – Para mim é essa! Porque se a gente desabrochar agora... está muito rápido!!!

Mel – Eu também não pensaria nisso... agora não!!

Cristal – Eu não entraria nisso não!!!... Eu... particularmente!

Cristal explicita a ambigüidade tão própria do nosso existir: o nascer/morrer de todos nós, em todo tempo, quando assume que desabrochar, naquele momento, seria ainda muito rápido. Nessa sensação, é acompanhada por Mel e Luara. É o ver-se em trânsito que, mais uma vez, é vivido como momento de desalojamento e angústia.

No movimento da busca por si mesma, Cristal resiste em movimentar-se. Ficou muito tempo sentada, olhando para o ego-auxiliar, que representava essa busca, enquanto todo o grupo já se encontrava em pé. Faz então o gesto de quem se debruça sobre “a busca de si mesma”, abraça-la e, só após esse momento, é que se levanta. Entretanto, quando se levanta, permanece em pé parada, braços cruzados e chora de cabeça baixa. Será que se deu conta de que não caminhou? Ou de que está pesado fazer esse trânsito em relação a si mesma? Creio que ela expressa esse sentimento – essa dificuldade em abrir-se ao encontro de si mesma, nesta sua fala:

Cristal – Eu a abracei... porque eu acho que a necessidade... a busca de... olhar para dentro de mim!... procurar ver o que está inquietando!... o que está impedindo que eu não encontre!
[...]

Cristal – Eu pensei que essa imagem... as pessoas estavam querendo muito que houvesse movimentação com as mãos... e que... de repente... se alguém mexer ali... eu vou avançar!!! Eu não vou deixar!!!... Porque o momento... é para ficar ali... ainda!!! E quando eu abracei... eu vi que estava sendo egoísta... tirando a liberdade! Porque por mim... eu tinha ficado com ela até o fim!!! Com ela ali! Mas não... tinha o outro que está querendo que ela desabrochasse! Mas eu vou tentar impedir que ela desabroche!!! Mas... o momento para mim... seria mesmo de introspecção!... dessa busca interior!!

Cristal revela, na autenticação, como é sofrido ser-no-trânsito carregada de medo, angústia, culpa, solidão:

Cristal - Eu achei... me achei incompleta! [...] ainda muito frágil! E aquele momento me ajudou muito!! Eu refleti uma série de coisas... em relação ao sentimento que eu estava vivendo naquele momento... de angústia... de solidão! [...] foi o momento que eu expressei aquele medo... receio de estar sozinha! É com medo de ter mais uma relação fracassada... e... não conseguir compreender onde foi o erro! Isso para mim... naquele momento... estava dentro de mim aquela angústia!

- **Segundo cenário – O desenho de uma presença de ex-esposa por Clara.**

A imagem de Clara comunica uma contenção aproximada às de Brisa, Flora, Mel, Cristal; contudo, como Laura, ao mesmo tempo em que estende a mão para o lado, parece expressar uma dúbia mensagem: solicita contato, mas o braço, de tão estendido, parece afastar o que parece solicitar. Entretanto, diferentemente das demais, a sua imagem traduz algo de uma auto-suficiência: seus movimentos na composição dessa imagem expressam, sem dúvida, um sentimento interior. Seria altivez, já que poderia ser uma indicação de seu modo de ser ex-esposa, firmado numa fala pela via do saber-se capaz de contar consigo mesma? Mas, de outra sorte, poderia ser de apenas um véu/biombo, servindo apenas como um modo de apresentar-se frente às expectativas do grupo sobre si mesma, previamente já reputadas como negativas? Não seria esse o modo que encontrou para transitar no território do público, antecipadamente se apresentando por uma imagem que se con-tem pelo braço e por uma máscara indefinida, sem um rosto definido e diluído em difusão de linhas? Seria essa uma possibilidade de compreender como poderia estar apresentando sua condição por representações? Seria esse

encobrimento uma forma de expressar como ela vislumbra a única possibilidade de ser vista “desde fora”?

- **Terceiro cenário – Clara colocando-se no lugar de ex-esposa e encontrando-se com o grupo.**

Ao vestir sua própria máscara, Clara, por sua vez, incomoda-se com a limitação do seu olhar e movimenta-se para encontrar conforto ocular. Mostra-se, também, muito nervosa, literalmente referindo-se a sentir-se distônica, embora sua imagem permaneça mostrando uma posição firme: segura-se por um braço enquanto estende a mão com o outro. Como era possível apresentar-se tão aparentemente firme em meio a outras presenças vivas do mesmo sofrimento na carne, apesar de histórias distintas? Ou seria uma posição de abertura para a comunhão, pela ressonância do que se passa com as outras que, como ela, também sofrem o mesmo drama? Exposta, sua fala, na verdade, expressa a necessidade de apoiar-se em seu próprio abraço e o incômodo da busca em relação ao outro:

Clara – Esse!!! Nesse... eu me apoio mais!... Nesse... eu me apoio mais... Nesse... Nesse eu me abraço!!!!... Eu estou num momento... de me abraçar!... de me abraçar como eu sou!... Nesse encontro comigo... e... me abraçar nisso!... Agora... interessante! Como me desconforta que... apesar de falar dessas coisas... ainda esteja buscando alguém que eu vá... alguém aqui atrás!... Talvez seja o traço... de dominação... mesmo!!! Ainda preciso estar buscando alguém... que fique atrás de mim! Isso ainda é incômodo!

D - É essa sensação de estar buscando alguém aí atrás que a incomoda?

Clara – É!!! É essa sensação! Desde o meu cuidado de deixar um espaço que não encostasse na parede... e nem que desse para ninguém ficar atrás... Também não quero ninguém me apoiando! E não quero ninguém atrás de mim!... Eu quero alguém ao meu lado! Isto está muito claro! Apesar de perceber uma movimentação ainda dessa mão... um pouco para trás!

É no momento da autenticação que Clara expressa uma compreensão de que esse modo tão altivo é um retrato da sua dificuldade em ver-se dependente:

Clara - Aí quando eu entrei em contato com esse material [...] Ai meu Deus! Aí todo aquele discurso tão bom...que estava tudo tão claro!! Sim... vou conseguir compartilhar de forma diferente! E estou me vendo reeditar um bocado de coisa! Mas... foi até terapêutico para mim... reler! [...] Foi como eu estava me vendo... e sentindo! E como eu me reconheci ali! A saída daqui... os dias que se sucederam... foi tão positivo naquele momento... que não é porque agora... algumas coisas eu poderia... eu gostaria que eu tivesse lido uma outra coisa agora! Eu já... e já visualizei... principalmente assim... eu bati muito na questão da rejeição ao dependente! E eu me descubro completamente dependente! Por isso que aquilo reverberava tanto! Doía tanto! Então... fiz uma outra leitura... [...] Quando eu falo que hoje me vejo diferente em alguns aspectos... é me dando conta disso... exatamente!... de que naquela época... eu me via mais rejeitando esse dependente e me sentindo independente... e que hoje me vejo também na situação de dependente! É bem esse ponto! Exatamente! Que era uma coisa que eu falava muito... de não querer apoio! Como se o apoio fosse me colocar nessa situação!

Realmente, ato contínuo, em sua imagem, o braço estendido de Clara não convida o outro a se aproximar dela. O grupo volta a ficar distante, estático, com exceção de Cristal.

Flora em sua fala expressa claramente o quanto Clara a afasta:

Flora - Eu me coloquei ao lado... e aceitando... porque eu acho que cada um tem uma forma diferente!... Eu não me identifiquei muito!! Assim... ela passa para gente... como se estivesse bem... não estivesse precisando de apoio... não quer ninguém atrás... não quer ninguém segurando... Quer alguém de lado!... Apesar de incomodar um pouquinho a mão... mas é como... se a gente ficasse atrás... ou abraçasse... incomodasse ela!!!... Como se ela estivesse vivendo num momento... agora... que não precisasse disso! Como se ela estivesse precisando dela própria!... Então é aquela de... da gente estar de lado... observar... e... talvez... se ela sinalizasse... e se precisasse... a gente estaria interagindo e ajudando! Mas para mim passou essa sinalização... de que ela não queria muito... ninguém perto dela nesse momento!!! Nem perto... nem atrás... ou apoiando!

- **Quarto cenário com Clara – Tirando a máscara.**

No momento em que se mostra sem a máscara para o grupo, Clara mantém a mesma postura, percebida pelo grupo como ativa e auto-suficiente, desta vez, erguendo o rosto sério. Entretanto, percebi um elemento novo nessa “mesma posição”, que, aliás, aflorou em sua própria fala em seguida. Ao expressar dar-se conta de uma elaboração por meio dessa vivência, ela diz:

Clara – Eu estou me sentindo mais... depois de tirar a máscara... dá uma tranquilidade!... Porque você está sem nenhum recurso... que estava te incomodando! Apesar da máscara lá... não parecer incômodo!! Mas... lá... não era uma coisa... era uma coisa de fora! Então... agora... eu consigo me sentir e também acho que... agora... você já começa a se ajustar das informações que tiveram... que eu percebo buscar meu pé... que me dê mais segurança...!! Essa mão... como é que eu quero encontrar alguém se essa mão fica o tempo todo saindo?... sem uma firmeza maior na mão? Aí é assim que eu me sinto... me percebendo mudando!

Creio que, indo à cerne de seu texto, é possível compreender a elaboração de Clara por essa postura de segurar-se tanto, mantendo, no mesmo esforço, o outro afastado dela. Seria esta uma atitude reveladora da ambigüidade de seu modo de viver em sua orientação de vida? Tal percepção contemplaria, existencialmente, como a situação de abrir-se ao mundo e ao outro coloca o humano diante do estranho. Nessa passagem, cada um vivencia a vertigem de como que estar à beira de um abismo, o desamparo incômodo de encontrar-se sem suportes de apoio. Seria isso que a levaria a comunicar essa sensação através de variações de pronomes pessoais e tempo de verbos na mesma frase: “Então... agora... **eu consigo** me sentir e também acho que... agora... **você já começa** a **se ajustar das... informações que tiveram...** que **eu percebo** buscar meu pé... que me dê mais segurança...!!”?

Por isso, talvez, novamente, percebo aparecer, por meio sua expressão, o receio em permitir-se experienciar o desalojamento na relação com o outro. Reflete-se no como Clara se posiciona sempre atrás ou à frente junto ao grupo. Quando se coloca à frente (de Brisa, de Mel), parece postar-se de modo a obstruir o outro. Quando está atrás (de Cristal, de Luara), porém, fica tão perto que quase se esconde. Apenas ao se posicionar atrás de Flora, é que ela fica um pouco mais distante.

Mais uma vez vejo a constatação desse receio de Clara, em sua fala durante a autenticação:

Clara - [...] como sou... é... mais ativa... eu sou manipuladora... eu sou controladora! Então... tinha aquela ilusão de... por ser assim... eu era muito mais independente! Esquecia aquela coisa de quem está por trás... o outro

lado desse papel... no final das contas exerce um poder sobre você... muito maior do que você imagina!! (...) Mas já me percebo... mais uma vez... com alguns tipos de controle! Com alguns tipos de... situação que eu não queria estar me vendo assim! E reler... aí foi atestar!! Foi atestar! Exatamente! Atestar as coisas que ainda estão presentes... e que me incomodam!

- **Quinto cenário – Clara e as situações da experiência de ser ex-esposa via os tecidos.**

Se a primeira imagem construída por Clara já revelava o desgastante esforço que ela faz, concretamente referido pela distonia e nervosismo, isso reaparece na imagem com tecidos: manter o equilíbrio seria algo tão profundamente inscrito em seu corpo que se manifestaria em sua inserção postural nas geografias vinculares. Nas linhas de fundo de sua imagem com tecidos, percebo desenhada a forma esperada de uma relação conjugal: um homem e uma mulher (rosa e azul) sobre uma base consistente (a família). Estaria, aqui, ressoando em sua expressão, visível e fortemente, o ideário da conserva cultural ainda presente nas representações sociais dominantes na contemporaneidade? Clara diz:

Clara – Ali é o meu primeiro casamento! E... eu vejo... era muita imaturidade... era muita infantilidade! Eu escolhi duas cores... bem infantis! Bem... que retrata... um menino e uma menina!... e sustentado por uma fantasia das famílias! É assim que eu vejo! E... e foi muito fantasioso! Era muita fantasia que tinha! [...]

Na segunda imagem, referente à relação com o segundo ex-marido, chama atenção o fechamento de Clara ao outro, tal a forma como se representa fortemente circundada por um tecido que não é ela. Mais uma vez, estaria aparecendo seu movimento de recusa em sua presença do outro enquanto outro? Esse incômodo de Clara em-relação-com-o-outro, surge em sua fala:

Clara—O que me incomodou...antes de colocar... foi perceber que... nas duas relações quando eu... não consegui começara falar de mim! Eu fui falar

do outro e da relação! Então... não é... eu me senti... parece que é uma coisa tão simbiótica! Que eu não conseguia falar de mim!! Que é uma movimentação que eu percebo muito mais hoje... algo bem recente!! Eu tive que falar da relação!... quer dizer... estava sendo perguntado como é que é ser ex-esposa?! Quer dizer... falar de mim! Eu não falei de mim! Falei da relação! Claro que eu estou nessa relação!... isso me incomodou! Me incomodou me perceber fazendo isso! Ai pronto!! Me chamou atenção!

Interessante que é só no momento da autenticação, quando Clara vê as fotos da oficina que ela se dá conta do seu fechamento em relação ao outro:

Clara - [...] Posso também falar agora... do que vi diferente... quando olhei a foto! É... quando eu visualizei a figura do segundo casamento... dos tecidos... eu quando fiz... eu me coloquei numa figura integrada... um círculo integrado... e o outro desorganizado! O outro estava solto! E eu coloquei como a impossibilidade daquela relação... era porque eu estava muito integrada comigo... sabendo muito de mim... e o outro... muito desorganizado! E quando eu vi... aí... agora eu achei completamente diferente! Eu vi que ele estava aberto para a relação e eu não! Eu não vi aquele círculo fechado como integração! Eu vi como fechamento mesmo! Falta de abertura! E aquilo que era desorganizado nele... como abertura!

- Sexto cenário – Uma releitura da experiência de ser ex-esposa: a busca de ser si mesmo por Clara.

Na feitura da imagem coletiva, mesmo que, uma vez mais, Clara mostre-se fechada, ela não se esquiva, contudo, de manter contato com o tecido ou ego-auxiliar que representa a busca de si mesma. Em seu movimento na busca de si mesma, Clara debruça-se sobre o corpo do ego-auxiliar, abre os braços, como num desabrochar e, surpreendentemente, é a que mais se move no palco.

Será que, em contato com essa realidade do que se deixa modelar segundo sua vontade, Clara estaria podendo se perceber aberta para chegar a si mesma? Esse seu modo de ser-em-movimento reverbera não apenas em sua gestualidade, surgindo em sua comunicação verbal. Diz desse encontrar-se consigo mesma e da dificuldade que sente em acompanhar o ritmo do outro:

Clara – Eu me senti... nesse encontro comigo! A movimentação foi de me debruçar sobre Socorro... sair com alguma movimentação... e... eu não me senti... era o contato comigo! Era Clara!! Não era a ex-esposa! Lembrei que... quando eu sentei aqui eu fiz: “eita!!!” É para falar sobre a ex-esposa!! Mas eu estava completamente nesse encontro comigo... que é como eu estou nesse momento!! Foi isso... me deu vontade de sair do grupo... mas eu achei que não!! Que aí eu tenho que esperar o momento do outro!... Porque a gente está no grupo! Aí voltei! Mas... eu estava bem!! Não me senti... mas eu percebia... que o quanto olhar para esse encontro... ainda era muito presente!! Porque todo momento... eu estou nesse encontro comigo!!! É muito recente... e está sendo bom isso! E às vezes... tiro alguma coisa de mim... que ainda está causando algum desconforto! Ainda sinto essa vontade de tirar... Agora... não é nenhuma euforia!... é um encontro comigo!!! É algo bom!... que ainda está sendo construído!! Então foi assim!

Para Clara, faz-se possível aproximar-se e buscar si mesma. Mas ainda mantém-se bastante constrangedor e perturbador o contato com o outro. Isso faz perceber que em seu movimento habita o medo do desalojamento que o outro pode pro-vocar: ao mesmo tempo em que possibilita levá-la a ver-se desde fora de sua experiência singular, oferecendo-lhe pertencimento, de modo muito mais intenso também a conduz a encontrar-se sem trégua, já que dela demanda inscrever-se no curso de trânsito que ela se recusa a experienciar. Desse modo, esse medo prenunciaria como ela se apresenta tão ativa e auto-suficiente, podendo somente entrar em contato consigo, como que “segurando-se” para manter fora de si o contato com esse outro que a desaloja e a desequilibra.

**5 CENAS HUMANAS NO PALCO DA VIDA:
UMA REDE (IN)ACABADA COMO CENÁRIO PARA TECER SENTIDO**

E agora, José? / A festa acabou, / a luz apagou, / o povo sumiu, / a noite esfriou, / e agora, José? / e agora, Você? (DRUMMOND, 2005a).

Eu? E agora? Se, para iniciar este trabalho, tudo partiu de uma questão, minha cabeça, agora, fervilha de questões. Mas uma delas me aprisiona: e agora? Como fazer o trajeto do vivido ao texto escrito? Ele também não é mais o mesmo, mas um outro que se mostra (revela) à luz do apresentado no capítulo anterior, ao mesmo tempo que, ao seu apagar, parece obscurecer (velar) aquilo que de significativo iluminou.

Em face de mim mesma, vejo-me desacompanhada das falas demarcadoras de testemunhos de experiências transitadas atendendo a um apelo de desnudamento. Refiro-me a um caminho, traçado e nutrido por uma rede de vivências que, pela escuta comum, ganharam nomes, imagens, sentimentos, medos, sofrimento, prazer, choros, alegrias, formas, movimentos, descobertas, cores, vozes, entranhas de experiências compartilhadas numa oficina. Como apresentar um tal registro dinâmico da memória biográfica do vivido para mim: o dizer con-sentido do ser que se fez e, agora, a se fazer com sentido?

Assim, a impressão de que a festa acabou surge como sentido ao desamparo do desacompanhamento e da solidão da busca de sentido. Contudo há a persistência da memória diante de mim, sinalizando alguns pontos de referência de minha própria trajetória, outros falando de minha carência de dizer: textos, aulas, leituras, conversas, teorias. Agora faz-se necessário ruminá-las para compreendê-las e comunicá-las. Por isso cabe uma pergunta

radical: mas... a festa realmente acabou? E se não acabou – e percebo que não – a questão *e agora?* segue de pé.

De fato, posso compreender como o contar de uma atuação não necessariamente aponta o sentido da ação nela implicada; assim, claro se faz que *ainda* (e não somente *agora*) *não* sei tudo sobre a questão. Na verdade, prossigo no caminho de *não ainda*, para poder compreender e comunicar o sentido de toda essa minha experiência. Desse modo, não pretendo que este *dizer significativo* venha a dar-se *como um ponto de chegada desse caminho* a seguir, feito enquanto escrevo a partir de minha memória do vivido. O que acredito, portanto, ser mais razoável é compreender tal *dizer como uma possibilidade de abertura de sentido*, vislumbrado pelo meu caminhar, apresentando rupturas de linearidades de alguns olhares *sobre a questão*, pois quem pesquisa é aquele insatisfeito com o que leu e viveu *sobre*; sua busca é encontrar sentido, colocando, *sob rasura*, a intenção ingênua de que ser pesquisador é poder “*dar uma res-posta sobre*”, ou apontar um sentido estrito, acerca da questão no texto produzido. Não sem razão, assim, ter recorrido ao poeta Carlos Drummond (2005a) no início deste capítulo, pois esse mesmo poema aponta o desalojamento dessa tentação à onipotência: “Com a chave na mão / quer abrir a porta, não existe porta; / quer morrer no mar, / mas o mar secou; / quer ir para Minas / Minas não há mais. / José, e agora?”.

Agora? Resta outra possibilidade aberta pelo pensamento de Moreno (1978): “Uma resposta provoca uma centena de perguntas⁵⁷”. Firmada neste espírito, aceito o risco de ir em frente, de acolher esse “*e agora?*” que irrompe e me desaloja e, ousando, uso das palavras de Clarice Lispector (1978c⁵⁸, *apud* KANAAN, 2002, p. 17):

Aceito o risco. Aceitei o risco bem maior como todo mundo que vive. E se aceito o risco não é por liberdade arbitrária ou inconsciente ou arrogância: a cada dia que acordo, por hábito até, aceito o risco. Sempre tive um profundo senso de aventura, e a palavra profundo está querendo dizer inerente. Esse senso de aventura é o que me

⁵⁷ Passim

⁵⁸ LISPECTOR, C. **Um sopro de vida**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978c.

dá o que tenho de aproximação mais isenta e real *em relação a viver e*, de cambulhada, a escrever.

Esta é a razão, então, que me põe a escrever; já não posso mais negar que é preciso me colocar no trânsito e, afetada pelo fechar das cortinas, ser capaz de re-abri-las para o encontro com um sentido advindo desse cenário tecido: a festa ainda não acabou ainda! Assim, inicio a minha (in)conclusão.

Como uma artesã a tecer uma colcha de retalhos, encontro nesse trabalho um sentido para essa ação. Afinal, não é fácil tecer uma colcha de retalhos; requer paciência, atenção, criatividade, estética, escolhas discursivas, procuras bibliográficas, encontros existenciais, desencontros vivenciais, fazeres metodológicos, refazer trajetos, desfazer escolhas, olhares teóricos, construções de sentido, re-significar paisagens, re-descobrir técnicas, des-tecer idéias, viver sentimentos, velar sofrimentos, revelar aberturas. Dessa forma, fazer um inventário⁵⁹ como uma colcha de retalhos implica que alguns recortes não serão utilizados, pois o que será a minha escrita senão somente **um** dos recortes possíveis de compreensão acerca da questão que me propus no início desta pesquisa: *compreender como a mulher contemporânea experiencia ser ex-esposa?*

Creio que será mais interessante confeccionar (manufaturar) essa colcha de retalhos assumindo, mais uma vez, o papel de narradora-artesã. Contarei que essa “colcha de retalhos” não foi construída linearmente, mas tecida como uma rede que, passando pelos mesmos lugares várias vezes e por distintos lugares outras tantas, vai traçando conexões novas e insuspeitas. Por isso, na articulação da pesquisa, a oficina teve um lugar de ressonância sociométrica, e nem poderia ser de outro modo. Na nervura de sua composição, as narrativas (retalhos) foram vivenciadas no palco (recortes) e elaboradas no compartilhar (costura),

⁵⁹ Inventário utilizado aqui, no sentido de invenção.

(com)pondo, assim, a “colcha de retalhos” como testemunho e veracização possíveis à experiência de ser ex-esposa.

Tecer essa colcha como uma rede implica um trançado de linhas que desenham cruzamentos relacionais significativos. Como sugerido por Guimarães Rosa (1985, p.14, aspas do autor), uma rede é “Uma porção de buracos, amarrados com barbante...”. Desse modo, pode ocorrer que, talvez, meu modo de olhar seja para os buracos deixados nessa tessitura, sem considerar os barbantes; ou mesmo que eu possa ter atentado para os seus pontos de cruzamento (os nós), sem perceber os buracos por eles tecidos; aliás, sem eles, não ocorreria a percepção da rede nos alinhavos feitos apenas com os barbantes. Assim, vale dizer que só é possível perceber-se a colcha como tal quando a rede surge como que uma paisagem desenhada por entre buracos e barbantes sob a forma de retalhos, pois o sentido da colcha se constitui pela rede entre retalhos.

Com isso, aviso àqueles que me acompanharão, na leitura do texto, que o meu intento foi apresentar a colcha desde o lugar da pesquisadora clínica. Por suposto esse ponto de vista é, como adverte Boff (1999), apenas a vista de um ponto. Leia, então, que essa é apenas uma possibilidade de se fazer a colcha de retalhos, de se contar e re-contar os possíveis significados sentidos na mostraçãõ da experiência de ser ex-esposa para a pesquisadora. Nessa mesma perspectiva, ao(a) leitor(a) cabe a liberdade de, posicionando-se em outra perspectiva, olhar apenas para os buracos ou para os barbantes a seu próprio modo. Contudo, convido o(a) leitor(a) a poder deixar-se levar adiante, colhendo outros recortes (outro sentido) por mim sugeridos, acompanhando-me por entre outras articulações teórico-metodológicas (outros conteúdos), fazendo-se, ao encontrar-se no trânsito de ser-na-leitura, um artesão/guardião de um dizer-sentido, já seu, sobre a colcha que eu construí – ou sobre a colcha que se fez apresentar ante seu próprio olhar.

De outra sorte, nesta pesquisa, aclaro que falei desde muitos lugares discursivos. A um só tempo, eu fui não apenas pesquisadora/clínica, mas também diretora/sociopsicodramatista, interlocutora/intérprete, pensadora da sombra, investigadora/participante/oficineira, narradora/escritora e, agora, psicóloga/artesã destas experiências das sujeitos/narradoras participantes da oficina. Por sua vez, na linguagem psicodramática, joguei com todos esses papéis no contato com as sujeitos/narradoras para, a partir daí, seguir em direção a um sentido possível ou a múltiplos sentidos possíveis da experiência de ser ex-esposa – tendo a palavra *sentido*, neste contexto, o emprego de destinação, orientação, muito longe da indicação comum de algo unidirecional.

Essa pluralidade de vozes pode ocasionar uma certa confusão para a compreensão do fenômeno por parte do(a) leitor(a). Nesse sentido é que uma das metas deste capítulo será a de poder esclarecer quais aspectos da oficina foram mais significativos para a sua compreensão pela autora. Naturalmente, isso requer colocar-se diante de um momento de escolha.

Portanto, diferentemente do capítulo anterior, que apresentou o fenômeno tal como ele se deu, neste capítulo será apresentado aquilo que, de certa forma, na maneira do fenômeno se mostrar, destacou-se para mim, como algo que merecia um debruçar-me para considerar-se. Em realidade, neste quinto capítulo, começarei pinçando aquilo que, saindo da oficina, a mim se apresentou. Ou seja, é o momento de, na tessitura da rede, ir puxando os fios que foram levantados de maneira mais significativa para mim.

Este capítulo, então, apresenta-se como a luz daquilo que a oficina iluminou para a pesquisadora. Ele parte de elementos revelados durante a oficina que se oferecem como possibilidade de articulação com aqueles que se emprestaram para o encaminhamento da questão. O presente capítulo pode ser compreendido como uma releitura da oficina, não do modo como ela se apresentou, mas do modo como ela se pintou à pesquisadora, agora narradora buscando elaborar sua experiência.

Minha narrativa *conta a história de um grupo de ex-esposas* que, em comum, carregam consigo um traço de pertencimento – *ser ex-esposa* –, ao mesmo tempo que revelam expressões singularizadas dessa realidade de ser ex-esposa. Por reconhecer na pesquisa a guia balizadora de uma atitude fenomenológica existencial, não tive a intenção de dar a essas narrativas a representação de um caráter único. Para todos os efeitos, entendo que a experiência de ser ex-esposa não pode ser compreendida propriamente à luz de um marco de leitura que capture o sentido, por recorrer, freqüentemente, à categoria da generalização.

De outra parte, quero assinalar que o nascedouro estimular da questão, embora tivesse partido, também, de minha própria experiência como foco - tanto minha história pessoal quanto minha história profissional -, não se restringiu apenas a isso. Outros focos discursivos me despertaram a curiosidade intelectual. Refiro-me, por um lado, ao “caldo de cultura machista”, ainda reinante, que trata a figura da “ex-esposa” sempre por notas (piadas, contos, etc) extremamente preconceituosas; por outro, saliento o silêncio bibliográfico sobre a realidade da ex-esposa - e em particular sobre a sua dimensão existencial -, mesmo, obviamente, em meio à rica variedade de falas, recorrentes na literatura, sobre temas relacionados ao âmbito cultural do qual essas mulheres fazem parte. Concentrar-me nestes focos conduziu-me a buscar revelar a dimensão existencial de ser ex-esposa por uma perspectiva cultural contemporânea, para poder lançar um olhar compreensivo para a *dimensão existencial* de ser ex-esposa no campo da Psicologia Clínica.

No acontecer desta pesquisa, seu predicativo como *clínica* foi compreendido no sentido de *inclinarse*, de *a-colher*. Desse modo, ela se apresentaria por meio de três atitudes: ação, palavra e escuta. Por essa compreensão, todas nós, participantes dessa pesquisa, estamos implicadas nela e, em nossas narrativas, ficaram impressas tanto a minha marca de pesquisadora/interlocutora quanto a marca de cada uma das sujeitos/narradoras. Compreendi o

sentido dessa implicação quando encontrei Benjamin (1985, p.205, aspas do autor), a dizer que

a narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar, na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila, no vaso.

Assim, a história que narro, por extensão, é a história que consegui construir na relação com as sujeitos/narradoras e suas narrativas, pois uma história só é construída por pessoas que se relacionam, mostrando-se cheia de surpresas, espantos, reflexões, limitações, fantasias, lembranças, desejos, memórias, vínculos e possibilidades. Desse modo, durante os capítulos dessa dissertação, contei como fiz alguns caminhos: o encontro com a questão, a escolha de fundamentações teóricas, a construção da metodologia, a apresentação do material e sua compreensão. Muitas vezes, esse percurso ocorreu, ou a partir da crítica de direções teóricas não afinadas com a atmosfera de minha formação intelectual, ou pela originalidade mesma implicada na própria temática do trabalho.

Abraçar o desafio de tematizar uma questão ainda não investigada demandou, durante todo o trajeto da pesquisa, deixar-me guiar por onde a questão me conduzia. Por conseguinte, ela tornou-se uma inquietação a me dirigir. Fazendo-se presente na oficina, a questão foi-se mostrando e se apresentando como fenômeno. Neste percurso, muitas surpresas aconteceram, colocando-me, constantemente, diante do inesperado. É através do modo como fui afetada por ela que vou buscar revelar o caminho nesta (in)conclusão.

Por essa via de leitura, importa apontar que a tônica deste trabalho se assenta na reflexão sobre a dimensão existencial da experiência de ser esposa e sua ressonância na clínica psicológica. Desse modo, o fio condutor das considerações que se seguem terão seu

ponto de articulação mediada por essa dimensão, tendo em vista o que foi interpretado no final do quarto capítulo.

De início, destaco que, para compreender essa dimensão existencial, recorri aos diversos modos como as sujeitos/narradoras se apresentaram na tessitura das narrativas criadas a partir dos tecidos, das máscaras, dos corpos em ação dramática, das falas. A minha interpretação clínica, nesse contexto sociopsicodramático, objetivou estabelecer um foco de luz para o desvelamento de alguns fenômenos presentes na experiência de ser ex-esposa e, assim, construir um sentido possível para a leitura dessa experiência.

A esse posto, o recorte dessa modalidade de intervenção/investigação mostra-se como uma possibilidade de *comunicação de sentido* da experiência vivida nos moldes de uma ação clínica, tal como, aliás, já apontei no terceiro capítulo. Dentro dessa visão, mais do que o conteúdo, o lócus de desocultação, norteado pela *aletheia*, visa ao exercício da *poiésis* (linguagem) – aqui compreendida enquanto modo para comunicar sentido e não conteúdo.

Por isso, nesse trabalho, o que tem efetiva relevância é a mostraçãõ do sentido – a ressonância clínica da forma como as coisas me tocam acerca da experiência de ser ex-esposa. Pela via aberta por Heidegger, sabe-se que o termo sentido *Sinn*, em alemão, quer dizer “[...] indo em uma determinada direção, [...] estando a caminho de algum lugar” (BOSS, 1963, p. 86).

Nessa direção, posso dizer que, em última instância, o que pretendo é observar que o desvelamento do sentido pode-me orientar na compreensão dos núcleos de escolhas que circunscreveram as trajetórias biográficas das sujeitos/narradoras. Tal compreensão me leva a perceber o trabalho clínico como uma atitude de pró-cura, que se apresenta como uma possibilidade de ação tanto para o cuidado, quanto para o modo como se experiencia essa destinação à pró-cura.

Nesta pesquisa, portanto, ao inclinar-me para *a-colher* a experiência de ser ex-esposa, já assumo a minha implicação no processo do acontecer clínico. É dessa condição que escuto, no desenho vivo de cada experiência narrada, o saber que pertence ao *pathos* do ser-humano, a radiação de uma dor-de-ser que se revelou própria da dimensão do existir: lançar-se na busca de ser si-mesmo.

Assim, a dimensão existencial da experiência de ser ex-esposa se apresenta como a ambigüidade em direção à encarnação do si-mesmo, que, sob o foco de minha leitura, se expressa como "ser **ex**" (o horizonte da facticidade) fosse percebido como um impedimento para orientar-se no mundo (estrutura de realização), responsabilizar-se no trânsito do *ainda-não-ser*, ou seja, no enfrentamento das injunções axiológicas que se entrecortam no “colocar-se a caminho, como quem segue adiante”.

Certamente, aos olhos de Heidegger (2002), o modo de expressão dessas experiências não surpreende. Quando em “Ser e Tempo”, levanta os modos como o ser-aí pode decair na impessoalidade, ele evidencia que a compreensão de si-mesmo do ser-aí está, enquanto presença endereçada, facticamente, à morte, marcada pela condição da impropriedade. Ora, isso é o mesmo que dizer que o ser-aí encontra-se consigo mesmo na mesma direção em que se encontra decaído na superficialidade da falação, da avidez de novidades e da ambigüidade – dizendo dos três modos como o ser-aí pode decair na impessoalidade.

Entre os modos de sujeição (queda do ser-aí), encontramos a ambigüidade. Ela diz do humor que se apresenta pela pretensão de que tudo pode ser facilmente inteligível e, portanto, dado como algo sobre o qual já se sabe seguramente, seja qual for o caso ou assunto. Sob essa névoa encoberta por certeza irrefletida, nada mais se pode dizer/decidir, visto que não há mais uma mediação possível entre o que é “efetivamente compreendido” e o que é “meramente repetido”. No entrejogo de humores em que se engendra a ambigüidade, o que pode se constituir como "a verdade" poderia ser a mera repetição do lugar-comum encobridora,

valendo-se daquilo que “todo mundo diz”, como um modo estereotipadamente encobridor de si mesmo e do “estranho em si”. Por isso, o ser-aí *comumente* se mostra indeciso, como que “em cima do muro”, por não poder comprometer-se consigo mesmo pelo que diz, por não poder compreender o que se apresenta como realidade; por não perceber a pluralidade dos seus aspectos, não pode abrir-se a outras possibilidades de sentido e produção de significados a que conduz a compreensão.

A esse propósito vale recordar o que, sob a ótica de Heidegger (2002, p.182, grifos do autor), foi dito no capítulo terceiro a respeito da condição de ser humano imerso na cotidianidade: “O próprio da pre-sença cotidiana é o próprio-impessoal que distinguimos do si mesmo *em sua propriedade*, ou seja, do si mesmo apreendido como *próprio*”. Do lugar desse território de inautenticidade, deve-se compreender (e entenda-se que a compreensão não é, aqui, um modo de conhecimento, mas de expressão do ser humano) que o *Dasein* não é capaz de remeter-se verdadeiramente às coisas. Por conta disso, também, não pode presencializar-se num modo próprio de ser, caindo, por conseqüência, no repetitório do costume e da verborragia que os outros alimentam, perdendo-se no anonimato, do que se depreende que, como enfatiza a ontologia de Heidegger, o ser humano, lançado no anonimato, não é capaz de *cuidar de ser como projeto existencial próprio*. E a razão disso se observa em Ser e Tempo: “[..] ‘eu’ não ‘sou’ no sentido do propriamente si mesmo e sim os outros nos moldes do impessoal” (HEIDEGGER, 2002, p. 182, aspas do autor). Daí a razão de compreender o ser humano como aquele a quem cabe a tarefa de cuidar de ser. Na verdade, não lhe escapou o fato de que a possibilidade do *próprio* é sempre uma condição a ser reiteradamente conquistada, uma vez que o ser-aí na cotidianidade existe no modo de ser da impessoalidade, ou seja, do próprio-impessoal.

Assim, pois, em relação à experiência das sujeitos/narradoras de ser ex-esposa, o modo de **ser ex** revelou-se sendo **vivido por elas** como **deixar de ser**, num momento inicial de

ruptura do **ser-com** vivido no cotidiano existencial *impróprio*. Poder abrir-se a significar que **ser ex** diz do modo *próprio* de sempre ser lançado, ou seja, deixar de ser o que *ainda não* era si mesmo para encontrar-se em trânsito ao *não ainda* si mesmo pela tarefa de cuidar de ser, demanda sofrimento e desamparo: sair de si (**ex**) em busca de si. Eis aí a ambigüidade de humores acima referida, pois o humano, nesse percurso existencial na trilha para encontrar-se a si mesmo, encontra irremediavelmente apenas vestígios de si mesmo, apontando-lhe a cuidar de ser o que não ainda pode ser. Sofrimento e desamparo são humores a se fazerem presença na condição de homem. Recorro aqui a uma máxima popular que, de tão recorridamente apropriada por todos, já é uma impropriedade autoral: "A felicidade sempre está onde nós a pomos... Acontece que sempre a pomos onde nós não estamos..."

De outro passo, retomando o foco de tematização desta pesquisa, percebo a ambigüidade radical⁶⁰ que perpassa a experiência de ser ex-esposas das sujeitos/narradoras. Posso vê-la, exemplarmente, na postura de Mel quando, de mãos em guarda, apóia-se com um “pé atrás” - sinalizando o seu medo de avançar - e outro à frente – tal como se demonstrasse que o medo, no entanto, não é paralisante -, o que expressa, em cores vivas, o seu movimento angustiante de ser-em-trânsito. Decerto, esse seu movimento converge para um sentimento profundo de desorientação quanto ao sentido da projetividade do ser, perfeitamente plausível quando se tem em vista a compreensão do desespero do homem contemporâneo.

No depoimento de Flora, igualmente, manifesta-se a ambigüidade:

Flora – [...] e quando eu saí... que botei o pé fora de casa naquela madrugada... eu falei: “Eu não volto mais aqui!!! PARA MIM ACABOU!!!” [...] E eu disse: “Independente do que pensarem... ou que acharem... ou que for... eu não volto mais!!! Eu não quero mais!!! Aqui acabou!!! Quem quiser que pense o que achar... que faça o que achar... Mas para mim... acabou!!!” E... as pessoas que conversavam comigo não acreditavam! Achavam que eu ia voltar atrás... Mas para mim estava tudo muito claro!... Até o momento que eu cheguei na primeira audiência da separação... e disse à juíza... ela ficou querendo que eu fizesse uma reconciliação... uma terapia de casal... Aí

⁶⁰ Radical, aqui, refere-se ao que é raiz, enraizado.

eu disse para ela: “Eu não quero nada com esse homem!!! Eu não quero terapia nenhuma!!! Não quero nada!!! Se eu tiver que fazer alguma coisa com ele... eu prefiro morrer!!! Eu não quero voltar!”... A partir daquele momento... estava tudo definido na minha vida... em termos de sentimento! Então... a partir daí... eu comecei a caminhar numa nova vida! E por isso... eu digo que eu vi que... com toda dificuldade... eu sinto leveza... de respirar... e não ter mais aquela coisa me tolhendo de tudo!! EU TENHO O DIREITO DE ESCOLHA!!! Eu tenho o direito de... eu vou estudar... não vou! Eu vou dormir... não vou dormir! Eu vou sair... não vou sair! Apesar que esse momento para mim está difícil [...] Mas eu acho que é essa sensação de liberdade... de escolha... que eu sei que... com o tempo... isso vai se adequando... Com o tempo... **isso vai melhorando... vai voltando até o normal!** (Grifo nosso).

É interessante notar como, depois de afirmar uma necessidade interior de independência e romper com as amarras da antiga relação conjugal, que não lhe permitia escolher por si mesma – o que requer, certamente, uma consciência aguda do que está em jogo na trama de sua auto-realização -, ela mesma acaba por cair na antiga crença do eterno retorno do mesmo. Sua expectativa de melhora de vida se confunde com uma espera de que o tempo lhe devolva a normalidade da ordem das coisas. Como na experiência de Mel, Flora decai na ambigüidade.

De fato, esse seu modo de estar no mundo me remete tanto a como o ser se situa em sua existência (espacialidade), quanto a como ele compreende a sua existência ao longo da história (temporalidade). Cabe assinalar que me refiro à história como o percurso desde uma origem a uma destinação. Remete o ser para uma tarefa de orientar-se como trajetória de *existere* decidido pelo lançamento inesgotável a possibilidades a serem encarnadas como projetos de ser. Assim, a liberdade do homem se realiza como poder escolher uma dessas possibilidades e encarná-la, visando a sua propriedade. Mas, ao mesmo tempo, como projecto, ser si mesmo a partir de uma possibilidade, escolhida como realidade em uma dada situação, demanda re- visar e re-escolher outras possibilidades de ser e realizar sua tarefa de cuidar de ser: desalojamento é condição para poder ser... outra ambigüidade.

De acordo com Heidegger (2002), no lançamento desse ser-projecto, a angústia se faz presença, nem apenas pela ambigüidade de ser propriamente e ser desajolamento. Ela é

constituente do humano, enquanto ser lançado implica encontrar-se outra dimensão: sua própria finitude, apontando-lhe o limite real de seu poder ser pro-jecto.

No horizonte de problematização de minha pesquisa, a questão da finitude apresenta-se na experiência da ex-esposa em relação à durabilidade da vida conjugal. Acompanhando as linhas de sentido das narrativas, observo uma recusa para apropriar-se do desalojamento que as mudanças – de ordem social, existencial, ética, moral, financeira, intelectual etc – provocam. Evidentemente, essa recusa assinala um medo originário, uma forma de encobrir qualquer coisa que possa trazer à presença a finitude: anúncio do *irreparável-nunca-mais*, o *inominável-não-mais-possível-para-sempre*, de que “nada dura”, “nada é eterno”; “tudo é transitório”. Face a face com a realidade descarnante, cada uma das sujeitos/narradoras testemunha um incômodo, receio, con-tensão, sofrimento, desamparo, desalojamento.

Cristal – [...] Eu gosto de tudo a longo prazo... e eu acredito no eterno... certo?... até que me provem o contrário!!... Apesar das minhas relações não darem certo... eu continuo acreditando que o eterno existe!!... Pode durar... e pode dar certo!!... Que desgasta... desgasta... porque não há nada que não vá se desgastando com o tempo... Mas... eu acho... é um desgaste natural mesmo!... A gente vai envelhecendo!!... Por que as nossas relações não desgastariam?? Mas não a ponto de romper!! Porque eu acredito que elas podem durar!... Elas podem ser eternas!!! Então... a minha dificuldade hoje... é essa... é a durabilidade!!... Conquistar hoje... uma relação... que eu acredito que vai ser eterna... me põe medo!!... Porque geralmente as pessoas... principalmente do sexo oposto... não estão com essa visão!!... pelo menos as pessoas com quem eu tenho conversado!... não são as pessoas que eu tenho buscado para me relacionar... mas que a gente tem conversado em rodas... em grupos... não têm essa visão de durabilidade... mas de momento... de passageiro!!!

Assim, Cristal explicitou o quanto é sofrido, difícil, angustiante deparar-se, na caminhada de ser-si-mesma, com esse mundo de constantes mudanças. Sem dúvida alguma, a angústia da dor de ser-no-mundo, abertura à radicação de projeto de ser inacabadamente, mas com prazo de validade, é terrificante para ela. Mesmo podendo reconhecer esse limite no corpo físico, persiste em deixar-se conduzir por Peter Pan pela realidade fantasiada da Terra do Nunca. En-carregar-se da responsabilidade de fundar-se na autenticidade do sendo de si

mesma seria encontrar-se grávida da dor de ser que a angústia embala... E Cristal, ao contrário de Wendy, escolhe encobrir-se como uma menina perdida...

Nesse sentido, a experiência desse trânsito, tatuada pelo desalojamento que radica esse *ser-ex*, parece remeter à insegurança originária que espreita o existir. Seria essa uma compreensão possível à experiência das sujeitos/narradoras que, percebendo-se “fora de casa”, buscariam um retorno ao *outro mesmo*, ao conhecido assegurado?

Nesse contexto, faço a leitura de que a esperança da estabilidade mostra-se na experiência de ser ex-esposa tanto por um receio de lançar-se a ser uma *mesma outra*, quanto pelo receio de que, junto a *um outro* no mundo, mas fora de si mesma, esse lhe aponte um único caminho: pela via dos preconceitos sociais, o retorno a *outra mesma* de si.

Assim, a representação social surge como uma maneira de sustentar a angústia do ser lançado, ou mais simplesmente, como uma possibilidade de manter a esperança da existência do definitivo, da identidade estruturada, da estabilidade alcançada frente à fugacidade liquidificante do mundo contemporâneo. Por este prisma, a experiência de ser ex-esposa é percebida como um sinal de desamparo diante da transitoriedade do próprio existir. Na ânsia pelo pertencimento no mundo, essa mulher ainda prefere acolher a representação social dominante como uma forma de não vivenciar esse desamparo. Alimentando a crença de que ela contribuirá para a manutenção da imagem idílica de eternidade, garantia de permanência no que lhe é dado a ser conhecido, pode espelhar-se e suportar os abalos que as rupturas trouxeram em meio a mudanças tão constantes e velozes no cenário da vida contemporânea.

Paradoxalmente, desse modo, a ex-esposa na contemporaneidade vive nas dobras da fugacidade, procurando incessantemente uma estabilidade com o pé em duas canoas: em uma outra si mesma e numa outra mesma relação conjugal. Quer dizer, é como se ela estivesse constantemente dizendo: “Eu sou uma. Eu mudo, sou outra, mas sou a mesma. Eu tenho que me manter com um pé fincado no que me é conhecido, para não desmoronar, para ser aceita,

para não ficar só...” Ao se perceber nessa condição, de buscar uma permanência ao mesmo tempo em que vive a velocidade das rupturas e transformações civilizacionais, revela como é **encontrar-se na ambigüidade de ser *ex***. Assim, na experiência de ser ex-esposa, essa mulher sendo *ex*, percebe-se fora de lugar. Entretanto, ela precisa também acreditar que vai voltar a *ter* esse “porto seguro”, pois dói e desconcerta ver-se fora de lugar: experiencia o *ter* como garantia para *ser*.

Nessa perspectiva, na existência cotidiana dessas mulheres, revela-se como acontece uma subjetivação bifronte: de um lado é viagem cambiante à queda na transitoriedade e, de outro, é um chamado - via representação social - à estabilidade. Tal vis a vis expressa a fratura da ambigüidade no modo do humano para encontrar-se como próprio, isto é, realizar o seu projeto existencial. A vivência da ambigüidade na experiência de ser ex-esposa configura uma condição existencial de alheamento de si mesma: de um lado, revela um distanciamento para ver-se como uma *mesma outra*, assumindo o estranho em si mesma; e por outro, mostra também, pela via da representação social, o quanto é difícil olhar-se distinta desses *outros-outros*, como busca de garantia de seu pertencimento entre eles. Essa experiência traz à luz a questão da alteridade frente a si mesmo, frente a esse outro em mim, ou seja, esse estranho em mim e no outro como um modo de ser na angústia.

Mais uma vez, retorno o meu olhar à questão da impropriedade do ser-aí. Sua elucidação é decisiva para a compreensão de uma outra questão, que vem à baila quando se fala *da alteridade*: a dobra tênue do trânsito entre *dentro e fora*. A esse propósito, sabe-se que, segundo Heidegger (2002), a impropriedade explicita a possibilidade de um afundamento duplo: de um lado, no engano no que toca à ordem das coisas e, de outro, no auto-engano em relação a nós mesmos. Ele contempla sua análise quando se pergunta em *Ser e Tempo*: “[...] *quem é a pre-sença na cotidianidade?*” (HEIDEGGER, 2002, p. 164, grifos do autor). Nesse sentido, ao indagar quem é esse “ser-aí” que mora na cotidianidade, Heidegger conclui que,

enquanto ser ôntico, somos distintos uns dos outros, isto é, a singularidade de sujeito de cada um. Mas isso, entretanto, não esconde uma outra verdade: aquela que diz que, enquanto ontológico, uma tal distinção não transparece patentemente. Evidentemente o que ele quer salvar com essa observação é a realidade da imersão do ser na realidade do cotidiano, desapropriando-o dessa singularidade. No modo de ser da mundaneidade, cada qual se encontra imantado “pelo ente intramundo”, constituindo-se também pelos repertórios de cuidado e ocupação que se efetivam na instalação de sua referência presencial e se mostram no emaranhado de regras, sustentando os processos operatórios de manuseio que articulam nosso pertencimento ao impessoal.

Dentro desse quadro, certamente, a questão que me ponho, surge sob um ângulo de propriedade mais vasto. Por seu prisma, vejo que o ser si mesmo com o outro na experiência de ser ex-esposa apresenta um conflito próprio do humano: perceber-se como projeto em co-existência, entre outros. Revela-se nos solilóquios de Brisa, Clara, Cristal e Mel:

Brisa – Me coloquei do lado... mas não me senti interagindo! Não sei se é... essa coisa assim... para mim... quando ela estava falando... me passou mais cansaço do que liberdade!

Clara – Eu senti um pouco isso também! Não senti a mesma vontade de me aproximar... como das outras vezes! E assim... essa coisa de liberdade como algo solto que não me atrai! É uma frouxidão!... um negócio solto!... que não parece com o que eu acho que seja liberdade!

D – Com que parece?

Clara – Parece assim... é... eu não sei! Achei solto... achei meio irresponsável... uma liberdade irresponsável! Não é o que eu acho que seja liberdade!! É uma coisa assim... deixa... quero soltar isso! Mas sem saber direito o que está fazendo! Soltando! Foi isso! Isso não me atraiu!

Cristal – Não senti... Vi... a liberdade definida não! A posição das mãos não expressa essa liberdade! Então... não me incluí no momento... para me expressar... e... senti um pouco também de resistência! Então... não me aproximei muito... e quis continuar em outra direção! Não seria... essa liberdade que ela quer... ou que ela expressa... talvez não é a minha!

D - Essa liberdade lhe passa o quê?

Cristal – Não sei!... uma falsa liberdade!... momentânea!... Não é uma coisa que ela conquistou ainda! Os braços... dão a impressão do momento! Acho que no momento que esses braços pudessem voltar ao normal... cairiam em si... que ainda não chegou a liberdade! É só uma coisa de momento!

D - E você Mel... como experimenta este lugar agora... com essas pessoas aí?

Mel - Estou me sentindo rejeitada!!! Assim... me sentindo um pouco... até agora... a gente se aproximou... e de certa forma... a gente tem alguma coisa... me senti assim... diferente das outras!!!

D - O que lhe dá essa sensação de diferente... de rejeitada?

Mel - Elas não terem se identificado com o que eu penso de liberdade! Embora eu não tenha falado diretamente... mas demonstrei! Através de gestos... da máscara! E elas não sentiram ter feito... não é? O que eu estava expressando! Ai... eu estou um pouco triste também!

Por essa compreensão, e partindo dessa dimensão existencial, posso fazer uma leitura articular de focos já considerados nos capítulos iniciais, como contemporaneidade, sociedade, cultura, família, representação social. A dimensão da co-existência cria um campo de iluminação significativa por meio do qual será possível construir um diálogo crítico na procura de sentido para a experiência de ser ex-esposa na contemporaneidade. É por essa leitura que retomo, agora, alguns recortes do fundo, iluminados pela figura/questão, articulando-os, a partir dela como norteadora.

Começo recordando que, na apresentação, explicito as razões que me levaram a abandonar a Teoria da Representação Social (RS). Mas, pelo fato de que, durante a oficina, alguns fenômenos de endereço social nítido se fizeram fortemente presentes, não posso deixar de reconhecer que a experiência de ser ex-esposa se apresenta carregada de marcas sociais/culturais, bem compreendidas e estudadas pela RS, visto terem se desvelado nas narrativas das sujeitos/narradoras. Contudo tal reconhecimento não deslegitima um afastamento compreensivo da RS, pois trata-se não de uma negação mas apenas de uma mudança de operador analítico, mais apropriado para a compreensão da questão condutora.

Assim, pela dimensão existencial, posso compreender as interferências sociais/culturais. Nessa direção, importa assinalar o quanto o deixar-me guiar pela questão pode implicar abandono de caminho teórico, anteriormente assumido por uma visão seguramente fundamentada e que me permitia saber o *porquê e o como* orientar-me para a consideração teórica de uma situação da atividade clínica. O que antes parecia um percurso teórico, traçado como um destino, redundou em cenário de incertezas, inquietações e inseguranças, a ser atravessado, frente à multiplicidade que uma outra possibilidade de compreensão se oferecia à minha prática clínica. Isto não implicou abrir mão de reconhecer a

evidente presença da dimensão social constituinte do ser humano, nem de sua compreensão pelo recorte da RS. Apenas reflete como uma perspectiva fenomenológica existencial apresentou-se como mais pertinente ao meu fazer de ofício.

Desse modo, aprendi, no próprio caminhar da pesquisa, a fazer o método de sua investigação, indo ao encontro da questão que me aflorou a carência de um “dizer con-sentido sentido”. Se, no início, essa realidade foi perturbadora, agora, tal perturbação apresenta-se de uma forma diferente: uma pré-ocupação. Sabia, assim como diz o poeta José Régio (2005, aspas do autor) em “Cântico Negro”, que eu podia “*não ir por aí*”, a fim de expressar uma atitude de entrega, ou um “*ir não sei por onde*”, buscando desvencilhar-me de conceitos pré-concebidos, para seguir, apenas, por onde apontava a questão:

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções! / Ninguém me peça definições! /
Ninguém me diga: ‘vem por aqui!’ / A minha vida é um vendaval que se soltou. / É
uma onda que se alevantou. / É um átomo a mais que se animou... / Não sei por onde
vou, / Não sei para onde vou, / Sei que não vou por aí.

A escolha dessa outra direção teórica, entretanto, não invalida a possibilidade de olhar a representação social desde um outro lugar discursivo. Ao contrário, por conta disso, considere atentamente o seu revelar-se nas falas e ações das sujeitos/narradoras. Em meio às falas, ressoava o pulsar desse mundo “das mulheres” (ex-esposas), como um desenho marcado pela conserva cultural⁶¹ do mundo “dos homens”. Acompanhando as narrativas, fazendo o caminho da questão, fui construindo o meu olhar sobre esse mundo que se entranha no modo de ser ex-esposa. E, por esse prisma, eis o que tenho a dizer.

Sabe-se que o sistema-mundo do projeto civilizacional contemporâneo está marcado pela velocidade vertiginosa com que as mudanças culturais ocorrem, principalmente, com forte acento no campo científico-tecnológico, causando uma crise de sentido em todos os

⁶¹ Para Moreno, a conserva cultural tem como meta assegurar “a continuidade de uma herança cultural” (MORENO, 1978, p. 159).

campos da ação humana. Neste contexto, torna-se urgente que se tematize o sentido das ordenações operativas que constituem o mundo humano - e com ele o forçoso re-pensamento do lugar que o sujeito ocupa nessa articulação contextual. Contudo, hoje mais do que nunca, é difícil refletir sobre a realidade do sujeito humano – num duplo sentido, a sujeição aos condicionamentos da estrutura de realização e ultrapassamento do ser-das-coisas -, sem que, ao mesmo tempo, se coloque a pergunta sobre os vetores prático-axiológicos que estão na base de sedimentação cultural em que os mesmos estão inseridos, pela necessária relação entre cultura e modos de subjetivação.

Entretanto, o ritmo de transformação é diferentemente percebido pelos participantes dessa relação. A subjetividade não muda tão rapidamente como acontece com a cultura. Há, no modo de ser de cada humano, marcas que se reavivam a todo o momento por trazerem nelas resíduos não apenas das histórias pessoais, mas de culturas anteriores. Desse modo, então, é uma nota caracterizadora dessa relação a presença constante da convivência do novo e do arcaico, de modos sutis e complexos e, porque não dizer, tácitos, implicados nos modos de subjetivação dos sujeitos.

Notoriamente, Cristal re-vela, no início de sua fala diante da pergunta provocadora, o seu incômodo com essa velocidade sentida no mundo atual e ex-pressa a sua afetação diante da fugacidade das relações vigentes na contemporaneidade:

Cristal – Eu posso começar! Dentro do que a gente vivencia hoje... nessa sociedade sem parâmetros nenhum... para mim complicado!!!... Porque eu sou uma pessoa que tenho o estilo de vida mais definido... no sentido assim... do comportamento... de respeito... de ética... de convivência... de durabilidade! Então... estar rompendo sempre com isso... para mim... é muito ruim!!!... E assim... a sociedade... hoje me inquieta muito por isso! Porque nada é a longo prazo!! Tudo é a curto prazo!!!... principalmente as relações! Isso me fere muito!!!... Eu gosto de tudo a longo prazo... e eu acredito no eterno... certo?... até que me provem o contrário!!!... Apesar das minhas relações não darem certo... eu continuo acreditando que o eterno existe!!!... Pode durar... e pode dar certo!!!... Que desgasta... desgasta... porque não há nada que não vá se desgastando com o tempo... Mas... eu acho... é um desgaste natural mesmo!... A gente vai envelhecendo!!... Por que as nossas relações não desgastariam?? Mas não a ponto de romper!! Porque eu acredito que elas podem durar!!!... Elas podem ser eternas!!! Então... a minha dificuldade hoje... é essa... é a durabilidade!!!... Conquistar hoje... uma relação... que eu acredito que vai ser eterna... me põe medo!!!... Porque geralmente as pessoas...principalmente do sexo oposto...não estão com essa visão!!!...pelo menos as

peças com quem eu tenho conversado!... não são as peças que eu tenho buscado para me relacionar... mas que a gente tem conversado em rodas... em grupos... não têm essa visão de durabilidade... mas de momento... de passageiro!!!

No lugar de Interlocutora Intérprete comentei como, nesse cenário sociocultural de relacionamentos freqüentemente efêmeros, pouco se ouve falar sobre “amores eternos”, embora, como mostra Cristal, ele persiste presente no imaginário humano. Nessa convivencialidade conjugal sob a perspectiva de que “tudo passa”, insinua-se o fantasma da dimensão da finitude humana como ameaça presentemente anunciada. É, pois, no entrejogo entre fugaz e eterno que o homem contemporâneo busca viver o presente como transitoriedade e passagem entre o passado, lembrado como idílica estabilidade, e o futuro, promissor de um retorno, ainda e definitivamente, melhor: “amanhã... há de ser outro dia...” (CHICO BUARQUE, 1998, disco sonoro).

Sob essa luz, particularmente no que diz respeito ao campo social em que se origina a ex-esposa – a família -, a situação mostra os mesmos contornos posicionais tão tradicionalmente conservados pela humanidade. Notoriamente, ela também se apresenta marcada pelas representações presentes da cultura onde esse campo se insere. Touraine (1998) oferece uma análise da sociedade contemporânea. Prefere a utilização do termo *desmodernização* ao invés de pós-modernidade, pois afirma que, apesar de uma série de rupturas com o paradigma moderno, ainda estamos vivendo sob as influências de características da modernidade, apontando o presente como transição e não como um processo já acabado. Esse processo de desmodernização implica dois aspectos principais e complementares: a *desinstitucionalização* que é

o enfraquecimento ou desaparecimento das normas codificadas e protegidas por mecanismos legais e, mais simplesmente, o desaparecimento de julgamentos de normalidade aos comportamentos regidos por instituições (TOURAINÉ, 1998, p. 50).

Nesse sentido, a família e a escola são exemplos fundamentais desse fenômeno. Já a *dessocialização* se refere “ao desaparecimento dos papéis, normas e valores sociais pelos quais se construía o mundo vivido” (TOURAINÉ, 1998, p. 53).

Com a desmodernização, surge um paradoxo que ocupa posição de destaque na nossa sociedade: enquanto a globalização e transformação da economia, devido à presença de novas tecnologias, impõem-se em ritmo acelerado, o sujeito deixa de projetar-se para o futuro e busca apoiar-se no passado. Desse modo, sem base para socialização, antes firmada na complementariedade da “norma imposta e da autonomia conquistada” e, sem referências de papéis sociais, o ser humano vê-se imerso na cultura de massa ou aprisionado em comunidades autoritárias. Será que a representação social pode ser compreendida como tendo essa função de aprisionamento do sujeito? Em um tal contexto, seu sofrimento é patente. Por isso, é imprescindível o resgate ao desejo de ser autor/ator de sua própria história: tornar-se sujeito.

A esse título, a experiência de ser ex-esposa, pelo marco de recorrência da “*desmodernização*”, aponta como as sujeitos/narradoras vivem uma intensificação de vivências de rupturas e de diversidade, ao mesmo tempo em que procuram uma estabilidade em meio às incertezas/vertigens/fugacidade das circunstancialidades de nossa época. Essas vivências de rupturas se apresentaram na oficina desse modo:

Flora - Como ela estava colocando inicialmente [...]

D - Ela quem?

Flora – Clara! A gente precisava é... a gente precisou quebrar muitas coisas... no sentido de quebrar principalmente o casamento!... para poder compreender algumas coisas! Mas no fundo... todas nós estamos com necessidade... estamos tendendo a entrar dentro de si!! Entrar cada uma dentro de si!... para buscar lá dentro de si... essa paz... essa tranquilidade... esse reencontro!

Na “*desmodernização*”, há um sofrimento presente em cada uma delas, provocado pela experiência da solidão, desalojamento e desamparo, uma vez que estar consigo mesmas e

com outros parece lançá-las a um mesmo território de des-encontros. Para essas mulheres, aportar nesse território, margeado pelos “monólogos de solidão” a dois (cada um só com sua sombra), referência reiterada no mundo contemporâneo, é experienciar uma espécie de des-existência, isto é, uma desistência de encontrando-se encontrar-se. Brisa, Cristal e Clara expressam esse sofrimento em sua narrativa:

Brisa – [...] logo em seguida à separação... mudou minha estrutura... Eu me vejo de uma forma diferente! Porque antes... eu me sentia uma pessoa mais forte!... E hoje... eu me acho uma pessoa... mais frágil... uma coisa que mexe muito comigo... E... é uma coisa que eu tenho questionado... Eu não era uma pessoa depressiva... Muito pelo contrário!!... E hoje eu sou!... Qualquer coisa... eu fico triste... fico depressiva!!! É... eu antigamente não precisava de medicação...

[...]

Cristal – [...] Eu não serei feliz... isso eu tenho consciência... se eu ficar só. Eu tenho pavor da solidão! Isso aí... eu acho... que compõe esse lado esquerdo... que é estar sozinha...

[...]

Clara - Acho que a gente cria estratégias para lidar com a solidão! [...] Agora... eu acho que é uma solidão... a solidão existencial! Eu não consigo localizar em alguém! Eu acho que é da condição! Da condição de você ser sozinho!!!

Assim, ser ex-esposa no universo da constelação social contemporânea aponta para uma situação de desalojamento. Mas o estar nesse lugar também traz a possibilidade da construção de um novo *ethos* pessoal, social e cultural, desde que o sujeito disponha-se a abrir-se a essa possibilidade, para além da ambigüidade que lhe é característica.

No fulcro da pesquisa, este sentido possível para a experiência de ser ex-esposa articulou-se na minha compreensão das narrativas das sujeitos/narradoras, principalmente por aquelas nas quais a representação social evocava sinalizações acentuadas dos preconceitos culturais. Posso referir-me a alguns, em relação ao ser esposa, tais como:

D - O que lhe interessa no momento?

Luara – Não sei! É me conhecer realmente!!! É estudar! Que eu voltei a estudar! Fazia tempo que eu não estudava! Eu sentia falta... muita falta!! Eu ainda tenho tudo muito novo!! Estou fazendo pré-vestibular. Fiz vestibular para Sociologia! Passei... mas não cursei! Porque ele... meu ex-esposo.... não permitiu! Ele sempre me limitou! Me limitou na forma de pensar... me limitou

nos estudos... Eu dizia sempre a ele... que eu era um projeto! Era um...pré-molde que ele fez. Não era Luara! E eu acho... estou descobrindo... que até eu esqueci de quem era Luara!!! Como eu me casei muito nova... eu não tinha muito referencial!

D - Quando Luara estava falando, Flora... você ria! O que lhe fazia rir nesse momento?

Flora – Porque eu acho muito interessante!! Porque eu vivi isso também! Essa fala dela de dizer que foi muito tolhida de tudo... não estudou... e não fazia as coisas que queria... era pré-moldada!!! Eu não dava essa palavra pré-moldada!... mas eu me achava um objeto realmente! Tira daqui... bota ali... não bota aqui... bota essa ali... olha para cá... vira para lá... vira para cá. O tipo de fala dela... é muito parecido com a minha vida!!! Essa vontade de estudar! Eu ri muito essa semana... porque eu me formei... claro! Mas... aos trancos e barrancos! Mas eu comecei a fazer uma especialização que eu sempre queria fazer... e essa semana eu fui tirar a carteira de estudante! Ai cheguei em casa dizendo: “eu agora sou estudante”! Então... dá uma sensação de alegria!... de fazer as coisas que a gente sempre... eu sempre quis fazer!... e isto está me passando muito na fala dela... uma fala muito parecida com o que eu vivi... e estou vivendo!

[...]

D - E o que você sente aí nesse lugar?

Luara – Interessante!! Tanta gente olhando para você! Eu sinto novamente aquela sensação de crítica que eu sentia... quando estava casada e tinha muita gente olhando para mim... sempre esperando uma atitude minha... que eles esperavam que eu fizesse... que para eles seria a mais certa... a mais correta... a mais viável para eles... e não para mim! Eles pensavam... meu ex-marido, minha ex-sogra, meu ex-sogro... que a atitude mais correta... era eu deixar de estudar... para ficar com os meus filhos... era eu não sair... e viver em prol da casa... filho e marido!

[...]

Flora - Eu experimento uma certa igualdade! E um certo apoio também! Porque aqui a gente está vivendo igual... situações muito parecidas! O estilo de vida que ela teve! Com o estilo de vida que eu tive! A busca dela hoje... até por coisas meio adolescente! Eu até estava olhando... que às vezes a gente se sente meio adolescente! Porque eu também me casei muito nova... ela com 16... eu com 17! Então... certas coisas que a gente não fez... e que dá vontade de fazer... conversar... sentar no chão... não é uma atitude de mulher casada!!! Então hoje... eu me sento no chão... como no chão... de frente para a televisão... deito... boto as pernas para cima! [...]

Estas narrativas me fizeram apontar, no lugar de Interlocutora Intérprete, para uma mecanização de ações e atitudes dessas sujeitos/narradoras, enquanto esposas, revelando um modo de viver “pré-moldado”, ditado por um outro, ainda que pautado por um intenso sofrimento. Desse modo, essas mulheres trazem para a cena, a presença da crítica social em suas histórias. É um modo da cultura atravessar a experiência de ser ex-esposa.

Na mesma direção, poderia aludir ao modo como ainda é vista a ex-esposa:

D - E essa... sensação ou essa forma de ver assim... eu sou sempre a errada!... sempre a responsável!... é... você também viveu isso nesse lugar de ex-esposa?

Cristal - Assim que terminou a relação... sim!!! Eu senti um pouco! Não sei!... é... de repente a sensação que eu tive... a leitura que eu fiz para isso... é como se existisse uma cartilha... para as pessoas funcionarem e darem certo! E de repente... eu tivesse pulado alguma página... e isso fez tudo desmoronar! [...]

[...]

D - Quando você está nesse lugar de ex-esposa... as pessoas olham para você?

Flora - Olham!! Vê bem... eu já me importei muito com essa observação! No início da separação... eu me importava muito!! Eu ficava querendo saber de que forma estavam me olhando!! Eu acho que... assim... com medo da crítica... com medo do julgamento! Talvez... pela própria sociedade em si! Ah!!! Por mais que a gente não queira... ainda é criticada por ser ex-esposa... ou separada! As pessoas ainda hoje em dia... embora numa proporção pequena... ainda olham de uma forma questionadora talvez!... O que aconteceu? Por que está só? Por que não deu?

[...]

Flora - [...] Pensava que as pessoas da sociedade iam me criticar... família muito tradicional... não aceitava a separação!! Minha própria mãe dizia que mulher separada... era mulher prostituída... uma prostituta na sociedade!!! Então... tudo isso dificultou!! E isso para mim... me tornava muito insegura!! [...] Era algo que estava trabalhando... mas... ao mesmo tempo... eu dizia assim: “eu não queria mais ele... eu não amava mais ele...” Eu estava quase preparada para aquilo... mas... eu tinha medo do julgamento das pessoas... eu dizia: “Eu vou sair... vou dizer não... eu não quero mais!!!... Ou porque não o amo... ou porque ele me agride... mas o que vão pensar de mim??? O que a sociedade vai dizer??”... Eu tinha muito medo dessa... de ser taxada como quem... como quem não agüenta mais... como uma mulher que não teve... que não deu outra chance... apesar de eu ter dado milhões de chances! [...]

Brisa - [...] As pessoas do grupo... preocupadas com a sociedade... lógico... Acho que existe um pouco [...] mas com... não era com a sociedade... mas a coisa dos meus pais!! Porque eles não são tão mais velhos... mas têm o preconceito de ter uma filha separada e em casa... porque eu voltei para casa deles!! [...] Mas... enquanto ex-esposa na sociedade... acho que pesa um pouco... Assim... acho que tenho ainda muito preconceito de me relacionar com alguém... relacionamento afetivo... de você querer ter um compromisso... Você tem... ainda tem um pouco de preconceito!... apesar de hoje estar sendo mais natural... a questão da separação e tudo... [...]

[...]

Mel - Mas... infelizmente hoje... existe ainda o preconceito! Eu queria ter falado isso aí... da última vez que eu falei... mas como ela... também falou da festa no prédio dela... também teve uma festa no meu prédio! [...] Aí foi eu... minha mãe... meu filho e a babá! Aí eu olhava para as mesas... todo mundo casado! O marido... a esposa... os filhos... Os filhos comendo com os pais na mesa... E... há um preconceito! Não chegaram para mim para perguntar: “olha... cadê o marido?” Mas na hora... é com o olhar que passa!!

D - O que esse olhar passa para você?

Mel - Passa preconceito! Principalmente depois que eu falei... ave-maria! Olhei a hora e disse... eu vou para boate ainda hoje! Aí pronto! Foi que todo mundo quase me matava!... [...] enfim... é o preconceito!!! Existe!... a gente está em pleno século XXI... 2004... mas... de achar que você... por não ser casada... você é livre! Você está com um... com outro... não é bem assim!!!

Observei, a partir dessas narrativas, como Interlocutora Intérprete, o atônito fato de Cristal manter-se culpabilizando-se por não ter conseguido “seguir” uma espécie de cartilha de “boa conduta como esposa”. Chama atenção, também, como é recorrente às falas das sujeitos/narradoras a questão do preconceito pessoal/social em relação à ex-esposa. Impressionou-me a presença dos julgamentos e cobranças sociais em torno das atitudes da ex-esposa, principalmente vindo do próprio grupo familiar: mãe, filhos, ex-marido. Seria esse um mostrar-se do modo de ser desde que pertencendo? Seria um aprisionamento do sujeito à comunidade/família autoritária, efeito da desmodernização? Ou, levando-se em conta a tradição da humanidade à co-existência via família, o apelo do ser para burlar a angústia da condição de desterritorializado? Diria da ambigüidade pela alteridade?

Embora Brisa aponte para um movimento de mudança atitudinal, vejo em sua fala que os processos de subjetivação seguem um ritmo diferente que o do perfil cultural. Além disso, as falas de Flora, de Cristal e de Mel re-velariam que ser ex-esposa é, ainda, ocupar um lugar de preconceito social, mesmo que ainda não verbalizado: lugar de excluída?

Malgrado meu espanto, posturas preconceituosas ainda são recorrentes em pleno séc. XXI. No caldo de cultura que nutriu “a atmosfera das vivências”, personificadas pelas narrativas, vi mostrar-se a dimensão existencial de ser ex-esposa pelo âmbito cultural. Obviamente, ao penetrar nesta dimensão existencial, sinto-me convocada a refletir – até mesmo pelo âmbito cultural implicado nessa questão – sobre a experiência de ser ex-esposa na contemporaneidade, notadamente, no como ela está marcada pela representação social da esposa. Conseqüentemente, no reverso dessa lógica, tudo o que não cabe nessa representação social, é visto como o negativo da ordem, ou seja, não é um outro, mas simplesmente o avesso em negativo que deve ser rejeitado. As falas acima falam desse olhar. Em sendo assim, a ex-esposa, ao ser olhada como o negativo da ordem - o avesso do ser esposa -, por um lado, “ganha” uma representação social, construída via estratégia da exclusão. Como excluída,

ainda que num contra ponto da mesma lógica, ela ocupa um lugar que, decerto, não lhe foi dado por si mesma. Neste lugar, ela não deixa de ser vista, somente que de outra forma: aquela que ainda não é.

Neste momento, recordo-me de um livro, lido há algum tempo, sobre a exclusão social. Nele, o autor questiona o uso impróprio do termo exclusão e prefere tomá-lo no sentido de uma “inclusão precária e instável, marginal” (MARTINS, 1997, p.26). Ele continua:

O discurso corrente sobre exclusão é basicamente produto de um equívoco, de um fetichização, a fetichização conceitual da exclusão, a exclusão transformada numa palavra mágica que explicaria tudo. Rigorosamente falando, só os mortos são excluídos, e nas nossas sociedades a completa exclusão dos mortos não se dá nem mesmo com a morte física; ela só se completa depois de lenta e complicada morte simbólica (MARTINS, 1997, p. 27).

Recorro à última fala de Mel, acima, e a mais algumas outras da oficina para apresentar essa “inclusão instável”.

Luara – [...] eles fizeram uma reunião lá no prédio... e todas as pessoas do prédio que eu moro... são casadas! Eu só vim perceber isso... quando reuniu todo mundo... e quando todo mundo estava se apresentando... Cada um tinha que se apresentar e dizer quem era... aí todo mundo diz: “Não!... sou fulaninha... casada com sicraninho!” ou “Sou sicraninha... casada com fulaninho!”... e eu não era casada com ninguém!!...

[...]

Mel – [...] Então!... há os olhares críticos!!!!... “ave-maria!... a gente está planejando ter um filho...” aquele papo... que não me interessa... nunca me interessaram!!! Coisas sobre casamento... sobre filho! Então eu fujo disso aí! Eu fujo... e logicamente... seria bom para o meu filho... estar presente nessas coisas... enfim... é o preconceito!!! [...]

Na “inclusão precária”, o processo social assenta-se na rejeição espúria do outro ao qual, por intolerância fria, não se reconhece os direitos que lhe são próprios. Assim, propriamente, não existe exclusão, mas sim processos excludentes, que não acontecem fora dos sistemas econômicos, sociais, culturais. Por conseguinte, ninguém está excluído, pois há

um outro - seja um sujeito, uma família, um sistema -, que dele necessita como complementar a si mesmo. Precisa haver o “excluído”, para que o “exclutor” possa legitimar-se.

De qualquer modo, ainda que se fale de uma “inclusão precária”, não se resolve uma questão-espinho como essa do ponto de vista ético. Pois, partindo do pressuposto justificável de que os seres humanos só podem ser plenamente humanos na condição de seres sociais, o que dizer de uma organização social que instala a antinomia a qualquer possibilidade de humanização? É isto: paradoxalmente, entre nós, a ordem social tem produzido e legitimado o estado de violação e vitimização, gerando um contexto do viver como um campo de batalha, para apartação dos mais nefastos (OLIVEIRA, 1993b). De um lado, a ordem social entre homens criou uma realidade, baseada numa estrutura de poder centrada na manutenção de seus interesses particulares; articularam, pragmaticamente, a perversa lógica da normalidade patológica, inculcando na consciência dos indivíduos uma normatividade conservadorista institucionalizada jurídico-político-administrativamente para regulação social, um sistema de relações, funcionalmente baseado no individualismo atomístico. Do outro, tal sustentação de pertencimento perverso, perfila um exército das sombras silenciosas de impotência marginal, herdeiros de uma dupla desterritorialização social e humana.

Nessa perspectiva, pode-se dizer da situação da ex-esposa: pelo mesmo negativo da ordem, a ex-esposa não é vista - pois não é um outro, mas o avesso de um outro -, restando-lhe, apenas, sua *invisibilidade pública*, ou uma in-existência, um não existir. Nas palavras de Costa (2004, p. 57), a invisibilidade pública, é uma “espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens”.

Deste *lugar que é um não-lugar*, para essa mulher existir, é preciso furar e atravessar a “crosta das convenções moralizantes” da percepção sociocultural dominante, mostrando-se como uma fora da ordem (“*apenas*” *ex*), ou seja, não mais esposa (na ordem) ou ex-esposa

(negativo da ordem), encontrando nessa última uma possibilidade de ser, se ver e ser vista, perversamente – pelo avesso do ser e do pertencer.

Numa fala de Clara, vejo esse movimento de “insistência” do social em não olhar para o modo como o outro está se mostrando, uma maneira de torná-lo invisível, uma vez que, com a ausência desse olhar, ocorre uma “cegueira social”, que impede que se veja como o outro se mostra:

Clara - [...] Agora... eu estava visivelmente insatisfeita! E... percebendo que eu comecei a me interessar por outras pessoas... E também... aquela coisa culposa da mulher manter outro tipo de relação!... Então... eu não conseguia! Eu preferi romper... para poder viver o que eu estava sentindo... que não era o que eu estava sentindo pelo primeiro ex-marido... [...] A gente terminou de forma difícil... Foi muito complicado... foi muito conturbado... Ninguém entendia nada... Porque as pessoas achavam que eu não estava persistindo... que eu devia continuar... que eu deveria... que era só uma crise... que desse jeito... eu não iria levar nada por muito tempo... A família... pai, mãe, tios, padrinhos... o grupo todo... todo mundo muito envolvido com aquilo... E apesar disso... eu sabia que aquelas coisas que eles me diziam... pesavam muito... Eu me enchia de culpa! [...]

Foi a partir dessa narrativa que, como Interlocutora Intérprete, discorri sobre a relação entre a presença do sentimento de culpa e do julgamento negativo/punitivo, por parte do grupo de pertença social, diante de uma decisão de separação conjugal. Percebi que, por não ser vista pela afetação e compreensão do significado sentido que aquela decisão provocava nela, Clara enche-se de culpa ao fazer essa escolha. Faz-se também visível a dificuldade de Clara para apropriar-se da finitude da conjugalidade, na medida em que o grupo familiar lhe aponta somente, como possibilidade de ação, manter essa relação.

Ainda referindo-se à invisibilidade pública, Costa (2004, p.18) fala que há um *jogo de luz e sombras*, e nele, a

iluminação é coisa também social. O que vemos e o que deixamos de ver, o regime de nossa atenção, é decidido segundo o modo como fomos colocados em companhia dos outros, segundo o modo como também nos colocamos e como eventualmente nos recolocamos em companhia.

Esse ambíguo esconde/mostra permite que a questão da invisibilidade de ser ex-esposa se revele, induzindo-as a retomar. Retomo a questão do *ser-com*. Isso porque a trama do ser humano se faz nas dobras do pertencimento mundano à co-existência, sustentada por Heidegger (2002), ao referir-se que o existir, originalmente, é *ser-com os outros*; vale dizer, o ser humano existe na medida de seu “ser-com”. Desse modo, por conta desse pertencimento, que consubstancia o modo de ser-com do humano, desde a origem já ordenando a humanidade do mundo, todo processo de rejeição, seja pela “exclusão” social ou pela invisibilidade pública, será sempre gerador de sofrimento psicológico, marginalização social e barbarização política.

Seguindo essa esteira, pode-se atribuir à realidade da ex-esposa uma compreensão aproximada. De fato, a ex-esposa encontra-se des(instalada), “fora de casa”. E, a esse título, como *ser sem lugar, não consegue sentir-se em si mesma; sentir-se como si mesma; sentir-se em casa* (morada). Em consonância, dirá Moreno (1992a, p. 55): “O vazio foi preenchido / com nada. / Não existiam seres. / O vazio estava vazio”.

Brisa e Luara mostram claramente esse modo de ser des(instalado), buscando um *ethos* pessoal, social:

Brisa – [...] Ser ex-esposa foi uma mudança de vida!!!... Mudança completa!!!... de liberdade... de estar na casa de meus pais... de não ter... não tenho total liberdade de... de quê? De fazer as coisas que eu gosto... porque querendo ou não... eu estou... eu moro na casa dos meus pais... moro com mais dois irmãos... Então não tenho um quarto só para mim... Apesar de que... quando eu estava casada... você dividia... mas... é diferente de você ser casada... você ter a sua casa... você poder coordenar... lógico... junto... junto com o outro... mas você coordenar... E lá... na casa dos meus pais... eu não tenho... lógico!... E... como eu disse... juntou outras coisas que eu perdi... não estar na área de Psicologia... Financeiramente isso pesa!... Então... tudo isso e o que envolve... o que eu estou passando hoje... [...]

[...]

Luara – Busca do conhecer! Conhecer tanta coisa!!! Conhecer... a nova Luara! Conhecer... o mundo! Conhecer o novo! Conhecer... Eu me casei muito cedo!... eu casei tinha uns 16 anos! Aí eu não tive adolescência... eu acho que... é isso!!!

Eu sempre estou buscando conhecer... muitos conceitos eu não tenho... eu acho que eu preciso conhecer isso!

Assim, como Interlocutora Intérprete, aponte para o significado sentido da experiência de ser ex-esposa como um momento de mudança pessoal, interna, existencial, apoiando-me em Brisa e sua relutância para expressar o *morar em uma casa, onde ela não se vê habitando*: vê-se destituída de si mesma e de conduzir-se adiante em sua vida, como sujeito e cidadã. Ter um *lugar no mundo*, para ela, seria poder fazer escolhas, modificações, deslocamentos, ou seja, construir um espaço propriamente *habitável*. Habitar, portanto, fala da experiência de ser em trânsito, no *mundo entre outros*.

Nessa mesma ótica, posso refletir que ser ex-esposa mostra-se, ainda, como um modo de não colocar o papel de esposa “sob rasura⁶²” (SILVA, 2000). Com isso quero dizer que ser ex-esposa é ser vista como a presença da ausência e não como uma presença tatuada: um outro distintamente próprio em uma situação específica. De fato, colocada sob uma presença à meia luz, como a opacidade de um retrato em negativo da ausência de si a si mesma, a ex-esposa não pode sequer ser pensada; o único modo de ser vista é do seu antigo modo: como esposa.

Nesta apreensão, o que se busca articular entre o sinal de “sob-rasura” e a experiência de ser ex-esposa refere-se a que, ao colocar-se o prefixo que indica a presença do sinal de rasura (ex), paradoxalmente, se permite, também, que ser esposa continue a ser lido, já que o *mesmo* é imediatamente acompanhado de um papel social já vivido (esposa). Neste sentido, **apresentar-se** como ex-esposa implica ausência de uma autonomeação para além de sua própria situação de mulher separada/divorciada. Por este modo de mostrar-se como ex-esposa, estranhamente, o ser esposa continua presente: pelo **ex**, “*sinal de rasura*”, ao se apresentar ou ao ser vista, continua sendo *lida* como esposa. Paradoxalmente, porém, tal modo de reconhecê-la é possível por torná-la invisível simultaneamente.

No diálogo abaixo, marca-se a presença da figura da esposa, através do olhar sociofamiliar dirigido à ex-esposa. Esperando-se que ela se case novamente ou já esteja casada de novo, comparam o seu modo de viver hoje com o anterior.⁶

Mel – E tem pessoas... lá no meu trabalho... que conheceram meu marido... meu ex-marido... e gostavam muito dele! E então: “Mel... até agora você não arrumou outra pessoa?” Mas a gente tem que ser casada? A gente tem... Não tem!!! Eu... sinto vontade de ter alguém sempre ao meu lado... não sei ficar só também! Mas... a questão do casamento... morar com a pessoa... então fica uma cobrança: “mas não é possível!!! Como é que pode?? Não vai aparecer mais ninguém não? O que está acontecendo? Não sei o que...” entendeu? Ficam cobrando!!! Por que a gente não pode namorar?... ficar?

Flora – Isso é verdade!!! No meu primeiro ano de separada... eu senti assim... eu tinha dias que eu tinha ódio!!! Vontade de chorar... porque ficava cobrando... minha família... inclusive meus irmãos iam lá em casa... se reuniam e diziam: “por que que depois... eu com tanta liberdade... eu ansiava liberdade... eu queria... eu vivia presa dentro de casa... ou numa fazenda no final de semana... porque eu depois de separada... não saía... eu não estava em barzinho... eu...” POXA!!! Não é o meu momento!!! Eu não quero!!! Isso não é porque eu estou triste!... ou porque não estou com ele não!!! É o momento!!! Porque teve esse momento... depois chega o momento que você quer ir... aí você vai! Chegou o meu momento! Aí chegou o meu momento de ter alguém... ou chegou o meu momento de não ter ninguém! Mas as pessoas te incomodam com isso!!!

Mel – É.

Flora – Ficam em cima! Pressionando!!! “Por que não se casa? Por que não sai? Por que está dentro de casa? Está curtindo fossa?”

Cristal – Porque a liberdade para muitos... é você estar fora... se divertindo... curtindo... dançando... passeando... e se a gente não tiver essa seqüência... esse ritmo [...]

Mel – Você está sofrendo! É!

Cristal – [...] então você está sofrendo! Se não está curtindo... está ficando só... você não é normal!... isso não é normal!! Aí eu digo assim: “olhe! Eu vou romper... mesmo que vá pagar um alto preço... na questão de estar sozinha! [...]

Luara – [...] Acho que é o medo da reação das pessoas!... não sei!... Eu acho complicado isso ainda!! E a cobrança também... pôxa!!! “Vai fazer o quê? Seu ex-marido já casou!! Já tem uma filha!! E você tem que resolver sua vida!” Acho que eu estou resolvendo minha vida... independente de ter uma pessoa do meu lado... ou não! Tem tantas coisas que eu quero... que eu ainda não concretizei... por que eu tenho que estar com uma pessoa do meu lado? Acho que agora não!!! Eu não vou ter tempo para dispor para essa pessoa! Agora não!!! Eu quero tempo para mim!!! Eu já dediquei muito meu tempo para os outros!!! Eu acho que o sentimento que tenho de casar de novo... eu não sei se eu quero me casar de novo!

Encontrando-me diante desse ponto de inflexão, prossigo refletindo sobre a ambigüidade visibilidade/invisibilidade presente na experiência de ser ex-esposa. De um lado,

⁶² Passim

pautada pelas narrativas, entendo que ela é vista dentro do quadro de expectativa das representações sociais dominantes. Essa é a razão pela qual, aliás, encontrei tantas piadas sobre a ex-esposa, ao iniciar minha busca por uma bibliografia sobre o tema da pesquisa. Muito longe do simples “dito engraçado e espirituoso” (FERREIRA, 1986, p.1323), o mais das vezes, a piada é um discurso que, baseado no senso comum, propaga preconceitos, estigmatiza supostos desviantes e transforma em objeto risível aqueles que são os protagonistas da história (FONSECA, 1995). Mas, paradoxalmente, por outro lado, observei como ela também consente em ser invisível, ocupando o lugar da *outra mesma* que lhe atribuem. Onde estaria uma brecha para a possibilidade de uma realidade própria para ser *mesma outra*? Sendo assim, não desvelaria, além de um *desaparecimento público*, também um existencial?

Não surpreende, então, que, no curso da oficina, todas as sujeitos/narradoras se apresentem como extensão de si mesmas como rupturas, ainda que cada qual as destile num horizonte de experiência particularizado. Falo, aqui, da ocorrência de uma sintonia fina dos “campos de vivencialidade”, explicitados psicodramaticamente pelas sujeitos/narradoras. No seu conjunto, os depoimentos se cruzam na comunicação de “experiência de rupturas” na situação de ser ex-esposa. Claro está que tais “experiências singulares de ruptura” sempre vieram acompanhadas de sentimentos doloridos de “perda de status social”, dificuldades financeiras, desorientação de valores, desgaste emocional, crises relacionais, carências afetivas, desalojamentos existenciais, solidão, angústia. Mas, a despeito de tudo isso, revelou-se uma “coragem de ser” resistente, pela quebra com o “passado conjugal”, do lugar familiar e suas tonalidades de ordem prescrita, repetindo-se no-ser-a-mesma. Estaria essa “coragem” garantindo um vir-a-ser e, com ele, um ser a-caminho de uma mesma-outra, podendo radicar-se por fundação alternativa mas própria?

Salta aos olhos a enorme importância dessa ressonância grupal para o meu trabalho. A razão é simples. Por essa emergência, vislumbro uma conexão de sentido com o que aponta Benjamin (1985 apud REÑONES, 2003, p. 122) acerca dos modos de criação da história. Para ele, é preciso “escovar a história a contrapelo”. Para Reñones (2003, p. 122), de um lado, com essa expressão, o filósofo estaria remetendo-se, criticamente, ao “trabalho burocrático de um historiador” de “escrever a história, situar os dados e acontecimentos naquele tempo linear que pretensamente temos como real”. De outro, estaria formulando um convite à ruptura da História oficial, que “‘escova’ os fatos na direção que mostre a história dos vencedores” (REÑONES, 2004, p.85, aspas do autor).

Ainda comentando essa passagem do livro “Magia e técnica, arte e política” de Benjamin, Reñones (2004, p. 85) sustenta que “a ação de ruptura necessita, a contrapelo da história, encontrar os fragmentos escondidos e desprezados para organizar – constelar – uma história possível”. No foco de minha análise, para essas mulheres reconhecerem-se, nessa situação, significaria ser preciso “escovar a contrapelo” o vivido, introduzindo-se no mundo desconhecido, gestado pela ruptura com o mundo conhecido.

Nesta razão, a experiência de ser ex-esposa é marcada pelo tema de deslocamentos existenciais, sociais, interpessoais, ético-morais. Como viajante, importa como vive esta situação-transeunte, pois ser viajante é encontrar-se no trânsito, lugar este que aponta um sentido de deslocamento: encontrar-se em diferentes cenários, nutrir outros pertencimentos e re-significar experiência enquanto sujeito. Em uma palavra, diz da concreção do modo de ser espontâneo-criativo, proposto pelo projeto de autonomização biográfica de Moreno. Digo isso porque o modo como ela vai transitar como itinerante/passageira é que vai dizer da sua espontaneidade; e este modo é próprio a cada sujeito.

Por outro lado, a questão norteadora pode ser vista por outro prisma. Refiro-me a poder fazer uma leitura da experiência da ex-esposa ainda como sendo o *avesso*, mas, agora,

não pelo negativo da ordem e sim, pela des(continuidade) da ordem. Isto é, compreendê-la como um diferente, um outro que desvela a rotinização de um imaginário organizado por uma ordem vigente. Nesse momento, lembro-me de Guimarães Rosa (1985, p.13, grifos e aspas do autor), contando estórias que dizem da possibilidade de se conhecer pelo inverso: partindo daquilo que se mostra, vê-lo no seu avesso:

O TÚNEL. *O menino cisma e pergunta*: - “Por que será que sempre constroem um morro em cima dos túneis?”

O TERRENO. *Diante de uma casa em demolição, o menino observa*: - “Olha, pai! Estão fazendo um terreno!”

O VIADUTO. *A guriuzinha de quatro anos olhou, do alto do Viaduto do Chá, o Vale, exclamou empolgada*: - “Mamãe! Olha! Que buraco lindo!”

A RISADA. *A menina – estavam de visita a um protético – repentinamente entrou na sala, com uma dentadura articulada, que descobrira em alguma prateleira*: - “Titia! Titia! Encontrei uma risada!”

O VERDADEIRO GATO. O menino explicava para o pai a morte do bichano: - “O gato saiu do gato, pai, e só ficou o corpo do gato”.

Entretanto, para a ex-esposa encontrar-se neste lugar da des(continuidade) da ordem é, igualmente, acolher-se projetada no/para o avesso do avesso, isto é, na estranheza do inusitado acontecimental da situação, pois, desinstalada das antigas referências (ser-dessa-casa), terá que se apropriar de si mesma também como estrangeira para si mesma (não-ter-casa-ainda). Por tal errância, que não é desorientação pura e simples, mas a negação do ser nas margens do antigo repertório de ações do sistema de crenças operante, muitos sonhos se desmancham. Certezas são questionadas, verdades se esfumam, relações significativas escapolem entre os dedos, projetos morrem. Eis o que a faz uma passageira, transeunte, viajante. E esta situação, mais uma vez, vai requisitar de sua imaginação alegórica, nutrida pela espontaneidade criadora, uma aprendizagem mestiça – **ser uma mesma outra**. Lembrando Serres (1993, p.15),

Nenhum aprendizado dispensa viagem. [...] Parti, sai. Sai do ventre de tua mãe, do berço, da sombra oferecida pela casa do pai e pelas paisagens juvenis. Ao vento, sob a chuva: do lado de fora faltam abrigos. [...] Bifurcar a direção dita natural. [...] Bifurcar quer dizer obrigatoriamente decidir-se por um caminho transversal que

conduz a um lugar ignorado. [...] Partir. Sair. Deixar-se um dia seduzir. Tornar-se vários, desbravar o exterior, bifurcar em algum lugar. [...] Porque não há aprendizado sem exposição, às vezes perigosa, ao outro. Nunca mais saberei quem sou, onde estou, de onde venho, aonde vou, por onde passar. Eu me exponho ao outro, às estranhezas.

Brisa expressa claramente como encontrar-se na situação de ser ex-esposa implica uma ampla mudança:

Brisa – [...] Ser ex-esposa foi uma mudança de vida!!!... Mudança completa!!!... de liberdade... de estar na casa de meus pais... [...] E... como eu disse... juntou outras coisas que eu perdi... não estar na área de Psicologia... Financeiramente isso pesa!... Então... tudo isso e o que envolve... o que eu estou passando hoje... Mas... enquanto ex-esposa na sociedade... acho que pesa um pouco... [...]

Aprisionando-se ou sendo aprisionada ao papel social de esposa, a ex-esposa mostra-se como a *outra mesma*, o que pressupõe sua invisibilidade no universo das pertenças sociais. Daí pode-se afirmar que suas relações com o outro se postam a partir de “vínculos residuais” (AGUIAR, 1990, p. 57), ou seja, “aqueles que no passado foram vínculos atuais e que se encontram desativados”. Embora esses vínculos tenham uma história de realidade, a sua existência atual ocorre no plano da memória ou da fantasia. Deste modo, a interferência dos vínculos residuais nos atuais constitui uma forma de *repetição circular* (MOTTA, 1994), impossibilitando a transformação da relação que a ex-esposa tem consigo mesma e com os outros, pelo perigoso bloqueio das solicitações utópicas do “novo”, justamente por ser uma tentativa reiterada de resgatar algo no plano do já vivido ou apenas sonhado. Ou seja, ancora-se apenas no passado.

Lembro-me, a propósito, da música “Cotidiano”, de Chico Buarque (1971, disco sonoro). Remete-me a essa forma de pedir de novo (re-petir) o velho de sempre:

Todo dia ela faz tudo sempre igual / Me sacode às seis horas da manhã / Me sorri um sorriso pontual / E me beija com a boca de hortelã / [...] / Seis da tarde como era de se esperar / Ela pega e me espera no portão [...].

Se o passado pode servir à ex-esposa como uma âncora que não a deixa sair do porto, por outro lado, o sonhar com “amanhã há de ser outro dia...” (CHICO BUARQUE, 1998, disco socoro), ou seja, a expectativa de uma libertação no futuro, também poderia ser uma amarra pelo avesso do avesso na esperança idílica do ser para sempre, distante do real da finitude humana.

Mas como poderia ser a experiência de ser ex-esposa pelo “avesso do avesso do avesso do avesso”? (CAETANO, 1989, disco sonoro).

Percebendo-se em uma situação de transitoriedade, mesmo que ainda sem nomeação, posto que se descobre na busca de ser si mesma, a ex-esposa poderia ver-se lançada ao *ser em dimensão mestiça* (SERRES, 1993): **uma mesma outra**. Encontrar-se mestiça seria, em outras palavras, vê-se tatuada, como um arlequim, seguindo a destinação de ser um ser ex-esposa lançada (ser **ex**). Seria como dizer adeus a um *modo de estar no mundo* existencialmente, chamando a si um outro *modus vivendi*. Psicologicamente, poderia dizer que ser ex-esposa é viver mudanças, passando a *outro* modo possível de ser que não mais o antigo “negado”, “cristalizado”, “purgado” ou “jogado fora”, mas agora, elaborado, re-assimilado, tatuado, marcado: um lugar mestiço entre o passado e o futuro.

Ele, o lugar mestiço, se semeia no tempo e no espaço. No meio da janela que atravessa, o corpo sabe que passou para fora, que acaba de entrar em outro mundo. [...] Aqui parece acabar a aventura, quando a viagem atinge um estádio; mestiço incluso certamente, uma vez que aqui alguma coisa termina e não termina ao mesmo tempo. [...] Mestiço incluso: não chegou, mas conseguiu (SERRES, 1993, p. 18).

Flora expressa, pela sua imagem com os tecidos, perceber-se fora de uma relação conjugal, embora tatuada por seu passado vivido. Em sua fala, comentando a imagem ela diz:

Flora – É... eu coloquei esse tecido aqui... grosso... cheio de nós!... E isso era meu casamento!... Eu estava envolvida nesses nós... e bem escuro... bem preto... porque foi uma fase de vida muito ruim... muito negra!!!... Eu e meus filhos e... nós que... eu achava... que não ia conseguir desatar nunca!!!... Aí passei para cá... quando eu coloquei um tecido mais áspero... mas... ainda

interligado a ele... que é a relação de meus filhos ainda... ligada a essa relação!... No fundo eu sinto que é... meu filho... por exemplo... não aceita essa separação!... Mas... ao mesmo tempo... não queria que eu voltasse... não quer que eu volte! É algo meio... na cabeça dele... meio... E eu aqui! Ainda... um pouquinho ainda ligada aos meninos... mas não a ele mais!!!

D - Isso é o que é estar de fora... que você diz?

Flora – É o estar de fora!... Assim... o pano mole... me sentindo é... livre!! Uma coisa forte!!!... É como eu dizia sempre... que eu via as coisas... é... igual a quando você vê uma televisão preto e branco... e depois você passa a ver uma televisão colorida!!

D – E... quando você fala... que o estar fora... nesse lugar de ex-esposa... é estar vinculada aos filhos... que é aquele tecido ali... e embora os filhos tenham um vínculo com aquela relação... você não tem um vínculo mais com aquela relação? É isso?

Flora – Não!... É!... Apesar de que...

D - É? Ou não ?

Flora – Não!... Apesar de que... eu ainda coloquei esse pano... um pouquinho encostadinho que... por conta desse vínculo com os filhos... então quer dizer... que eu ainda tenho algum vínculo com ele! Nem que seja o vínculo de medo!!

D - Você se vincula pelo medo?

Flora – Um sentimento!! Um sentimento! Vínculo não!! Um sentimento de medo de algumas posturas em relação aos filhos... e até a mim!! Mas... eu vejo esse meu medo... de uma forma diferente do que era lá!... Bem diferente!... É o medo de preservação da vida!! É você dizer assim... eu vou entrar por esse beco aqui... eu sei que tem ladrão... marginal... eu vou passar... posso morrer! Então... é essa vinculação aí! De saber que eu corro risco!!

Ser mestiça, como ex-esposa, não implica, porém, absolutamente, liquidar-se a questão instaurada problemáticamente em sua vida, nem tampouco resolverá a angústia fundamental de ser-na-errância. Nada mais longe das pretensões de uma vida efetivamente humana, dizia Ortega (1961), do que querê-la concluída. Marías (1989, p. 24) dirá que é da condição humana o “tentar ser o que não pode ser”. Como ingrediente fundacional do *viver* encontra-se a presença inarredável do impossível-ser, isto é, a contradição interna de seu projetar-se descontentadamente para simplesmente ser.

Entretanto, ao considerar o modo de ser ex-esposa enquanto **um estar em uma situação de trânsito no mundo**, passo a questionar deste lugar, o que antes me acompanhou como sociopsicodramatista: *a existência ou não de um papel social de ex-esposa*. Para compreendê-lo, lancei mão da *Teoria dos Papéis* de Moreno. Reitero, porém, que o meu foco é a **experiência de ser ex-esposa e não o papel social**. No entanto, pela importância da

Teoria dos Papéis na socionomia, não posso deixar de registrar, neste contexto, que, ao compreender o termo *ex-esposa* como um estar no mundo com inúmeras possibilidades de vir-a-ser, implicitamente referindo-se ao seu endereçamento ao mundo como projeto histórico/cultural, já não posso reconhecê-lo mais como papel social.

Ademais, o meu questionamento acerca da existência ou não do papel social de ex-esposa partiu da noção de complementariedade, imprescindível à Teoria dos Papéis. Na dimensão interativa desse conceito de papel, na qual um papel requer uma inter-relação com o seu papel complementar, como esposa/esposo, mãe/filha, psicóloga/cliente, no que diz respeito à ex-esposa, curiosamente, não se observou a delimitação de um papel complementar para a ex-esposa.

Pese a tudo, penso que a ex-esposa, quando interage com o ex-esposo no jogo de papel complementar, em realidade, ainda poderia estar presa ao papel social de esposa (não posto sob rasura). Comentários de Mel, sobre a sua imagem com tecidos, dizem do quanto o seu incômodo ainda se refere às mesmas insatisfações vividas como esposa, o que continua impedindo-a de libertar-se:

Mel – O meu... é o incômodo... que eu falei tanto!! É justamente... aquilo preto... que eu adoro preto... mas convencionou-se a dizer: “mais o preto é uma coisa... não muito boa!!” Aí eu coloquei o preto e... no caso... eu não escolhi uma peça branca... mais clara... porque também ainda estou... ligada! Então... me coloquei no pano! Peguei o roxo... porque existe esta ligação! É isso que justamente... gera esse incômodo!!!

D – Qual ligação?... com quem?... de quê?

Mel – É essa minha ligação com ele!! Que a gente tem que ter por conta do nosso filho!! E... eu coloquei ele dobrado... o pano dele dobrado... que está representando ele... porque ele não cresceu!! Por conta daquelas coisas que eu falei! Enquanto eu buscava a minha melhora em todos os sentidos... ele não cresce!! Até hoje continua do mesmo jeito! E no meu caso... eu coloquei um pouco mais alto... porque é... no caso... o meu crescimento!! Tanto profissional... Eu sou essa! Embora não esteja mais clara... mas justamente por conta desse meu incômodo!!

D - E onde está seu incômodo?

Mel – Meu incômodo... está no fato... de eu estar ligada ali com o preto!

D - Então o incômodo está nessa ligação?

Mel – Nesta ligação! No vínculo que ainda existe!!! E... o pano está mais alto... eu estou mais alta... um pouco... justamente... porque eu consegui superar muita coisa na minha vida!! Eu cresci profissionalmente... conquistei muitas coisas... e o que...

justamente... me fez separar dele... não foi... o vínculo... o sentimento... e sim... o fato dele não crescer... que me incomodava muito!! Aí... por isso que coloquei eu mais alto... e ele mais baixo!

Entretanto, quando ela consegue relacionar-se com esse *outro*, de um lugar diferente, passa a jogar com ele um novo papel social: amiga, inimiga, amante etc. Clara, nessa mesma direção diz:

Clara – Eu quero ele na minha vida... mas eu não quero ser casada com ele! Eu quero a amizade! Eu digo a ele sempre! Eu gosto da figura humana dele! Eu gosto de quem é João! João assim... a atitude dele! Eu gosto de coisas dele! Agora para conviver comigo não! Eu não admiro! Eu não consigo admirar!

Poderia ser que, se os filhos são o elo que complementa este suposto papel de ex-esposa, e quase sempre presentes na relação entre os pais separados, seria possível encontrar aí uma inadequação, visto que essa mulher deveria complementar o filho com o papel de mãe. Retomo os comentários de Mel sobre a sua experiência de ser ex-esposa:

Mel - Então ele tem pavor de ir lá em casa... para pegar meu filho para sair! Eu que tenho que ir... eu tenho que deixar o menino na casa da minha mãe... Ele vai lá... pega! Parece uma mercadoria! Aí... quando foi sábado agora... ele disse: “Eu vou pegar “... e mandou chamar a babá... querendo enrolar meu filho... enrolar meu filho! “Chama Bia aí... Chama Bia aí”... Aí eu disse: “Olha!... Sobe para falar comigo!... Seu filho tem mãe!!” Ele disse: “Olha!... se for para subir... se for para pegar ele aí... eu não vou não!” Aí... o menino junto de mim... todo prontinho... que ele adora o pai! ... “Quer dizer que você não vai sair com ele hoje?” “Não!... vou não. Se for para eu ir aí... se for para pegar ele aí... eu não vou não!!!” Quer dizer... a minha fantasia... a cabeça do menino... não é? Então... comecei a ficar com ódio!!! Bati o telefone na cara dele!!! Desliguei... porque ele queria que a babá levasse o menino na parada do ônibus... para pegar o menino no meio da rua!! Eu disse: “Perá!!!”...

Tendo isso em vista, compreendo que, na situação de trânsito de ser ex-esposa, poderia vir a surgir um novo papel social, ainda a ser nomeado. Poderia ser, talvez, até jogar um outro papel social já existente (amante, amiga) com esse outro que um dia foi seu marido. Ou, simplesmente, poderia encontrar-se na transição de uma outra significação do seu modo de ser mulher (papel de gênero).

Durante o transcorrer da oficina sociopsicodramática, a situação de ser ex-esposa apareceu na articulação entre o papel social de esposa e a condição humana de *ser ex*. Acredito que foi em razão dessa articulação que as sujeitos/narradoras puderam ser protagonistas, isto é, foram exemplaridades da dor do ser humano de estar sendo, constantemente, lançado ao trânsito da própria existência e convivendo com o seu próprio impedimento de ser si mesmo.

Deste modo, vê-se claramente que a protagonista desta pesquisa, a ex-esposa, mostra-se como um ser humano endereçado ao mundo. Lançada numa viagem de autenticação de si mesma, seja existencialmente inapropriada uma busca “daquela que se separou” ou “daquela que não tem mais marido”. Assim, também, estaria ainda, circunscrita aos laços da “conserva cultural”, se procurar validar essa busca satisfeita com “aquela mulher que teve a coragem de questionar, de um lado, a indestrutibilidade da relação conjugal” ou, de outro, “os valores machistas da família nuclear burguesa”. Isso poderia ocorrer, também, se seu projeto de vida se resumisse a simplesmente assumir “um novo estado civil”, ou “a separação de fato perante a sociedade”, ou até “a dor da perda”.

Contudo, em presença da experiência do seu viver(-se), ela poderia buscar encarnar *o projeto de existir no cuidado de ser-si-mesma-com-os-outros* como seu próprio projeto de ser.. Em resumidas contas, o que se mostra através da experiência de ser ex-esposa das sujeitos/narradoras é a necessidade de encontrar-se na própria condição de estar lançada no palco de sua própria existência. Em linguagem psicodramática, diria que necessitaria protagonizar o seu próprio drama da “viagem de si a si mesma” (DRUMMOND, 2005b). Assim como Clara diz, em sua fala, da imagem coletiva da experiência de ser ex-esposa, de como o grupo compreendeu o tema protagônico:

Clara – Tudo isso! Agora o que a gente percebeu... é que tem em comum esse encontro com a gente! Cada uma está se buscando! Que foi simbolizado com esse pano branco no centro! Mas... a gente percebe que cada uma tem

uma história!... Cada uma tem uma trajetória!... Mas... parece que a gente precisou romper... para poder buscar esse encontro com a gente!!!

Creio, agora, poder retomar a colcha de retalho, em seus arremates. Até este ponto do trabalho, procurei rememorar alguns aspectos – os lugares discursivos por onde transitei, o sentido da clínica, o desvelamento da trajetória da questão - que se foram matizando à medida que eu velava, ao longo da pesquisa, a experiência de ser ex-esposa.

Agora, sinto-me provocada a olhar outros recortes da oficina sociopsicodramática que, por sua vez, abrem espaço para que novas peças possam vir a compor a rede dessa colcha, criando, assim, outras histórias. Re-conhecendo-os, à luz dessas possíveis histórias, sigo caminhando na tessitura desta (in)conclusão. Vi-vendo este momento de passagem, sigo tateante, tatuando minha implicação, como pesquisadora clínica, naquilo que olhei, escutei, li e compreendi. Como co-produtora deste trabalho, pelo mesmo desenho em movimento, é necessário situar suas implicações em uma ação clínica.

Do lugar de diretora da oficina em tela, entendo que o teatro foi um grande inspirador para a criação da teoria socionômica de Moreno. Desta modalidade artística, ele extraiu muitos conceitos e criou outros sentidos de expressão para dar ao projeto socionômico um *corpus* teórico-metodológico original. Em linha de aproximação, caberia dizer que o Sociopsicodrama é uma espécie de teatro do *não-pronto* (REÑONES, 2004).

Esclareço, entretanto, que foi possível encontrar um contorno de aproximação significativa entre o sociopsicodrama e esta pesquisa. Pela perspectiva do sociopsicodrama em ação, ela poderia ser compreendida como modalidade de intervenção/investigação clínica. Para tanto, procede retomar a relação de estreita proximidade entre o teatro tradicional e o nascimento do Psicodrama.

De início, importa lembrar que foi pela tragédia grega que, efetivamente, a experiência humana cotidiana, vertida em suas condições psicológicas e sociais, ganhou

espaço de significação como espetáculo teatral. Com ela nasce, propriamente, então, uma forma estética de narrar a experiência em sua dimensão humana.

Não obstante, pelo foco dessa articulação, penso que a palavra *experiência* possa dizer respeito a uma outra densidade expressiva. Ao re-visitá-la, etimologicamente, observo que ela se forma do sufixo *ex* (“fora”), indicando campo de facticidade, abertura, emergir; *peri*, por sua vez, remete ao “em torno” (mundo, contorno problemático/perigo/obstáculo); *ciência* implica *logus* (dizer/saber comunicando sentido em projeto). Então, a experiência é uma abertura para ir além e adiante do si mesmo atual. É transitar por aquilo que acontece na ação de projetar-se.

Por essa ótica, o ser humano, na dimensão experiencial, manifesta não apenas a possibilidade de ser pensante e afetivo, duplamente. Na duplicidade dessa co-implicação do ser pela experiência, passo a passo, o ser humano dobra-se sobre o mundo e confere aos fazeres um sentido de mediação na coexistência: compreende que viver é viver-em-contexto, e assim o seu dizer evidencia essa mediação radicada na alteridade. Contudo esse dobrar-se ao mundo e à coexistência é, simultaneamente, um dobrar-se sobre si mesmo para lançar-se para fora de si. Essa experiência mostra a condição enigmática do ser humano: itinerante interrogação de ser fazendo-se no mundo com outros iguais diferentes. É por esse enigma do existir que a experiência se evidencia *locus* possível, para lançar luz sobre a questão do ser humano: abre brecha para que se desvele como o homem compreende o viver ao comunicá-lo pela ação do dizer publicizado (ARENDDT, 2001).

Ou seja, experienciar implica a possibilidade de, saindo de si, dizer de si para encontrar a si mesmo: uma e-labor-ação. Poeticamente, essa tragicidade foi captada por Ferreira Gullar (2005) em “Traduzir-se⁶³”.

⁶³ “Uma parte de mim é todo mundo, / outra parte é ninguém, fundo sem fundo. / Uma parte de mim é multidão, / outra parte estranheza e solidão. / Uma parte de mim pesa e pondera, / outra parte delira. / Uma parte de mim almoça e janta, / outra parte se espanta. / Uma parte de mim é permanente, / outra parte se sabe de repente. / Uma

Nessa direção, remontando à história do teatro grego, compreende-se que a tragédia conta, dramaticamente, o que acontece com o herói em seus feitos/ações. Na apresentação dos acontecimentos em cena, manifesta-se, ora tácita ora explicitamente, a sua comunicação para o público. Consubstancial nessa comunicação é o drama em ação, interrogando o enigma humano e con-vocando o espectador/público à responsabilidade para essa urgência.

Nesta perspectiva, o espetáculo trágico põe em cena dois elementos fundamentais ao teatro: o *coro* e o *herói*. É do *coro* que surge o *herói*. Com efeito, o herói, enquanto protagonista, oferece-se, psicologicamente, como uma exemplaridade da dor humana, vivida não apenas por ele mesmo e pelo grupo do qual foi retirado, mas também de todos os espectadores. Destarte, o coro expressa seus afetos diante do drama encenado, encarnando-se como exemplaridade do *socius* ao qual o herói pertence. De acordo com Vernant (1988), é justamente na presença da tensão instalada entre esses dois elementos que a tragédia (situação de sofrimento) se mostra como drama (essa situação como encenação). O *coro* e o *herói* apresentam-se como elementos de expressão do modo constituinte de ser humano, coexistentemente singular e coletivo.

É por essa dimensão que a tragédia como drama pode remeter-se a uma ação⁶⁴ e, enquanto tal, como diz Loraux (1992), tendendo a coincidir com o *páthos* (experiência trágica primordial), ou seja, com o que se sofre. Refere-se à experiência dos homens elaborada por ter sido concretamente encarnada: uma facticidade. Em suas palavras:

É por ter sofrido que se compreende, mas tarde demais, se é verdade que a revelação só ocorre no fundo do desastre. E começamos a nos perguntar: quem tira proveito do ensinamento do *páthos* trágico? O espectador, talvez, embora não seja um herói; mas essa restrição perde sua importância se é verdade que, ao submeter o herói ao *páthos*, a tragédia atua na redução de toda distância entre o homem ordinário e o *anér* de exceção, entre a condição mortal e a guinada heróica, até dar a entender que, em seu excesso, o herói vale por qualquer homem (LORAUX, 1992, p.27, grifos da autora).

parte de mim é só vertigem,/outra parte linguagem./Traduzir uma parte na outra parte,/que é uma questão de vida e morte,/será arte, será arte, será arte, será arte...”

⁶⁴ “[...] uma ação percebida como *agida* e não como atuante” (LORAUX, 1992, p. 27).

Neste sentido, não escapou a Loraux (1992) que a tragédia, em toda medida, busca desvelar a condição humana. Nela se apresentam três possibilidades de presentificação da existência humana no pensamento grego: *brothos* (o homem mortal, finito); *ánthrōpos* (o homem em sua condição de ser social) e *anér* (o homem viril - homem como gênero).

Para a compreensão do sociopsicodrama como modalidade interventiva/investigativa dessa pesquisa, desdobrar essa perspectiva do trágico da condição humana no teatro grego pode orientar o sentido de uma *ação* e não de uma *atuação*. A possibilidade de que a existência humana seja enunciada em sua singularidade e universalidade pela ação dramática, revelando o *pathos* como nervura do sentir *do ser*, possibilita encontrar sentido para compor uma oficina sociopsicodramática para conhecer a experiência de ser ex-esposa. Esta seria a pertinência do psicodrama que faço como ação clínica/psicológica. É justamente por isso que, a partir de agora, dele me ocuparei.

Inicialmente, devo retomar a questão do papel no quadro de significação do teatro. Volto a Loraux (1992), em sua reflexão sobre os modos de afetação do público diante de uma encenação teatral. Ela se pergunta: como é possível, hoje, assistir, no teatro, a uma tragédia, como a adaptação de “*Os persas*”, e ainda se ser tocado por essa história? Prossegue, questionando: será que se trata apenas de identificação, o fato de, ao assistir uma peça, ser tocado pela questão da derrota dos persas ou da vitória dos gregos?

Tal questionamento conduz a destacar o *núcleo de sentido* do trágico para a realidade humana. Para ela, em toda tragédia se presentifica “a encenação de um luto” (LORAUX, 1992, p. 20). Por extensão, pode-se dizer que a tragédia grega é a expressão de um papel ressoante da condição humana, ou como ela mesma prefere dizer, “Algo que chamarei *o humano*: o sentimento, embora confuso em cada um, de que se é irrevogavelmente tocado por outrem” (LORAUX, 1992, p. 20, grifo da autora).

É justamente por essa perspectiva que compreendo a Teoria dos Papéis para além da Sociologia ou da Antropologia e, por extensão, a ação clínica sociopsicodramática. No teatro terapêutico, o que acontece na relação entre o(a) ator/atriz e o público é que o(a) ator/atriz, através de seu personagem, um *papel*, diz alguma coisa para o público, tocando-o algo porque diz desse público e não apenas para o(a) protagonista. Ou melhor, o papel jogado no palco sociopsicodramático é um modo ou um meio pelo qual o público pode entrar em contato com a condição humana em si mesmo.

Moreno (1978, p. 27) destaca que todo papel traz à presença elementos privados, sociais e culturais. Entretanto, ao definir papel como uma “forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos”, seu olhar se direciona para o como cada um-com-os-outros se mostra nas suas relações. Contudo, se o papel, no palco terapêutico, diz da condição humana, ousa apontar uma outra possibilidade de sentido: o jogo de papéis, no modo de intervenção pelo psicodrama ou pelo sociodrama, possibilita que o próprio acontecer da cena dramática já se realize como uma ação clínica, tanto para o protagonista quanto para o público, sem necessidade de intervenção direta do diretor.

Apesar de encontrar na Teoria de Papéis uma funcionalidade para que se compreenda o modo cotidiano do protagonista viver suas relações, Moreno reconhece a efetividade do psicodrama como um meio pelo qual a condição humana se mostraria no teatro terapêutico, possibilitando a abertura do protagonista a uma outra dimensão de ser, reconhecimento esse que se aproxima à compreensão do jogo de papéis. O dizer de Moreno ([?], p. 42), a seguir, encaminha essa possibilidade ousada por mim:

O psicodrama permite ao protagonista construir uma ponte mais além dos papéis que desempenha em sua existência diária, sobre-passar e transcender a realidade da vida como a vive, para alcançar uma relação mais profunda com a existência e chegar a forma mais rica de encontro de que seja capaz.

Posso dizer, então, que, no psicodrama, a partir de seu próprio agir, as pessoas podem compreender o que fazem de si consigo mesmas, permitindo-lhes perceber a possibilidade de ação no cotidiano. Na verdade, possibilita que as pessoas se abram a possibilidades de outro modo de ser, por fazer acontecer em cena o modo de ser que cotidianamente expressam. As falas, a seguir, apontam esse contato consigo no próprio acontecer da ação dramática na clínica psicológica:

Brisa - É uma situação bem mais confortável! Porque como eu disse... a minha visão estava muito limitada!!! Ainda acho que ela está... apesar de não estar com a máscara!!... porque eu acho que a minha limitação é interior mesmo!!! É interna!... Mas eu consigo enxergar... pelo menos um pouco mais os lados... porque pela máscara... eu só estava vendo muito para a frente! Eu consigo enxergar um pouco mais... eu não posso definir muito bem as posições... Mas eu consigo enxergar que tem pessoas... ao meu redor... E com a máscara eu não conseguia!

[...]

Flora - [...] Porque... na hora que a gente retrata as coisas... que a gente fala determinadas coisas... é como se eu estivesse falando para você mesmo!! E de repente... não é falando para o grupo... é falando para você!!! De repente... até você se assusta ... com as coisas que você está dizendo!!!

D - O que a assustou?

Flora - Assim... é... de ter me sentido totalmente fora dessa relação... e conseguir me ver fora desse processo todo... apesar de estar numa complicação muito grande com os meninos!! Apesar desse momento... se fosse outra época... nesse momento... altamente angustiante... que está sendo essa semana... hoje então!!... Esse processo hoje está pipocando!!! E eu estou muito leve!! Preocupada com eles... com os filhos... mas eu estou me sentindo leve!!! Fora disso tudo! É um problema dele com os filhos! Eu não tenho nada a ver com isso!! Então... isso até me assustou!!! De me ver retratar isso! E de estar me sentindo desta forma hoje... apesar de todos os problemas! E... é muito bom a gente conversar em grupo... exatamente porque isso... porque... a gente coloca coisas... que a gente só percebe que está passando... que está sentindo... na hora que você se coloca! As vezes... fica pensando que é de outra forma... que é de outro jeito... que é uma tendência de se sentir... vítima! Pára!!! É um passado! Acabou!! Eu estou em outra... em outro momento agora!! Estou em outro pensamento... em outra fase... mesmo difícil... mesmo complicada!... mas eu estou em outra fase... bem melhor do que aquela!!! Fora disso tudo!! Se eu pudesse fazer feito ela... eu faria! Pegaria aquele paninho ali... e escondia... e dizia... sumiu o falecido! Eu achei engraçado... porque ela falou... o sujeito! Eu digo muito o falecido!!

[...]

Clara - Parece um útero!!! Eu me dei conta agora... que parece um útero!

D - O que lhe lembra um útero... Clara?

Clara - Engraçado!! Incomodou quando eu vi! Quando eu me dei conta que parecia um útero! Agora eu acho... que é a angústia do que estava falando anteriormente... parece que a gente não rompeu! A gente não conseguiu se buscar... o que é realmente cada uma! A gente está nesse processo agora de busca... que é cada uma... de se buscar!!!

Deste modo, ao criar o teatro terapêutico, Moreno encontra uma intervenção que é, ela mesma, uma ação clínica acontecendo no próprio acontecer de uma ação encenada por/como papel. Diz uma intervenção que cuida cuidando, ou seja, que se constitui cuidado, enquanto ocorre o trabalho mesmo de cuidar do humano das pessoas. À medida que ele percebia e compreendia a repercussão terapêutica dessa ação clínica acontecendo no próprio acontecer da ação do protagonista, perseguia adiante para a criação do seu projeto sacionômico. Desse modo, compreender a significatividade da intervenção como ação clínica levou Moreno a percorrer o mesmo caminho de elaboração de experiência, percorrido pelos clientes por meio da intervenção clínica.

Assim, para atender e cuidar daqueles que padecem por adversas circunstâncias de um cotidiano descuidado, urge sensibilidade apontando um agir clínico. Diz de uma sensibilidade corajosa de ser, lançando-se à aventura de inclinar-se para escutar o aflorar da linguagem de quem sofre e demanda compreensão para transitar de modo próprio pela frágil realidade humana.

Ao apontar, na intervenção clínica, a necessidade de deixar-se conduzir, pela sensibilidade terapêutica, inclinada ao outro, refiro-me ao modo de ser aberto à maneira como esse outro se mostra, transitando na inospitalidade do ser dentro/fora da existência humana. Assim, resgato o pensamento de Heidegger, ao dizer da presença do *Befindlichkeit*, como existencial referente à disposição afetiva pela qual o ser humano encontra a si mesmo em situações (VATTIMO, 1996). Esse encontrar-se acontece pela própria condição de abertura ao mundo como afetação.

No trabalho sociopsicodramático, a afetabilidade se expressa pelo enrendamento afetivo na situação da abertura ao outro. Numa perspectiva heideggeriana, deve-se entender afetabilidade no sentido de como se é tocado(a) ou tomado(a). O desvelamento da tonalidade

afetiva do outro se faz pela via do estar-junto-com ele, escutando o seu falar sobre como expressa o “modo de existência da condição humana e da sua capacidade de sentir sentimento, afeto ou emoção” (MORATO, 1989, p. 83).

Na realidade, porém, esse falar, no palco psicodramático se evidencia diretamente pela ação (palavras e gesto). Através dela se manifesta um conhecimento, que se vai fazendo pela via das sensações, à medida que as narrativas dramáticas se vão expressando. Sua modulação em compreensão vai acontecendo, antes mesmo de se organizar cognitivamente. Contudo, ainda assim, já se articula como possibilidade de linguagem para ser comunicada. No transcurso da oficina, esse momento foi vivido pela diretora, no modo como se expressa ao se aproximar de Cristal:

D – Você fala alto o que você experimenta aí?

Cristal – O que eu falei... carência!!! É...

D - O que a emociona nesse momento?

Cristal – A ausência de alguém ao meu lado! Mas sinto também vontade de continuar a caminhar... a conquistar... até encontrar!!!

Importante ressaltar que só depois, no lugar de Interlocutora Intérprete, fui perceber que a ação, sendo presença no palco como o “outro ao seu lado”, refletia a carência de Cristal, que possibilitou uma abertura ao dizer publicamente do seu modo carente/sofrido de estar no mundo. Heidegger (2002) aponta dois modos de cuidado: um extremado, superprotetor em direção ao outro, desresponsabilizando-o de sua tarefa, primordial, de cuidar das possibilidades para poder-ser; e um outro, de preocupação para com os outros, tendo como horizonte o ficar ao lado, acompanhando-o e até lembrando-o daquilo que lhe é próprio: o cuidar-se.

Pela comunicação de Cristal, pude compreender como as participantes do teatro terapêutico se mostraram, vendo a protagonista presentificar a necessária abertura à luz da tonalidade afetiva, revelando essa compreensão na ação delas se aproximarem e acolhê-la

pelo modo da solicitude. Contudo tal ação não se mostra como uma aproximação à alteridade, contemplada pelo que acontece no palco. Nesta situação, as emoções vividas acontecem perpassadas pela presença da intersubjetividade, na qual público e protagonista se misturam. Somente ao compartilhar a experiência, cria-se possibilidade para compreender e comunicar o que significou para cada uma a elaboração do vivido. Esse momento de escuta da diferença, chamada por Moreno de *Tele*, implica o reconhecimento do outro à distância, pela compreensão acontecida por afetação de mão dupla. Isso pode ser percebido, quando Clara, relacionando-se com Mel, expressa sua compreensão de seu próprio movimento corporal:

Clara – É... Encontro comigo! Eu acho que nos casamentos... eu acho que... a gente vai reeditando... relações da mãe... do pai... de coisas anteriores... e a gente acaba reeditando nos outros casamentos! No meu caso foi isso! Eu acho que... o que aconteceu aqui em questão da maternidade... eu percebi na hora que Mel falou... eu me movimetei para trás... e ela olhou para mim!... Então... bateu na minha rejeição materna... quer dizer... da rejeição da minha mãe para mim! E eu acho que eu sempre reeditei isso nas minhas relações... apoiando! Assim... querendo ser mãe de quem está comigo... para encobrir essa ausência que eu tenho!

Seria essa uma expressão da presença da intersubjetividade?

De qualquer forma, ressalta-se como imagem e expressões corporais imprimem um apelo direto à emoção que, ao ser comunicada no espaço público, aponta significado sentido do *narrador/protagonista*, abrindo caminhos para compreensão do vivido no *ouvinte/coro*, afetado pelo que viu e ouviu de si através da cena intersubjetiva. Assim, a ação faz-se possibilidade para a revelação pela reflexão. O modo como as sujeitos/narradoras puderam perceber acontecimentos, vividos como expressão de seu ser-em-relação-a-si-mesma-e-aos-outros, via a cena em ação da protagonista, pode iluminar algo que poderia estar acontecendo, ou ter acontecido, com cada uma delas em sua experiência própria de ex-esposa. Apresenta-se, assim, a possibilidade de ocorrência de ação clínica pelo modo da co-existência, como elemento significativo a ser efetivado em prática psicológica numa ótica clínica social.

Aproxima-se a hora de ir saindo de cena. Assim, na tessitura final de arremates da colcha de retalhos, faz-se necessário aparar excessos de fios nas franjas as quais se revelaram pertinentes.

Por esta investigação, a experiência de ser ex-esposa na contemporaneidade mostra-se, pela face de um ser padecente, tatuada pela carência de endereçamento existencial, ainda não aflorado com propriedade de expressão. Inúmeras são as pressões investidas pela ordem social, política, moral e, até mesmo existencial, obstaculizando, por seus processos de agenciamento, o esforço de ex-pressão *des-apagada* para abertura *des-apegada* a novas e legítimas formas de mostração da experiência de ser ex-esposa. Na construção da oficina, percebi, inscrito nos corpos e falas das sujeitos/narradoras, um desejo de experienciar uma outra possibilidade existencial. Aos tateios e quedas, típicos de uma fragilidade ex-posta, num caminho peregrino, elas falaram de rupturas a cânones culturais, vividas e ainda dominantes, que reservam à ex-esposa “*um lugar do não lugar*”: o apagamento de sua visibilidade existencial e social.

Entretanto, como esse desejo de visibilização poderia resgatar-se publicamente? Pela ação clínica em ação, percebi que essa mulher precisa compreender e apropriar-se de projetos de vida como valor ético: responsabilidade pessoal e social por seu mover-se na direção de ser-si-mesma-com-os-outros, e não de ser “mulher (em relação ao marido)⁶⁵” (FERREIRA, 1986, p. 709, parênteses do autor). Responsabilizando-se por seu próprio endereçamento, ela precisará, na mesma direção, redescobrir um outro modo de ser-com-o-outro. Seria na clareira dessa consciência do seu *ser si mesma* e do *ser-com* que ela poderia apresentar-se a *mesma outra*?

De qualquer modo, e ainda que com questões, investigar, numa perspectiva fenomenológica existencial, a realidade atual de estar no mundo como ex-esposa, possibilitou

⁶⁵ Definição de esposa.

por um lado, compreender a complexidade desse trânsito existencial. De outro, apresentou-se a atitude de “inclinação cuidadosa” sobre o mostrar-se psico-emocional da condição humana desse ser lançado, exposto à dor-de-ser e, enquanto tal, aberto à possibilidade de encontrar-se sendo si mesma, pela linguagem.

Permitiu, também, compreender que, do ponto de vista da intervenção clínica sociopsicodramática tematizada e encenada, o espaço de protagonização abriu a essas mulheres a possibilidade de descobrirem a fluência do encontrar-se a si mesmas. Não se trata, portanto, de acuradamente apontar se houve, e qual foi, a mudança de um lugar para outro, ou de um papel social para outro. No dizer psicodramático, o fundamental, nesse percurso para encontrar-se consigo mesma, é a qualidade do modo como co-existe em sua rede sociométrica. Importa como joga e cria no papel, ao invés de quando desenvolve ou treina um papel. Essa possibilidade poderia acontecer ao compreender como transita no mundo do vivido e não quando alojada em um lugar (conserva), como se somente aí pudesse existir um preenchimento completo: no lugar do não-vazio.

Contracenando nesse contexto, apresentei o psicodrama que me vi fazendo. Como disse o seu criador, o psicodrama é um método terapêutico, referindo-me à palavra método, “não no sentido moderno (como ‘conjunto de regras’), mas no seu sentido etimológico original, do grego *meta-odos*: *odos* significando *caminho* e *meta* significando *além*, isto é *um caminho conduzindo além de*” (BOSS⁶⁶ *apud* NAFFAH NETO, 1980, p. 12, grifos e aspas do autor). Por essa compreensão, recorro à ação sociopsicodramática não à busca de resultados, treinamento ou aplicação de técnicas. O que faço poderia nomear-se como *psicodrama da experiência*, no qual o modo do(a) cliente transitar no território do seu próprio existir é o que sinaliza a repercussão do caminho terapêutico. Não é a mera mudança de um lugar para outro, nem poder desenvolver vários papéis. Afinal, a experiência não se refere a um saber

⁶⁶ BOSS, M. Encontro com Boss. *Revista da Associação Brasileira de Análise Existencial; Daseinanalyse*. São Paulo (1), n. 8.

acumulado. Diz respeito a algo sempre inédito, acontecendo em situação, nem sempre a mesma, na qual o sujeito que busca se insere. A experiência trata, aqui, de outra ordem de temporalidade que não a cronológica (*Chronós*: tempo físico, controlado, medido, previsto); a dimensão de sua intensidade diz do vivido (*kairós*: tempo subjetivo, o tempo do vivido).

Por esse referencial de articulação, o caminho de intervenção/investigação aqui contemplado foi a realização de uma oficina sociopsicodramática, como co-labor-ação⁶⁷ clínica, ou seja, uma ação clínica visando ao cuidar de ser-si-mesmo-com-outros (cuidar de ser na co-existência).

Sendo uma modalidade clínica, que intervém pela ação dramática, faz-se necessário reafirmar que a técnica, nesta proposta sociopsicodramática, não foi usada como instrumento, mas como um modo de expressão da experiência de ser ex-esposa, para possibilitar a criação de sentido; assim, trata-se de *techné*.

Entretanto, no apagar das luzes, compreendo ser este um trabalho em aberto. Como canta Chico Buarque (1980, disco sonoro): “ah, se, ao te conhecer dei pra sonhar fiz tantos desvarios / Rompi com o mundo, queimei meus navios / me diz pra onde é que inda posso ir”. Sobre o muito que eu disse, ainda haverá de dizer-se mais, e quiçá com mais propriedade do que aqui apenas foi um início para conhecer.

Certamente, sob tal luz, este trabalho guarda muitas dobras de sentido em silêncio/não-dito, embora possa ter apresentado muitas questões a poderem ser levantadas/ditas. É nesse sentido que busquei apontar possíveis propostas teórico-metodológicas para a pesquisa/intervenção clínica. Pelo modo como foi articulado, foi proposto um recorte original para uma ação clínica de cuidar do ser-em-trânsito, ainda que a reflexão apenas aponte possibilidades de leitura desse fenômeno. Não tive a pretensão de esgotá-las, mas sim, abrir caminhos para, posteriormente, aprofundá-las.

⁶⁷ Utilizo aqui a palavra labor no sentido de Hannah Arendt (2001).

No fechar das cortinas, retomo Serres (1993, p. 12), que diz que “a verdadeira passagem ocorre no meio”. Eis um desafio: sair da paralisia do enfeitamento de achar respostas prontas, mapeadas por saberes solidamente constituídos, recusando olhares “que já viram” os lugares sitiados, pelos quais nenhuma curiosidade é provocada. Desde um outro lugar, faz-se possível re-criar a questão, agora sob outra tonalidade de ressonância e problematização: *como a escuta clínica cuida do ser-em-trânsito do ser-sofrete?*

Tenho certeza de que a relevância desse questionamento fala por si mesma. Senti-me afetada pela dobra de seu velamento/desvelamento em minha atividade profissional. Neste instante, sua provocação me desinstala de meus saberes e me faz reconhecer que “estou a caminho” de conhecê-la, por sentido ainda em aberto. Assim, a presente pesquisa testemunhou minha busca, desde o momento em que a presença da experiência de ser ex-esposa se fez questão. Ao apagar, agora, das luzes, ela segue reverberante, acenando para outros lugares de dizeres possíveis. Por isso, a título de desdobramento, é válido perguntar: cristalizados em espaços privados, os “*psi*” podem criar intervenções clínicas para escutar **outros modos de ser em trânsito**, como o da ex-esposa, que percorrem trilhas para se revelarem sua demanda de ser-aí para vir-a-ser?

Mesmo quando ousou indagar a ocorrência de práticas clínicas da Psicologia voltadas para esses modos de ser em trânsito, percebo a constatação de um vazio, de um “não dito” quanto à experiência de ser ex-esposa. Assim, havendo o que se dizer sobre o que se apresenta como condição demandante humana neste nosso tempo, não se deve calar. E aqui, pela aproximação teórico-metodológica da fenomenologia existencial, busquei dizer o sentido dessa experiência da mulher contemporânea via uma intervenção sociopsicodramática.

Sendo assim, quem falou que a luz apagou? Que as cortinas fecharam? Que a festa está no fim? Somente se pode dizer que, agora, há um lugar a partir do qual se pode dizer da

experiência de ser ex-esposa. No caminhar desta problematização, espero que outros se habilitem.

Ao fim e ao cabo, o fundamental é o que efetivamente se reveste de sentido nesta dissertação: uma cuidadosa reflexão sobre a ação clínica que se re-instaura, no ser que somos, pelo cuidado e necessidade de sentido. Creio que a sua razão de ser se assenta nessa possibilidade de aprender que

Esse ser quem somos, próprio, precisa ser aprendido, isto é, precisamos aprender a deixar de ser quem somos, *impropriamente*, para apreendermos a ser quem, *propriamente*, podemos ser. Aprender a ser quem nós mesmos, propriamente, podemos ser: apesar, independentemente, ou mesmo por causa dos outros. O encontro ou a aprendizagem de ser quem propriamente nós somos é um acontecimento que se abre como uma compreensão, como um dar-se conta de que fomos o que outros (quaisquer, definidos, vários, inclusive em situações peculiares, pessoais ou institucionais) quiseram, determinaram que fôssemos, influenciaram-nos (CRITELLI, 1996, p. 122-123, grifos da autora).

De nenhum modo pude desviar-me dessa preocupação clínica em meu trabalho. Se o fizesse, estaria, ademais, esquecendo aquilo que as narrativas apresentadas pelas sujeitos/narradoras, em muitos pontos significativos, faziam pulsar: o vazio da impropriedade de um ser que se evadiu de si mesmo e, por isso, se esqueceu de que, em sua presença, está em jogo o seu ser próprio. É precisamente por isso que, independentemente de uma visão particular de ação clínica psicológica, esta necessita contemplar o sentido da compreensão do existir humano em conquista de si mesmo, sendo a clínica psicológica o lugar para cuidar do ser, compreendendo-se as condições do ser-aí projetando-se para um poder-ser mais próprio.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. **O teatro terapêutico**: escritos psicodramáticos. Campinas/SP: Papirus, 1990.

ALMEIDA, F. M. Aconselhamento psicológico numa visão fenomenológico-existencial: cuidar de ser. *In*: MORATO, H. T. P. (org.) **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 45-60.

ALVES, L. F. R. O protagonista e o tema protagônico. *In*: ALMEIDA, W. C. (org.) **Grupos: a proposta do psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1999. p. 89-100.

ALVES, R. **O suspiro dos oprimidos**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. 7. ed. São Paulo: Cortez; Campinas/SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 2001.

_____. **O que é política?** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERIAIN, J. **Las consecuencias perversas de la modernidad**. Barcelona: Anthropos, 1996.

BILBENY, N. **El idiota moral**: la banalidad del mal en el siglo XX. Barcelona: Editorial Anagrama, 1993.

- BLATNER, A. **Uma visão global de psicodrama: fundamentos históricos, teóricos e práticos.** São Paulo: Ágora, 1996
- BOAL, A. **O arco-íris do desejo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** 9. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.
- BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial.** 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- _____. **Psychoanalysis and daseinsanalysis.** Nova York: Basic Books, 1963.
- BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger. *In* BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.) **Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas.** São Paulo: Omega Editora, 2001. p. 67-82.
- BUCHBINDER, M. J. **A poética do desmascaramento: os caminhos da cura.** São Paulo: Ágora, 1996.
- BUCHER, J. S. N. F. O casal e a família sob novas formas de interação. *In* FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Casal e família: entre a tradição e a transformação.** Rio de Janeiro: NAU editora, 1999. p. 82-95.
- CAETANO VELOSO. Sampa. Caetano Veloso [Compositor]. *In*: _____. **O melhor de Caetano Veloso: sem lenço sem documento.** POLYGRAM Brasil, 1989. 1 CD. Faixa 9.
- CARDOSO, L. M. **Da experiência do escutar/dizer do psicólogo – na narrativa daqueles que dela partilham – a um sentido clínico atual apontado.** 2004. 221f. dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2004.
- CARVALHO, M. A poética da casa: a tessitura dos espaços do habitar. *In*: FERREIRA, G; FONSÊCA, P. (orgs) **Conversando em casa.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 119-128.
- CHICO BUARQUE. Apesar de você. Chico Buarque [Compositor]. *In*: BUARQUE, C. **Millennium Chico Buarque.** POLYGRAM Brasil, 1998. 1CD. Faixa 6.

_____. Cotidiano. Chico Buarque [Compositor]. *In*: _____. **Construção**. POLYGRAM Brasil, 1971. 1CD. Faixa 2.

_____.; TELMA COSTA. Eu te amo. Chico Buarque e Tom Jobim [Compositores]. *In*: _____. **Vida**. PHILIPS Brasil, 1980. 1CD. Faixa 8.

CIGOLI, V. O rompimento do pacto: tipologia do divórcio e rituais de passagens. *In* ANDOLFI, M. (org.) **A crise do casal**: uma perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. p. 171-200.

COELHO JÚNIOR, N. **Merleau-Ponty**: filosofia como corpo e existência. São Paulo: Escuta, 1991.

CORREIA, A. O desafio moderno: Hannah Arendt e a sociedade de consumo. *In*: MORAIS, E. J.; BIGNOTTO, N. (orgs.) **Hannah Arendt**: diálogos, reflexões, memórias. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 227-245.

COSTA, F.B. da **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

COSTA, J. F. **Amor**. Artigos. Disponível em: <<http://www.jfreirecosta.com/morosas.htm>> Acesso em: 12 de dezembro de 2003.

_____. **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COSTA, R. P. (org.) **Um homem à frente do seu tempo**: o psicodrama de Moreno no século XXI. São Paulo: Agora, 2001.

CRITELLI, M. D. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996.

DRUMMOND, C. de A. **José**. Site memória viva. Alguma poesia. Disponível em: <<http://memoriaviva.digi.com.br/drummond/poema022htm>> Acesso em: 01 de fevereiro de 2005^a.

_____. **O homem das viagens**. Site cifra clube. Cifras. Disponível em: <<http://cifraclube.terra.com.br/cifras.php?idcifra=11496>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2005^b.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social:** pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo. 2. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIRA, S. A. O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira. *In* FIGUEIRA, S. A. (org) **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 11-30.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as psicologias:** da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: Educ; Petrópolis: Vozes, 1996.

FONSECA, D.J. A piada: uma forma sutil de exclusão. *In*: QUINTAS, F. (org.) **O negro: identidade e cidadania.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1995. p. 41-52.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

FOX, J. **O essencial de Moreno:** textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade. São Paulo: Ágora, 2002.

FROMM, E. **Ter ou ser ?** São Paulo: LTC, 1987.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrolo.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

GOFFI JÚNIOR, F. S. Sessões abertas de psicoterapia: os benefícios do ponto de vista do público. *In*: **Revista Brasileira de Psicodrama.** São Paulo, v. 12, n. 1, p. 119-133, 2004.

GOMES, P. B. Novas formas de conjugalidade: visão panorâmica da atualidade. *In*: GOMES, P. B. (org.) **Vínculos amorosos contemporâneos:** psicodinâmica das novas estruturas familiares. São Paulo: Callis, 2003. p. 13-39.

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de psicodrama:** introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.

GONZAGUINHA, Sangrando. Gonzaguinha [Compositor]. *In*: GONZAGUINHA. **Meus momentos**. EMI-DEON Brasil, 1984. 1CD. Faixa 5. Remasterizado em digital.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

GULLAR, F. **Traduzir-se**. Home page da suigeneris.pro. Contos e poesias. Disponível em: <http://www.suigeneris.pro.Br/contospoesias_a_gullar3.htm> Acesso em: 22 de fevereiro de 2005.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 12. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

JORDÃO, M. P. Oficinas em aconselhamento: um processo em andamento. *In*: MORATO, H. T. P. (org.) **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 331-334.

JORGE, J. S. **Psicologia e dinâmica da vida em grupo**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica: 1983.

KANAAN, D.A. **Escuta e subjetivação: a escritura de pensamento de Clarice Lispector**. São Paulo: Casa do Psicólogo; EDUC, 2002.

KAUFMANN, F. G. O teste sociométrico. *In*: MONTEIRO, R. (org.) **Técnicas fundamentais do psicodrama**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. p. 45-68.

_____. **Teatro pedagógico: bastidores da iniciação médica**. São Paulo: Ágora, 1992.

LANDINI, J. C. **Do animal ao humano: uma leitura psicodramática**. São Paulo: Ágora, 1998.

LASCH, C. **La cultura Del narcisismo**. Santiago de Chile: Editorial Andres Bello, 1999.

LÉVY, A. **Ciências clínicas e organizações sociais: sentido e crise do sentido**. Belo Horizonte: Autêntica/ FUMEC, 2001.

LIPOVETSKY, G. **El imperio de lo efímero: la moda y su destino en las sociedades modernas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1990.

_____. **La era Del vacío:** ensayos sobre el individualismo contemporáneo. 6. ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 1993.

LORAUX, N. A Tragédia Grega. *In:* NOVAES, A. (org.) **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p.17-34.

LULU SANTOS. Como uma onda (zen-surfismo). Lulu Santos [Compositor]. *In:* SANTOS, L.. **Último romântico**. WARNER-MUSIC Brasil, 1987. 1CD. Faixa 1.

MACHADO, M. L. **Uso da técnica de construção de imagens no psicodrama**. 65f. Monografia (Formação em Psicodrama Terapêutico) - Associação Bahiana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo – ASBAP, Salvador, 2002.

MAFFESOLI, M. **A parte do diabo:** resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAILHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos**. 6. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1985.

MARIAS, J. **A felicidade humana**. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

MARINEAU, R. F.; **Jacob Levy Moreno, 1889-1974;** pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. São Paulo: Ágora, 1992.

MARQUES, R. **O livro das virtudes de sempre:** ética para professores. São Paulo: Landy, 2001.

MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MAY, R. **O homem à procura de si mesmo**. Petrópolis/RJ: Editora: Vozes, 2002.

_____. **A descoberta do ser:** estudo sobre a psicologia existencial. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade:** gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

MONTEIRO, R. **Jogos dramáticos**. São Paulo: Ágora, 1994.

MORATO, H. T. P. (coord.) **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. **Eu-supervisão: em cena uma ação buscando significado sentido**. 266f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

MORENO, J. L. **As palavras do pai**. Campinas /SP: Editorial Psy, 1992 a.

_____. **El psicodrama: terapia de acción y principios de su práctica**. Buenos Aires: Lumen-Hormé, [?].

_____. **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1983.

_____. **J. L. Moreno: autobiografia**. São Paulo: Saraiva, 1997.

_____. **Psicodrama**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à prática**. 2. ed. Campinas/SP: Editorial Psy, 1993.

_____. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama. Goiânia: Dimensão Editora, v. 1, 1992b.

_____. **Quem sobreviverá?** fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama. Goiânia: Dimensão Editora, v. 3, 1994.

MOTTA, J.M.C. **Jogos: repetição ou criação?** abordagem psicodramática. São Paulo: Plexus, 1994.

MULLER, B. **As práticas amorosas na contemporaneidade**. Ensaios. Disponível em: <<http://www.gradiva.com.br/amorosas.htm>>. Acesso em: 15 de jan.2001 e 13 de abr.2004.

NAFFAH NETO, A. **Psicodrama: descolonizando o imaginário**. São Paulo: Plexus Editora, 1997.

_____. **Psicodramatizar: ensaios**. 2 ed. São Paulo: Ágora, 1980.

NUNES, B. **Heidegger & ser e tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

OLIVEIRA, M. A. **Ética e racionalidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1993a.

_____. **Ética e sociabilidade**. São Paulo: Loyola, 1993b.

ORTEGA Y GASSET, J. **Que é filosofia?** Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961.

OSÓRIO, L. C. **Casais e famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. São Paulo: EDUC/Paulus, 2004.

RÉGIO, J. **Cântico negro**. Home page da Releituras.com. Disponível em: <http://www.releituras.com/jregio_cantico.asp> Acesso em: 01 de fevereiro de 2005.

REIS, J. R. T. **Cenas familiares: psicodrama e ideologia**. São Paulo: Ágora, 1992.

REÑONES, A. V. **Do playback theatre ao teatro da criação**. São Paulo: Ágora, 2000.

_____. **O imaginário grupal: mitos, violência e saber no teatro de criação**. São Paulo: Ágora, 2004.

_____. **O riso doído: atualizando o mito, o rito e o teatro grego**. São Paulo: Ágora, 2002.

_____. **Psicodrama e História: Walter Benjamin, psicodrama e a ação criadora**. In: **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v.11, n. 1, p. 115-130, 2003.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, N. **Glórias e misérias da razão: deuses e sábios na trajetória do mundo ocidental.** São Paulo: Cortez, 2003.

ROJAS-BERMÚDEZ, J. **Teoría y técnica Psicodramáticas.** Buenos Aires: Piadós, 1997.

ROSA, G. **Tutaméia.** 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTOS, S. E. B. A centralidade dos conceitos de encontro, vínculo e espontaneidade-criatividade no pensamento psicodramático moreniano. **Cadernos FAFIRE**, Recife, v.2, n. 6, p. 65-72, 2003.

SERRES, M. **Filosofia mestiça: le tiers – instruit.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SILVA, T.T da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis/RJ: Editora: Vozes, 2000.

TORRES, J. V. Angústia e desamparo numa perspectiva heideggeriana. **Perspectiva Filosófica.** Recife, v. VI, n. 11, p.145-157, janeiro-junho/1999.

TOURAINE, A. **Crítica da modernidade.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

_____. **Poderemos viver juntos? iguais e diferentes.** 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger.** 10. ed. Lisboa: Instituto Piaget,1996.

VERNANT, J.P.; VIDAL-NAQUET,P. **Mito e tragédia na Grécia antiga.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

ZIMERMANN, D. E. **Fundamentos Básicos das grupoterapias.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____, OSÓRIO, L. C. et.al **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.